

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO “CARLOS ALBERTO
REYES MALDONADO” PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-
GRADUAÇÃO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM
LINGUÍSTICA DOUTORADO EM LINGUÍSTICA**

FERNANDO JESUS DA SILVA

**O CONTATO LINGUÍSTICO ENTRE O PORTUGUÊS E O ESPANHOL NA
FRONTEIRA BRASIL-BOLÍVIA: UM ESTUDO SOBRE VARIAÇÃO LEXICAL**

CÁCERES-MT

2022

FERNANDO JESUS DA SILVA

**O CONTATO LINGUÍSTICO ENTRE O PORTUGUÊS E O ESPANHOL NA
FRONTEIRA BRASIL-BOLÍVIA: UM ESTUDO SOBRE VARIAÇÃO LEXICAL**

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Linguística da Universidade do Estado de Mato Grosso, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em Linguística, sob a orientação do(a) professor(a) Dr.(a) Jocineide Macedo Karim.

CÁCERES-MT

2022

Luiz Kenji Umeno Alencar CRB 1/2037

S586o	SILVA, Fernando Jesus Da.
	O Contato Linguístico entre o Português e o Espanhol na Fronteira Brasil-Bolívia: Um Estudo Sobre Variação Lexical / Fernando Jesus da Silva - Cáceres, 2022.
	234 f.; 30 cm. (ilustrações) Il. color. (sim)
	Trabalho de Conclusão de Curso (Tese/Doutorado) - Curso de Pós-graduação Stricto Sensu (Doutorado) Linguística, Faculdade de Educação e Linguagem, Câmpus de Cáceres, Universidade do Estado de Mato Grosso, 2022.
	Orientador: Jocineide Macedo Karim
	1. Sociolinguística. 2. Contato Linguístico. 3. Fronteira. 4. Léxico. I. Fernando Jesus da Silva. II. O Contato Linguístico entre o Português e o Espanhol na Fronteira Brasil-Bolívia: Um Estudo Sobre Variação Lexical: .
	CDU 81'1(81+84)

FERNANDO JESUS DA SILVA

**O CONTATO LINGUÍSTICO ENTRE O PORTUGUÊS E O ESPANHOL NA
FRONTEIRA BRASIL-BOLÍVIA: UM ESTUDO SOBRE VARIAÇÃO LEXICAL**

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Jocineide Macedo Karim– PPGL/UNEMAT

Orientadora

Prof. Dra. Dircel Aparecida Kaile – PPGL/UEL

Avaliador interno

Profa. Dr. Antonio Carlos Santana de Souza PPGL/UEMS

Avaliador interno

Prof. Dr. Taisir Mahamud Karim – PPGL/UNEMAT

Avaliador interno (suplente)

Profa. Dra. Maria Matesanz del Barrio/UCM

Avaliador externo

Profa. Dra. Mônica Maria Guimarães Savedra PPGL/UFF

Avaliador externo

Profa. Dra. Neusa Inês Philippsen PPGL/UNEMAT

Avaliador externo (suplente)

APROVADA EM: 14/12/2021

DEDICATÓRIA

*À minha mãe **Nelta da Silva** (in memorian),
que cuidou de mim até o último instante da sua vida. Saudade eterna mãezinha.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pela vida e por ter me dado saúde e força para caminhar até aqui.

A minha mãe, Nelta da Silva (in memorian) que sempre acreditou nos meus sonhos e, apesar das dificuldades, não mediu esforços para me ajudar a realizá-los.

Aos meus familiares, amigos brasileiros e estrangeiros pelo apoio e pelas orações, em especial a Johan Steven Grueso Viveros, que assim como minha mãe sempre acreditou em mim e colaborou para que pudesse finalizar esta etapa tão importante da minha vida acadêmica.

À Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), ao Instituto de Linguagens, Departamento de Letras pelo suporte e autorização para realizar essa importante etapa de qualificação;

À Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), seu corpo docente, coordenação e direção do Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGL/UNEMAT-Cáceres) que oportunizaram a experiência enriquecedora da pesquisa.

À Profa. Dra. Jocineide Macedo Karim, pela orientação, profissionalismo, dedicação, confiança e condução da tese.

À Profa. Dra. Dircel Aparecida Kaile (PPGEL/UEL), Prof. Dr. Antonio Carlos Santana de Souza (PPGL/UEMS), Profa. Dra. Mônica Maria Guimarães Savedra (PPGL/UFF) e Profa. Dra. Maria Matesanz del Barrio (UCM) pelas contribuições durante a qualificação e por comporem a banca avaliadora.

À Fundación Carolina por ter concedido uma bolsa de estudos para realizar uma estância doutoral na Universidade de Cádiz (UCA) na Espanha.

Ao Prof. Dr. Victoriano Gaviño Rodríguez pela supervisão durante a estância doutoral na UCA.

Ao Prof. Dr. Luis Escoriza Morera pelas contribuições sobre Sociolinguística;

A Profa. Flor Maria Herrero Alarcón pelos diálogos construtivos;

Ao Prof. Dr. Juan Manuel López Muñoz pela disponibilidade, atenção, profissionalismo, carisma e dedicação. Já não sou mais o mesmo e o pôr-do-sol de Cádiz é testemunha disso! Sou um novo linguista disposto a ressignificar!

Ao Prof. Dr. John Lipski (Penn State University), Prof. Dr. Gregorio Marcelino Callisaya Apaza (Universidad Mayor de San Andrés), Prof^a. Dr^a Azucena Palacios Alcaine (Universidad Autónoma de Madrid), Prof. Dr. José Luis Ramírez Luengo (Universidad Complutense de Madrid), Profa. Dra. Brittany Hause (University of Oxford), Prof. Dra. Eliana Rosa Sturza (Universidade Federal de Santa Maria), Profa. Dra. Stael Moura da Paixão (Universidade Federal de Mato Grosso do Sul), Prof. Dr. João Ivo Puhl (Universidade do Estado de Mato Grosso), Prof. René Federico Peinado Cuéllar (Universidad de Aquino Bolivia), Prof.

Dr. Andrey Nikulin (Universidade de Brasília), a Prof^a licenciada Romina Leonor Toranzos, pelos diálogos, sugestões, críticas e recomendações durante o processo da pesquisa e escrita da tese.

A William Wesley Penha, a Maria Lourdes Arruda, a Robertina Arruda Paina, a Roly Matias Aguilar Paina, a Alessandro Lopes Vaca pelo apoio pessoal, técnico, logístico durante minha estadia na Bolívia.

Agradeço a todos que direta ou indiretamente fizeram parte de minha formação. Muito obrigado! Muchas gracias!

Nommer ce n'est pas seulement se situer à l'égard de l'objet, c'est aussi prendre position à l'égard d'autres dénominations du même objet, à travers lesquelles des locuteurs prennent également position.

(PAUL SIBLOT, 1997, p. 55).

RESUMO

Esta tese está inscrita dentro da linha de pesquisa “Estudo de Processos de Variação e Mudança” do Programa de Pós-graduação *Stricto Sensu* em Linguística da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT) que tem como objetivo analisar os efeitos do contato linguístico entre o espanhol e o português na fronteira Brasil/Bolívia sobre o léxico dos moradores de San Matias e Cáceres. Assim, buscou-se por meio da Sociolinguística Variacionista (LABOV, 2008 [1972]), associada a Dialetoлогия Pluridimensional e Relacional (THUN, 1998), bem como de outras áreas do conhecimento relacionar características espaciais com variáveis sociais para demonstrar a variação lexical no espaço fronteiriço pesquisado. A área de abrangência da pesquisa contemplou 04 pontos de inquéritos para fins comparativos, a saber: ponto 01 (zona urbana de San Matias), ponto 02 (San Juan de Corralito), ponto 03 (Corixa) ponto 04 (zona urbana de Cáceres). A metodologia empregada possibilitou evidenciar a variabilidade lexical no espaço fronteiriço e os condicionadores linguísticos e extralinguísticos. Para as entrevistas, foram utilizados dois questionários: a Ficha do Informante com questões sobre atitudes linguísticas e o Questionário Semântico-Lexical (QSL), com questões relacionadas a usos linguísticos locais acrescido de questões baseadas no modelo do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (COMITÊ NACIONAL DO PROJETO, ALiB, 2001). Ao todo foram entrevistados 24 (vinte e quatro) informantes entre brasileiros e bolivianos, contemplando as variáveis diatópica, diastrática, diagenérica e diageracional. A produção das análises ocorreu a partir do tratamento dos dados no *software* SGVCLIN (ROMANO *et al*, 2014), correlacionando aspectos quantitativos e qualitativos através de relatórios e produção de cartas linguísticas. Os resultados obtidos apontam para efeitos distintos do contato linguístico no espaço fronteiriço estudado, ou seja, do lado boliviano, uma maior influência do português nas variáveis selecionadas, ao passo que do lado brasileiro, uma ausência de influência do espanhol em todas as dimensões, isto é, tanto geográficas quanto sociais. Essa disparidade é explicada com base nas condições históricas de produção das línguas na fronteira, bem como pelos fenômenos de contato produzidos, dentre eles, o plurilinguismo, o empréstimo lexical, a incorporação de usos linguísticos cacerenses no repertório lexical matienho além da alta produtividade de lexias tomadas do português. No vocabulário dos brasileiros manteve-se uma perspectiva monolíngue, conservadora e de prevalectimento do português sobre o espanhol.

Palavras Chave: Sociolinguística; Contato linguístico; Fronteira; Léxico.

ABSTRACT

This thesis is part of the research line “Study of Variation and Change Processes” of the *Stricto Sensu* Postgraduate Program in Linguistics at the State University of Mato Grosso (UNEMAT), which aims to analyze the effects of linguistic contact between the Spanish and Portuguese on the Brazil/Bolivia border on the lexicon of residents of San Matias and Cáceres. Thus, we sought through Variationist Sociolinguistics (LABOV, 2008 [1972]), associated with Multidimensional and Relational Dialectology (THUN, 1998), as well as other areas of knowledge, to relate spatial characteristics with social variables to demonstrate lexical variation in the researched border space. The area covered by the research included 04 survey points for comparative purposes, namely: point 01 (urban area of San Matias), point 02 (San Juan de Corralito), point 03 (Corixa) point 04 (urban zone of Cáceres). The methodology used made it possible to highlight the lexical variability in the border space and the linguistic and extralinguistic conditioners. For the interviews, two questionnaires were used: the Informant Form with questions about linguistic attitudes and the Semantic-Lexical Questionnaire (QSL), with questions related to local linguistic uses, plus questions based on the model of the Linguistic Atlas Project of Brazil (COMITÊ NACIONAL DO PROJETO, ALiB, 2001). In all, 24 (twenty-four) informants were interviewed, including Brazilians and Bolivians, considering the diatopic, diastratic, diagenetic and diagenetic variables. The production of analyzes occurred from the treatment of data in the SGVCLIN software (ROMANO et al, 2014), correlating quantitative and qualitative aspects through reports and production of linguistic letters. The results obtained point to distinct effects of linguistic contact in the studied border area, that is, on the Bolivian side, a greater influence of Portuguese language in the selected variables, while on the Brazilian side, an absence of Spanish language influence the geographical and social variables. This disparity is explained based on the historical conditions of production of languages on the border, as well as the contact phenomena produced, among them, plurilingualism, lexical borrowing, the incorporation of linguistic uses from Cáceres, also the high productivity of lexias taken from Portuguese in the repertoire of San Matias. In the vocabulary of Brazilians, the monolingual, conservative and prevailing perspective of Portuguese was maintained on the Spanish language use.

Keywords: Sociolinguistics; Linguistic contact; Border; Lexicon.

RESUMEN

Esta tesis forma parte de la línea de investigación “Estudio de procesos de variación y cambio” del Programa de Posgrado en Lingüística *Stricto Sensu* de la Universidad Estatal de Mato Grosso (UNEMAT), que tiene como objetivo analizar los efectos del contacto lingüístico entre el español y el portugués en la frontera Brasil/Bolivia en el léxico de los habitantes de San Matías y Cáceres. Así, se busca a través de la Sociolingüística Variacionista (LABOV, 2008 [1972]), asociada a la Dialectología Multidimensional y Relacional (THUN, 1998), así como a otras áreas del conocimiento, relacionar características espaciales con variables sociales para demostrar la variación léxica en el espacio fronterizo investigado. El área cubierta por la investigación incluyó 04 puntos de investigación para efectos comparativos, a saber: punto 01 (área urbana de San Matías), punto 02 (San Juan de Corralito), punto 03 (Corixa) punto 04 (zona urbana de Cáceres). La metodología empleada permitió resaltar la variabilidad léxica en el espacio fronterizo y los condicionantes lingüísticos y extralingüísticos. Para las entrevistas se utilizaron dos cuestionarios: el Formulario del Informante con preguntas sobre actitudes lingüísticas y el Cuestionario Semántico-Léxico (QSL), con preguntas relacionadas con usos lingüísticos locales, más preguntas basadas en el modelo del Proyecto Atlas Lingüístico de Brasil (COMITÊ NACIONAL DO PROJETO, ALiB, 2001). En total, se entrevistaron 24 (veinticuatro) informantes, entre brasileños y bolivianos, considerando las variables diatópicas, diastráticas, diagenéricas y diageneracionales. La producción de análisis ocurrió a partir del tratamiento de datos en el software SGVCLIN (ROMANO et al, 2014), correlacionando aspectos cuantitativos y cualitativos a través de informes y producción de cartas lingüísticas. Los resultados obtenidos apuntan a distintos efectos del contacto lingüístico en la zona fronteriza estudiada, es decir, del lado boliviano, una mayor influencia del portugués en las variables seleccionadas, mientras que del lado brasileño, una ausencia de influencia del español en todas las dimensiones, tanto geográficas como sociales. Esta disparidad se explica a partir de las condiciones históricas de producción de las lenguas en la frontera, así como de los fenómenos de contacto que produjeron, entre ellos, el plurilingüismo, el préstamo léxico, la incorporación de usos lingüísticos de Cáceres en el repertorio léxico de San Matías, además de la alta productividad de las lexias tomadas del portugués. En el vocabulario de los brasileños se mantuvo una perspectiva monolingüe, conservadora y predominante del portugués sobre el español.

Palabras clave: Sociolingüística; Contacto lingüístico; Frontera; Léxico.

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

ADDU: Atlas Diatópico e Diastrático do Uruguai

ALiB: Atlas Linguístico do Brasil

ALiMAT: Atlas Linguístico do Estado de Mato Grosso

ALPB: Atlas Linguístico da Paraíba

APFB: Atlas Prévio dos Falares Baianos

ALS: Atlas Linguístico de Sergipe

BO: Bolívia

BR: Brasil

CEMAT: Centrais Elétricas Mato-grossenses

CEP: Comitê de Ética em Pesquisa

COVID: *Corona Virus* Disease (Doença do Coronavírus)

FIPE: Festival Internacional de Pesca Esportiva

GEFRON: Grupo Especial de Segurança de Fronteira

IBGE: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas

INE: Instituto Nacional de Estatística da Bolívia

L1: Primeira língua

L2: Segunda língua

MI: Ministério da Integração Nacional

PFB: Português Fronteiriço Boliviano

QFF: Questionário Fonético Fonológico

QMS: Questionário Morfossintático

QSL: Questionário Semântico-lexical

SGVCLIN: Software para Geração e Visualização de Cartas Linguística

UNEMAT: Universidade do Estado de Mato Grosso

IPEA: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada

LISTA DE FIGURAS

Figura 01. Mapa da fronteira entre Cáceres e San Matais	40
Figura 02. Arcos e sub-regiões da Faixa de Fronteira	41
Figura 03: Marco do Jauru em contraste temporal	47
Figura 04: Postos de fiscalização do GEFRON	55
Figura 05: Cartaz da Fexpo Matias (2016).....	57
Figura 06: Meme que ilustra o uso do português em San Matias.....	64
Figura 07: Cartaz escrito em espanhol no ponto de saída de ônibus/van em Cáceres.....	65
Figura 08: Circulação do português em San Matias através da escrita	65
Figura09: Esquema de Thun (1998).....	92
Figura 10: Rede de pontos do ALiB.....	100
Figura 11: Pontos de inquérito da pesquisa.....	103
Figura 12: Igreja de San Matias.....	104
Figura 13: Marcos de Referência K-33.2(BR) e K-33.2(BO) – Ano de 1992	105
Figura 14: Piscina da Curicha	106
Figura 15: Delimitação entre Corixa e San Juan de Corralito	107
Figura 16: Modelo de carta-base.....	116
Figura 17: Interface do SGVCLIN	117
Figura 18: Modelo de carta-pizza	118
Figura 19: Modelo de Carta Cruz (pluridimensional).....	119
Figura 20: Carta diatópica da Questão 01 (QSL)	124
Figura 21: Carta diatópica do item “Vira-lata”	128
Figura 22: Carta diatópica do item “Caçula”	131
Figura 23: Carta diatópica do item “Xará”	133
Figura 24: Carta diasssexual do item “Xará”	134
Figura 25: Carta diageracional do item “Xará”	135
Figura 26: Carta diastrátical do item “Xará”	135

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 01:Variação lexical por ponto (Questão 01)	124
Gráfico 02: Relação de concorrência (corgo x riachuelo)	125
Gráfico 03: Distribuição percentual por variáveis extralinguísticas para as variantes <i>corgo</i> e <i>riachuelo</i> entre cacerenses e matienhos	127
Gráfico 04: Variação lexical por ponto (Vira-lata)	129
Gráfico 05: Relação de concorrência (biralata x perro callejero)	130
Gráfico 06: Distribuição percentual por variáveis extralinguísticas para as variantes <i>caçula</i> e <i>surrapa</i> entre cacerenses e matienhos	132
Gráfico 07: Questão 29: Para os matienhos: Com que frequência você conversa com brasileiros? Para os cacerenses: Com que frequência você conversa com bolivianos?	136
Gráfico 08: Questão 32: Para os matienhos: a maioria dos cacerenses que chegam a San Matias sabem espanhol? Para os cacerenses: A maioria dos matienhos que chegam a Cáceres sabem português?	137

LISTA DE QUADROS

Quadro 01: Línguas faladas em San Matias.....	59
Quadro 02: Empréstimos lexicais da variedade cacerense	63
Quadro 03: Fenômenos decorrentes do contato linguístico	95
Quadro 04: Dimensões e parâmetros da Dialetologia Pluridimensional e relacional	110
Quadro 05: Perfil dos Informantes	113
Quadro 06: Amostragem da análise	122
Quadro 07: Ocorrência/percentual de variantes de <i>Córreo</i>	123
Quadro 08: Percentual de frequência das variantes de <i>Vira-lata</i>	128
Quadro 09: Ocorrência/percentual de variantes de <i>Caçula</i>	131
Quadro 10: Ocorrência/percentual de variantes de <i>Xará</i>	133

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	19
-------------------------	----

SEÇÃO I

QUADRO DE INVESTIGAÇÃO	21
1.1. Hipóteses e questões da pesquisa.....	22
1.2. Objetivos.....	23
1.3. Fundamentação e estruturação da tese	24
1.3.1. Pressupostos teóricos e metodológicos.....	24
1.3.2. Organização da tese.....	25

SEÇÃO II

CARACTERIZAÇÃO DO ESPAÇO FRONTEIRIÇO PESQUISADO	27
2.1.Fronteira política <i>versus</i> Fronteira linguística.....	27
2.2.Aspectos gerais de Cáceres e San Matias	40
2.3.Contexto histórico-geográfico	43
2.4.Contexto socioeconômico e cultural	48
2.5.Contexto linguístico	58

SEÇÃO III

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	67
3.1.Contato Linguístico.....	67
3.2.Sociolinguística	73
3.3.Fenômenos de contato linguístico.....	79
3.3.1. Bilinguismo e plurilinguismo	79
3.3.2. Interferência, Transferência, Convergência	83
3.3.3.Alternância de línguas	84
3.3.4.. Empréstimo lexical.....	85
3.4.Dialetologia pluridimensional e relacional	88
3.4.1.Cartografia linguística	96

3.4.2. A dialetologia brasileira: o ALiB	98
--	----

SEÇÃO IV

DESCRIÇÃO METODOLÓGICA	102
4.1.A área pesquisada	102
4.2.Descrição dos pontos de inquérito	103
4.2.1.Ponto 01 (Zona urbana de San Matias – centro e bairros adjacentes)	103
4.2.2.Ponto 02 (Zona rural fronteira de San Matias – Comunidade de San Juan de Corralito - Curicha)	105
4.2.3.Ponto 03 (Zona rural fronteira de Cáceres – Distrito de Corixa)	107
4.2.4.Ponto 04 (Zona urbana de Cáceres – centro e bairros adjacentes)	108
4.3.Instrumentos de coleta de dados geolinguísticos	108
4.4.A escolha das dimensões e parâmetros	110
4.5.Os informantes da pesquisa	110
4.6.As gravações	114
4.7.As entrevistas	114
4.8.As transcrições	114
4.9. O tratamento dos dados	114

SEÇÃO V

ANÁLISE DOS RESULTADOS	121
5.1.Campos Semânticos	123
5.1.1.Acidentes geográficos (Questão 01)	123
5.1.2.Animais (Questão 27)	127
5.1.3.Ciclo da vida (Questão 43)	131
5.1.4.Convívio e comportamento social (Questão 52)	133
5.2.Efeitos do contato linguístico	136

CONSIDERAÇÕES FINAIS	143
-----------------------------------	------------

REFERÊNCIAS	151
--------------------------	------------

Anexo I – Ficha do Informante.....	159
Anexo II – Questionário Semântico-lexical (QSL)	162
Apêndice I – Cartas linguísticas do léxico fronteiriço Brasil-Bolívia.....	169

INTRODUÇÃO

San Matias e Cáceres possuem uma relação histórica de integração que rememora períodos de conflitos, disputas territoriais e de contatos linguísticos entre o português e o espanhol na fronteira Bolívia/Brasil.

Cáceres desempenha um papel estratégico de segurança nacional na fronteira brasileira, ao mesmo tempo que representa para San Matias um importante centro comercial e de prestação de diferentes serviços, visto que está a 100 km de distância do perímetro urbano brasileiro, ao contrário da capital boliviana Santa Cruz de la Sierra (750 km). Portanto, o contato mais próximo que San Matias tem é com o município de Cáceres.

A relação entre San Matias e Cáceres descende desde a época colonial, em que suas terras constituíam alvo de demarcação territorial entre portugueses e espanhóis. Logo depois, entre o governo imperial e a república da Bolívia até finalmente estabelecerem os limites definitivos.

O brasileiro que visita San Matias pela primeira vez, pode ter a impressão de que os matienhos não sabem falar português, pelo imaginário de unidade linguística produzido na/pela fronteira como um espaço que divide línguas, até se deparar com a típica saudação matienha “¿Daí cara!”. Ou então, ir a uma festa e ouvir alguém pedindo para tocar um “lambadón, forró, xote e vanerón”, ou ser convidado para comer uma comida típica como o “majadito” acompanhado com “farofa” e um “pavê” de sobremesa.

Talvez veja uma criança jogando bola e chamando seus colegas da seguinte maneira “¿Bora jugar pelota”? Também pode passar em frente a uma igreja evangélica e ouvir o pastor dizendo “Amém irmãos”, ou constatar que na “heladería” se vende “picolé” de vários sabores, inclusive de “brigadeiro”.

Essas cenas cotidianas revelam uma realidade sociolinguística marcada pelo contato entre o português e o espanhol. Além disso, nos faz questionar se são alguns exemplos dispersos de usos linguísticos ou se já estão incorporados à variedade do espanhol falado em San Matias.

Também cabe perguntar-nos: em Cáceres ocorre o mesmo? É possível ouvir o espanhol em diferentes lugares e contextos? Há traços do espanhol no léxico cacerense?

Em busca de compreender melhor esse contexto de contato linguístico, sobretudo no âmbito lexical, nasce a proposta de realizar esta tese, com o objetivo de saber se por trás da divisão de línguas tão próximas, há interinfluências lexicais.

O efeito do monolinguismo sobre o funcionamento de outras línguas no mesmo território, conduz ao imaginário de uma unidade linguística, desconsiderando as nuances históricas, culturais que caracterizam todo esse espaço fronteiriço.

Esta tese se justifica pela falta de estudos sociolinguísticos e dialetais na fronteira entre San Matias e Cáceres, constituindo, portanto, uma contribuição para os estudos linguísticos dessa região, incentivando outros pesquisadores a se aprofundarem em alguns pontos que talvez não tenham sido contemplados na pesquisa desenvolvida.

SEÇÃO I

QUADRO DE INVESTIGAÇÃO

O léxico de uma língua representa o conjunto de experiências acumuladas pela sociedade. Estudá-lo significa, em termos sociolinguísticos e dialetológicos, compreender a relação entre língua, cultura e sociedade dentro de um espaço geográfico determinado.

Nesta tese, buscamos descrever, comparar e analisar o léxico de brasileiros e bolivianos moradores dos municípios de Cáceres (Mato Grosso-Brasil) e de San Matias (Província Angel Sandoval-Bolívia) a partir do contato linguístico entre o português e o espanhol produzido nesse espaço fronteiriço dentro de uma abordagem sincrônica que se inscreve dentro dos pressupostos teóricos e metodológicos da Sociolinguística Variacionista (LABOV, 2008 [1972]) junto com a Dialetologia pluridimensional e relacional (THUN, 1998).

Trata-se de um trabalho inédito, que procura olhar para o contato linguístico para além de uma perspectiva de sistemas linguísticos em contato, ou seja, trazemos aspectos históricos, geográficos, sociais, culturais e políticos que determinam a escolha lexical de brasileiros e bolivianos em relação as línguas portuguesa e espanhola.

Nesta tese, trazemos reflexões importantes sobre a realidade sociolinguística desse espaço fronteiriço e propostas para futuras pesquisas, já que nos centraremos especificamente sobre o léxico.

A fronteira Cáceres-San Matias é predominantemente rural e se caracteriza por ser um espaço diversificado que revela uma dinâmica linguística que nos faz repensá-la como “lugar de fim” para pensá-la como “lugar de continuidade”.

Nesse sentido, o estudo sobre contato linguístico e seus efeitos sobre o léxico se justifica em procurar compreender a relação entre língua, cultura e sociedade dentro de um espaço fronteiriço controlado, dinâmico, conflituoso, pluricultural e plurilíngue.

Nossa tese busca olhar para o léxico não apenas como um conjunto de palavras do português ou do espanhol, mas como o resultado de práticas sociais próprias dessa fronteira que representam o contato entre culturas que possuem mais semelhanças que diferenças. Nessa perspectiva, queremos retratar os diferentes modos de nomear, de significar nessa

fronteira, pois, o léxico materializa a dinâmica das relações cotidianas produzidas na sociedade.

1.1. Hipóteses e questões da pesquisa

O intercâmbio social, econômico e cultural produzido entre brasileiros e bolivianos na fronteira entre Cáceres e San Matias tem colaborado ao longo dos anos para a circulação do português e do espanhol nesse espaço, razão que nos motivou a pesquisar como se caracteriza o léxico desses sujeitos fronteiriços em função desse contato linguístico. Com base nesse contexto, apresentamos as questões da pesquisa e respectivas hipóteses.

1. Segundo Lipski (2011), a forma da fronteira determina a forma do contato linguístico, portanto, influencia no léxico dos sujeitos fronteiriços. Nessa perspectiva, ao considerarmos o fato de Cáceres e San Matias serem cidades-gêmeas, pressupomos que haja uma relação de integração, portanto, de grande interinfluência lexical, visto que o léxico é um dos níveis mais afetados dentro de uma situação de contato linguístico. Diante disso, questionamos: *como se caracteriza o léxico de cacerenses e matienhos nesse espaço fronteiriço?* Deduzimos que se caracteriza por ser um léxico híbrido, ou seja, formado ao mesmo tempo pela presença de traços lexicais do português e do espanhol no repertório tanto de cacerenses quanto de matienhos na zona urbana e rural que compõem o espaço fronteiriço pesquisado. Entretanto, o fato de o Brasil desempenhar um papel político-econômico e cultural maior que a Bolívia nesse espaço, nos faz supor que haja mais influência lexical do português que do espanhol.

2. De acordo com Moreno Fernández (1998), o estudo da variação lexical busca explicar o uso alternante de formas léxicas em condições linguísticas e extralinguísticas determinadas. Nesse sentido, questionamos: *O léxico dos cacerenses e matienhos varia muito conforme a idade (dimensão diageracional), o sexo (dimensão diagenérica), o grau de escolaridade (dimensão diastrática) e a localidade de residência (dimensão diatópica)?* Com base nos pressupostos teóricos e metodológicos da Sociolinguística Variacionista e da Dialetologia pluridimensional e relacional formulamos as seguintes hipóteses: o léxico dos cacerenses e matienhos jovens tende a ser mais inovador, ou seja, mais interinfluído

– com presença de elementos das duas línguas - em relação aos mais velhos, que pressupõem um repertório lexical mais conservador, ou seja, com menor grau de influência. Em relação a dimensão diassexual, presumimos que homens e mulheres possuam um repertório lexical parecido. Quanto a dimensão diastrática, inferimos que os mais escolarizados tenham um léxico mais conservador – portanto menos interinfluído- por se aproximarem mais da variedade padrão da língua do país de residência, ao passo que os sujeitos menos escolarizados estariam mais suscetíveis a variação, isto é, mais interinfluídos. A respeito do aspecto diatópico, suspeitamos que o léxico urbano esteja mais inclinado para variação por pressupor relações mais dinâmicas, ao passo que a zona rural seria mais conservadora pelo distanciamento da zona urbana.

3. Quais os efeitos do contato linguístico na fronteira entre San Matias e Cáceres? Nossa hipótese recai sobre uma aceitação dos usos linguísticos tanto do português quanto do espanhol nas cidade-gêmeas.

No decorrer da tese, trataremos de responder a essas questões e com isso, confirmar ou rechaçar as hipóteses levantadas sobre o léxico da fronteira entre Cáceres e San Matias.

1.2. Objetivos

Nossa tese tem como objetivo geral *caracterizar e analisar o léxico fronteiriço entre Cáceres (Brasil) e San Matias (Bolívia), a partir do estudo do contato linguístico entre o português e o espanhol*. Como já explicitado, o referencial teórico-metodológico pauta-se na Sociolinguística Variacionista (LABOV, 2008 [1972]) associada a Dialetologia pluridimensional e relacional (THUN, 1998), junto com outras áreas do conhecimento que julgamos necessárias para conduzir a discussão do tema.

Abaixo, apresentamos nossos objetivos específicos:

- a) Documentar em cartas linguísticas as variantes lexicais registradas durante a pesquisa, bem como analisar traços de usos linguísticos cacerenses no repertório matienho;

- b) Verificar dentro dos fenômenos linguísticos estudados nesta tese sobre contato linguístico, quais estariam exercendo influência sobre o léxico fronteiriço;
- c) Fazer o tratamento quantitativo dos dados, a fim de demonstrar a frequência de uso de elementos lexicais do português no léxico dos informantes de San Matias e do espanhol no léxico dos cacerenses;
- d) Analisar quais variantes lexicais caracterizam o repertório dos cacerenses e matienhos conforme as variáveis selecionadas (sexo, idade, escolaridade e localidade) e desse modo produzir comparações para identificar qual repertório é mais inovador – mais interinfluído-, conservador –menos interinfluído-, similar – com um léxico misturado- e diferente, ou seja, sem traços de influência;
- e) Verificar os efeitos do contato linguístico sobre as comunidades estudadas;
- f) Contribuir para os estudos dialetológicos e sociolinguísticos sobre línguas em contato na fronteira Brasil-Bolívia;
- g) Subsidiar outras pesquisas linguísticas voltadas para a fronteira pesquisada.

1.3. Fundamentação e estruturação da tese

1.3.1. Pressupostos teóricos e metodológicos

Os pressupostos teóricos e metodológicos desta tese se inscrevem na Sociolinguística Variacionista associada as contribuições da Dialetologia pluridimensional e relacional. A Sociolinguística nos deu os subsídios necessários para compreender o contato linguístico e a variação lexical, a partir do estudo de alguns fenômenos linguísticos decorrentes do contato, tais como, bilinguismo/plurilinguismo, empréstimo, processos de interferência e de intercompreensão.

Já a Dialetologia pluridimensional e relacional contribuiu para o escopo metodológico da pesquisa junto com a Sociolinguística Variacionista. Dos questionários formulados, buscamos apoio adicional ao Projeto Atlas Linguístico do Brasil (AliB) que serviu de referência para a construção do Questionário Semântico Lexical (QSL). O espaço investigado se constitui de 04 localidades, sendo duas comunidades rurais fronteiriças, ou seja, San Juan de Corralito (San Matias), Corixa (Cáceres), e áreas urbanas dos respectivos municípios. Ao todo foram 24 informantes entre brasileiros e bolivianos, a coleta de dados

se deu em forma de entrevistas presenciais, o tratamento dos dados ocorreu através do uso do Software para Geração e Visualização de Cartas Linguística [SGVCLIN] que possibilitou a produção de relatórios e da cartografia linguística da região estudada.

1.3.2. Organização da tese

Esta tese está organizada da seguinte maneira:

Na seção I intitulada *Quadro de investigação*, apresentamos uma breve introdução do tema, a justificativa da investigação, os questionamentos e hipóteses levantadas, bem como o objetivo geral, os objetivos específicos, a metodologia empregada e a maneira como a tese está estruturada.

Em seguida, na seção II denominada *Caracterização do espaço fronteiriço pesquisado*, buscamos problematizar a ideia de fronteira política como correlata de fronteira linguística, apresentar alguns aspectos históricos, geográficos, sociais, econômicos, culturais e linguísticos de Cáceres e San Matias, a fim de produzir uma visão geral das cidades-gêmeas estudadas.

Na seção III, intitulada *Fundamentação teórica*, discorremos sobre contato linguístico e alguns fenômenos de contato mais correntes, a saber: bilinguismo, plurilinguismo, interferência, transferência, convergência, alternância de línguas, empréstimo lexical e intercompreensão. Além disso, apresentamos as áreas do conhecimento que dão base teórica e metodológica a tese.

Na seção IV, designada *Descrição metodológica*, descrevemos as etapas da pesquisa, caracterizamos a área investigada, os pontos de inquérito, os instrumentos de coleta de dados, a escolha das dimensões e parâmetros do estudo, os informantes da pesquisa, o processo das entrevistas, das transcrições, como os dados serão trabalhados, e as adaptações feitas ao longo do processo investigativo.

Na seção V, nomeada *Análise dos resultados*, realizamos uma análise dos usos linguísticos locais, selecionamos 04 questões do QSL de um total de 97 para analisar possíveis interinfluências lexicais resultantes do contato linguístico. Esse recorte se justifica pela grande quantidade de dados coletados e por considerarmos que, para esta tese, constitui uma amostra significativa para ter uma visão geral sobre o léxico fronteiriço brasileiro-boliviano. Pretendemos em trabalhos futuros analisar outros aspectos lexicais importantes,

além de outros níveis linguísticos como o fonético-fonológico, morfossintático e discursivo que não estão contemplados neste tese em função do recorte proposto, ou seja, de trabalharmos apenas com o léxico.

Com base nos dados semântico-lexicais documentados, procuramos apresentar a frequência e distribuição dos itens lexicais tanto em português quanto em espanhol através de cartas linguísticas, quadros e gráficos, com o intuito de caracterizar o léxico fronteiriço, verificar interinfluências e a variação de acordo com as dimensões sociais selecionadas, ou seja, diassexual, diageracional, diastrática e diatópica.

Em seguida, apresentamos nossas *Considerações finais*, retomamos o conteúdo das seções anteriores através de uma síntese dos resultados obtidos, destacando a confirmação ou rechaço das hipóteses levantadas e projeções de futuros trabalhos.

Posteriormente, explicitamos nas *Referências*, as obras consultadas, artigos e links de sites que serviram para subsidiar nossas discussões.

Em anexo, apresentamos os questionários utilizados, e no apêndice, disponibilizamos as 97 cartas linguísticas monodimensionais produzidas com base no ALiB, para que o leitor possa conhecer o léxico fronteiriço brasileiro-boliviano, servindo como banco de dados para outras pesquisas.

SEÇÃO II

CARACTERIZAÇÃO DO ESPAÇO FRONTEIRIÇO PESQUISADO

Estudar o contato linguístico entre o português e o espanhol – neste caso, o nível lexical- no espaço fronteiriço que circunscreve San Matias (Província Angel Sandoval-Bolívia) e Cáceres (Mato Grosso-Brasil), significa antes de tudo, compreender a relação histórico-geográfica, social, cultural, econômica e política que envolve os dois municípios.

Assim, buscamos nesta seção caracterizar a região pesquisada e desse modo, encontrar elementos extralinguísticos que possam nos ajudar a compreender o repertório lexical dos sujeitos fronteiriços brasileiros e bolivianos, tanto da zona urbana quanto rural.

2.1.Fronteira política *versus* a fronteira linguística

De acordo com Martin (1998), a ideia de fronteira está relacionada de um modo geral a questões de guerras, conflitos e embates, justamente por designar um espaço “separado por dois povos”. Porém, seu significado abarca além do âmbito geográfico e diplomático, outros aspectos importantes, tais como, economia, política, cultura e línguas.

O autor explica que a fronteira possui algumas contradições, ou seja, apresenta um caráter relativamente estático do espaço terrestre em relação à natureza dinâmica e à mobilidade das populações.

Para compreender essas contradições, nos pautamos nos conceitos de *fluxos* e *fixos* postulados por Santos (2006, 2008) dentro dos estudos geográficos. Entende-se por elementos *fixos*, os objetos materiais, concretos que em função da ação humana (técnicas) sofrem transformações e consequentemente ganham novas funções na sociedade. Por exemplo, a necessidade de construção de pontes para facilitar o trânsito, a criação de máquinas para otimizar tarefas, o surgimento de instituições públicas e privadas para mediar as relações sociais, etc.

Já o conceito de *fluxo* está relacionado a ideia de movimento, a práticas sociais que dinamizam os *fixos*. A relação entre *fixos* e *fluxos* constitui, conforme o autor, a realidade geográfica de diferentes espaços, neste caso, da fronteira.

Nesse sentido, as necessidades dos sujeitos fronteiriços modificam o ambiente, fazem com que o espaço esteja em constante transformação, e do ponto de vista linguístico, fazem

circular suas línguas, pois, há uma rede de fluxos, na qual participam forças de ordem centrífugas e centrípetas no processo de interação, produzindo com efeito um certo equilíbrio entre a rigidez e a flexibilidade das fronteiras (MARTIN, 1998).

A rigidez, constitui na maioria dos cenários fronteiriços, as instituições do Estado, que com base na perspectiva de Althusser (1985) funcionam como aparelhos ideológicos e coercitivos com o intuito de controlar e homogeneizar os sujeitos fronteiriços, consequentemente, as línguas que falam.

Esse processo de controle e homogeneização do espaço pode ser pensado também através de dois conceitos utilizados na geopolítica moderna, o *hard power* (poder duro) e o *soft power* (poder brando). Considerando o contexto fronteiriço brasileiro, Oliveira (2016, p.61) explica que:

O *hard power* é frequentemente agressivo, baseado na coerção, e é mais efetivo quando imposto por um corpo político sobre outro menos poderoso. *Hard power* contrasta com *soft power*, que advém do uso da diplomacia, da cultura, da história, das línguas... para mudar as condições de trato com outro corpo político... em nosso favor. Para além da política de *hard power* realizada pelo estacionamento de tropas das forças armadas nas fronteiras e do peso dos interesses econômicos brasileiros nos países vizinhos, por exemplo, que influenciam de várias formas o comportamento desses países, o Brasil realiza várias políticas de *soft power*, desde marcar com símbolos onde o país começa até manter escolas monolíngues em português no espaço multilíngue da fronteira ou transmitir nas rádios e televisões apenas em português.

Nessa perspectiva, pensamos o contato linguístico na fronteira a partir de relações de embates entre o *fluxo* e *fixo* nas práticas sociais, culturais, especialmente linguísticas, quando consideramos os efeitos do *soft-power* dos Estados na maneira como produzem políticas de monolinguajamento, atravessadas pela ordem do político, que legitima a origem, a nacionalidade, a identidade do sujeito fronteiriço (GUIMARÃES, 2006; ORLANDI, 2002; SILVA, 2012; OLIVEIRA, 2009, 2016; ALTHUSSER, 1985; SANTOS, 2006, 2008).

Nessa perspectiva, Sturza e Tatsch (2017, p.85), explicam que a fronteira:

(...) é um lugar com divisões geopolíticas que não só configuram um espaço social e político particular, no qual a natureza dos contatos que nela se produzem se materializa nas práticas linguísticas dos falantes como também é este lugar particularizado.

Segundo Oliveira (2016, p.63), as práticas linguísticas de fronteira estão relacionadas as múltiplas interações entre falantes de línguas distintas que estão diariamente sob atuação do *soft power* dos Estados para “(...) homogeneizar linguisticamente a população dentro do território, isto é, para “monolingualizar” os cidadãos em particular e os habitantes de modo geral” que representariam os “não-cidadãos”, que para o autor, significam uma “contra-força” que “(...) multilingualiza o espaço de circulação e vida na fronteira”.

A fronteira carrega sentidos paradoxos de proteção, insegurança, de contenção, de passagem, de afastamento, de aproximação, de (des)controle que permeiam os contatos linguísticos entre os “cidadãos brasileiros” e os “não-cidadãos”, isto é, os estrangeiros.

De acordo com Moreau (2004), as fronteiras dos Estados geralmente não coincidem com as fronteiras linguísticas, porém, há um imaginário de unidade linguística que pressupõe a ideia de nação, língua e território.

Oliveira (2016, p.62), explica que, a ideia de que no Brasil só se fala português (unidade linguística) foi herdada do modo como o Estado Português construiu sua relação entre língua e território, ou seja, através de “(...) um nacionalismo linguístico que marcava a fronteira em relação a tudo o que era hispânico” e que reflete ideologicamente nos dias atuais em relação aos países fronteiriços, em sua maioria, hispanofalantes.

Nesse sentido, a fronteira funcionaria como um divisor de línguas e de sujeitos, consequentemente, de grupos, comunidades, culturas, etc. Silva (2012) explica que no caso da fronteira entre San Matias e Cáceres, o sentido de limite que atravessa a relação de identificação dos sujeitos fronteiriços produz um efeito de “separação das línguas”, logo, se o sujeito é brasileiro pressupõe que o português é sua língua materna e se é boliviano, o espanhol.

Tomar a fronteira como delimitação impediria, por exemplo, de pensar que o português pudesse ser a língua materna de muitos bolivianos ou que o espanhol pudesse ser a língua materna de muitos brasileiros devido à concepção de unidade social, cultural e principalmente linguística produzida pelo efeito de divisão territorial que está ligado a formação dos Estados nacionais e que ecoa, por exemplo, na atuação das escolas de fronteira, cuja política linguística na maioria das vezes tende a monolinguarizar o espaço.

Do ponto de vista político, o que delimita, diferencia e forma a totalidade territorial é o reconhecimento das linhas limites demarcadas. As diferentes nacionalidades e a circulação de línguas nacionais nas fronteiras entre diversos países, criam, naturalmente, cartografias linguísticas que não se articulam necessariamente as fronteiras políticas, ou seja, não terminam na linha demarcatória (imaginária), podendo ir além do estabelecido, rompendo com a imagem de um território uniforme para um território plurilíngue.

Oliveira (2016) chama a atenção para o fato de que as fronteiras são multilíngues, porém, não significa que todas sejam plurilíngues. O autor faz essa distinção por considerar o multilinguismo a realidade da presença de várias línguas em determinado espaço, e o plurilinguismo o reconhecimento e valorização positiva dessas línguas, tanto pelas comunidades linguísticas quanto pelas instituições de Estado.

Segundo o autor, alguns espaços fronteiriços brasileiros começam a ser de fato espaços plurilíngues, como, por exemplo, na fronteira Brasil-Argentina, através da implementação de escolas interculturais bilíngues como ocorre nas cidades fronteiriças de Paso de los Libres e Uruguiana.

Sturza e Tatsch (2017) chamam a atenção para o fato de que é importante olharmos para a fronteira para além dos limites territoriais – de seu sentido político, geográfico, diplomático-, já que não significa o “fim” mas a “continuidade” de práticas sociais que contribuem para a circulação de diferentes línguas, ressignificando desse modo, o status de língua “materna”, “nacional” e “estrangeira”, ou seja, nos permite olhar para o contato linguístico como resultado de um *contínuum geográfico linguístico* que transcende as divisas, e que significa de um modo para o Estado e de outro para os sujeitos fronteiriços que compartilham experiências, vivências e fazem circular suas línguas, criando um espaço verdadeiramente *transfronteiriço* e *plurilinguístico*.

De acordo com Altenhofen (2002), o conceito de *língua materna* é bastante problemático. Geralmente engloba algumas características peculiares, tais como: o fato de ser a primeira língua aprendida sozinha pelo falante ou junto com outras (bilinguismo), por possuir um vínculo familiar – com identificação direta com a mãe –, portanto, carregada de valor afetivo.

Payer (2009) explica que, na relação entre sujeito e língua, o status de *materno*, *nacional* e *oficial*, funcionam interpretados em lugares historicamente instituídos, ou seja, o primeiro em âmbito familiar, o segundo com um sentido identitário e o terceiro sob controle do Estado. Além desses três, acrescentaríamos o status de *estrangeiro*, que abarca sentidos de “externo”, de “não pertencimento”.

Essas categorizações que a língua assume, revelam tentativas de homogeneização e de separação de sujeitos, concentrando na língua materna o lugar de todas – exceto a de estrangeira-, reforçando a divisão entre povos e línguas, principalmente, em espaços fronteiriços.

Para pensar o contato linguístico entre o português e o espanhol na fronteira entre Cáceres e San Matias e seu efeito sobre o léxico dos sujeitos fronteiriços, é primordial,

conforme Moreau (2004), entender se as línguas em contato preexistiram as fronteiras políticas ou foram estabelecidas depois.

Essa informação nos ajuda a compreender como se deram as práticas sociais, políticas e linguísticas entre “comunidades de fala vizinhas” – como é o caso, por exemplo, da comunidade de San Juan de Corralito (San Matias) e Corixa (Cáceres), para desse modo, sinalizar se o repertório lexical dos moradores é reflexo de relações históricas, culturais e linguísticas de convivência.

Assim, pensar o léxico na fronteira Brasil-Bolívia, significa refletir que a escolha de uma palavra em português em vez de espanhol dentro de um espaço cuja primeira língua não é significada como oficial pressupõe uma escolha política resultante de simbolismos construídos a partir do contato entre os sujeitos fronteiriços, as línguas e as culturas em contato.

Moreau (2004) elucida que na maior parte da Europa, as línguas foram formadas e difundidas antes que as fronteiras dos Estados modernos fossem traçadas e, em seguida, estabilizadas, fazendo com que houvesse uma transmissão *intergeracional* independente da *divisão territorial* (grifo nosso).

O catalão é um exemplo de língua que se formou e se espalhou no nordeste da Península Ibérica, antes da Espanha e da França se constituírem em Estados nacionais, sendo uma língua comum no espaço fronteiriço entre os dois países.

No continente americano, o contato com os colonizadores fez com que inúmeras línguas indígenas desaparecessem, situação que perdurou com a formação dos Estados nacionais, que através do estabelecimento de suas fronteiras produziram a separação de povos e línguas.

Muitos Estados desenvolveram formas de “contenção” de línguas que não se inscreviam no status de “nacional”, como o caso do governo de Montevideu, que na segunda metade do século XIX, procurou conter a expansão do uso da língua portuguesa em seu território fundando várias cidades nas regiões limítrofes para manter o uso do espanhol.

Oliveira (2008) explica que no Brasil, o processo de imposição da língua portuguesa teve início com a colonização dos portugueses, através da catequização, que após a expulsão dos jesuítas foi substituída pelo *Diretório dos Índios* (1758), no qual Marques de Pombal, procurou “civilizar” diferentes etnias impondo de forma violenta o uso do português. Posteriormente, já por meados de 1850, os imigrantes foram obrigados a usar o português e não as línguas de origem.

O autor também chama a atenção para as repressões linguísticas produzidas durante o Estado Novo (1937-1945) - no regime ditatorial liderado por Getúlio Vargas-, onde houve uma forte política de “nacionalização do ensino” com o objetivo de silenciar as línguas de imigração.

Nesse período, escolas comunitárias de colônias de imigrantes foram “nacionalizadas”, ou seja, só podia ser ensinado o português e não outras línguas. No sul do Brasil, por exemplo, era crime falar alemão e italiano em espaços privados, bem como públicos.

Apesar de todo um processo forte de repressão, muitas línguas de imigração se mantiveram e são faladas em várias partes do Brasil pelos descendentes. Do mesmo modo, muitos povos indígenas conseguiram manter a língua de seus ancestrais, como os guaranis, por exemplo, que resistiram aos efeitos da colonização e da pós-colonização com o estabelecimento de fronteiras políticas que os dividiu, e mesmo assim, mantiveram viva a língua em partes da Argentina, Brasil e principalmente no Paraguai (RONA, 1963, 1966).

De acordo com Moreau (2004), uma das principais características que deu forma aos Estados nacionais no século XIX foi justamente o estabelecimento de fronteiras nacionais, ou seja, a produção de limites que produziriam um efeito de separação e diferenciação de nações.

Por esse ângulo, podemos dizer que esse processo apagou de muitas paisagens linguísticas fronteiriças o uso de línguas consideradas não-nacionais – significadas, portanto, como estrangeiras -, ao mesmo tempo que produziu um efeito de resistência de muitos povos, que mesmo separados por uma linha imaginária, mantiveram o uso de suas línguas ou contribuíram para o surgimento de novas variedades linguísticas, muitas delas silenciadas, outras reconhecidas pela população, porém apagadas pelo Estado. Nesse sentido, Sturza e Tatsch (2017, p.88) explicam que:

A linha imaginária se move entre os territórios a partir da dinâmica que as pessoas dão à vida na fronteira; o contato entre as pessoas se intensifica, colocando-as num constante “entre línguas”. A fronteira afirma-se assim como lugar de construção identitária, relacionada às características sociais decorrentes de um modo de habitar a fronteira.

Lipski (2017), em suas pesquisas em diferentes espaços fronteiriços do Brasil com países hispanofalantes, explica que o contato linguístico entre o português e o espanhol é bastante comum. Porém, chama a atenção para o fato de que na maioria dos casos, os residentes de países hispanofalantes tendem a utilizar mais o português que os brasileiros o espanhol.

Oliveira (2016) adverte para o fato de que o brasileiro fala menos o espanhol e outras línguas da fronteira, enquanto que os vizinhos hispanofalantes tendem a utilizar com mais frequência o português. Nessa perspectiva, cita o exemplo dos paraguaios que tem que aprender

português para trabalhar no Shopping China, em Ponta Porã, ao passo que os brasileiros consideram natural ir ao Paraguai falando português.

Para o autor, essa atitude de naturalizar o uso do português para além da fronteira por parte dos brasileiros está relacionado ao efeito ideológico do *soft power* construído sobre a ideia de unidade linguística do português, ou seja, de que o brasileiro fala português, e somente português. Nesse sentido, “para impor esta ideologia e tornar o brasileiro efetivamente monolíngue em português, o Estado brasileiro atuou com violência e persistência na destruição das línguas indígenas, africanas, de imigração e até no descrédito e na repressão às línguas de sinais dos surdos” (OLIVEIRA, 2016, p.62).

De acordo com Lipski (2017), em muitas fronteiras de países hispanofalantes, o português não é só falado em contextos específicos, como também significa a língua da comunidade linguística.

Rona (1959; 1965) demonstrou em seus trabalhos a presença do português no norte do Uruguai, designando-o como *Fronterizo*, um dialeto de base portuguesa resultante da mistura entre o português e o espanhol.

O português é falado no Uruguai desde o século XVII e com maior força no século XIX, pois a fronteira política com o Brasil não coincidia com a fronteira linguística, ou seja, no ato de demarcação final das divisas, grande parte da população que falava português ficou do lado uruguaio, mantendo o uso da língua, que passou a receber diversos nomes ao longo da história e conforme diferentes perspectivas ideológicas, estudos, pesquisas, tais como, *fronterizo*, *Dialectos Portugueses del Uruguay* (DPUs), *brasileiro* e atualmente *portunhol* (STURZA, 2005; OLIVEIRA, 2016).

No Paraguai, temos a situação dos *brasiguaios*, que mantem o uso do português em diferentes províncias paraguaias. Na Argentina, as pesquisas de Lipski (2017) juntamente com Maia e Mendez (2018) apontam para uma variedade de português falada em Misiones (Argentina), designado como *Português de Misiones*, que tem como característica ser um vernáculo do português falado no interior, com características rurais.

As condições históricas, geográficas, culturais e linguísticas produziram um contexto sociolinguístico similar ao argentino, uruguaio e paraguaio em San Matias (Bolívia) - especialmente nas comunidades rurais fronteiriças-, ou seja, a manutenção de uma variedade vernacular do português falada na zona rural de Cáceres que se expandiu para além da linha imaginária do Brasil e que é falada por algumas comunidades lindeiras, como é o caso de San Juan de Corralito. Em alguns lugares, essa variedade é designada como *brasileiro*, *portunhol*, porém, no caso de San Matias, é comum ouvir apenas como *português*.

Durante as entrevistas, conversas informais, participação em diversas situações comunicativas, verificamos que o uso do português em San Matias não se restringe a contextos específicos, como acontece em outras fronteiras brasileiras conforme os estudos de Lipski (2017). Ao contrário, constatamos que o português é uma língua bastante utilizada, que se manteve com o expansionismo brasileiro na região, casamentos interétnicos, pela influência dos meios de comunicação e principalmente pela necessidade de uma maior aproximação a Cáceres.

Nesta tese, designamos esse português falado em San Matias, como *Português Fronteiriço Boliviano* (PFB), transmitido intergeracionalmente em muitas famílias na zona rural fronteiriça e que com o tempo se expandiu para a zona urbana do município, aprendido pela necessidade de comunicar-se com brasileiros, por questões econômicas, sociais, culturais, afetivas, laborais, educacionais e políticas que se justificam pela dependência do município boliviano em relação a Cáceres, como veremos mais adiante. Além disso, o aprendizado do português se deve aos meios de comunicação, isto é, através do rádio e principalmente da televisão, por meio de canais brasileiros como a rede Globo e o SBT.

A designação “português” se dá pelo modo como os matienhos designam a língua. Os complementos *fronteiriço* e *boliviano* procuram distingui-lo do português brasileiro, pelo fato de apresentar características lexicais e fonético-fonológicas do espanhol, porém mantendo sua base sintática do português, como pudemos verificar durante as entrevistas e a transcrição de algumas narrativas. Como o nosso objetivo se restringe ao léxico, procuraremos em trabalhos posteriores caracterizar melhor outros níveis linguísticos.

Inúmeras famílias de San Matias assistem diariamente a uma série de programas brasileiros que vão desde novelas até partidas de futebol. A associação dessa exposição televisiva juntamente com o uso do PFB no dia-a-dia com brasileiros ou mesmo entre bolivianos, faz com que sejam plurilíngues, visto que, além do espanhol e do português, muitos matienhos também falam bésiru, quéchua, aymará e guaraní.

Falar sobre o PFB¹ nesta tese significa dar um passo importante em termos linguísticos, visto a necessidade de trazer a luz essa realidade sociolinguística conhecida pelos matienhos e desconhecida por muitas pessoas.

1 Nossa intenção é, futuramente, produzir estudos mais aprofundados como fizeram Rona, Thun, Elizaicín no Uruguai e como estão realizando Maia e Lipski na Argentina. Por enquanto, nos centramos no léxico como uma forma de compreender o contato linguístico entre o português e o espanhol nessa fronteira.

O português faz parte da paisagem sociolinguística de San Matias, e negar seu uso diário em território boliviano seria pensar a fronteira como “lugar de fim” e não como um espaço de continuidade, portanto, heterogêneo. Por outro lado, questionamos: Haveria um *Espanhol Fronteiriço Brasileiro*?

Em relação ao uso do espanhol em Cáceres, podemos dizer com base Oliveira (2016) que o modo como se deu a colonização linguística no Brasil – especialmente nos espaços fronteiriços – contribuiu para que se criasse ideologicamente um rechaço ao outro, ou seja, aos vizinhos de origem hispânica, para que através da língua portuguesa se reforçasse a divisão produzida também pela linha imaginária que divide o espaço com os países vizinhos.

Nesse sentido, considerando as condições históricas de surgimento de Cáceres como uma sentinela portuguesa e posteriormente brasileira contra a invasão espanhola – depois boliviana-, a expansão e manutenção do português, ou seja, o processo de monolinguajamento foi bastante efetivo no sentido de restringir o espanhol a contextos bastante específicos, de modo que, obrigasse o boliviano por razões de ordem política, econômica, cultural e social, saber o português.

Desse modo, pensar em um *Espanhol Fronteiriço Brasileiro* seria pensar em um uso restrito a famílias compostas por brasileiros e bolivianos que moram na fronteira e que sentem a necessidade de manter o uso das duas línguas. Diferente disso, o PFB é usado para além do seio familiar, ou seja, abarca contextos diversificados ao ponto de constituir a realidade sociolinguística de San Matias.

Durante o período imperial, a Província de Mato Grosso procurou reforçar a segurança nessa fronteira. No período republicano, foram criadas diferentes políticas de ocupação desse espaço. Toda essa movimentação em torno da soberania territorial, contribuiu para a expansão do português, seu uso tanto em território brasileiro quanto em território boliviano, justificando sua natureza *transfronteiriça* em relação ao espanhol, que tende a ser mais *interfronteiriço*.

O contato linguístico entre o português e o espanhol nessa fronteira está atravessado por acontecimentos que envolveram conflitos territoriais e políticas expansionistas de ocupação através da reorganização das comunidades lindeiras, bem como, de intercâmbios econômicos, culturais e sociais.

O aspecto econômico justifica o prestígio que o português ocupa na fronteira com San Matias, já que é um município que carece de muitos recursos, por isso, muitos matienhos imigram para Cáceres em busca de melhores condições de vida, portanto, procuram aprender português. Nesse processo, muitos se casam com brasileiros, alguns retornam para San Matias, mantendo o uso tanto do português quanto do espanhol.

Quanto à cultura, há uma assimilação muito forte de elementos culturais brasileiros que se materializam na língua espanhola na forma de empréstimos lexicais, bem como na manutenção do uso do PFB.

Em termos sociais, podemos dizer que o movimento migratório é o motor condutor que ressignifica o sentido de “estar na fronteira” e de “qual língua falar”, pois colabora para contínuas transgressões territoriais. De acordo com Sturza (2005, p.47), na fronteira Brasil-Uruguai:

A transgressão dos limites ocorreu, sobretudo, para dentro do território uruguaio. Primeiro se instalaram os portugueses e, posteriormente, os brasileiros, de tal modo que isso possibilitou a manutenção da língua portuguesa e determinou a sua importância no próprio processo de ocupação da região norte do Uruguai. Esse fator histórico despertou interesse principalmente de lingüistas uruguaios, levando-os a estudar e pesquisar sobre a existência da língua portuguesa e sua extensão dentro do território uruguaio, a partir do final da década de 1950.

No caso de San Matias, a transgressão se deu de modo similar, ou seja, primeiramente pela expansão portuguesa, posteriormente brasileira, que também possibilitou a manutenção do uso do português em território boliviano que se efetivou em função de uma maior aproximação social, cultural, econômica e política com Cáceres. Portanto, houve um movimento de circulação do português, fazendo com que ocupasse diferentes lugares nesse transcurso, ou seja, como “língua materna”, “língua do entretenimento”, “língua da igreja”, “língua da família”, “língua do comércio”, tornando seu uso mais ampliado.

De acordo com Guimarães (2006, p. 48) “línguas não são objetos abstratos que um conjunto de pessoas em algum momento decide usar. Ao contrário, são objetos históricos e estão sempre relacionadas inseparavelmente daqueles que as falam”, portanto, significam os sujeitos – neste caso os fronteiriços - e sua relação com o espaço na qual estabelecem seus contatos, suas práticas sociais, a circulação de suas línguas, a diversidade lexical da região.

Desse modo, podemos inferir que muitas das *línguas ou variedades fronteiriças* que resistiram aos efeitos da colonização e posteriormente dos Estados nacionais, configuram atualmente exemplos de *línguas minoritárias*, que ocupam lugares de resistência diante de políticas linguísticas unificantes (monolinguismo), que buscam produzir um efeito de “homogeneidade” dentro de espaços historicamente heterogêneos, através da Escola, e de outras instituições que requerem o uso de uma língua específica em detrimento de outras.

Oliveira (2016) chama-nos a atenção para políticas de *monolinguajamento*, em que outras línguas são silenciadas ou apagadas pelo modo como Estado interfere nas práticas

linguísticas, especialmente, na fronteira, em que há espaços que uma língua significa e outra(s) não.

O Estado tenta fazer coincidir fronteiras políticas com fronteiras linguísticas. Viaut (2004, p. 06) entende que a fronteira política se caracteriza por ser dicotômica e arbitrária. No sentido dicotômico, a linha que separa dois países produz um efeito “fictício” de determinação, por exemplo, ou “você é brasileiro ou é boliviano”, ou “você fala português ou fala espanhol”.

No sentido arbitrário, a demarcação territorial é artificial e o traçado não considera a relação entre os sujeitos com as línguas que falam, logo, a relação entre comunidades linguísticas vizinhas no espaço fronteiro é silenciada em razão do efeito produzido pela linha imaginária, ou seja, é como se não existisse, como se realmente houvesse um “muro” que as separasse.

Além disso, o autor esclarece que a noção de limite territorial, - mais precisamente de fronteira- está sendo ressignificada com a globalização. De acordo com Oliveira (2016, p.70):

As fronteiras se ressignificam nesse novo contexto mundial, deixam de ser áreas anômalas no corpo do Estado Nação homogêneo: as suas características culturais e linguísticas passam a ser a normalidade. Deixam paulatinamente de ser periferias, consagradas, no imaginário de tantos, ao contrabando, ao tráfico, à criminalidade, e se colocam no centro dos processos integracionistas, do fluxo de pessoas, mercadorias e conhecimentos. Paulatinamente, pé ante pé, vamos passando de uma realidade multilíngue a políticas de plurilinguismo, de uma geopolítica do monolinguajamento a uma geopolítica do plurilinguajamento.

Entretanto, o discurso nacionalista e protecionista tem prevalecido em muitos países e em diferentes contextos, desconsiderando ou ignorando práticas linguísticas cotidianas de sujeitos fronteiriços, já que tendem a romper com o ideal unitário linguístico territorial.

De acordo com Day (2013, p. 164), “no Brasil há onze unidades federadas que dividem zonas fronteiriças com diferentes países, abrangendo cerca de 580 municípios”. Segundo a autora, há um grande desconhecimento sobre a realidade sociocultural e linguística desses espaços de contato, o que faz contribuir ainda mais para esse distanciamento.

Oliveira (2008) ressalta que não é casual que se conheça ou se desconheça a realidade linguística do Brasil, visto que, historicamente aprendemos que no Brasil só se fala português e ignoramos que o país é multilinguístico tanto internamente quanto em suas “margens” com outros países. De acordo com o autor, a aceitação do monolinguismo presente como um “fato natural” silencia as políticas de repressão a diversas línguas faladas.

Sturza (2005, p.48) chama a nossa atenção para o fato de que:

(...) nossas fronteiras são marcadas por uma heterogeneidade lingüística, iniciando-se ao norte, onde há contato entre diferentes nações indígenas, o português e o espanhol, apresentando uma clara situação de plurilingüismo, até a região oeste, onde as fronteiras brasileiras são também marcadas pelo convívio das línguas portuguesa e espanhola com as línguas indígenas da Bolívia e do Paraguai.

Moreau (2004, p.02) aclara que “Les Etats qui se partagent une même langue ne pratiquent pas nécessairement la même politique linguistique²”. Isso significa dizer que as línguas dentro de um espaço fronteiriço assumem status diferentes.

Na fronteira que estudamos, por exemplo, o português e o espanhol ocupam diferentes lugares quanto a “prestígio”, língua “materna”, “nacional” e “estrangeira” nas práticas linguísticas diárias entre cacerenses e matienhos, situação que afeta inevitavelmente o léxico dos sujeitos fronteiriços e suas escolhas linguísticas. Não se trata apenas de ter *consciência* da língua que se fala ou que se pretende falar, mas de estar interpelado por uma memória de divisão de línguas que determinam qual língua usar.

Embora Cáceres e San Matias sejam cidades-gêmeas, não significa que a relação entre o português e o espanhol seja recíproca, ou que o uso das línguas justifique um laço fraterno entre brasileiros e bolivianos.

Trata-se de uma fronteira historicamente marcada por conflitos territoriais, por problemas sócio-econômicos, pelo combate ao crime organizado, por discursos preconceituosos que exercem influência sobre as escolhas linguísticas dos sujeitos fronteiriços.

Macedo-Karim e Silva (2020) demonstraram no trabalho sobre atitudes linguísticas dos moradores da Corixa que muitos não sabem espanhol porque “entendem” tudo o que falam os matienhos e que os bolivianos já falam português.

O gesto de reconhecer que o boliviano sabe português e demonstrar falta de interesse pela língua espanhola revela a ideologia do monolingüismo presente no imaginário brasileiro. Além disso, demonstra que a negação a língua representa também a negação ao boliviano no sentido de que, embora próximos porém divididos por uma linha imaginária, cada um apresenta particularidades, se diferencia, e a língua é o elemento principal nessa distinção.

Muitas fronteiras brasileiras com países hispanofalantes aparentam ser iguais tanto no âmbito linguístico quanto social. No entanto, é importante destacar que cada espaço fronteiriço é singular, portanto, os contatos linguísticos serão diferentes, ou seja, a fronteira Brasil-Uruguai

² Estados que compartilham o mesmo idioma, não praticam necessariamente a mesma política de idioma (TN).

é diferente da fronteira Brasil-Bolívia e cada uma deve ser compreendida conforme suas condições históricas, geográficas, econômicas, culturais e linguísticas de contato.

A fronteira Brasil-Bolívia é caracterizada como um espaço perigoso, do crime, do contrabando, do narcotráfico. Muitas famílias em situação de extrema pobreza recorrem a atividades ilícitas – os chamados *mulas*- como uma maneira de poder sobreviver, diante da falta de oportunidades laborais.

Em outras fronteiras, a criminalidade também está presente, porém, o modo como o espaço é controlado pelo Estado e a maneira como os sujeitos fronteiriços são significados, também contribui para a dinâmica das relações interpessoais, consequentemente, do contato linguístico.

É importante fazer esse esclarecimento para não cairmos no equívoco de produzir comparações com outros espaços fronteiriços com realidades bem distintas, que favorecem um tipo de contato linguístico mais produtivo, por isso, fazemos questão de contextualizar San Matias e Cáceres nesta seção, uma vez que transitar nessa fronteira é diferente, em relação as cidades-gêmeas conurbadas, em que na maioria das vezes, cruzar uma rua significa estar em outro país. No caso da fronteira entre Cáceres e San Matias, cruzar de um país para o outro significa necessariamente ser interpelado pelos Aparelhos Coercitivos do Estado – principalmente brasileiro-, portanto, é estar sempre sob suspeição aos olhos dos militares, e nessa relação de forças centrípetas, o português é a língua que prevalece.

Diante do que foi exposto, pensamos a fronteira nesta tese como um espaço contínuo, poroso e de circulação de línguas inscritas em lugares historicamente marcados por divisões territoriais e pela ideia de unidade linguística.

A fronteira Cáceres-San Matias se constitui como um espaço de práticas sociais atravessadas por contatos linguísticos que materializam a experiência do sujeito fronteiriço em significar-se em diferentes lugares que emergem de condições histórico-geográficas e políticas de divisão territorial, além do modo como está aparelhada em função do combate à criminalidade na região.

Esta tese é um convite para novas pesquisas, é um chamamento para descortinar a fronteira brasileira-boliviana *por los lados de Mato Grosso y Angel Sandoval*, e assim compreender a realidade sociolinguística que circunscreve essa região.

2.2.Aspectos gerais de Cáceres e San Matias

O município de Cáceres está localizado na região sudoeste do Estado de Mato Grosso (Brasil), compondo a microrregião do alto Pantanal, com uma área territorial de 24.796,8 km² (IBGE, 2000), distante a 215 km da capital Cuiabá e a 100 km de sua cidade-gêmea San Matias (Bolívia), cuja superfície é de 37.442 km², situada na parte oriental da Bolívia, no extremo leste do Departamento de Santa Cruz, mais precisamente na Província Ángel Sandoval, dentro do território que constitui a chamada Chiquitania³, a 750 km de distância de sua capital departamental Santa Cruz de la Sierra.

Figura 01: Mapa da fronteira entre Cáceres e San Matias



Fonte: PARIS, Osvaldo (2013).

San Matias é capital da Província Ángel Sandoval, que conta com uma seção municipal e 04 (quatro) distritos: San Matias (capital), Las Petas, La Gaiba e Santo Corazón. Cáceres, por sua vez, possui os distritos de Nova Cáceres (antigo Sadia e Vale Verde), Horizonte D'oeste,

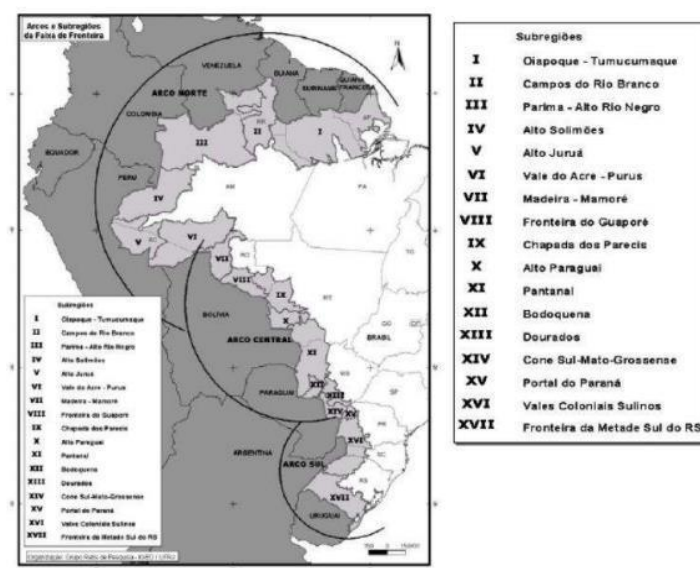
³ Chiquitania: extensa região localizada na zona de transição entre a Amazônia, o planalto brasileiro, o Pantanal, o Gran Chaco e os Andes no atual departamento de Santa Cruz, Bolívia - abrigou historicamente línguas pertencentes a sete famílias lingüísticas: macro-jê, Tupí, Arahuaça, Zamuco, Bororo, Chapacura e Indo-Europeu (NIKULIM, 2019, p.6). TN=Tradução nossa.

Vila Aparecida (antigo Bezerro Branco), Caramujo, além de assentamentos em diversas localidades, bem como comunidades rurais fronteiriças, dentre as quais está Corixa, localizada na divisa com San Juan de Corralito, que compõem junto com a parte urbana dos dois municípios nossos pontos de inquérito.

Recentemente, Cáceres e San Matias receberam o título de cidades-gêmeas⁴ através da Portaria nº 1.080 de 24 de abril de 2019 do Ministério da Integração Nacional do Brasil (MIN) graças a um estudo técnico realizado pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) que buscou verificar a viabilidade dos municípios entrarem para lista de cidades-gêmeas conforme os critérios da Portaria 213/2016 (IPEA, 2019).

Conforme Ferreira (2017, p.89), “(...) a Faixa de Fronteira brasileira está dividida em três arcos e 17 sub-regiões, abrangendo em 2010, um total de 588 municípios classificados, conforme sua posição geográfica em relação à linha de fronteira”.

Figura 02. Arcos e sub-regiões da Faixa de Fronteira



Fonte: BRASIL (2009).

Cáceres e San Matias compõem o Arco Central, mais precisamente a Sub-região XI Pantanal, dentro de um espaço cortado por rios e inúmeros córregos, interligadas pela BR070 (fronteira seca) e pelas chamadas estradas “cabriteiras”, caminhos clandestinos construídos para

⁴ Conforme a Portaria MDR nº 213 de 13 de julho de 2016 do Ministério da Integração Nacional do Brasil (MI) são considerados cidades-gêmeas os municípios “(...) cortados pela linha de fronteira, seja essa seca ou fluvial, articulada ou não por obra de infraestrutura, que apresentem grande potencial de integração econômica e cultural, podendo ou não apresentar uma conurbação ou semiconurbação com uma localidade do país vizinho, assim como manifestações condensadas dos problemas característicos da fronteira, que aí adquirem maior densidade, com efeitos diretos sobre o desenvolvimento regional e a cidadania” (BRASIL, 2016).

a prática de contrabando de produtos, veículos e entorpecentes, situação que expõe ambos municípios como rota do narcotráfico internacional (FERREIRA, 2017).

Mesmo não sendo cidades conurbadas⁵, o fluxo de passageiros bolivianos e brasileiros nessa fronteira é bastante intenso, principalmente, de bolivianos a Cáceres, por questões comerciais, familiares, laborais e por serviços de saúde.

Esse trânsito transfronteiriço colabora para a circulação do português e do espanhol em diferentes contextos comunicacionais, logo, sinaliza um repertório lexical *interinfluído*, hipótese que nos convidou a verificar a frequência de produtividade de elementos lexicais de uma língua sobre a outra em diferentes campos semânticos.

De acordo com o Instituto Nacional de Estatística da Bolívia (INE-2012), San Matias possui uma população de aproximadamente 14.470 mil habitantes, em sua maioria de descendência chiquitana⁶, além de migrantes da parte ocidental boliviana – ou seja, região dos vales e do altiplano- bem como de estrangeiros – principalmente brasileiros-, distribuídos entre diferentes zonas, especialmente rural. As principais atividades econômicas de San Matias se concentram na agricultura, pesca, exploração florestal e pecuária bovina.

Cáceres, conforme o último censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE, 2020) possui 94.861 habitantes, com concentração maior na zona urbana, com uma população conformada historicamente pela presença indígena, dos colonizadores portugueses e por migrantes de diferentes partes do Brasil, tendo como principais atividades econômicas a pecuária e o turismo.

⁵O fenômeno de conurbação expressa, basicamente, dois significados: o primeiro considera a autonomia e a complementariedade de funções entre as cidades que formam o agrupamento e, o segundo, denota a coalescência de áreas urbanas que interagem e promovem uma fusão das cidades agrupadas. Já o conceito de aglomeração urbana pode exprimir a noção de um conjunto de edificações permanentes e adjacentes, formando área continuamente construída, ou seja, um centro urbano; enquanto que pode, ainda, expressar um complexo urbano que envolve mais de uma cidade, podendo, nesse caso, ser confundido com o conceito de conurbação. (SANTOS, 2016, p.18).

⁶O povo Chiquitano foi constituído a partir de um amálgama de grupos indígenas aldeados no século XVII pelas missões jesuíticas. Habitantes da região de fronteira entre Brasil e Bolívia, foram compulsoriamente envolvidos em conflitos políticos e diferenças culturais decorrentes de uma divisão territorial que não lhes dizia respeito. A grande maioria desse povo está na Bolívia. Os que moram no Brasil têm sido explorados como mão-de-obra barata por fazendeiros, os quais também representam uma ameaça constante de invasão aos poucos territórios que lhes restam. Mas os Chiquitano têm lutado pelo direito à uma Terra Indígena, que está em processo de identificação pela Funai e que poderá assegurar a continuidade de sua identidade cultural. A palavra chiquito significa "pequeno" e designa os vários grupos localizados na zona de transição entre o Chaco Boreal e as selvas pantanosas que se estendem desde o Amazonas. Chiquitos, povos do planalto, foram assim chamados devido à suposição de que se tratava de uma povoação de pessoas pequenas, devido à pouca altura das entradas das casas, o que, na verdade, era para evitar a entrada de mosquitos. **Fonte:** <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Chiquitano> Acesso em: 08/04/2021.

Por ser cidade-gêmea de San Matias, Cáceres recebe inúmeros bolivianos, tanto do município vizinho quanto de outras regiões da Bolívia. Muitos acabam residindo no município brasileiro, trabalhando como dentistas, médicos e principalmente no comércio.

Um dos grandes problemas que afeta os dois municípios é a criminalidade, o alto índice de contrabando de veículos e mercadorias, além do narcotráfico internacional de drogas. Por essa razão, se constitui como um espaço fronteiro com políticas de segurança bastante rígidas, dentro de uma dinâmica de controle que atravessa a relação dos sujeitos com o espaço e com as línguas que falam.

Trata-se de uma fronteira com muitos problemas de ordem social, econômica e política, porém, também é um espaço de intercâmbios culturais e de amizades entre brasileiros e bolivianos.

2.3. Contexto histórico-geográfico

A história de San Matias está entrelaçada com a história de Cáceres, visto que guardam uma relação de colonização linguística europeia peninsular e de contatos linguísticos com povos indígenas dentro de um processo conflituoso de delimitação e proteção de suas fronteiras.

O período de ocupação e colonização é marcado por relações de contatos que fizeram com que portugueses e espanhóis transitassem constantemente pelas zonas limítrofes entre as duas coroas, demonstrando que as linhas divisórias simbolizadas através de marcos não impediam a circulação de pessoas e de línguas através dos contatos diários que estabeleciam.

O rio Jauru⁷ atravessa a história de fundação dos dois municípios, determinando os primeiros contatos entre colonizadores portugueses e espanhóis com os colonizados, consequentemente o contato linguístico entre o português e o espanhol com línguas indígenas

⁷ O rio Jauru nasce na Chapada dos Parecis e desemboca no pantanal cacerense, portanto um importante afluente do rio Paraguai. O Marco do Jauru simboliza a demarcação do Tratado de Madri, que estabeleceu as fronteiras entre as Coroas Portuguesa e Espanhola no período de colonização no Brasil. A estrutura do monumento é de mármore e pedra de lioz e tem 4,4 metros, montado e colocado inicialmente na foz do rio Jauru (por esse motivo o nome dado ao marco), em 18 de janeiro de 1754, juntamente com outros marcos, foi construído em Lisboa (Portugal) com duas partes de um lado representando a Coroa portuguesa, e do outro lado representando a Coroa espanhola. Para a demarcação do território, vários exemplares como esse foram afixados ao longo da fronteira, os outros marcos foram quebrados no momento do término do Tratado, o Marco do Jauru permanecendo intacto, foi transferido para a cidade de Cáceres-MT, em 02 de fevereiro de 1883, e assentado na hoje Praça Barão do Rio Branco, por onde esteve no decorrer do tempo em vários espaços da Praça, foi tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), a nível Federal no ano de 1978 ano Comemorativo aos 200 anos do Município. Cada lado traz as armas de Portugal e Espanha da época, e a linguagem arquitetônica é o neogótico. (LEITE, 2018, p.67-68).

faladas na região. Nessa perspectiva, podemos dizer que essa fronteira assim como outras no Brasil é:

(...) resultado do processo de ocupação e povoamento, das já citadas disputas sobre os domínios territoriais entre Espanha e Portugal na América, da definição dos limites geopolíticos e, posteriormente, da formação dos estados nacionais. Mas foram esses processos que contribuíram para o desenvolvimento de cidades na fronteira (STURZA e TATSCH, 2017, p.88).

Cáceres foi fundada no dia 6 de outubro de 1778 (século XVIII) com o nome de Vila Maria do Paraguai, pelo quarto governador e capitão-general da Capitania de Mato Grosso Luiz de Albuquerque de Melo Pereira e Cáceres, com o objetivo de proteger o território português contra uma possível invasão espanhola (MORAES, 2003). A respeito da fundação do município temos o seguinte relato:

(...) sendo presente o Tenente de Dragões Antonio Pinto do Rego e Carvalho, por elle foi dito que tinha passado a este dito lugar por ordem do Ilmo. E Exmo. Snr. Luís de Albuquerque de Mello Pereira e Cáceres, Governador e Capitão General d'esta Capitania de Mato Grosso, para com effeito fundar, erigir e consolidar uma povoação civilizada, aonde se congregassem todo o maior número de moradores possível, compreendidos todos os **casas de índios castelhanos** (grifo nosso) proximamente desertados para estes Domínios Portuguezes da Província de Chiquitos, que fazem o número de 78 individuos de ambos os sexos, a que juntando-se todo o número das mais pessoas congregadas para o dito fim faz o total de 161 individuos de ambos os sexos; cuja povoação, segundo as ordens do dito, se denominará de hoje em diante, em obsequio do real nome de sua Majestade – Villa Maria do Paraguay – esperando-se que de semelhante estabelecimento haja de resultar grande utilidade ao real serviço e commodidade publica (MENDES, 2009, p.27 *apud* MACEDO-KARIM, 2012, p.32) (grifo nosso).

A necessidade de povoar o espaço fronteiro era fundamental para as duas coroas, porém, houve por parte dos portugueses um expansionismo mais efetivo em comparação aos espanhóis, pois, estes últimos tinham como foco a região andina onde se encontrava a grande concentração de minas de ouro e prata.

San Matias nasce como povoado dentro de um contexto pós-colonial. De acordo com Cuéllar e Yavari (2008), foi fundada no dia 24 de fevereiro de 1844 – ou seja, 66 (sessenta e seis) anos após a fundação de Cáceres- pelo então prefeito do departamento de Santa Cruz, o general Fermín Rivero, com o propósito de delimitar o território boliviano com o Império do Brasil à margem direita do rio Jauru, conforme os acordos estabelecidos anteriormente entre Portugal e Espanha.

Entretanto, para Sena (2020, p.93) o surgimento de San Matias está relacionado a vinda do ex-monarquista e governador da Província de Chiquitos, coronel Sebastião Ramos, que “(...) ante a iminente queda das forças monarquistas em sua região, solicitou (e o conseguiu momentaneamente) que Mato Grosso, província do Império do Brasil, anexasse a jurisdição que governava”.

Diante da impossibilidade de manutenção da anexação, Ramos procurou exilar-se na área limítrofe da Província de Mato Grosso, refugiando-se inicialmente em Casalvasco – próximo à Vila Bela da Santíssima Trindade-, juntamente com aproximadamente 300 famílias chiquitanas até 1825, deslocando-se para próximo do rio Jauru- na região conhecida como Salinas⁸-, onde estabeleceu um rancho – chamado de Rancho das Onças – que viria a ser alvo de disputas entre o Império do Brasil e a República da Bolívia em função das incertezas quanto a delimitação da fronteira. É dentro desse contexto de embate territorial que San Matias surge como um elemento demarcatório das terras bolivianas. (SENA, 2019; ARAÚJO e PUHL, 2016).

A demarcação territorial oficial entre o Brasil e a Bolívia só teve início em 1867 com o Tratado de Ayacucho. Antes disso, as referências sobre os limites fronteiriços pautavam-se nos antigos acordos estabelecidos entre as coroas portuguesa e espanhola – como o de Tratado de Madri (1750) e Santo Ildefonso (1777) - que eram bastante imprecisos, razão que propiciou uma série de conflitos e embates diplomáticos nessa região.

De um lado o Império do Brasil, com seu regime monarquista e do outro uma ex-colônia espanhola, a República da Bolívia, cuja “(...) ideia de Estado nacional, com seus devotados cidadãos, era ainda um horizonte a ser alcançado plenamente (SENA, 2020, p.94). E no entremeio, a configuração de espaços de litígios territoriais, habitados por diferentes etnias indígenas que contribuíram para a formação étnica, cultural e linguística de brasileiros e bolivianos que vivem atualmente na faixa de fronteira entre os dois países.

O Rancho das Onças estava localizado na grande Salinas, área que foi concedida pelo então presidente da Província de Mato Grosso Antônio Pedro de Alencastro a Ramos devido a sua oposição política aos independentistas. O objetivo da doação seria ajudá-lo a colonizar essa parte da fronteira que interessava ao Brasil, uma vez que era próxima a margem direita do rio Jauru, que pelo Tratado de Madri (1750) constituiria a demarcação de terras portuguesas e espanholas nesse espaço:

⁸As Salinas constituem uma região próxima ao rio Jauru, cuja margem produzia-se um barreiro muito procurado pelos animais para lamber. Fonte: <https://mapas.mt.gov.br/agente/245/>. Acesso em 27 de março de 2021.

No fervor das negociações territoriais fronteiriças, pela primeira vez, surgiu na legislação brasileira a faixa de fronteira, através da Lei nº 601 de 18 de setembro de 1850, como uma área delimitada geograficamente paralela aos limites internacionais. Nesse local **os lotes podiam ser distribuídos gratuitamente pelo governo imperial para quem tivesse interesse de colonizar essas áreas longínquas**. A faixa de fronteira passou a ser um objeto geopolítico por excelência, porque era considerada uma área de defesa com a instalação de vilas militares e ocupação pelo homem. O enfoque da defesa e vivificação dos limites internacionais foi predominante do período imperial até o início do governo de Getúlio Vargas (ANTUNES, 2015, p.19) (grifo nosso).

Esperava-se de Sebastião Ramos a colaboração de colonizar a fronteira com a Bolívia em benefício para o Brasil. Entretanto, ao ser perdoado pelo governo boliviano em 1834 e ser considerado “cidadão”, o território em que estava assentado passou a ser considerado como “sendo parte da Bolívia” com base no Tratado de Santo Ildefonso (1777), no qual estaria reservado o direito as terras espanholas a margem direita do rio Jauru, produzindo nesse espaço uma situação de conflito entre brasileiros e bolivianos.

Para ter a posse definitiva do Rancho das Onças, Ramos obteve do governo da Província de Chiquitos um título dessa terra, assim como alguns brasileiros desertores que se associaram as estratégias do coronel.

Contrário a essa titulação e a possível perda dessa área, o presidente da Província de Mato Grosso, Pimenta Bueno, cobrou as autoridades de Chiquitos a revogação do título concedido a Ramos e sua imediata saída do território brasileiro. Mesmo com o pedido aceito, não houve nenhuma ação contra Ramos por parte das autoridades bolivianas que permitiram sua permanência no local.

A posição do rancho era bastante estratégica, pois por meio do rio Jauru seria possível navegar até o rio Paraguai, logo até o rio da Prata e conseguinte chegar ao oceano Atlântico, constituindo, portanto, uma rota formidável para o governo boliviano, porém inaceitável para o Império brasileiro que não admitia sua navegação, pois com base também no Tratado de Santo Ildefonso (1777), alegava o monopólio do uso das duas margens do rio junto as terras adjacentes que eram significadas como pertencentes ao Brasil.

De acordo com Tonelli (2004), Sebastião Ramos explorava a área das Salinas -a margem direita do rio Jauru- e fazendas de gado. Assim, com o objetivo de monopolizar as atividades comerciais tanto no Brasil quanto na Bolívia, fundou a Vila do Marco (1843) e de San Matias (1844). Além disso, também atuava de forma ilícita nessa região, roubando gado de fazendas vizinhas, sobretudo da fazenda Caiçara (Cáceres).

Sebastião Ramos jogava os dois lados da moeda, uma vez que segundo Sena (2020), sabia dos interesses brasileiros e bolivianos sobre a demarcação dos limites, procurando tirar algum proveito em termos de negociação, uma vez que conhecia profundamente toda a região.

Após inúmeras pressões diplomáticas de Pimenta Bueno, Ramos deixou o Rancho das Onças em 1837 e passou a morar a 20 léguas de distância do Marco do Jauru, ainda dentro da região da grande Salinas.

**Figura 03: Marco do Jauru em contraste temporal
(A esquerda [1883] e a direita [2020])**



Fonte: Imagem a esquerda: <http://www.zakinews.com.br/noticia.php?codigo=3641>
Imagem a direita: arquivo pessoal do autor.

Assim, interessado em assegurar as terras à margem direita do rio Jauru e do rio Paraguai, o governo boliviano elevou o título de Ramos para Comandante General da zona fronteira e o título de Comandante General da linha oriental do Paraguai, junto com a patente de Tenente-coronel de Cavalaria.

A titulação lhe conferiu um alto grau de autoridade e poder na região fronteira, fazendo com que retornasse à área do Rancho das Onças, com o propósito de defender o território boliviano contra uma possível invasão brasileira.

Em 1843, o prefeito do departamento de Santa Cruz exigiu que Ramos deixasse a região da Salinas, considerando essa área como sendo território brasileiro, exigindo sua retirada do local, visto que era o principal responsável pelo contrabando de armas e de escravos vindos do Brasil.

Diante da recusa em querer deixar o rancho, coube ao então presidente da província de Mato Grosso, Zeferino Pimentel enviar tropas para a fronteira, como forma de alertar os

bolivianos sobre as forças militares brasileiras na região, bem como evitar o contrabando de escravos e de armas.

Assim, um destacamento foi criado com objetivo, segundo Sena (2020, p.109) de “(...) procurar assegurar a nova ocupação do terreno para o Império”, além de servir como “(...) ponto de recepção de desertores bolivianos que quisessem ser “acolhidos” pela “nação brasileira”.

Depois da saída de Ramos das Salinas, toda essa área passou a pertencer definitivamente ao Império do Brasil, espaço que concerne desde a Caiçara até a Corixa, em pleno pantanal cacerense. Em 1847, o governo boliviano autorizou a criação de uma colônia à beira do rio Tremedal ou Corixo, onde Ramos também ficou por um tempo e cuja criação teria sido feita a seu pedido.

Após a criação da colônia de Tremedal, as autoridades brasileiras começaram a olhar para o povoado boliviano como um local de esconderijo de escravos fugitivos, dando início em 1848, a um processo de desocupação violenta dos moradores bolivianos da área pelas tropas brasileiras que durou até 1852 (SENA, 2020).

Com o tempo, essa região passou a ser propriedade brasileira, incluindo a Fazenda Tremedal, que continuou mantendo relações com os moradores bolivianos da região, empregando inúmeras famílias, cujos descendentes passariam a ocupar a zona lindeira, dando origem a diferentes comunidades rurais fronteiriças, que foram se desenvolvendo a partir de casamentos interétnicos, mantendo elementos culturais do Brasil e o uso do português (PFB).

2.4.Contexto socioeconômico e cultural

Com o fim do litígio territorial entre Brasil e Bolívia, San Matias e Cáceres passaram por um longo processo de desenvolvimento social, econômico e político bastante díspar. Do lado brasileiro, a população cacerense experimentava os efeitos do progresso, ao passo que os matienhos aguardavam que o Estado boliviano se fizesse mais presente sobre o povoado, garantindo segurança, logística e investimentos.

Devido à distância geográfica com a capital Santa Cruz de la Sierra (750 km), San Matias por muito tempo esteve – e ainda se encontra- dependente de Cáceres em muitos aspectos. Cuéllar e Yavari (2018, p.129) explicam que no início do século XX “(...) la única

vinculación que se tenía era con los vecinos del Brasil, el puerto Descalvado y la ciudad de San Luiz de Cáceres, que se encuentra a 80 km, de nuestra población⁹”.

A fazenda Descalvados representou um desenvolvimento significativo para San Matias, pois servia como rota para levar a borracha produzida na Bolívia até Cáceres, para ser posteriormente exportada para Europa:

(...) a fazenda Descalvados foi fundamental no crescimento da Vila-Maria – desenvolveu atividades na indústria extrativa, na produção pecuária, e, pela facilidade de navegação fluvial, teve instalada uma charqueada que abatia as reses da propriedade para a produção e exportação de charque. Na década de 1880, havia na fazenda uma charqueada destinada a abastecer o mercado europeu” (MACEDO-KARIM, 2012, p.33).

O comércio entre San Matias e Cáceres se consolidou através da Fazenda Descalvados, tendo como primeira moeda o “patacón”. Além dessa moeda, circulava também a moeda brasileira “Réis”, além da libra esterlina por conta das exportações com os europeus. Posteriormente, o cruzeiro foi a moeda muito utilizada em San Matias, muito mais que o próprio peso boliviano.

Esse contexto econômico transformou essa fronteira em um espaço de forte intercâmbio cultural e linguístico. Palavras do português passariam a circular com mais frequência no repertório matienho, caracterizando esse espaço como pluricultural e plurilinguístico.

Além da Fazenda Descalvados, havia outras fazendas em que se produzia aguardente, açúcar e que lidava com atividade pecuária, sendo esta última responsável pelo emprego de muitos bolivianos no lado brasileiro, constituindo outros espaços de forte contato laboral, cultural e linguístico com o português:

La ganadería era la principal actividad económica de la zona, dentro de la misma existían diversas costumbres, para el transporte de las grandes cantidades de ganado de una estancia a otra, se lo realizaba arreándola en grandes comitivas, realizado por peones de la zona que montados en sus caballos atravesaban el pantanal, haciendo pascanas aprovechaban la fogata para chupar su chimarrón (mate caliente) y para comer el típico churrasco pantaneiro” (CUÉLLAR e YAVARI, 2018, p.67).

Em 1940, houve em San Matias uma organização para criar uma nova província no Departamento de Santa Cruz e de tornar-se sua capital, desmembrando-se assim, da Província

⁹“(…) a única ligação que tínhamos era com os vizinhos do Brasil, o porto de Descalvados e a cidade de São Luiz de Cáceres, que fica a 80 km de nossa população (TN).

de Chiquitos, a fim de obter mais recursos do governo boliviano, visto sua invisibilidade no espaço fronteiriço:

El departamento de Santa Cruz hasta el año de 1948 contaba con 13 provincias de las 15 que tenemos en la actualidad; San Matías era un cantón perteneciente a la provincia de Chiquitos, que tenía por capital la población de San José de Chiquitos. Ante el abandono y marginamiento que sufrían los pobladores de San Matías, por parte de la provincia Chiquitos de la cual dependía directamente, del departamento de Santa Cruz y el Gobierno central “(CUÉLLAR e YAVARI, 2018, p.33)¹⁰.

Nas primeiras décadas do século XX, a população matienha vivia ainda de forma muito precária, com falta de medicamentos, de escolas, de segurança, entre outras necessidades. Nesse período, não havia um sistema legislativo e executivo concreto, pois, prevaleciam algumas regras de comportamento e de boa conduta julgadas pela figura do cacique e/ou corregedor que desempenhava a função de autoridade, como acontece até os dias atuais em muitas comunidades indígenas (CUÉLLAR e YAVARI, 2018).

Diferente de San Matias, Cáceres no início do século XX:

(...) estava em pleno desenvolvimento e importantes acontecimentos marcaram a administração do município. Por exemplo: em 1º de agosto de 1906 ocorreu a inauguração da Estação Telegráfica de São Luiz de Cáceres; no ano seguinte é instalado o primeiro ramal das linhas telegráficas de Mato Grosso; em 16 de março de 1927, pela primeira vez o hidroavião Santa Maria corta os céus mato-grossenses e flutua no Rio Paraguai; em 1929, a firma Castrillon & Irmãos inicia o serviço particular de abastecimento de água encanada na cidade” (FERREIRA, 2001 *apud* MACEDO-KARIM, 2012, p. 35).

De acordo com Araújo e Puhl (2017), a instalação das Linhas Telegráficas e estradas de ferro na região amazônica significou uma maneira de *abrasileirar* sua população, logo, a fronteira deixaria de ser um espaço isolado passando a ser integrado, a partir da criação de destacamentos militares, formação de vilas, criação de escolas, materializando, dessa maneira, a presença do Estado brasileiro, e por extensão, fortalecendo o uso da língua portuguesa na região:

Para os construtores da República, a ideia de integração e/ou unidade nacional atravessou todo o século XX, representando um cuidado oficial específico com o território geofísico nacional, sobretudo com as fronteiras

¹⁰“O departamento de Santa Cruz até 1948 tinha 13 províncias das 15 que temos hoje; San Matías era um distrito pertencente à província de Chiquitos, cuja capital era San José de Chiquitos. Diante do abandono e marginalização sofridos pelos moradores de San Matías, pela província de Chiquitos da qual dependia diretamente, pelo departamento de Santa Cruz e pelo governo central”. (TN)

terrestres. A instalação dos sistemas de comunicação, industrialização, transportes mais eficientes e ações fronteiriças sempre fizeram parte dos debates sobre políticas de desenvolvimento e com eles, os projetos de povoamento e ocupação territorial (ARAÚJO e PUHL, 2016, p.9-10).

As políticas de integração nacional contribuíram para que escolas fossem construídas ao longo das faixas de fronteira para formar cidadãos brasileiros, conscientes de seu lugar, logo, de sua língua, neste caso, da língua portuguesa.

De acordo com Silva (2012, p.13), o uso do português na fronteira entre Cáceres e San Matias materializa o lugar do cidadão brasileiro na fronteira e delimita seu espaço de enunciação pelo território através do imaginário que produz sobre o limite de uma unidade linguística nacional legitimada pelos aparelhos ideológicos e coercitivos do Estado, sobretudo, da escola.

Em 1912, San Matias já possuía um correio, em 1915 um quartel, e em 1916 uma aduana, além de uma igreja principal circunscritos junto com as casas dos moradores em torno da praça principal na zona urbana. As comunidades rurais fronteiriças por sua vez, se encontravam isoladas do ponto de vista político, razão que as aproximavam ainda mais do Brasil, fortalecendo cada vez mais o uso do português no espaço lindeiro em relação à zona urbana matienha.

Depois da criação da Província Angel Sandoval, San Matias passou a ter maior presença do Estado boliviano através de instituições como o Exército, a Polícia, a Escola, a Prefeitura, entre outras instituições estatais.

Essa situação mudou o cenário sociolinguístico do município, ou seja, aos poucos as línguas indígenas, como o chiquitano, passaram a ser substituídas pela língua do Estado, ou seja, pelo espanhol. Esse desdobramento ocorreu em toda Chiquitania, favorecendo a língua espanhola em detrimento das línguas indígenas (NIKULIM, 2020).

A medida em que San Matias crescia, aumentava também a relação entre brasileiros e bolivianos, sobretudo em questões comerciais:

No decorrer da década de 1960, com algumas edificações públicas e privadas (prefeitura, hospital, escola, etc.), instaladas no núcleo urbano de San Matias, a presença do Estado Nacional de Bolívia ganha mais visibilidade e a partir da década seguinte, uma população de pecuaristas, comerciantes, pequenos agricultores, funcionários públicos e migrantes brasileiros, em especial, fazendeiros e trabalhadores rurais, passaram a compor o novo desenho do espaço fronteiriço no oriente boliviano, **mas mantendo as mesmas relações de vizinhança**” (ARAÚJO e PUHL, 2016, p.26) (grifo nosso).

A partir de 1950, Cáceres teve um acelerado crescimento populacional em função do impulso dado através do Projeto “Marcha para o Oeste”, com uma política de incentivo à migração, criação de colônias agrícolas, portanto, incentivando a produção agropecuária, que refletiu posteriormente na migração de muitos matienhos para Cáceres.

A vinda de migrantes brasileiros de outras regiões do país impactou o cenário sociolinguístico da fronteira, visto que muitos se deslocaram para San Matias, situação que poderia explicar por exemplo, o uso da expressão matienha *¡Jichi Maria!*, bastante comum no falar nordestino brasileiro.

Cáceres foi um dos municípios mato-grossenses mais afetados por essa “onda migratória”:

A busca por melhores condições de vida e de trabalho, bem como o sonho do enriquecimento, fez com que se deslocassem, rumo ao Centro-oeste, brasileiros de todos os cantos e dos diversos estratos: profissionais liberais, técnicos de diferentes ramos de atividade, pequenos e médios comerciantes e industriais, prestadores de serviço especializados, funcionários públicos, garimpeiros, lavradores. Vinham a reboque das megaempresas do agronegócio, dos bancos, das usinas de cana, das grandes mineradoras e madeireiras, ou de empresas nacionais e multinacionais que passaram a “legalizar” pra si grandes latifúndios para efeito de especulação financeira (BISINOTO, 2009, p.37).

Durante o governo de Juscelino Kubitschek, foi inaugurada a ponte Marechal Rondon, obra extremamente relevante para a escoação dos produtos da região, bem como para a integração entre a zona urbana de Cáceres e a zona urbana de San Matias:

“No período de 1961 a 1963, na administração de José Esteves de Lacerda, ocorreu a inauguração da Ponte Marechal Rondon sobre o Rio Paraguai, abrindo vias de comunicação com o extremo oeste mato-grossense, e marcando a fase decisiva para a ocupação do município. Além da inauguração da ponte Marechal Rondon, nesse período Cáceres foi destaque no cenário brasileiro como potência em produção agrícola e pecuária. A atenção que a região recebeu significou a intensificação do fluxo migratório vindo das regiões Sul e Sudeste do país. Sua população, de 28 mil habitantes, em 1960, passa a 86 mil habitantes, em 1970” (MENDES, 2009 *apud* MACEDO KARIM, 2012, p.35).

Em 1966, Cáceres é incorporada à jurisdição da Amazônia Legal (Lei Federal nº 5.173 de 27/10/66) e, em 1968 declarada Área de Interesse da Segurança Nacional (Lei Federal nº 4999 de 04/06/68). Esses dois acontecimentos contribuíram para que ganhasse mais visibilidade nacionalmente, atraindo a atenção de mais brasileiros para essa região e de bolivianos também.

No período do regime ditatorial (1964-1985), a busca por uma unidade nacional se materializou através de um Plano de Integração Nacional, com base a um suposto perigo de “internacionalização” da Amazônia, focando forte investimento nas Forças Armadas para a vigilância das fronteiras:

Para os povos fronteiriços os programas e projetos instituídos pelos governos sempre significaram uma ameaça de desterritorialização no sentido mais amplo, que incluíam o acesso à terra e a manutenção das tradições. Já para os pequenos agricultores estabelecidos (ou não) nos sertões há mais de meio século, o imaginário da aquisição de terras abundantes advindo do propalado discurso “homens sem terras para as terras sem homens” recriava novas expectativas de sobrevivência no interior do Brasil. Essa crença fazia de Mato Grosso a imagem do “El dorado” do Centro Oeste brasileiro (ARAÚJO e PUHL, 2016, p.16-17).

A partir dessa política, muitas empresas, mineradoras, garimpeiros, pecuaristas usufruíram dos créditos possibilitados pelo regime para implementar seus negócios na região amazônica, impactando nos costumes e tradições dos nativos, sobretudo com concessões de grandes extensões de terra, que beneficiaram grandes latifundiários que passariam a explorar com mais força a mão-de-obra brasileira - sobretudo boliviana-, além de expulsar inúmeras famílias chiquitanas de suas terras.

A ameaça aos chiquitanos bolivianos fez com que por muito tempo negassem a sua cultura e as suas línguas, tanto a nativa quanto a língua espanhola nesse espaço fronteiriço. O casamento interétnico com brasileiros significou uma maneira de produzir um efeito de “brasilidade” nas gerações futuras, e o uso do português seria a materialidade dessa nova condição de deslocamento forçado.

San Matias começou a se desenvolver de forma mais acelerada após a abertura de uma brecha na Corixa para facilitar o trânsito em 1960. Em 1974 é construída a estrada que liga Cáceres a San Matias e em 1976 é construída a ponte do Distrito do Limão (Cáceres). Antes disso, todo o comércio realizado com Cáceres era feito através de carros de boi, visto a inviabilidade de trânsito no período das chuvas.

Muitos produtos vindos do Brasil, até então desconhecidos pelos bolivianos, passaram a fazer parte dos hábitos de San Matias. Diante da falta de um nome correspondente em espanhol, muitas palavras do português passaram a incorporar-se no repertório lexical matienho em função do comércio, produzindo com efeito diferenças nos modos de designar objetos, coisas, lugares em relação a outras comunidades, especialmente, da capital Santa Cruz de la Sierra.

Nesse período, algumas empresas de ônibus bolivianas passaram a realizar o transporte de passageiros e mercadorias no trecho Cáceres-San Matias. Posteriormente, a empresa brasileira de transporte *Transjaó* também passou a realizar esse mesmo percurso (CUÉLLAR e YAVARI, 2018).

Com o transporte diário de passageiros, o fluxo de brasileiros em San Matias aumentou consideravelmente, sobretudo os chamados “sacoleiros”, que compram diversos produtos mais baratos para revender no Brasil. A necessidade de comercializar com brasileiros fez com muitos matienhos da zona urbana aprendessem o português para atender os clientes vindos de Cáceres e de municípios vizinhos.

Assim, os brasileiros que chegassem a San Matias não teriam nenhuma dificuldade de comunicação, pois, sabiam que o português era a língua franca do comércio. Essa situação pode explicar, por exemplo, o discurso de muitos moradores da Corixa e da zona urbana de Cáceres em não sentirem a necessidade de aprender espanhol, porque reconhecem que em San Matias o português é falado por muitas pessoas. Porém, sabemos que essa negação está relacionada ao modo como se deu a colonização linguística no Brasil e seus efeitos ideológicos na construção de uma unidade nacional através do português.

Ao mesmo tempo que as relações comerciais entre os dois municípios efervesceu, também se intensificou a criminalidade, roubos, contrabando de mercadorias, e o tráfico internacional de drogas. Por isso, houve a necessidade da criação de um posto de fiscalização para realizar controles diários no combate ao crime e de uma polícia especializada, que com o passar do tempo deu origem ao Grupo Especial de Segurança de Fronteira (GEFRON).

Por muitos anos, o posto do GEFRON ficou na divisa entre Corixa e San Juan de Corralito, exercendo o controle de entrada e saída de pessoas e de mercadorias, atuando rigorosamente no combate ao contrabando e narcotráfico internacional. Atualmente, o posto encontra-se no Distrito do Limão, na BR070 que liga Cáceres a San Matias.

Figura 04: Postos de fiscalização do GEFRON
A imagem à esquerda na Corixa e à direita do Distrito do Limão



Fonte: A esquerda (arquivo pessoal do autor) e a direita, imagem retirada de <https://www.expressaonoticias.com.br/em-8-meses-gefron-apreende-mais-de-8-toneladas-de-drogas-em-mt>.

A presença de órgãos de controle na fronteira Cáceres-San Matias faz com que se diferencie de outras fronteiras brasileiras com países hispanofalantes, muitas delas conurbadas e outras sem a presença efetiva do Estado.

Além do GEFRON, atuam a Receita Federal e o destacamento militar do 2º Batalhão de Fronteira do Exército Brasileiro (2º BFRON), conhecido como Destacamento da Corixa, que teve um papel histórico no processo de segurança da soberania nacional, consequentemente, de *abrasileirar* esse espaço através do atendimento a comunidade, por exemplo, através da educação, visto que os militares foram os primeiros professores dessa região que alfabetizavam tanto brasileiros quanto bolivianos conforme relato dos moradores locais.

A intensificação do comércio significou uma maior fiscalização sobre esse espaço fronteiriço. Assim, a fronteira deixava de ser apenas um espaço de convívio e trânsito entre familiares brasileiros e bolivianos, passando a se consolidar como um espaço aparelhado por conta do aumento do fluxo comercial e também da criminalidade.

Desse modo, qualquer pessoa que viaje para San Matias, ao retornar para Cáceres, já está ciente que será interrogado e revistado pelo GEFRON. Sentimentos de medo, cansaço e expectativas são comuns no cotidiano dos viajantes, visto que, todos se encontram em suspeição até que se prove o contrário.

Em 1965 é criada uma cooperativa de luz e água em San Matias. Entretanto, como o serviço era limitado, em 1986 se estabeleceu um acordo com o governo de Mato Grosso para fornecer luz para San Matias por meio da antiga Centrais Elétricas Mato-grossenses (CEMAT), cabendo o serviço de água à cooperativa local. Mais uma vez, a relação política entre San Matias e Cáceres é notória, pois o fornecimento de luz produziu um grande impacto na vida dos matienhos, uma vez que poderiam disfrutar de tecnologias como a televisão e rádio.

Em Cáceres, os primeiros sinais de TV só foram captados na década de 1970 e a implantação do serviço de telefonia interurbana em 1976 (MENDES, 1998 *apud* BISINOTO, 2009). Já em San Matias, a transmissão de canais de TV teve início em 1979, a partir do antigo canal brasileiro Rede Tupi, chegando aos lares de diversos matienhos, principalmente da zona urbana, visto que possuíam e ainda possuem mais recursos em comparação aos moradores das comunidades rurais fronteiriças.

Durante as entrevistas, muitos matienhos da zona urbana nos disseram que aprenderam português assistindo programas infantis, desenhos animados, jornais e novelas do Brasil. A presença dos meios de comunicação do Brasil influenciou enormemente o léxico boliviano. Diferentes expressões e jargões do português brasileiro passaram a fazer sentido em San Matias à medida que iam sendo incorporados no falar local, produzindo “mal entendidos” em outras cidades da região.

Durante a pesquisa de campo, um morador de San Matias nos relatou um fato curioso que explica bem a influência da programação brasileira na cultura local. Certa vez, em viagem a Santa Cruz de la Sierra, pediu a seu sobrinho que ligasse a televisão para assistir *Pica-pau*, porém, seu interlocutor não entendia o que realmente queria assistir. Quando surge na tela o desenho animado, chama-lhe a atenção para o fato que o nome “correto” em espanhol seria *Pájaro carpintero*. Nas entrevistas, pudemos constatar relatos semelhantes que sinalizam uma diferença no léxico dos matienhos em relação aos cruceños por influência do português.

Na década de 1980, a paisagem urbana de San Matias foi se modificando com a construção de avenidas e de bairros, visto que quase tudo se concentrava no centro. Após muitas lutas e negociações políticas, San Matias se beneficiou com a construção de um aeroporto que representou um grande avanço para o município, pois significou uma maior aproximação a capital Santa Cruz de la Sierra, porém, devido à falta de investimentos e recursos para sua manutenção, funciona apenas em situações especiais e emergenciais.

Dessa maneira, o principal meio de transporte é o rodoviário. Diariamente saem de San Matias em direção a Santa Cruz de la Sierra ônibus em diferentes estados de conservação, alguns mais novos, outros mais precários, que percorrem 750 km de rodovia, em grande parte sem asfalto, tornando a viagem extremamente cansativa. Dentro dessas condições, muitos matienhos preferem recorrer a Cáceres que deslocar-se para capital para comprar mercadorias, para ir a consultas médicas, economizando assim tempo e dinheiro.

Em 1988 surge um dos mais importantes eventos de San Matias, a FEXPOMATIAS, evento de rodeio e leilão que tem uma característica linguística bastante singular, ou seja, as

narrações de rodeio são feitas majoritariamente por locutores brasileiros, os shows na maioria das vezes com artistas do Brasil.

Figura 05: Cartaz da Fexpo Matias (2016)



Fonte: http://jornalcorreiocacerense.com.br/ver_noticia.php?noticia=1316.

Podemos observar no cartaz acima, a presença de grupos musicais brasileiros que tocam um ritmo típico mato-grossense, o “lambadão”, a imagem das rainhas de rodeio, e circulado em vermelho um traço morfológico da influência do português brasileiro, ou seja, o uso da preposição “ao” – adaptado ao espanhol como “al”- em vez da preposição “em” na expressão “Música *al* vivo” no lugar de “Música *en* vivo”.

Além do lambadão, verificamos que em San Matias também são ritmos ou gêneros musicais comuns o forró, o xote, o vaneirão e o rasqueado, executados em diferentes eventos por bandas locais que cantam em português. Em Cáceres, há uma apreciação pela cumbia boliviana em algumas festas de santo, porém, na maioria das vezes cantada em português e não em espanhol.

San Matias é um município pluricultural, pois além da influência do Brasil, recebe também de migrantes de outras regiões da Bolívia. O calendário anual dos matienhos está repleto de eventos e celebrações que misturam línguas, culturas e identidades locais e de fora.

O carnaval de San Matias se assemelha muito aos carnavais de rua de Cáceres. Há uma mescla de ritmos brasileiros e bolivianos durante a festividade. O futebol é o esporte mais praticado nessa fronteira, com jogos diários entre equipes matienhas e cacerenses.

O turismo nessa região é reconhecido internacionalmente pelo bioma pantanal tanto brasileiro quanto boliviano, pelo Festival Internacional de Pesca Esportiva (FIPE) em Cáceres

e pelas piscinas naturais localizadas em San Juan de Corralito, que atraem nos fins de semana inúmeros visitantes.

Quanto à questão religiosa, San Matias é um município predominantemente católico assim como Cáceres, com a diferença que do lado boliviano, há algumas igrejas (neo)pentecostais brasileiras, ao passo que em Cáceres não encontramos nenhuma denominação boliviana. Muitos dos cultos são realizados geralmente em português, visto que grande parte dos pastores brasileiros não sabem espanhol.

Também constatamos a presença de cultos de matriz afro-brasileira em San Matias que acontecem geralmente em casas familiares e são conduzidos na maioria das vezes por brasileiros.

De um modo geral, observamos que os matienhos são muito mais influenciados pelo Brasil que Cáceres em relação a Bolívia pelas condições sócio históricas, culturais, econômicas e políticas apresentadas nesta seção. Essa situação reflete diretamente no léxico de cacerenses e matienhos, como veremos mais à frente.

2.5.Contexto linguístico

O processo de colonização produziu uma redistribuição do português, do espanhol e de diversas línguas indígenas no espaço fronteiriço brasileiro-boliviano que até hoje se caracteriza por ser poroso, fluído, contínuo, independente das linhas imaginárias que fazem significar a ideia de delimitação territorial para os Estados.

Cáceres e San Matias se inscrevem dentro de uma paisagem linguística diversificada, por onde circularam inicialmente diferentes línguas indígenas, que com o tempo foram sendo substituídas pelas línguas dos colonizadores:

Os atuais territórios da Faixa de Fronteira Brasil/Bolívia, eram ocupados por um continuum de populações e culturas nativas antes mesmo de serem disputados pelas colônias ibéricas, entre os séculos XVI e XVIII. Os povos originários são de diferentes etnias como os Guaraní, Guaicuru, Guató, Bororo, Otuke, Paresi, Nambiquara, Mojo, Gorgotoqui, Manasi e como uma mescla étnica, os Chiquitanos. Cada grupo tinha uma cultura própria, que reunia simbologias, valores, tradições e identidades distintas. Apesar das diferenças culturais, havia uma convivência cotidiana sem problemas e/ou embates étnicos (ARAÚJO e PUHL, 2016, p.23).

Em San Matias, a diferença de Cáceres, ainda são faladas algumas línguas originárias da região como o guarani e o chiquitano. Das línguas catalogadas pelo Instituto Nacional de

Estatística da Bolívia (INE-2012), o castelhano¹¹ (espanhol), além de ser a língua oficial do Estado, é também a língua predominante em San Matias, junto ao quéchua e aymará¹² faladas sobretudo no altiplano boliviano.

As línguas chiquitano e guarani são faladas por poucas pessoas em San Matias, em sua maioria pessoas idosas, e atualmente correm forte risco de desaparecimento no município, mesmo com uma política linguística de valorização das línguas originárias por parte do governo nacional.

Quadro 01: Línguas faladas em San Matias

POBLACIÓN EMPADRONADA DE 4 AÑOS O MÁS DE EDAD POR SEXO, SEGÚN IDIOMA EN EL QUE APRENDIÓ A HABLAR ¹³			
Idioma	Total	Hombres	Mujeres
Total	13.100	6.849	6.251
Castellano	11.833	6.128	5.705
Quéchua ¹⁴	88	55	33
Aymara ¹⁵	97	57	40
Guarani ¹⁶	10	4	6
Otros idiomas oficiales	51	15	36
Idiomas extranjeros	349	214	135
Otras declaraciones	2	2	0
No habla	28	12	16
Sin especificar	642	362	280
1. No incluye personas que residen habitualmente en el exterior			

Fonte: Instituto Nacional de Estadística (2012).

Dos dados apresentados pelo INE, chama-nos a atenção a grande quantidade de falantes de “idiomas estrangeiros” e “sem especificar”, dando-nos a entender que tais categorias

¹¹ De acordo com Callisaya (2012), após a promulgação da Constituição Política do Estado Plurinacional da Bolívia, 36 (trinta e seis) línguas indígenas foram reconhecidas como oficiais junto com o espanhol.

¹² Na Bolívia, as línguas *quéchua* e *aymara* são os idiomas com maior número de falantes, o que demonstra que há um predomínio das culturas tradicionais andinas sobre as demais (CALLISAYA, 2012, p.08).

¹³ População registrada com 4 anos ou mais, por sexo, segundo a língua em que aprenderam a falar (TN)

¹⁴ A língua quechua é falada no Equador, Peru, Bolívia, centro do Chile e noroeste da Argentina (CALLISAYA, 2012).

¹⁵ A língua aymará é falada no Peru, Bolívia e no norte da Argentina e Chile. **Fonte:** <https://bdpi.cultura.gob.pe/index.php/pueblos/aimara>. Acesso em 27 de março de 2021.

¹⁶ A língua guaraní é falada no Brasil, Bolívia, Argentina e principalmente no Paraguai (CALLISAYA, 2012).

poderiam estar relacionadas aos falantes de PFB, tanto na zona urbana quanto em comunidades rurais fronteiriças, como San Juan de Corralito.

Embora o português seja reconhecido por grande parte da população matienha, o mesmo não acontece em relação as autoridades locais, regionais e nacionais no sentido de promover um estudo mais aprofundado sobre a situação da língua em território boliviano.

A respeito do contato histórico entre o português e o espanhol na fronteira entre Mato Grosso e Bolívia, Ramírez Luengo (2012), em sua pesquisa sobre a configuração léxica do espanhol do oriente boliviano no século XVIII, a partir da análise do diário do coronel Antonio Seoane de los Santos sobre sua viagem até a Província de Mato Grosso, destaca a presença de lusismos nos contatos produzidos nessa zona dentro de “(...) territorios separados por una frontera poco delimitada y sumamente permeable¹⁷”, favorecendo a aparição de um léxico bastante mesclado.

Dos lusismos encontrados, o autor cita o *marineirismo* “banda” com o sentido de “lado”, “copayero” (copaíba) referente a planta medicinal, “sarao”, reunião noturna de pessoas para dançar divertir-se, “cahuelas” oriundo de “cachoeiras”, “matriz” fazendo referência a igreja, *cadea* (cárcel) e *seca* (sequía).

Sanabria Fernandez (1998) sustenta a tese de que a configuração léxica da variedade boliviana oriental do espanhol se consolidou no século XVIII com a presença de indigenismo, americanismos, bem como um certo número de lusismos.

Além disso, explica que durante o período da borracha, houve um intenso contato entre brasileiros e bolivianos na região amazônica, produzindo como efeito, uma forte influência do português no *espanhol cruceño*¹⁸. O autor chama a atenção para a formação do diminutivo *ingo* que teria sido originado da forma *inho* do português, como na palavra *chiquitingo* (pequenino).

Em San Matias, a base do vernáculo da língua espanhola falada pelos matienhos é o espanhol cruceño, também conhecido como *espanhol cambia*:

El término “camba” de referirse a una persona o etnia en particular a fines del siglo XVII, durante el siglo XVIII pasó a designar al indígena de la provincia de Moxos o de la gobernación de Santa Cruz. Durante el siglo XIX su uso fue tergiversado adoptando una connotación más negativa para, en el siglo XX, recuperársela como una identidad etnocultural y una construcción sociopolítica principalmente por el pueblo cruceño. Tiene su origen etimológico en el término guaraní “cuimbae” que en el contexto sociolingüístico regional significa “hombre amigo”, “gran señor” o “señor honorable”, “hombre valiente”. Por tanto, hoy lo vivimos con esos sentidos.

¹⁷“(…) territórios separados por uma fronteira pouco delimitada e grandemente permeável” (TN).

¹⁸Variedade de espanhol falado em Santa Cruz de la Sierra.

Por eso, el cambia, el auténtico, se autodefine como “amigo honorable”¹⁹ (MOSQUEIRA, 2008, p.16).

O *espanhol cambia* é uma variedade de castelhano com substrato indígena, com traços arcaicos trazidos da zona da Prata, isto é, da Argentina, Uruguai e principalmente Paraguai, visto que os primeiros colonizadores do oriente boliviano eram espanhóis vindos de Assunção, o que poderia justificar, por exemplo, o uso da palavra guaraní “che” na fala dos matienhos até hoje, como na saudação mesclada com a marca de articulação discursiva do português *daí* junto com a lexia do guarani *che* “¿Daí che?”²⁰.

O *espanhol matienho* traz uma memória do *espanhol cambia*, da língua chiquitana, do guaraní e do português. Os matienhos, por exemplo, utilizam tanto o diminutivo *ingo* quanto o *inho*, sobretudo para tratar de forma gentil e carinhosa uma pessoa, como em *Robertiño*, *Ricardiño*, etc.

Esses traços denotam um forte processo de empréstimos e convergências linguísticas do português como língua fonte e do espanhol como língua receptora, que como vimos é resultado de contatos históricos entre portugueses e espanhóis, posteriormente entre bolivianos e brasileiros, entrecruzados com a participação de diferentes etnias indígenas, que também contribuíram para a formação de uma variedade de português falada na fronteira com a Bolívia, neste caso do português falado em Cáceres, doravante, variedade cacerense.

Macedo-Karim (2012) explica que o português mato-grossense da zona de colonização, constituída principalmente por Cuiabá e por extensão Cáceres, teriam como base a variedade do português medieval falado pelos bandeirantes colonizadores que contribuíram para a expansão da língua portuguesa na fronteira oeste.

De acordo com Santiago-Almeida (2009), o uso das consoantes africadas [tʃ] e [dʒ] por exemplo, como em *chuva* [ˈtʃuva] e *gente* [dʒenti] que caracterizam o falar mato-grossense da região onde a colonização foi mais intensa, remonta a fases anteriores do português europeu e continuam presentes nos dias atuais em muitos municípios que circunscrevem a baixada cuiabana.

¹⁹“O termo “cambia” é usado para referir-se a uma determinada pessoa ou grupo étnico do final do século XVII, e durante o século XVIII passou a designar os indígenas da província de Moxos ou do governo de Santa Cruz. Durante o século XIX o seu uso foi deturpado, assumindo uma conotação mais negativa, para no século XX, ser recuperada como uma identidade etnocultural e uma construção sociopolítica principalmente por parte do povo Santa Cruz. Tem sua origem etimológica no termo guarani “cuimbae” que no contexto sociolinguístico regional significa “homem amigo”, “grande senhor” ou “senhor honrado”, “homem valente”. Portanto, hoje vivemos com esses sentidos. Por isso, o cambia, o autêntico, se define como um “amigo honrado”.

²⁰Podemos também supor que o uso de “che” poderia estar relacionado a presença de paraguaios em San Matias no transcurso de seu desenvolvimento (efeito imigratório).

Para Dunck-Cintra (2002, p.08), o falar cuiabano estaria relacionado ao contato com os índios bororo:

Quando os bandeirantes aqui chegaram, encontraram o território da baixada cuiabana densamente habitado pelo povo da nação bororo. O que restou da nação bororo, em consequência do modelo predatório de colonização empreendida pelos bandeirantes, viu-se obrigada a interagir com os colonizadores, quer como escravos, quer como membros das famílias. Desse contato interétnico intenso e duradouro entre falantes do português do século XVIII e o povo resultou, na região, o modo de falar que tem, dentre os seus traços típicos, as africadas [tʃ/] e [dʒ] no seu sistema fonológico. Assim, as antigas africadas portuguesas trazidas para o Brasil pelos colonizadores do século XVIII e propagadas pelos bandeirantes pelas regiões por onde passavam, podem ter sobrevivido na baixada cuiabana, por terem encontrado o respaldo fonético na língua bororo.

De acordo com Cuéllar e Yavarí (2008), os bororo foram os primeiros habitantes de San Matias antes de sua fundação (1844), se estabelecendo na região conhecida antigamente como Salinas, espaço este, que por muito tempo foi alvo de disputa entre o Império brasileiro e o governo republicano boliviano até a definição final dos limites entre o Brasil e a Bolívia.

Aliados a outros grupos indígenas, como os chiquitanos, os bororos contribuíram para o povoamento da fronteira boliviana sob o comando do Coronel Sebastião Ramos. Muitos desses indígenas fugiram da região de Cáceres para as terras que viriam a pertencer a San Matias, por conta de maus tratos que recebiam nas fazendas brasileiras.

Cuéllar e Yavari (2018, p.30) esclarecem que “esta tribu de Bororó no incurrieron en casi nada en la historia del pueblo, en su formación, en su organización, crecimiento demográfico, etc” (CUÉLLAR e YAVARI, 2018, p.30)²¹. Entretanto, podem sinalizar em termos linguísticos, uma possível influência do português que falavam na região de Cáceres para San Matias²².

Os municípios bolivianos que fazem parte da Chiquitania, como San Matias, carregam dentro de seus repertórios lexicais elementos do português. Entretanto, o fato de San Matias estar localizado na fronteira e por estabelecer uma relação forte com Cáceres, fez com que o *espanhol matienho* tivesse características da variedade cacerense, como podemos atestar com três exemplos apresentados por Cuéllar e Yavari (2008):

²¹ Os bororo não contribuíram com quase nada na história do povoado, em sua formação, em sua organização, crescimento demográfico, etc (TN).

²² Pouco se sabe sobre a presença bororo em San Matias. Há uma carência enorme de estudos sobre esse tema.

Quadro 02: Empréstimos lexicais da variedade cacerense

Espanhol Matienho	Significado proposto pelos autores	Registro em dicionários brasileiros e considerações	Registro em Cáceres
¡Asoco!	Expresión de asombro	Não encontramos registros em dicionários.	Em Cáceres, se utiliza <i>Sóco!</i> para expressar assombro como por exemplo, <i>Sóco!Que bicho mais feio!</i>
¡Aboti!	Expresión de desacuerdo	<i>Vôte!</i> Expressão de espanto e de medo. <i>Dicionário Cuiabanês (2000)</i> , de William Gomes	Assim como em Cuiabá, em Cáceres se utiliza a expressão <i>Vôte!</i> com sentido também de contrariedade como em San Matias, além de ser expressão de medo e espanto como em Cuiabá, por exemplo, <i>Vôte! Não como essa comida de jeito nenhum!</i>
Matula	Tapeque (Merienda seca que se consume en el lugar del trabajo en ámbitos rurales ²³).	Comida levada no sapicuá ²⁴ para o trabalho no campo. <i>Dicionário Pantanerês (2014)</i> de Leandro A. Fernandes.	Matula é a merenda típica do pantaneiro cacerense. Trata-se de um termo usual na zona rural e na fronteira.

Fonte: Quadro elaborado pelo autor com base em Cuéllar e Yavari (2008), Gomes (200) e Fernandes (2014).

Nos exemplos acima, podemos observar traços da cultura mato-grossense e pantaneira presentes no espanhol matienho, reforçando a ideia da porosidade da fronteira marcada por experiências e vivências dos sujeitos fronteiriços. Além dessas expressões, diferentes lexias também incorporaram ao léxico matienho como veremos mais adiante na seção de análise dos dados obtidos através da aplicação do questionário da pesquisa.

O português tem sido historicamente uma grande fonte para o espanhol matienho, pelas relações de intercâmbio e expansão linguística ocorrida nos processos de ocupação e delimitação da fronteira que resultou na manutenção do PFB.

²³ Fonte: <https://www.definiciones-de.com/Definicion/de/tapeque.php>. Acesso em 04/11/2021.

²⁴ Bolsa típica do pantanal para carregar matula (FERNANDES, 2014, p.21)

A influência do português sobre o espanhol matienho, especialmente em âmbito lexical carece de mais estudos, razão que justifica esta tese em procurar mapear os usos lexicais fronteiriços e verificar interinfluências de uma língua sobre a outra.

Muitas palavras do português foram incorporadas no léxico matienho por influência dos meios de comunicação, sobretudo, da televisão, da internet, através das redes sociais como podemos observar nos exemplos abaixo retirados da página *Soy matieño*:

Figura 06: Meme que ilustra o uso do português em San Matias



Fonte: <https://www.facebook.com/soymatieño>.

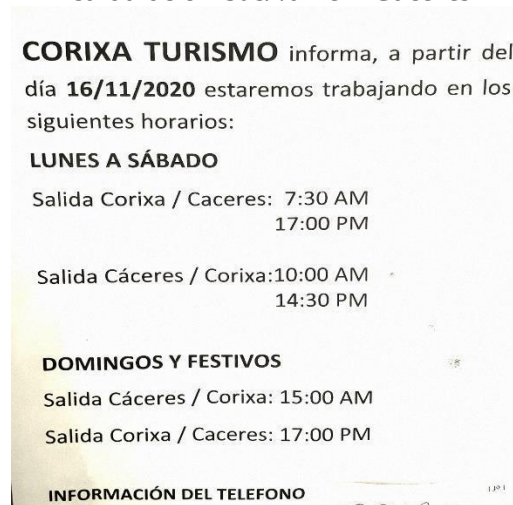
O meme busca evidenciar que o português é uma língua também falada pelos matienhos, e o segundo personagem deixa claro que está cansado de fingir essa realidade.

De acordo com Sturza e Tascht (2017, p.85), “(...) usar uma língua mesclada ou tomar de empréstimo palavras e expressões é parte de ser fronteiriço”, e o conjunto lexical que se forma singulariza a variedade, neste caso, o espanhol matienho.

Em termos linguísticos, o uso do português se manteve em San Matias. Já em Cáceres, o uso da língua espanhola ficou restrita as comunidades lindeiras e a alguns contextos específicos de uso, a saber: algumas instituições públicas/privadas de ensino que ofertam o espanhol como língua estrangeira; em espaços com concentração de imigrantes bolivianos como no antigo “camelô²⁵”, na praça da feira e no ponto de ônibus/van que faz o percurso Cáceres-San Matias como podemos verificar no cartaz abaixo:

²⁵Espaço dedicado ao comércio tanto de brasileiros quanto de bolivianos em Cáceres.

Figura 07: Cartaz escrito em espanhol no ponto de saída de ônibus/van em Cáceres



Fonte: Arquivo pessoal do autor.

Em Cáceres há poucos espaços de circulação do espanhol. O cartaz acima visa atender os passageiros bolivianos que utilizam os serviços da empresa, porém, o mesmo não ocorre em outros espaços, a diferença de San Matias em que o português circula tanto pela oralidade quanto por meio da escrita:

Figura 08: Circulação do português em San Matias através da escrita



Fonte: Arquivo pessoal do autor.

As duas imagens apresentam duas propagandas distintas, uma de picolé e a outra de poços artesianos. A questão que se coloca diante das imagens é: por que as propagandas não foram escritas em espanhol? A resposta a essa questão pode estar relacionada ao tempo de exposição dos matienhos ao português, fator que contribuiu para que desenvolvessem diferentes competências na língua, situação bem distinta dos cacerenses, que na maioria das vezes recorrem a um discurso multilíngue para comunicar-se (MATESANZ, 2019).

Temos uma relação de contato linguístico entre o português e o espanhol bastante díspar nessa fronteira. Do lado boliviano, uma sociedade bastante plurilíngue e do lado brasileiro prioritariamente monolíngue.

Segundo Lipski (2011, p.84), “(...) dentro do Brasil fala-se o português exclusivamente, sem traços de contato com o espanhol. A situação é diferente nos países vizinhos hispanofalantes, onde por razões históricas e contemporâneas ocorrem *variedades híbridas* dentro das suas fronteiras, como é o caso do PFB.

Embora o português não seja reconhecido pelo INE, é notório o seu uso diário pela população e seu impacto sobre a relação entre zona urbana e zona rural fronteiriça, visto que a primeira tende a usar mais o espanhol que a segunda.

No caso de Cáceres, o espanhol é reconhecido, porém, pelas condições históricas de produção de monolinguajamento no Brasil – mais precisamente o *abrasileiramento* dessa fronteira - não é falado pela maioria dos cacerenses (OLIVEIRA, 2016; SILVA, 2012).

Há, um preconceito velado sobre a Bolívia que reflete sobre a língua espanhola. Embora o país apresente uma diversidade cultural riquíssima a ser conhecida, os discursos mais recorrentes em Cáceres dizem respeito ao narcotráfico, a criminalidade, contrabando, enfim, a aspectos negativos que reduzem San Matias a um lugar perigoso.

Nesta seção, procuramos demonstrar a relação díspar que ocupam as línguas portuguesa e espanhola na fronteira entre Cáceres e San Matias. A diferença é justificada pelas condições históricas de produção de uso de cada uma em contextos gerais e específicos. Compreender essas distintas posições, nos ajuda a pensar melhor sobre os efeitos do contato linguístico no léxico de brasileiros e bolivianos.

SEÇÃO III

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

3.1. Contato linguístico

Falar sobre contato linguístico significa debruçar a respeito de uma série de questões complexas que vão além do nível linguístico, pois, envolvem aspectos sociais, culturais, econômicos e principalmente políticos.

Nesse sentido, nossa tese se inscreve dentro de uma perspectiva trabalhada por Sturza (2017, p.83) que vê “(...) o contato linguístico não como resultado de um efeito externo das línguas sobre os falantes, e sim que os sujeitos falantes estão expostos às línguas e que, na fronteira, as usam também para marcar uma identidade fronteiriça”, portanto, fazem uma escolha política.

De acordo com Thomason (2001, p.06), “os idiomas estão em contato certamente há milhares de anos, e provavelmente desde o início da humanidade, portanto, os humanos falavam mais de um idioma”.

O ser humano por razões climáticas, de sobrevivência, de lutas por poder sempre procurou novos espaços, consolidou territórios, demarcou fronteiras dentro de ambientes amigáveis, porém na maioria das vezes conflituosos.

O contato linguístico é resultado, por exemplo, de processos de colonização, de comércio, de expansão territorial, de prestígio de uma língua sobre outra, de educação, de influência econômica de um país sobre outro, de religião, de casamentos interétnicos, de assimilação cultural, de meios de comunicação, de dupla nacionalidade, de mecanismos de fiscalização, de imigração, etc.

Para Sala (1986), o contato linguístico é um fenômeno que acontece em todas as regiões da terra, pois dificilmente uma língua fica completamente isolada. O contato pode acontecer no mesmo território (contato direto) ou em territórios vizinhos, sendo mais evidente em zonas fronteiriças (contato indireto).

Segundo Lafin (2011, p.10) “quando se fala em línguas em contato, é inevitável que se pense logo em fronteira. Evidente está que nem todo o contato entre língua se dá em fronteira, mas que, sim a fronteira é um lugar em que tal fenômeno inevitavelmente ocorre”. Além disso, é importante considerar as especificidades do contato:

Cada situação de contato é única e é relativizada pelo contexto de aquisição das línguas e pelo seu uso em diferentes situações de comunicação, consolidadas em diferentes domínios de uso (familiar, social, educacional, profissional, administrativo, comercial, entre outros). Por serem fluidas, as situações de contato se modificam no decorrer da vida dos indivíduos envolvidos. Portanto, toda situação de contato envolve diferentes perspectivas históricas, sociais, geográficas, políticas, glotopolíticas e educacionais (SAVEDRA *et al*, 2021, p.05).

Reis (2013), ao estudar o contato linguístico na fronteira Brasil-Paraguai percebeu que a aquisição de línguas dentro daquele espaço fronteiriço difere de um processo de aquisição espontânea, visto que os contatos linguísticos se impõem ao ambiente físico-cultural do falante.

Nesse sentido, é importante destacar que o fato de haver essa imposição linguística no espaço fronteiriço brasileiro-paraguaio, não significa que seja algo recíproco em outras fronteiras, já que cada espaço fronteiriço possui uma dinâmica própria de contato linguístico.

Na fronteira entre San Matias e Cáceres, por exemplo, as condições de produção de imposição linguística conduziram a predominância do português sobre o espanhol, através da colonização, da expansão brasileira, das políticas de *abrasileiramento* na fronteira efetuadas ao longo do tempo por parte do governo brasileiro.

O português representa nessa fronteira uma *língua de prestígio* para muitos matienhos, visto que facilita o acesso à rede pública de ensino de Cáceres, a serviços médicos, ao comércio, a trabalhos e principalmente a assuntos relacionados a dupla nacionalidade, a direitos adquiridos, a programas do governo brasileiro.

No caso da fronteira entre Brasil e Uruguai, o uso do portunhol é definido como:

(...) uma língua resultante do contato linguístico entre o Português e o Espanhol e é identificada como uma língua de contato, mas também como uma língua étnica de falantes de comunidades fronteiriças da região norte do Uruguai com o extremo sul do Brasil (STURZA, 2019, p.96).

Matensaz (2019) faz duas distinções importantes a respeito do portunhol: considera o *portunhol inestável* como interações discursivas entre falantes de espanhol e português nas quais ocorrem fenômenos de contato e de aquisição de uma segunda língua e *portunhol estável* como resultado do contato linguístico entre o português e o espanhol, variando e recebendo diferentes nomes conforme a zona de contato.

O portunhol assim, como outras práticas linguísticas caracterizam o plurilinguismo presente nas fronteiras:

O contato de línguas é um fenômeno com que muitas etnias convivem no dia-a-dia de sua história linguística, pois as faces das línguas/variedades são reveladas nesse encontro e põem à mostra a complexidade e dinamicidade de uma língua natural em funcionamento. Várias situações complexas surgem no processo da interação discursiva e se tornam desafios para os estudos linguísticos. Embora o fenômeno seja de natureza linguística, existem fatores sociais, psicológicos, culturais, históricos, políticos e geográficos que influenciam a configuração linguística de um grupo social (TAKANO, 2013, p.68).

Nessa perspectiva, Reis (2013, p. 47) chama a atenção para o fato de que “(...) as línguas não respeitam espaços geofísicos, pois migram com as pessoas, por razões históricas enraizadas nos processos de sua formação e, assim, entram em contato inevitavelmente”. Essa migração pode ser vista como positiva ou negativa, ou seja, como um projeto de integração ou como uma ameaça a unidade social, cultural e linguística da comunidade.

O contato entre o português e o espanhol na fronteira entre Cáceres (Brasil) e San Matias (Bolívia), por exemplo, resulta de processos que aglutinam aspectos históricos, geográficos, culturais, econômicos, sociais, educacionais, migratórios e políticos entre brasileiros e bolivianos desde o século XIX e que ecoam sobre o léxico dos sujeitos fronteiriços nos dias atuais produzindo efeitos paradoxos de aproximação e distanciamento do português e do espanhol. Não se trata apenas de um efeito linguístico de contato, mas também político.

Entendemos por efeito político, os discursos que materializam a divisão de línguas na fronteira, que sustentam o imaginário de unidade linguística, que reproduzem estereótipos, que determinam escolhas linguísticas. Nesse sentido, os sujeitos fronteiriços brasileiros e bolivianos evidenciam como se relacionam com a(s) língua(s) que falam – ou que não sabem falar – bem como, com o espaço no qual estão inscritos (PAYER, 2009; STURZA, 2017; GUIMARÃES, 2006; DI RENZO, 2005; SILVA, 2012).

O contato linguístico é visto nesta tese como um efeito de circulação de línguas que transitam dentro de um espaço controlado, porém poroso, que pode refletir em um léxico interinfluído ou não.

De acordo com Reis (2013, p.48-49), “(...) independentemente da quantidade de línguas que estejam em contato num espaço determinado, haverá o contato, mesmo que de forma sutil”, ou seja, “os falantes interagem e ao interagirem atuam sobre a linguagem e assimilam, ao menos, usos e funções específicas”.

Essa assimilação acontece em virtude da produção de diferentes fenômenos linguísticos decorrentes do contato linguístico, como por exemplo, bilinguismo, plurilinguismo, multilinguismo, entre outros.

Assim, mesmo que o brasileiro não saiba espanhol ou o boliviano o português, haverá uma assimilação de formas linguísticas diferentes da língua que utilizam nas interações, principalmente em âmbito lexical, cujos usos podem produzir atitudes linguísticas de aceitação ou de rejeição dentro das comunidades de fala.

Savedra *et al* (2021) explica que os fenômenos de contato linguístico estão relacionados a mudanças induzidas pelo contato, a manutenção de línguas em contextos minoritários, a deslocamento, substituição e morte de línguas, bem como a criação de novas línguas.

Antes do advento da Sociolinguística, o contato linguístico era objeto de estudo dos chamados neogramáticos que procuravam explicar como as línguas mudam no tempo a partir de fatores intralinguísticos.

Para isso, desenvolveram um método intitulado histórico-comparativo com o qual tentaram produzir uma cronologia de evolução das línguas. De acordo com Faraco (1991), os neogramáticos foram os grandes responsáveis pela construção das leis fonéticas (leis naturais), que por sua vez, deram sustento para entender as diferenças entre as línguas.

Para os neogramáticos a diversidade dialetal significava um ponto negativo para a universalização das leis fonéticas, por essa razão, a noção de diversidade linguística não era aceita ou trabalhada.

Vinculados, em sua maioria à Universidade de Leipzig (Alemanha), os neogramáticos afirmavam que todas as mudanças fonéticas só poderiam ser explicadas pelas leis que haviam formulado, sem possibilidade de exceções.

Assim, tudo aquilo que não poderia ser explicado conforme as leis fonéticas, deveria ser explicado por analogia, ou seja, por uma perspectiva psíquico-física, que evoca até os dias atuais a noção de “interferência” de uma língua sobre a outra, em que muitos fenômenos linguísticos são tratados como “erros”, “desvios” e não como formas resultantes do contato.

Foi no final do século XIX, com o surgimento do Positivismo e de outras correntes filosóficas, que a noção de mudança linguística passou a levar em consideração não somente fatores intralinguísticos, mas também extralinguísticos.

Linguistas como o italiano Graziadio Isai Ascoli (1829-1907) procuraram rebater a perspectiva neogramatical, pois, considerava a analogia como sendo uma explicação simplista para a diversidade linguística e para as mudanças fonéticas, visto que as causas de variação

dentro de uma palavra poderiam ser de natureza interna, como também externa, devido a contatos dialetais.

Ascoli procurou explicar a mudança linguística levando em consideração a noção de contato linguístico, propondo uma teoria segundo a qual, uma língua imposta por um povo sobre outro sofreria alterações que apareceriam na língua dominante.

Assim, produziu, com efeito, uma nova forma de olhar sobre a mudança linguística e sua ligação com a noção de contato linguístico, considerando fatores sociais, culturais, étnicos, religiosos entre outros que contribuíram para a compreensão da organização de sistemas linguísticos em confronto.

Nessa perspectiva, as línguas mudam não somente por razões internas, isto é, fonéticas, morfológicas, sintáticas, mas também por contato entre povos e suas línguas. A história de diferentes povos envolve fatalmente o contato de línguas, e nesse sentido, estudar uma língua em contato significa levar em consideração as condições de produção do contato.

Em 1884, o linguista Hugo Schuchardt afirmou que “não há línguas puras”, pois o contato de uma língua com outra provocaria algum tipo de mudança (PAIXÃO DE SOUSA, 2006, p. 17). A abordagem deste pesquisador abriu caminho para questões externas a mudança linguística que viriam a ser estudadas no século XX pela Sociolinguística, contrariando a perspectiva neogramatical que desconsiderava as diferenças linguísticas dentro de uma comunidade linguística.

De acordo com Appel e Muysken (1996), o estudo sobre línguas em contato ganhou força a partir de 1950 através das obras *Language in Contact* (1953) de Uriel Weinreich e *The Norwegian Language in America, a study in Bilingual Behavior* (1953) de Einar Haugen que propuseram novas perspectivas teóricas e metodológicas para compreender os fenômenos linguísticos decorrentes do contato linguístico.

Weinreich (1986[1953]) procurou explicar que línguas em contato indicam processos de alternância de códigos, e que tal fenômeno estaria relacionado ao funcionamento psicolinguístico do falante, ou seja, a língua só existe nas mentes de seus usuários.

Haugen (1953) trabalhou o contato linguístico a partir de uma perspectiva ecológica (ecologia da língua) e política (planejamento linguístico), com a formulação do conceito “política linguística”. O autor estudou as interações entre língua e meio ambiente, sendo este a sociedade que a usa como um de seus códigos.

Tanto a proposta de Weinreich (1953) quanto a de Haugen (1953) consideram que o contato linguístico só pode ser discutido a partir da interação entre falantes (perspectiva

psicolinguística) em um determinado ambiente social (ecologia da língua), já que as línguas não entram em contato diretamente, e sim os povos, os indivíduos.

Em 1982, John J. Gumperz contribuiu para novas formas de se pensar o contato linguístico, a partir de noções de *code switching* (alternância de código), bilinguismo e multilinguismo.

A alternância de código passa a ser vista não como um erro de desempenho, mas como um fenômeno presente dentro de uma relação de contato linguístico como adaptação comunicativa em contextos de bilinguismo ou plurilinguismo, em que dentro de um enunciado estão presentes formas justapostas dos dois sistemas gramaticais distintos.

Esse fenômeno, também conhecido como *language alternation* ou *code-mixing* busca dentro do discurso do falante bilíngue, segundo Grosjean (1982), manter a conversação, preencher lacunas de vocabulários, e de um modo geral marcar a identidade do locutor em relação ao interlocutor.

Com os trabalhos de Fishman (1965) e de Labov (1966), o contato linguístico passou a ser estudado para além do aspecto individual, isto é, consideravam os fatores sociais na relação entre línguas em contato.

Os trabalhos de Thomason (2001) e Winford (2003) contribuíram para demonstrar que o contato linguístico só é possível se houver interação entre os falantes, que envolve uma relação de embate entre as línguas, visto que, uma geralmente exerce mais força sobre a outra, podendo produzir como efeito a morte ou a manutenção de uma das línguas em contato.

De acordo com Winford (2003), a manutenção de uma língua significa sua preservação intergeracional mesmo em contato com outras línguas, podendo influenciar ou ser influenciada, por exemplo, através de empréstimos linguísticos, situações de *code-switching* ou de convergência, como ocorre em relação ao PFB.

Segundo Couto (2009), uma língua é considerada forte por razões econômicas, culturais, políticas, de prestígio. Esses atributos fazem com que influencie e se imponha diante da língua mais fraca, geralmente minoritária, ou seja, sem o devido reconhecimento por parte do Estado e da comunidade linguística da qual faz parte.

Para Savedra *et al* (2021), a possibilidade de desaparecimento de uma língua minoritária diante da força que exerce uma língua de prestígio é bem grande. A *glotofagia* ou *genocídio linguístico* é um fenômeno presente em diferentes sociedades, através da imposição de uma língua sobre a outra por razões econômicas, jurídicas e ideológicas.

A colonização linguística peninsular é um exemplo de produção de glotofagias na América. Inúmeras línguas indígenas foram extintas em função da imposição da língua dos

colonizadores. Na fronteira entre Cáceres e San Matias, por exemplo, a língua falada pelo povo bororo desapareceu devido ao processo colonizador português. Atualmente, há outras línguas que correm grande risco de desaparecer como a língua chiquitano.

Thomason (2001) explica que a história sociolinguística dos falantes é o principal fator determinante do resultado linguístico do contato entre línguas e que os fatores puramente linguísticos são relevantes, porém estritamente secundários.

Muitos desses conceitos são discutidos na Sociolinguística de Contato, uma vertente da Sociolinguística com um olhar multidisciplinar voltado para o contato linguístico, que busca explicar os fenômenos linguísticos de contato, considerando tanto fatores internos quanto externos na produção de determinados fenômenos, como o caso da variação.

3.2.A Sociolinguística

A Sociolinguística de contato busca estudar situações de contato linguístico a partir do referencial teórico da Sociolinguística, com ênfase na variação e mudança linguística que resultam do contato de línguas em diferentes contextos, que pode variar conforme o tipo de contato, a intensidade, bem como as características históricas, geográficas e políticas (HEYE E SAVEDRA, 2003 *apud* SAVEDRA *et al*, 2021).

De acordo com Salas (1986), o método sociolinguístico repensa a questão sobre línguas em contato, partindo do pressuposto que a língua é heterogênea e variável e que as mudanças estão presentes na existência da variedade.

Para López (1997), dentro dos estudos da Sociolinguística há uma grande discussão a respeito do contato linguístico, em função do surgimento de diferentes comunidades multiculturais e plurilinguísticas que, na maioria das vezes, compartilham o mesmo território geográfico, ou tem o território dividido, como é o caso dos espaços fronteiriços.

A Sociolinguística²⁶ compõe um dos campos de estudos da Linguística que olha para a relação entre língua e sociedade, ou seja, busca a partir da compreensão da dinâmica social explicar diversos fenômenos linguísticos produzidos em diferentes contextos de uso,

²⁶O termo *Sociolinguistics* foi empregado pela primeira vez num artigo de Harvey C. Currie, publicado em 1952 com o título “A Projection of Sociolinguistics: the Relationship of Speech to Social Status” (reimpresso em 1971), mas viria se firmar definitivamente na década de 1960, nos Estados Unidos, onde a disciplina (ou, melhor, o conjunto de disciplinas que reivindicavam para si o rótulo de *sociolinguística*) se desenvolveu, sobretudo graças aos trabalhos de William Labov, considerado por muitos como o fundador, senão da Sociolinguística em sentido amplo, ao menos de seu ramo mais conhecido e praticado, a Sociolinguística Variacionista (BAGNO, 2017, p. 424).

considerando as características dos falantes (idade, sexo, nível de escolaridade, etc) dentro de um tempo/espaço determinado.

O termo Sociolinguística foi proposto na década de 1950 para relacionar os aportes teóricos da Linguística e da Sociologia em uma única disciplina, a fim de produzir pesquisas que se ocupassem da interrelação entre língua e sociedade (ROMAINE, 1996).

Seu surgimento está relacionado com a publicação de diferentes trabalhos apresentados em um congresso organizado por William Bright na Universidade da Califórnia (Los Angeles) em 1964 (MACEDO-KARIM, 2012).

As discussões produzidas no evento deram vazão a novos conceitos e metodologias que conduziram a importantes projetos de pesquisa que mudariam a visão de muitos linguistas sobre o papel da fala, do social, do extralinguístico, fatores excluídos, pela chamada Linguística interna (ALKIMIM, 2001). Nesse sentido, é fundamental considerar aspectos sociais para compreender a língua:

O aspecto social da linguagem, individual e por isso heterogêneo e exterior ao sistema, ficou, de certo modo, relegado a segundo plano pelos linguistas de primeira hora (Saussure, Bloomfield, Jakobson, Noam Chomsky) e somente veio a ser retomado de forma sistemática a partir da instituição de outras áreas de interesse. Nesse cenário, surgem trabalhos como os de William Bright (1966), J. A. Fishman (1972) e, sobretudo, as pesquisas do linguista americano William Labov (1966), que inauguraram uma nova área de estudos, a Sociolinguística, seja sob a perspectiva variacionista (LABOV, 1966), seja sob o ponto de vista interacional (GUMPERZ, 1996) (ROMANO, 2014, p.136).

A Sociolinguística surge como uma área de estudos linguísticos preocupada com as relações entre a linguagem e a sociedade, propondo metodologicamente novas formas de compreender a língua em uso e seu processo de mudança linguística.

O trabalho de Labov (2008, [1972]), por exemplo, contribuiu para o fortalecimento da Sociolinguística, bem como, de diferenciá-la da chamada linguística interna, representada principalmente pelo estruturalismo (Saussure) e o gerativismo (Chomsky), que se voltavam para o estudo da língua enquanto, sistema homogêneo e abstrato, ao passo que, a sociolinguística – ou linguística externa – está voltada para a natureza heterogênea da língua e seu contexto social.

Além disso, procurou descrever e sistematizar a variação, a partir de um modelo de análise que deu origem a chamada “Sociolinguística variacionista”, por tratar os dados de maneira estatística e por considerar a abordagem quantitativa como imprescindível para

estabelecer correlações entre os fatos linguísticos e sociais por meio de valores probabilísticos, que permitem ter uma visão mais ampla sobre a concorrência das variantes independente do *corpus* estudado.

Nesse sentido, os resultados obtidos da análise conduzem a produção de regras gramaticais variáveis dada a heterogeneidade da língua e aos diferentes condicionadores externos atuantes, portanto, trabalha-se com a ideia de um sistema linguístico de probabilidades, onde se tem regras variáveis, diferente da perspectiva estruturalista e gerativo-transformacional, com regras categóricas e fixas.

A variação linguística se constitui como um estado habitual da língua, ou seja, está relacionada a convivência de diferentes modelos linguísticos. Embora, a variação possa indicar uma ideia de “caos”, a Sociolinguística demonstrou que há uma regulação na variação e, que pode ser descrita e analisada (TARALLO, 2002).

É importante salientar que, uma variação não pressupõe uma mudança linguística, mas que toda mudança supõe variação (LABOV, 2008 [1972]). A dinâmica da mudança linguística ocorre quando uma variação linguística afeta formas estáveis da língua, dentro de um processo de disputa, em que uma sai vitoriosa sobre a outra condicionada por fatores externos (TARALLO, 2002).

A variação pode ocorrer em diferentes níveis da língua, ou seja, fonético-fonológico, morfológico, sintático e lexical. Desses, o léxico seja talvez, o mais perceptível, pois, um falante consegue identificar – na maioria das vezes- que palavras pertencem ou não ao seu repertório.

No português brasileiro, por exemplo, observamos uma variabilidade muito grande no léxico de uma região para outra, isto é, em alguns estados se diz *mandioca*, já em outros, *aipim* ou *macaxera* para referir-se ao mesmo tubérculo.

Bagno (2017, p. 470) explica que “(...) a investigação sociolinguística tem demonstrado que a variação não é aleatória, mas sim estruturada ao longo de dimensões linguísticas, estilísticas e sociais”. Segundo o autor, ao entrecruzar as variáveis linguísticas com as variáveis sociais podemos verificar, de modo empírico, a distribuição das variantes dentro de uma comunidade de fala, conseqüentemente, seu progresso (ou não) em direção a uma mudança linguística.

A variação linguística pode estar condicionada a diversos fatores linguísticos e extralinguísticos, como idade, sexo, classe social, região, contexto, uma vez que a língua é heterogênea e instável.

O estudo da variação lexical contribui para descrever a diversidade linguística de uma região, bem como, para perceber como a sociedade constrói sua relação com a realidade a partir de diferentes modos de designação.

De acordo com Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]), um sistema linguístico se caracteriza por sua heterogeneidade ordenada, ou seja, a variação decorre graças a um conjunto de regras. Para Fasold (1984, p.08), “(...) language varies – speakers have more than one way to say more or less the same thing”²⁷.

De acordo com Alkmim (2001, p.21), “linguagem e sociedade estão ligadas entre si de modo inquestionável”. Nesse sentido, a Sociolinguística considera o extralinguístico, e tenta dentro de uma perspectiva social compreender, por exemplo, os fatores que determinam a variação linguística, uma vez que todas as línguas são heterogêneas (MOLLICA e BRAGA, 2004).

Com o surgimento da Sociolinguística, as unidades de análise (fonemas, morfemas, sintagmas, etc) deixaram de ser elementos discretos qualitativos, invariantes, para constituir-se, conforme Labov (2008 [1972]) como unidades variantes de natureza quantitativa com significação social.

O objeto da Sociolinguística é o estudo da língua falada, observada, descrita e analisada em seu contexto social, isto é, em situações reais de uso (ALKIMIM 2001, p. 31). Através do estudo de uma comunidade de fala é possível compreender o contato de línguas, perceber como os indivíduos se relacionam, interagem e compartilham um conjunto de normas em relação aos seus usos linguísticos a partir de diferentes condicionadores sociais.

De acordo com Moreno Fernández (1998, p. 24), uma comunidade de fala está conformada “(...) por un conjunto de hablantes que comparten efectivamente, al menos, una lengua, pero que, además, comparten un conjunto de normas y valores de naturaleza sociolingüística²⁸”, ou seja, compartilham atitudes linguísticas similares, os mesmos usos linguísticos, e um padrão sociolingüístico para todos.

Toda comunidade de fala possui diferentes formas linguísticas que estão em variação denominadas *variantes linguísticas*, ou seja, “diferentes maneiras de se dizer a mesma coisa, com o mesmo valor de verdade”, que uma vez associadas, constituem uma *variável linguística* (TARALLO, 2002, p. 8).

²⁷“(…) a língua varia - os falantes têm mais de uma maneira de dizer mais ou menos a mesma coisa” (TN).

²⁸“(…) por um conjunto de falantes que realmente compartilham pelo menos uma língua, mas que também compartilham um conjunto de normas e valores de natureza sociolingüística” (TN).

Segundo o autor, as variantes sempre estão em estado de concorrência umas com as outras, ou seja, padrão x não padrão, conservadora x inovadora, de prestígio x estigmatizada, podendo ser associadas dentro de uma mesma perspectiva, isto é, uma variante pode ser ao mesmo tempo padrão, conservadora e de prestígio ao passo que uma variante não padrão, pode ser também inovadora e estigmatizada pela comunidade de fala.

Nessa perspectiva, pensar o léxico fronteiriço significa observar a relação de concorrência entre lexias do português e do espanhol (variável dependente), a frequência de uso, verificar a influência de algum fenômenos linguístico de contato, bem como de fatores sociais (variável independente). A respeito do estudo das variáveis:

O conjunto de fatores que exerce influência constitui uma variável, que pode ser concebida como dependente, ou seja, o emprego das variantes não é aleatório, porém influenciado por grupos de fatores (ou variáveis independentes) de natureza social ou estrutural. Assim, as variáveis independentes ou grupos de fatores podem ser de natureza interna ou externa à língua e **podem exercer pressão sobre os usos, aumentando ou diminuindo sua frequência de ocorrência** (grifo nosso) (MOLLICA e BRAGA, 2004, p.11).

A variável “idade”, por exemplo, permite verificar se determinado fenômeno de variação se encontra estável ou em progresso, se mantém um grau maior de resistência pelos falantes – geralmente em falantes mais velhos – ou se possui um caráter mais inovador, como é comum na fala dos jovens.

A variável “sexo/gênero” aporta importantes significações para a análise sociolinguística, uma vez que homens e mulheres atuam de modo diferente dentro da sociedade, levando a modos de falar bastante distintos um do outro.

No caso da variável “escolaridade”, podemos perceber o caráter prestigioso ou estigmatizado que assume as formas linguísticas utilizadas pelos falantes, pois há uma tendência que falantes com um nível de escolaridade maior tendem a usar mais a variedade padrão que aqueles com um nível menor, dado ao processo de escolarização, do ensino gramatical, e de seus efeitos sobre a noção do que seria “certo” ou “errado” tanto na oralidade quanto na escrita.

A variável “classe social” ajuda a olhar para as formas linguísticas em uso de acordo com a estratificação sócio-econômica do falante, ou seja, quanto mais estratificada for a classe social, maior será a tendência ao uso da variedade padrão, ao passo que, quanto menor for a estratificação, maior será o uso de formas linguísticas consideradas estigmatizadas, embora, constituam do ponto de vista linguístico, um sintoma de que a língua está em processo de

mudança, dada as inovações que fogem da norma linguística imposta, com maior efetivação nas chamadas classes intermediárias, pois uma vez alcançada pelas classes mais altas, significa assim, sua implementação.

As línguas estão em constante variação, podendo provocar mudanças ou não, por isso, é comum dizer que o uso de certas formas linguísticas por outras dependem de diferentes condicionamentos, podendo ser internos ou externos.

Entender o condicionamento social significa olhar para o comportamento linguístico e sobre as crenças que os indivíduos carregam sobre a língua que falam, uma vez que suas atitudes linguísticas estão correlacionadas ao modo como estão organizados os valores simbólicos da comunidade.

A língua representa, nesse sentido, todo um arcabouço cultural, um instrumento de transmissão e de intercâmbio dentro da comunidade, portanto, um importante fator de identidade e de coesão.

Bagno (2017, p. 470) explica que “(...) a investigação sociolinguística tem demonstrado que a variação não é aleatória, mas sim estruturada ao longo de dimensões linguísticas, estilísticas e sociais”. Segundo o autor, ao entrecruzar as variáveis linguísticas com as variáveis sociais podemos verificar, de modo empírico, a distribuição das variantes dentro de uma comunidade de fala, conseqüentemente, seu progresso (ou não) em direção a uma mudança linguística.

Além da variação e mudança linguística, interessa também para a Sociolinguística de contato compreender crenças e atitudes linguísticas dos falantes sobre as línguas que falam, bem como sobre outras línguas. Também está no seu escopo de interesse, a situação das *línguas minoritárias*, as desigualdades linguísticas criadas por políticas linguísticas monolíngues que desconsideram a realidade plurilinguística de diferentes povos e nações.

A Sociolinguística busca compreender o que está condicionando o contato linguístico e seus efeitos sobre as línguas (fenômenos de contato) em diferentes níveis linguísticos, como o léxico, objeto desta tese.

3.3.Fenômenos de contato

3.3.1. Bilinguismo e plurilinguismo

Por muito tempo se considerou o bilinguismo ou plurilinguismo como um fenômeno excepcional, porque a ideia de unilinguismo sempre esteve à frente das discussões linguísticas, uma vez que a Linguística estrutural em seu começo deu muito valor a sincronia e a uniformidade qualitativa.

De acordo com Lopez (1997), o termo *bilinguismo* (do latim *bilinguis*, “aquele que fala duas línguas”) é um conceito bastante discutido por diferentes estudiosos da linguagem, visto que não há um consenso sobre como geralmente é definido.

Por muito tempo, o bilinguismo foi considerado como distúrbio da norma linguística, sendo difundido por diferentes teóricos como algo relativo, variável, generalizado e multidimensional (REIS, 2013, p.42-43).

Etxeberria (1995, p.19-36 *apud* López, 1997, p.19-20) destaca algumas classificações e definições comuns de bilinguismo: i) *bilinguismo individual*: afeta o indivíduo e seus condicionamentos psicológicos; ii) *bilinguismo social*: o uso de duas línguas dentro de uma perspectiva coletiva; iii) *bilíngues compostos*: o indivíduo possui um mecanismo de adaptação mental da mensagem da língua A para B ou vice-versa; iv) *bilíngues coordenados*: a mensagem recebida na língua A ou B é entendida em cada língua; v) *bilíngues equilibrados*: indivíduos que possuem um grau de conhecimento idêntico tanto na língua A quanto B; vi) *bilíngues dominantes*: quando o grau de conhecimento é maior na língua materna; vii) *bilinguismo de infância*: quando a criança aprende duas línguas simultaneamente; viii) *bilinguismo de adolescência*: quando se aprende uma segunda língua entre 10/11 anos até 16/17); ix) *bilinguismo de idade adulta*: aprendizagem ou aquisição de uma segunda língua após a adolescência; x) *bilinguismo aditivo*: as duas línguas possuem uma valoração positiva; xi) *bilinguismo subtrativo*: quando uma das línguas – geralmente a materna – é desvalorizada; xii) *bilinguismo bicultural*: quando há o reconhecimento e aceitação de duas realidades culturais tanto da língua A quanto da língua B; xiii) *bilinguismo monocultural*: há um reconhecimento apenas da identidade cultural do grupo no qual pertence o bilíngue.

Em termos individuais, o bilinguismo está relacionado com a competência linguística do sujeito bilíngue que o torna capaz de falar, compreender, ler e escrever tanto na língua

materna quanto na segunda língua. Já em termos sociais, as relações interpessoais ou coletivas importam na hora de utilizar uma língua ou outra.

O bilinguismo está relacionado aos contextos comunicacionais que influenciam o falante bilíngue, podendo ser a influência da vizinhança, do grupo étnico, religioso, ocupacional ou recreativo.

Quando se trata de comportamento social dos bilíngues, mais precisamente na maneira como interage, o autor explica que, podem escolher apenas uma das línguas que domina ou utilizar simultaneamente mais de uma. Essa escolha pressupõe os contextos de comunicação que podem resultar ou não em alternância de códigos.

Fasold (1984) explica que o bilinguismo desenvolve funções linguísticas que decorrem em novas formas de expressão, ou seja, o falante bilíngue não escolhe aleatoriamente qual língua utilizar, na verdade, considera os diferentes contextos comunicativos.

Moreno Fernández (1998) esclarece que é muito difícil estipular uma tipologia para o bilinguismo. Portanto, considera a existência de um bilinguismo ativo e de um bilinguismo passivo, de acordo com a capacidade que o indivíduo tem para utilizar a língua, isto é, de forma ativa, dentro das quatro habilidades (falar, ler, escrever e entender), ou de forma passiva, apenas por meio de uma habilidade, que seria a capacidade de entender o que outro fala. De acordo com o autor, é muito difícil encontrar um falante que tenha a mesma competência linguística da primeira língua na segunda.

De acordo com Weinreich (1986 [1953]), o bilinguismo é o hábito de usar duas línguas de forma alternada, e pode ser classificado em três categorias, a saber: bilinguismo coordenado, bilinguismo composto e bilinguismo subordinado. No primeiro, o bilíngue possui o domínio dos dois sistemas de forma separada, no segundo há a diferenciação dos sistemas sonoros, porém sem distinguir os significados, e o terceiro, a estrutura da língua B é usada com base na estrutura da língua A.

Silva-Corvalán (1994) esclarece que duas ou mais línguas em contato usadas pelos mesmos indivíduos conduzem a uma situação de bilinguismo, e acrescenta que é difícil identificar um país estritamente monolíngue, sendo a maioria bilíngue ou plurilíngue.

Grosjean (1997) ressalta que há mais bilíngues que monolíngues no mundo e que a aquisição das línguas acontece em diferentes etapas da vida, não somente na infância. Além disso, acrescenta que é comum que um falante bilíngue não seja igualmente fluente nas línguas que fala, e muito menos que seja um tradutor ou intérprete proficiente.

Para Appel e Mysken (2005), línguas em contato constituem de modo inevitável o bilinguismo. Para os autores, o bilinguismo pode ser dividido em *bilinguismo individual* e

bilinguismo social, ou seja, o falante tem a competência de falar tanto a sua primeira língua quanto competência comunicativa para falar uma segunda língua de modo mais abrangente.

O primeiro diz respeito a utilização de duas línguas de forma alternada, enquanto que o segundo, está relacionado a sociedades que utilizam duas ou mais línguas. Dessa maneira, é possível diferenciar situações de bilinguismo, onde podemos encontrar contextos em que todos os falantes são bilíngues, ou ao contrário só alguns são bilíngues.

O bilinguismo também pode ser pensado na capacidade do falante em se identificar simultaneamente com os dois grupos em contato, constituindo o chamado bilinguismo com biculturalismo (VIANA, 2019).

Também pode representar um período de contato entre duas línguas. Em caso de bilinguismo assimétrico, produz-se como efeito o fenômeno de *language shift*, ou seja, de *mudança de língua*, em que a língua dominante ocupa o lugar da língua dominada.

Nesta tese, optamos pela perspectiva trazida por Savedra e Perez (2017), que trabalham com os conceitos de *plurilinguismo individual* e *plurilinguismo social*, por considerarem que o falante significa e é significado por diferentes línguas no plano individual e coletivo ao mesmo tempo, coadunando com o modo como pensamos o contato linguístico na fronteira.

Para os autores, *plurilinguismo individual* é empregado para situações nas quais indivíduos falam mais de uma língua, enquanto que o *plurilinguismo social*, para contextos onde se falam mais línguas.

A noção de plurilíngue, é nesse sentido, análoga à de bilíngue, ou seja, se refere ao uso de mais de uma língua em diferentes contextos comunicacionais. Dessa maneira, interpretamos que os sujeitos fronteiriços são ao mesmo tempo plurilíngues individuais e sociais.

Matesanz (2019) chama a atenção para o fato de que tanto monolíngues, bilíngues ou plurilíngues produzem discursos distintos a depender do nível de consciência linguística que possuem. Assim, aceitação de um determinado discurso, seja ele monolíngue, bilíngue ou plurilíngue, depende da consideração positiva ou negativa que os falantes fazem sobre eles, podendo ser por diversos fatores, tanto pessoal quanto social. O valor dado ao conhecimento de uma ou várias línguas representa uma forma de consciência linguística.

No caso de interação entre falantes nativos ou bilingues, geralmente não pressupõe uma consciência linguística, desde que se reconheça no interlocutor o domínio da L1. Entretanto, nem sempre funciona dessa forma. A autora explica que em contextos de aprendizagem de uma L2, a vontade de praticar uma outra língua entre nativos contribui para que o discurso seja feito na língua que se está aprendendo ou quando se quer demonstrar o domínio da L2 para passar despercebido como nativo.

Nesses dois exemplos, se observa uma consciência linguística sobre qual língua utilizar em contextos específicos. Entretanto, quando a interação é feita entre um nativo e não nativo, além da consciência linguística, está em jogo a avaliação da competência linguística, que quando interpretada como não suficiente para uma comunicação exitosa, recorre-se então a produção de discursos multilíngues.

De acordo com a autora, é muito difícil saber exatamente como a consciência linguística interfere nas decisões dos falantes em contextos mais naturais de comunicação, uma vez que, pessoas mais escolarizadas tendem a refletir melhor as escolhas linguísticas, ou seja, a produção de modelos discursivos monolíngues ou multilíngues.

O discurso multilíngue é um mecanismo operado tanto por falantes monolíngues quanto plurilíngues, especialmente em situações de contato, através das alternâncias linguísticas, mistura de códigos (code mixing) e através de situações discursivas de intercompreensão:

(...) la intercomprensión se entiende como un modelo de interacción comunicativa que genera un discurso multilingüe producido por locutores que no comparten las mismas lenguas (L1, L2) o que tienen una baja competencia lingüística en una segunda lengua común, lo que no les permite un intercambio comunicativo que genere un discurso monolingüe²⁹ (MATESANZ, 2019, p.81).

Dentre os exemplos que Matesanz (2019) traz sobre a produção de discursos multilíngues, está o portunhol inestável, que abarca diferentes fenômenos linguísticos na produção, e que como veremos caracteriza muito mais os cacerenses que os matienhos pelo monolingüismo predominante no município brasileiro.

Nesse sentido, Matesanz (2019) chama a atenção para o fato de que os discursos monolíngues tendem a superar os discursos multilíngues, em função do modo como nossas sociedades estão configuradas, ou seja, dentro de uma perspectiva que tende a homogeneidade e não a diversidade.

²⁹ A intercompreensão é entendida como um modelo de interação comunicativa que gera um discurso multilingue produzido por falantes que não compartilham as mesmas línguas (L1, L2) ou que possuem baixa competência linguística em uma segunda língua comum, o que não os permite troca comunicativa que gera um discurso monolingüe (TN).

3.3.2. Interferência, Transferência e Convergência

A concepção de interferência foi definida inicialmente por Weinreich (1986 [1953]) como um “desvio de norma”, ou seja, o contato de uma língua A sobre uma língua B produz resultados agramaticais, logo, a fala de bilíngues era vista de forma pejorativa.

Palacios (2021) esclarece que muitos estudos sobre contato linguístico pressupunham a noção de interferência como algo negativo e não como efeito do contato entre as línguas. A concepção de aquisição de uma segunda língua (L2) era colocada na maioria das situações como incompleta ou parcial por parte dos falantes - sobretudo bilíngues-, ou seja, através do preenchimento de elementos da língua materna (L1) sobre a L2 como forma de “paliar algum tipo de carência linguística”, incidindo nesse sentido, na ideia que temos de “erro”, de “desvio” que só faz sentido quando consideramos a normatização das línguas.

De acordo com Bagno (1999, p.24): “todo falante nativo de uma língua é um falante plenamente competente dessa língua, capaz de discernir intuitivamente a *gramaticalidade* ou *agramaticalidade* de um enunciado, isto é, se um enunciado obedece ou não às regras de funcionamento da língua”.

Por essa razão, muitos pesquisadores preferem o termo *transferência* em vez de interferência por “suavizar” o termo, embora, partam do mesmo princípio, ou seja, da influência de uma língua A sobre uma língua B.

Para Callisaya (2012, p.19), a interferência linguística diz respeito ao processo de “(...) aproximación o influencia recíproca entre dos variedades lingüísticas”³⁰, podendo se manifestar em qualquer nível linguístico e com diferentes graus de intensidade. Segundo o autor, dentre os efeitos dessa aproximação estariam os fenômenos de *transferência* e *convergência* fônicas, morfossintáticas, **lexicais** e pragmáticas, através de adaptações até a incorporação de novos elementos (grifo nosso).

Segundo Granda (1994 *apud* Apaza Callisaya, 2012), a convergência linguística se caracteriza por ampliar o uso de determinada variante linguística a partir de sua estrutura em consonância com elementos de estruturas homólogas, como é o caso do português e o espanhol, que por possuírem estruturas semelhantes, tal contexto facilitaria do ponto de vista linguístico a convergência lexical.

Moreno Fernández (1998, p. 16) afirma que “(...) la convergencia es una estrategia comunicativa que los hablantes siguen para adaptarse a una situación y al habla de sus

³⁰ “(...) aproximación ou influência recíproca entre duas variedades lingüísticas” (TN).

interlocutores; la *divergencia* es un procedimiento por el que los hablantes acentúan sus diferencias lingüísticas y comunicativas respecto de otros individuos³¹.”

De acordo com Lopez (1997), as situações mais comuns para processos de transferência e convergência ocorrem em áreas geográficas onde a convivência de línguas está relacionada a mecanismos mais ou menos prolongados de contato cultural, social, político, comercial entre outros, deixando “pegadas” nas estruturas linguísticas, principalmente **lexicais** e fonéticas (grifo nosso).

3.3.3. Alternância de línguas

Um dos fenômenos mais comuns dentro dos estudos sobre línguas em contato é o *intercâmbio de códigos*, também conhecido como *alternativa linguística* que ocorre entre duas línguas (LOPEZ, 1997).

Em inglês é chamada de *code-switching* e pressupõe que o falante alterna certas estruturas dentro do mesmo discurso durante a fala. Por exemplo, no enunciado *Ahora no puedo, depois a gente conversa*, verificamos a presença de estruturas do espanhol e do português ao mesmo tempo.

Trata-se de um fenômeno bastante complexo devido aos mecanismos utilizados para produção de formas, aparentemente desordenadas. Por essa razão, o conceito de *plurilinguismo individual e social* permite olhar para essa “desordem” como da “ordem” de fenômenos de línguas em contato.

Silva-Corvalán (1994) explica que a alternância pode ser explicada a partir de fatores externos e internos. Os fatores externos estão relacionados ao espaço físico dos participantes – como a fronteira, por exemplo-, ao tópico de conversação e a identificação étnica.

Os fatores internos dizem respeito a questões estilísticas, metafóricas, a preferência por discursos indiretos, a interjeições, a repetições, ao estilo pessoal do falante.

Para Appel e Muysken (1996), a alternância de línguas pode se dar de forma emblemática, isto é, através de questionamentos ou exclamações no início do discurso, de forma intra-sentencial – no meio da sentença-, e inter-sentencial, quando duas sentenças se alternam.

³¹“(…) a convergência é uma estratégia comunicativa que os falantes seguem para se adaptarem a uma situação e à fala de seus interlocutores; divergência é um procedimento pelo qual os falantes acentuam suas diferenças linguísticas e comunicativas em relação a outros indivíduos” (TN).

A alternância de línguas é motivada, quando o sujeito plurilíngue se sente mais seguro em uma das línguas para tratar algum assunto específico, quando não quer que outros entendam o discurso ou contrariamente, para fazer com que uma pessoa de fora possa entender.

No caso das fronteiras, é comum que o sujeito plurilíngue tende a alternar as línguas que fala a depender das motivações em jogo, podendo ocorrer de modo consciente – intencional- ou inconsciente, ou seja, quando a forma ou o fenômeno já está naturalizada no discurso, de modo que não consegue discernir se é da L1 ou L2.

Acreditamos que essa falta de discernimento sobre a “origem” da palavra usada pelo sujeito fronteiriço – em termos etimológicos e dicionarizados – só reforça a ideia da falta de correlação entre fronteiras linguísticas e territoriais, deslocando tanto a língua portuguesa quanto espanhola, enquanto objeto discursivo de seus lugares legitimados (materno, estrangeiro, nacional).

A alternância de códigos não pressupõe o surgimento de uma terceira gramática, devido a confluência de formas das línguas em contato. Ao contrário, um dos fatores que motiva a produção desse fenômeno está relacionado a coincidência de estruturas nas duas línguas. Nesse sentido, línguas cognatas tendem a favorecer o *code-switching* como é do contato entre o português e o espanhol.

3.3.4. Empréstimo lexical

Para Possenti (2001, p.170) “a história das línguas é em grande parte uma história de empréstimos. Tomar palavras do inglês ou construí-las com elementos gregos e latinos não produz mudança na natureza da língua. Nem a desfigura, nem a melhora”.

O léxico de uma língua não é ampliado exclusivamente por meio de seu acervo, assim, o contato entre duas ou mais comunidades linguísticas é o que permite uma renovação lexical. As palavras que são caracterizadas como “estrangeiras” são adaptadas de modo parcial ao sistema fonológico da língua receptora, sendo percebidas com um “sotaque diferente” pelos falantes. A partir do momento, que não há mais essa percepção, a palavra já está incorporada ao seu repertório lexical.

De acordo com Mackey (1975), as palavras migram de uma língua para outra através de fenômenos de *empréstimo* ou de *code-switching*, fazendo com que o vocabulário da língua receptora se enriqueça ao longo do tempo.

Dessa maneira, encontramos no léxico de uma comunidade linguística todo o seu repertório sócio-cultural, que sofre com o tempo mudanças que podem estar condicionadas a fatores linguísticos e extralinguísticos, que por sua vez, provocam o surgimento de diferentes normas linguísticas, portanto, distintas variedades.

Segundo Weinreich (1986[1953]) o empréstimo lexical tende a ser mais produtivo em contextos que envolvam grupos de indivíduos bilíngues ou plurilíngues, assim como outros fenômenos linguísticos em função da convivência com línguas diferentes, como é o caso da fronteira que estudamos.

Castillo Fadic (2002), ressalta que um dos fatores que determina o empréstimo lexical é o prestígio da língua-fonte em interface com a língua-receptora. Geralmente ocorre por contatos diretos, bem como por contatos indiretos, através dos meios de comunicação (TV, rádio, internet), como explicamos na seção II em relação a San Matias.

As condições de produção de contato entre duas línguas em uma comunidade de fala favorece ou não que uma determinada lexia se incorpore ao léxico dos indivíduos, podendo sofrer ou não adaptações internas (convergências).

O uso lexical não é aleatório, mas condicionado pelo contexto sociocultural no qual o sujeito está inserido, ou seja, à norma do grupo a que pertence, que influencia na escolha de uma lexia em detrimento de outra.

Romano (2012), explica que, um amazonense, provavelmente usaria a variante *tangerina*, enquanto um catarinense escolheria, *vergamota*, o paulista, *mexerica*. A variação lexical pode estar condicionada tanto internamente (nível linguístico) quanto externamente (nível social).

A respeito do conceito de lexia, Pottier (1978) explica que dentro do repertório lexical (conjunto de memória das palavras) de uma língua existe um plano de expressão que dá suporte para o conteúdo. Para o linguista francês, *lexia* seria toda unidade memorizável, toda sequência linguística que temos acumulada na memória. Assim temos lexia simples como em *roupa*, lexias composta, como *guarda-roupa*, lexias complexas como *lavagem automática de roupas*, e por último, lexias textuais como no exemplo *roupa suja se lava em casa*.

A associação de unidades simples pode produzir unidades complexas, do mesmo modo como uma lexia simples poderia ser resultado de uma transformação de lexias compostas como em *agua ardente* que passou a *aguardente*.

Ao pensar no nível da palavra, temos inventários fechados, ou seja, embora novas palavras possam ser introduzidas na língua, o repertório já está dado ao falante. A partir do

nível do sintagma, temos inventários abertos, isto é, o número de palavras é finito, mas o número de sintagmas, orações e frases que podemos produzir é infinito.

Com o passar do tempo, alguns sintagmas vão se “petrificando”, tornando-se pouco a pouco lexias complexas, depois lexias compostas - quando já perdem a capacidade de flexão interna e de inserção de elementos - e finalmente lexias simples quando se perde a consciência da composição, como em *aguardente*.

É muito difícil saber o momento exato em que uma lexia complexa se transforma em uma lexia composta, isto é, a passagem de um inventário aberto para um inventário fechado.

Nesta tese, não buscamos identificar quando ocorreu a incorporação de determinada lexia do português para o espanhol ou vice-versa. Não se trata de um trabalho lexicográfico, muito menos etimológico. Queremos dentro de uma abordagem sincrônica, descrever e analisar interinfluências lexicais de uma língua como um dos efeitos do contato linguístico determinado por aspectos internos ou externos as línguas estudadas.

Entendemos *interinfluência lexical* nesta tese, quando o empréstimo lexical é recíproco, ou seja, a presença de lexias do português no léxico dos bolivianos e lexias do espanhol no léxico dos brasileiros.

Para essa constatação, tomaremos como referência dicionários da língua portuguesa e língua espanhola como instrumentos linguísticos que nos ajudarão a perceber a circulação de lexias das respectivas línguas no espaço fronteiriço e desse modo determinar os fatores que estariam determinando a variação lexical, uma vez que, de acordo com Câmara Junior (1975), olhar para os empréstimos linguísticos dentro de uma língua significa refletir sobre sua relação sócio-histórica com outras línguas.

As lexias, enquanto componentes de um repertório, surgem do uso cotidiano dos falantes, de associações, combinações que podem ser livres ou mesmo relacionadas. Portanto, olhamos para a variação lexical, como produto de um contexto transfronteiriço, de intercâmbios linguísticos, sociais e culturais.

O contato linguístico na fronteira produz diferentes fenômenos, sendo o empréstimo linguístico um dos mais evidentes, visto que é natural a todas as línguas, podendo ocorrer por adoção, ou seja, sem alterações na estrutura da lexia, ou por adaptação, isto é, com algum tipo de mudança significativa.

Segundo Apontes (2010, p.53) “empréstimos são estratégias cognitivas de adaptação de um sistema linguístico. Eles revelam o sistema estrutural de uma língua que tenta não se perder por inteiro, deixando marcas superficiais e sem peso aparente”.

Nesse sentido, buscamos essas “marcas” no léxico fronteiriço, a fim de poder caracterizar, descrever e analisar as lexias mais com maior ou menor frequência do lado brasileiro e boliviano e o que estaria determinando essa produtividade.

3.4.Dialetologia Pluridimensional e relacional

A Dialetologia se constitui como uma área de conhecimento linguístico que descreve a variação da língua dentro de distintos espaços geográficos e ambientes sócio culturais.

Segundo Moutón (1996), a Dialetologia assim como a Geografia linguística estudam a variação da língua dentro de um espaço determinado, refletido posteriormente sobre mapas, cuja agrupação forma atlas linguísticos. De acordo com a autora, a Geografia linguística não é uma ciência em si, mas *um método dialetológico* surgido no final do século XIX e início do século XX.

Segundo Coseriu (1982), a Geografia linguística é uma das áreas da geografia, que estuda as comunidades linguísticas através das línguas que se apresentam com extensão e limites no espaço, podendo ser representadas em mapas. Já a Geolinguística é situada como um ramo da linguagem inscrito no campo da geografia pelo fato de mapear a língua dentro de um espaço determinado.

A Geolinguística por muito tempo foi confundida com a própria dialetologia. Há um consenso por parte de muitos estudiosos, sobretudo no Brasil, de que a geografia linguística é um método específico da Dialetologia, que por sua vez, estuda fenômenos que vão além da questão cartográfica.

Reis (1993) explica que a Geolinguística, dentro dos estudos da dialetologia tradicional, buscava descrever os dialetos rurais distribuídos no espaço geográfico, isto é, mapear a variação diatópica, constituindo os chamados atlas monodimensionais.

A Geolinguística moderna trabalha além da questão diatópica, fatores sociais e as diferentes variáveis que exercem força sobre a língua falada, seja de moradores da zona rural ou urbana. O conjunto dos fatores sociais estudados, faz com que seu método seja pluridimensional, ou seja, vai além do estudo diatópico (monodimensional):

(...) não se deve confundir Dialetologia com Geolinguística ou Geografia Linguística, pois esta é um método utilizado pela Dialetologia. Embora os Atlas linguísticos sempre se constituíssem em meta ou aspiração principal dos dialetólogos, é interessante mencionar que os trabalhos de Dialetologia inserem-se em dois grandes grupos: trabalhos de análise (estudos de caráter monográfico que descrevem fatos, analisam a realidade), com apresentação de resultados

conclusivos, e trabalhos de descrição de realidades dialetais (Atlas lingüísticos nacionais ou regionais), que se tornam instrumentos de análises posteriores para conclusões sobre a realidade lingüística em foco (ROCHA, 2008, p.41-42).

Um dos precursores da Dialetoлогия com aportes da geografia linguística foi o alemão Georg Wenker (1876) que procurou identificar as diferenças dialetais da Alemanha, resultando na obra *Sprachatlas des Deutschen Reichs* (BRANDÃO, 1991).

O trabalho de Wenker e de outros estudiosos tinha como base as descobertas produzidas no século XIX por filólogos e neogramáticos que perceberam que a mudança fonética era regular, o que explicaria a correspondência de várias línguas e dialetos. A mudança fonética passou a ser pensada em nível dialetal, ou seja, em determinadas regiões mantinham-se alguns traços e outras desapareciam ou eram substituídas:

A Dialetoлогия nasceu sob o signo da monodimensionalidade à medida que tradicionalmente priorizava a diatopia como objeto de investigação, selecionando a fala de áreas rurais de pequeno porte e tomando como informantes para a recolha de dados dialetais, preferencialmente, homens de vida sedentária, idosos, analfabetos e nascidos e residentes na localidade, tendência essa inaugurada na segunda metade do século XIX, quando desponta a Dialetoлогия como desmembramento e também uma reação ao movimento dos neogramáticos, no que diz respeito à regularidade e à uniformidade das mudanças fonéticas que ocorrem no âmbito de cada língua (ISQUERDO e ROMANO, 2012, p.891).

Por volta de 1896, o dialetólogo francês Jules Gilliéron procurou melhorar a metodologia empregada por Wenker – visto que o questionário aplicado até então, era feito de modo postal –, realizando entrevistas pessoalmente, através de pessoas devidamente treinadas para este fim, como o comerciante Edmont Edmont, que já possuía experiência como trabalhos voltados para o léxico (MUTÓN, 1996; BRANDÃO, 1991).

Jules Gilliéron é considerado o fundador da Geografia linguística em função da produção do *Atlas linguistique de la France –ALF* (1902-1910), projeto que estabeleceu as bases do método geolinguístico, produzindo grande influência em países europeus como Espanha, Itália e Inglaterra, bem como americanos, como os Estados Unidos e Canadá.

Assim, “(...) essa nova linha de investigação solidifica-se como uma nova orientação para o estudo da variação, no caso, tomando como contexto um espaço geográfico e buscando elucidar a relação entre língua e meio social” (ISQUERDO e ROMANO, 2012, p. 891-892).

De acordo com Brandão (1991), Gilliéron fixou as bases para o método cartográfico, uma ferramenta útil para o conhecimento das variedades regionais de uma língua. Portanto, a

Geografia linguística buscou, de acordo com Chambers e Trudgill (1994, p. 45) criar “(...) una base empírica sobre la que extraer conclusiones acerca de la variedad lingüística que se dan en un cierto lugar”³².

Para Chambers e Trudgill (1994, p.23), “cuánto más lejos nos llamemos del punto de partida, las diferencias se harán cada vez mayores”³³. A partir dos estudos geolinguísticos através de diversos atlas regionais, chegou-se à conclusão que não havia uma fronteira clara entre os dialetos em termos territoriais, ou seja, não havia uma “homogeneidade dialetal”, o que nos faz mais uma vez repensar a relação entre fronteiras linguísticas e fronteiras territoriais na hora de estudar o léxico.

A Dialetoлогия do século XIX e início do século XX estava mais focada para a área rural que urbana, pois considerava-se que era menos passiva de inovações linguísticas, portanto, constituída de fenômenos mais estáveis. De acordo com Romano *et tal* (2014, p.142):

Nos primeiros trabalhos dialetais, os estudiosos selecionavam determinada localidade e colhiam dados dos falantes locais, priorizando os sons, a gramática e, em menor escala, a sintaxe, não dando muita atenção para o vocabulário. O material recolhido era comparado com os de outros dialetos por meio da consulta a glossários e era explicado com o auxílio das tradicionais gramáticas (ROMANO *et tal*, 2014, p.142).

De acordo com Margotti (2004, p.79) “(...) coube à dialetologia, no curso da história, descrever e situar os usos em que uma língua se diversifica, não só no espaço geográfico, mas também em sua distribuição sociocultural e cronológica”.

A Dialetoлогия tem a preocupação de compreender os diferentes usos da língua, através da identificação de fenômenos linguísticos em diferentes áreas geográficas, portanto, uma disciplina que se volta para a variação linguística no espaço:

(...) a Dialetoлогия é o estudo da configuração espacial das línguas, ou seja, da variedade diatópica e das relações interdialetais e é essencialmente ‘gramática comparada’ e não cabe a essa ciência estabelecer fronteiras entre os dialetos, mas comprovar a configuração diatópica real da língua histórica, os limites efetivos da uniformidade idiomática, que, naturalmente, podem ser diferentes para os distintos fenômenos considerados (COSERIU, 1982, p. 36).

³²“(…) uma base empírica para tirar conclusões sobre a variedade linguística que ocorre em um determinado lugar” (TN).

³³“Quanto mais nos distanciarmos do ponto de partida, as diferenças se tornarão cada vez maiores.” (TN)

De acordo com Thun (1998), o espaço geográfico evidencia características linguísticas da comunidade, portanto revelam os traços da oralidade dos falantes, da gramática, do léxico que utilizam diariamente. Dessa forma a Dialetologia tradicional com o apoio da Geografia linguística monodimensional construiu inicialmente suas bases sobre a concepção de *arealidade*, isto é, o estudo da variação em determinado espaço.

Com a modernização da Dialetologia, o estudo do espaço geográfico passou a relacionar parâmetros sociais que interferem diretamente na fala da comunidade assim como a Sociolinguística:

Os estudos de Dialetologia, como é sabido, orientam-se, no seu início, por uma metodologia definida como monodimensional, ou seja, centrada no exame da variação diatópica, ainda que, de maneira assistemática e não considerada na informação cartográfica, recolha dados a informantes e ambos os sexos, de diferentes faixas etárias e de escolaridade variada, aspectos sociais para os quais estiverem atentos os iniciadores dos estudos dialetais (MARCELINO CARDOSO e ANDRADE MOTTA, 2013, p.128-129).

Dessa maneira, a dialetologia foi passando por mudanças metodológicas que coincidiram com a perspectiva variacionista, fazendo com que houvesse um olhar mais pluridimensional (social) sobre os fatos da língua e não apenas monodimensional (geográfico).

A Dialetologia e a Sociolinguística são disciplinas que historicamente estiveram separadas por muito tempo, embora buscassem compreender o fenômeno da variação. Com o avanço dos estudos linguísticos, buscou-se um trabalho interdisciplinar que contribuiu para o surgimento da Dialetologia Pluridimensional e relacional protagonizada pelo linguista alemão Harald Thun (1998), que dentro de seus aportes teóricos relaciona a dimensão diatópica (horizontal) - perspectiva dialetológica tradicional-, com dimensões sociais (verticais) – perspectiva sociolinguística-, com o intuito de produzir uma descrição mais completa e ordenada do poliformismo linguístico e sua relação com os falantes.

De acordo com Altenhofen (2006), a Dialetologia tradicional (monodimensional) enfrentou uma série de críticas quanto ao seu arcabouço teórico e metodológico, interpretada por muitos estudiosos, como uma disciplina “obsoleta”, voltada a penas para a descrição diatópica em face a aspectos diastráticos, direcionada para a fala rural no intento de atingir dialetos puros, mais conservadores e de menor prestígio.

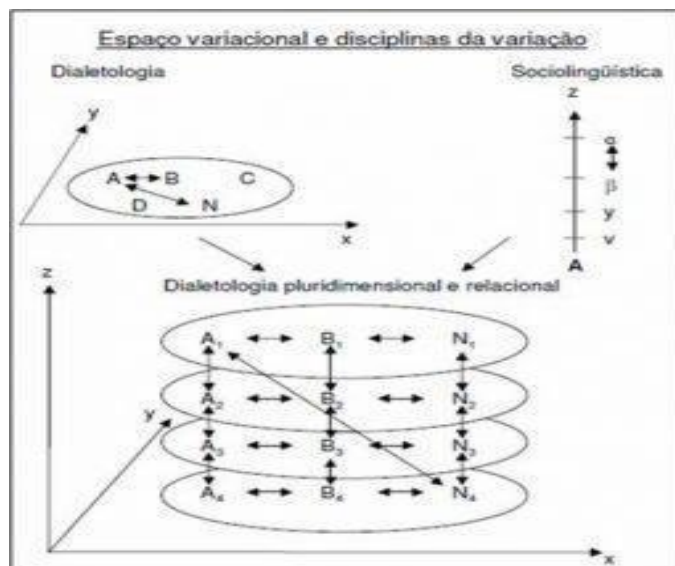
A reformulação da Dialetologia ocorre com o surgimento da Dialetologia pluridimensional e relacional proposta por linguista alemão Harald Thun, a partir da segunda metade do século XX:

La Dialectología areal y la Sociolingüística, disciplinas historicamente separadas, confluyen en una geolingüística ampliada que puede llamarse oportunamente “Dialectología pluridimensional (e relacional)” y que se entiende como parte de la ciencia general de la variación lingüística y de las relaciones entre variantes y variedades por un lado y hablantes por el otro. Dentro de esta ciencia general (“lingüística variacional”/ “Varietätenlinguistik”), a la Dialectología pluridimensional le corresponde la parte de la variación que se extiende al espacio tridimensional³⁴ (THUN, 1998, p.704).

Assim, o autor explica que a Dialectologia pluridimensional e relacional é uma disciplina que ao mesmo tempo compreende a dialectologia monodimensional, os parâmetros da Sociolingüística (variação) dentro de um espaço tridimensional, ou seja, mantém o método geolingüísticos que pressupõe o fator diatópico junto com fatores sociais. De acordo com Reis (2013, p.104), trata-se de uma disciplina que “(...) permite o cruzamento de dados lingüísticos extraídos do espaço geofísico associados a fatores sociais”.

Thun (1998) explica que as análises lingüísticas tomam dimensões diatópicas, diastráticas, diageracionais, diagenéricas, dialinguais e diafásicas, como podemos verificar no esquema proposto pelo autor:

Figura 09: Esquema de Thun (1998)



Fonte: Thun (1998, p.705).

³⁴A Dialectologia Areal e a Sociolingüística, disciplinas historicamente separadas, convergem em uma geolingüística ampliada que pode ser apropriadamente chamada de "Dialectologia Pluridimensional (e relacional)" e que é entendida como parte da ciência geral da variação lingüística e das relações entre variantes e variedades por um lado e falantes por outro. Dentro desta ciência geral (lingüística variacional), à Dialectologia Pluridimensional lhe corresponde a parte da variação que corresponde ao espaço tridimensional (TN).

No esquema de Thun (1998), verificamos o princípio da pluridimensionalidade da análise da variação linguística, em que a dimensão diatópica (horizontal) é combinada com dimensões sociais (verticais), estabelecendo, portanto, uma relação entre a Dialetologia e a Sociolinguística, uma vez que busca preencher as lacunas dessas duas disciplinas ao analisar variáveis extralinguísticas em diferentes pontos da pesquisa:

O que a pluridimensionalidade pretende é evitar as conclusões perigosas da dialetologia monodimensional da suposta uniformidade e ausência de variabilidade linguística. O estudo – a observação da variação orienta-se por um conjunto de dimensões de análise, através das quais se busca organizar o “caos aparente” da variação linguística e captar os aspectos centrais que caracterizam o comportamento linguístico em determinada área de estudo (SOUZA, 2015, p.67).

De acordo com o autor, a Dialetologia pluridimensional também é relacional no sentido de considerar diferentes e possíveis tipos de relações, visto que o cruzamento dos dados pode ser feito de forma vertical e horizontal, partindo de usos linguísticos (microcosmo), reconhecidos pelos falantes (mesocosmo) para o entendimento da variação como um todo (macrocosmo).

O elemento “relacional” é posto em prática através de um dos primeiros atlas pluridimensionais, o *Atlas Diatópico e Diastrático do Uruguai* (ADDU, 1989), coordenado pelo próprio Harald Thun, junto com Adolfo Elizacín com colaboração de Carlos E. Forte em 1989:

(...) el ADDU pretende realizar un levantamiento lingüístico acorde a lo que su equipo dio en denominar “lingüística relacional”. Esto significa, que en las respuestas al cuestionario lexical y morfosintáctico además de obtener la respuesta espontánea del informante, se pide a éste que nos informe de las formas usadas por otras personas, y en la medida de lo posible identifique a estas últimas, sea por su procedencia geográfica, por su nivel socio-educativo, por su franja etaria, o por cualquier otra particularidad. (De forma a obtener respuestas del tipo: “así dicen los del norte”, o los del sur, o los viejos, o los jóvenes, o los mucho o poco instruidos, etc.). Nótese que la demanda de esta identificación relacional no anula la posibilidad de que el propio informante, use más de una forma para la cuestión preguntada, cosa que se confirmará con él, para distinguir los casos en que el informante dice que usa sólo y tan sólo algunas de ellas, y no otras que serían practicadas por algunos de esos “otros” diferentes de él³⁵ (SEMINO, 2009, p.77).

³⁵(...) a ADDU pretende fazer um levantamento lingüístico segundo o que sua equipe chamou de “lingüística relacional”. Isso significa que nas respostas ao questionário lexical e morfosintático, além de obter a resposta espontânea do informante, este é solicitado a informar sobre os formulários utilizados por outras pessoas, e na medida do possível identificá-los, seja por sua origem geográfica, seu nível socioeducativo, sua faixa etária ou qualquer outra particularidade. (A fim de obter respostas como: “então digam os do norte”, ou os do sul, ou os idosos, ou os jovens, ou os muito ou mal educados, etc.). Note-se que a exigência dessa identificação relacional não anula a possibilidade de o próprio informante utilizar mais de um formulário para a pergunta formulada, que

O atlas procurou, ao mesmo tempo, captar as variantes diatópicas, diastráticas e diafásicas na fala uruguaia, revelando sua particularidade de ser pluridimensional, associando fatores diatópicos e sociolinguísticos em um cruzamento da superfície diatópica bidimensional unida a um espaço tridimensional.

Nessa perspectiva, o ADDU se apresenta como um texto interpretativo da realidade linguística pesquisada, por meio de parâmetros bem definidos que deram suporte para compreender os fenômenos linguísticos encontrados.

Thun (1998) explica que a Dialectologia pluridimensional e relacional, diferente da Dialectologia tradicional, não busca estudar os chamados “dialetos puros”, falados na zona rural, considerados “conservadores”, muito menos, restringir-se ao estudo de socioletos. Busca-se um campo maior de atuação, como as variedades mistas, fenômenos de contato linguístico entre línguas contíguas, como é o caso desta tese.

De acordo com Marcelino Cardoso e Andrade Mota (2013, p.134), a dialectologia pluridimensional busca “(...) ensejar cartas linguísticas que permitem ao leitor não só saber onde se diz tal coisa, mas que tipo de falante – homem-mulher, jovem- velho, escolarizado- não escolarizado – é responsável por aquele enunciado”. Para isso, busca-se uma pluralidade de informantes que se inscrevam dentro de um conjunto de características semelhantes, ou seja, compartilham traços que os identificam. .

Devido à grande quantidade de dados que se obtêm, é recomendado realizar um ordenamento temático, combinando mapas, diagramas e comentários, de modo a verificar regularidades sincrônicas e diacrônicas do polimorfismo linguístico, através da hierarquização dos parâmetros de investigação.

Os parâmetros constituem os elementos classificadores que formam as dimensões, definidas por relações de oposição, marcadas pelo prefixo *dia*. Portanto, os parâmetros “sexo masculino” e “sexo feminino” correspondem juntos a dimensão diassexual. Não há um número limitado de parâmetros, uma vez que dependerá da pesquisa e do modo como o pesquisador realiza o ordenamento.

Dentro de uma pesquisa inscrita nos pressupostos metodológicos da Dialectologia pluridimensional e relacional, é possível eleger as dimensões e os parâmetros a serem considerados dentro do espaço investigado:

será confirmada com ele, para distinguir os casos em que o informante diz que utiliza apenas e apenas alguns deles, e não outros que seriam praticados por alguns daqueles "outros" diferentes dele (TN).

Quadro 03: Dimensões e Parâmetros da Dialetoлогия Pluridimensional e relacional

DIMENSÃO	PARÂMETRO
1.Dialingual	Espanhol Português
2.Diatópica	Topoestático A N
3.Diatópico-kinética	Topoestático Topodinâmico
4.Diastrática	Classe alta Classe baixa
5.Diageracional	Geração II Geração I
6.Diassexual	Mulheres Homens
7.Diafásica	R L C
8.Diarreferencial	Fala objetiva Fala metalinguística

Fonte: Quadro elaborado pelo autor com base em Thun (2000, p.10)

A escolha das dimensões e dos parâmetros depende muito dos objetivos do pesquisador, dado as possibilidades de cruzamento que se pode fazer. Nesta tese utilizamos os seguintes parâmetros: diatópico (zona urbana e rural de Cáceres e San Matias), diassexual (homens e mulheres), diageracional (informantes mais jovens e mais velhos) e diastrático (informantes mais escolarizados e menos escolarizados).

O aspecto diatópico para os estudos de contato linguístico – principalmente em áreas de fronteira – é muito importante, pois implica a mobilidade de pessoas, portanto, a mobilidade das línguas que utilizam entre familiares, amigos, no trabalho, no comércio, enfim, em diferentes contextos comunicacionais.

Em termos lexicais, permite estabelecer comparações em distintas localidades. Por exemplo, identificar que nome se dá a “(...) um rio pequeno de dois metros de largura” na zona urbana e rural de Cáceres e San Matias para verificar se os sujeitos fronteiriços designam de

forma igual, diferente, poder medir a frequência de uso de um item em relação aos demais, verificar o que está condicionando o uso das variantes registradas.

O espaço fronteiriço pesquisado é constituído por diferentes línguas, principalmente do português e do espanhol, cujo contato afeta na escolha lexical de homens e mulheres, no repertório de jovens e mais velhos, no discurso de pessoas com maior ou menor grau de escolaridade.

Como a Geolinguística é a base da Dialetoлогия pluridimensional e relacional, a produção de mapas fenotípicos ou cartas linguísticas é importante para a descrição e análise dos fenômenos linguísticos estudados na fronteira.

De acordo com Thun (1998, p.708), o mapa fenotípico se constitui como “(...) la representación cartográfica de un fenómeno lingüístico registrado según el único criterio de “documentado” o “no documentado” en uno de los niveles más altos o sea abstractos del análisis³⁶”, portanto, permite dar uma visão geral da distribuição do fenômeno estudado.

O mapa fenotípico dá uma base para que o pesquisador se aprofunde, saindo da abstração das informações, partindo do macro para o micro, ou seja, passando por todo os planos até chegar a forma linguística produzida pelo indivíduo.

Nesse sentido, buscamos através de cartas linguísticas – doravante cartas lexicais- demonstrar como está configurado o léxico do espaço fronteiriço pesquisado. A partir da descrição, pretendemos compreender a distribuição dos itens lexicais nos pontos de inquérito selecionados – zona urbana e rural de Cáceres e San Matias- e assim verificar se há interinfluência lexical.

De acordo com Souza (2015, p.63), “(...) a sociolinguística estuda a relação entre a língua e a sociedade e a dialetologia a relação existente entre a língua e o espaço geográfico”. Dessa maneira, consideramos nesta tese tanto o fator geográfico quanto social para caracterizar e analisar o repertório lexical dos sujeitos fronteiriços brasileiros e bolivianos.

3.4.1.Cartografia linguística

Os atlas linguísticos representam a materialização dos estudos dialetais, ou seja, são documentos que registram a língua em uso de uma comunidade no plano sincrônico para servir de material para futuras pesquisas.

³⁶ “(...) a representação cartográfica de um fenómeno lingüístico registrado segundo o único criterio de “documentado” ou “não documentado” em um dos níveis mais elevados ou abstratos da análise” (TN).

O tratamento cartográfico foi evoluindo com o passar dos anos. Inicialmente eram manuais, e registravam os resultados basicamente com ilustrações ou notas. Atualmente, os atlas, além de manter muitas características dos mapas anteriores, são elaborados com o apoio de *softwares* especializados, o pesquisador conta com a tecnologia GPS, a possibilidade de inserção de mídias sonoras e visuais no mapa, podendo ser divulgado de forma impressa ou em plataformas virtuais.

Os atlas podem ser regionais, nacionais (domínio geopolítico e linguístico), ou continentais, definidos pelos “espaços geopolíticos que recobrem – uma região, não importando a sua dimensão, um país ou um continente”.

Segundo Reis (2013), seriam necessários muitos anos de pesquisa para construir um atlas brasileiro que abarcasse todas as fronteiras políticas do Brasil com os países vizinhos, por isso, o atlas regional e/ou fronteiro seria uma possibilidade de compreender a realidade linguística de áreas geográficas menores, principalmente o contato linguístico em espaços fronteiros. Nessa perspectiva, apresenta uma tipologia inovadora a partir de uma divisão tripartida quanto ao espaço pesquisado:

a) *atlas de pequeno domínio* correspondentes àqueles que mapeiam a realidade linguística de pequenas áreas geográficas como municípios, ilhas ou mesorregiões; b) *atlas de médio domínio* caracterizados por descreverem linguisticamente áreas geográficas mais abrangentes como uma região administrativa (dois ou mais estados) ou um estado da federação e, por fim, c) *atlas de grande domínio*, reconhecidos pela vasta extensão territorial que recobrem, com metodologia geolinguística aplicada a um país ou a um continente (REIS, 2013, p.80).

De acordo com Rocha (2008), a descrição da variação diatópica permite verificar seu contexto geográfico, sua representatividade, poder de difusão e sua relação com outras áreas de contato.

Nesta tese, registramos o léxico dos sujeitos fronteiros brasileiros e bolivianos na fronteira entre Cáceres e San Matias, por meio de um mapa que abarca o que chamamos de *contínuum geográfico linguístico fronteiro* que interliga a zona urbana de San Matias (ponto 01), passando para a comunidade rural fronteira de San Juan de Corralito (ponto 02) localizada na divisa com o Brasil, mais precisamente da comunidade rural fronteira de Corixa (ponto 03) distante a 100 km da zona urbana de Cáceres (ponto 04).

Coseriu (1982) explica que o mapeamento dos dados segue diferentes modelos cartográficos: mapas de fundo, mapas fonéticos, mapas lexicais, mapas puramente linguísticos e mapas similares.

Os mapas de fundo são mais gerais, ou seja, apresentam os limites territoriais, políticos, revelando a rede de pontos estudada, configurando o mapa-base de toda pesquisa geolingüística. O mapa fonético busca documentar a variação fonêmica, as variantes, identificando traços inovadores ou conservadores.

Os chamados mapas propriamente linguísticos expõem aspectos fonéticos e morfológicos, podendo ser sintéticos – com correspondência das formas estudadas com o espaço pesquisado- ou pontuais – com relação direta entre as formas e o espaço investigado.

O mapa lexical - foco desta tese - revela as diferentes formas para nomear o mesmo objeto em diferentes espaços, neste caso, cidades-gêmeas. Buscamos verificar o léxico fronteiriço de modo pluridimensional, ou seja, trazendo para a análise além do aspecto geográfico, também o fator social.

Por muito tempo a cartografia seguia apenas um caminho: o monodimensional. Com o surgimento da Dialectologia pluridimensional e relacional, os mapas passaram a descrever diferentes informações sobre o espaço investigado e os falantes entrevistados.

Thun (1998), explica que os atlas podem ser divididos em monodimensionais (dimensão diatópica), bidimensionais (duas dimensões, por exemplo, diatópica e diassexual) e pluridimensionais (três ou mais dimensões ligadas a variação).

Na dialectologia tradicional (monodimensional), buscava-se evidenciar a realidade dos fenômenos linguísticos encontrados apenas de modo horizontal (diatópico), distribuindo-os nos mapas – ou cartas linguísticas -, para uma delimitação geográfica, a fim de diferenciar comunidades pelas diferenças encontradas de uma localidade para outra. A Dialectologia pluridimensional e relacional, por sua vez, materializa nos mapas a distribuição espacial dos fenômenos junto com os aspectos sociais dos falantes (perspectiva vertical).

Um modelo comum de carta diatópica, é a chamada *carta pizza* e no caso de cartas pluridimensionais, podemos observar mais de duas dimensões de variação materializado por uma *cruz*, onde nos quatro espaços são acrescentados símbolos que dizem respeito ao perfil dos informantes.

3.4.2.A dialectologia brasileira: o ALiB

De acordo com Marcelino Cardoso e Andrade Mota (2013), o primeiro estudo dialectal que se tem registro sobre o português brasileiro foi realizado pelo baiano Domingo Borges Barros, conhecido como Visconde de Pedra Branca em 1826 que integrou o *Atlas*

Ethnographique du Globe a pedido do geógrafo Adrien Balbi. Nesse estudo, procurou comparar o português do Brasil com o português de Portugal.

Em seguida, já no ano de 1920, Amadeu Amaral publicou o *Dialeto Caipira* que revelou inúmeras características do português falado no Brasil, principalmente no interior do país. A obra de Amaral significou para os estudos dialetológicos no Brasil, o primeiro intento de se fazer uma descrição abrangente do falar regional brasileiro com uma metodologia mais rigorosa.

A partir dessa obra, dão-se os primeiros passos para a formação e desenvolvimento da Geolinguística no Brasil. Além de Amaral, surgem trabalhos importantes de pesquisadores como Antenor Nascentes, através da obra *O linguajar carioca* (1922) e *A língua do Nordeste* (1934) de Mario Marroquim.

Antenor Nascentes buscou situar o linguajar carioca dentro do falar brasileiro. Para isso, debateu a formação dialetal do português no Brasil, dividindo o país em regiões conforme suas características dialetais. Já Mario Marroquim propôs que os estudos dialetais regionais deveriam preceder um estudo nacional, ou seja deveriam caracterizar primeiro cada região do país, por isso fez um intenso trabalho sobre os falares de Alagoas e Pernambuco.

Em 1952, com a Criação da Casa Rui Barbosa e com a formação de uma comissão de filologia que buscava dentre os diferentes campos de estudos linguísticos elaborar um Atlas Linguístico do Brasil, novos caminhos foram sendo definidos para os estudos dialetológicos brasileiros.

Dentro desse processo, Nelson Rossi em co-autoria com Carlota Ferreira e Dinah Isensee publicaram o primeiro atlas produzido em território brasileiro, ou seja, o *Atlas Prévio dos Falares Baianos* em 1963 (APFB), cobrindo todo o Estado da Bahia com o total de 100 informantes.

Em 1987 é publicado o *Atlas Linguístico de Sergipe* (ALS) por um grupo de pesquisadores da Bahia, incluindo por exemplo, Nelson Rossi, Carlota Ferreira, Jacyra Mota e Suzana Cardoso, caracterizando-se por dar os primeiros passos rumo a uma perspectiva pluridimensional.

Em 1977, foi a vez da publicação do *Atlas Linguístico de Minas Gerais*, em 1984, o *Atlas Linguístico da Paraíba* (ALPB), em seguida no ano de 1994, o *Atlas Linguístico do Paraná* (ALPR). Conforme Marcelino e Andrade Mota (2013, p. 125) “esses atlas publicados atestam o caráter da terceira fase e mostram a afirmação da Geografia Linguística na história dos estudos dialetais no Brasil”.

Em 1996, o projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB) inaugura uma nova etapa dos estudos dialetológicos no país, pois, conforme Marcelino Cardoso e Andrade Mota (2013), coincidiu com a incorporação de princípios oriundos da Sociolinguística da década de 60, reformulando alguns pressupostos da chamada geolinguística tradicional.

O Projeto Atlas Linguístico do Brasil (Projeto ALiB) é um exemplo de trabalho investigativo, que busca registrar o português brasileiro, fundamentando-se nos princípios da Geolinguística contemporânea, com foco na variação diatópica e com atenção a aspectos de ordem social que não podem ser desconsiderados dentro dos estudos geolinguísticos atuais.

Dentre os objetivos do ALiB estão descrever a realidade linguística brasileira, identificando as diferenças diatópicas (fônicas, morfossintáticas e léxico-semânticas), com fins de subsidiar áreas afins, contribuir para o ensino/aprendizagem do português, revelar as diferenças linguísticas regionais do Brasil através de mapas linguísticos.

O ALiB possui uma rede de pontos que totaliza 250 localidades em todo o Brasil, selecionadas conforme critérios históricos, geográficos, históricos de cada região e Estado, como podemos observar no mapa abaixo:

Figura 10: Rede de pontos do ALiB



FONTE: CARDOSO, S. et alii. Atlas linguístico do Brasil. Cartas linguísticas 1, vol. 2. Londrina EDUEL, 2014.

De acordo com Marcelino Cardoso e Andrade Mota (2013), o perfil dos informantes atende aos aspectos espaciais, por isso, devem ser nativos da localidade, podendo ser do sexo

masculino e feminino, com faixas etárias distanciadas, a fim de promover uma análise mais produtiva quanto a variação e mudança linguística.

Quanto a escolaridade, o ALiB, prescreve que os informantes devem ser alfabetizados, tendo cursado, no máximo até a quarta série do ensino fundamental, ensino universitário (nas capitais) e que tenham uma profissão definida.

Os informantes são divididos em número de quatro em cada ponto de inquérito, com exceção das capitais, que totalizam oito. A divisão etária se faz em dois grupos distintos. No primeiro, temos informantes de 18 a 30 anos e no segundo de 50 a 65 anos.

O questionário linguístico do ALiB se divide em três tipos conforme o aspecto a ser investigado: Questionário Fonético Fonológico (QFF) com 159 perguntas, Questionário Semântico-lexical (QSL), com 202 perguntas e Questionário Morfossintático (QMS) com 49 perguntas. Além desses três, acrescentam-se também questões de pragmática com 04 perguntas, temas para discursos semidirigidos (relato pessoal, comentário, descrição e relato não pessoal), questões metalinguísticas, com 06 perguntas e um texto para leitura.

Diferente dos projetos geolinguísticos anteriores, o ALiB adota os parâmetros da Geolinguística pluridimensional ou Dialetoлогия Pluridimensional (THUN, 1998), abarcando não somente áreas rurais como também urbanas.

Nesta tese, tomamos a Ficha de Informante e o QSL do ALiB como referências para o desenvolvimento da pesquisa com algumas adaptações, bem como os aportes metodológicos utilizados na produção de diferentes atlas. Vale ressaltar que, procuramos adaptar a metodologia conforme o espaço de estudo selecionado, ou seja, a fronteira Brasil-Bolívia.

SEÇÃO IV

DESCRIÇÃO METODOLÓGICA

A partir dos aportes metodológicos da Sociolinguística Variacionista em consonância com a Dialetoлогия Pluridimensional e relacional, buscamos caracterizar o léxico dos sujeitos fronteiriços tanto em sua dimensão diatópica (geográfica) quanto diastrática (escolaridade), diasssexual (léxico de homens e mulheres da fronteira) quanto diageracional (sujeitos jovens e mais velhos).

Com o registro das variantes lexicais, queremos analisar a produtividade lexical do lado brasileiro e boliviano, a fim de verificar no repertório de matienhos e cacerenses graus de semelhanças e diferenças lexicais, os condicionadores extralinguísticos, considerando o *continuum geográfico* que favorece o intercâmbio linguístico entre Cáceres e San Matias.

4.1.A área pesquisada

Mato Grosso possui aproximadamente 900 km de fronteira com a Bolívia. Ao todo, seis municípios mato-grossenses fazem parte da linha fronteira: Cáceres, Comodoro, Pontes e Lacerda, Porto Esperidião e Vila Bela da Santíssima Trindade.

O espaço fronteiriço pesquisado é formado pelas cidades-gêmeas de Cáceres (Mato Grosso-Brasil) e San Matias (Província Angel Sandoval-Bolívia) que estão circunscritas geograficamente dentro do bioma pantanal, interligadas pela BR070 e pela estrada Hardeman Colonia-Pirai, composto por duas zonas de contato, ou seja, a zona urbana e a zona rural fronteiriça (divisa), nas quais circulam diferentes línguas, principalmente, o português e o espanhol.

A escolha dos dois municípios se justifica pelas relações históricas de intercâmbio cultural, econômico, social e político entre as duas zonas, bem como pelo uso do português e do espanhol em diferentes situações de interação entre os sujeitos fronteiriços brasileiros e bolivianos.

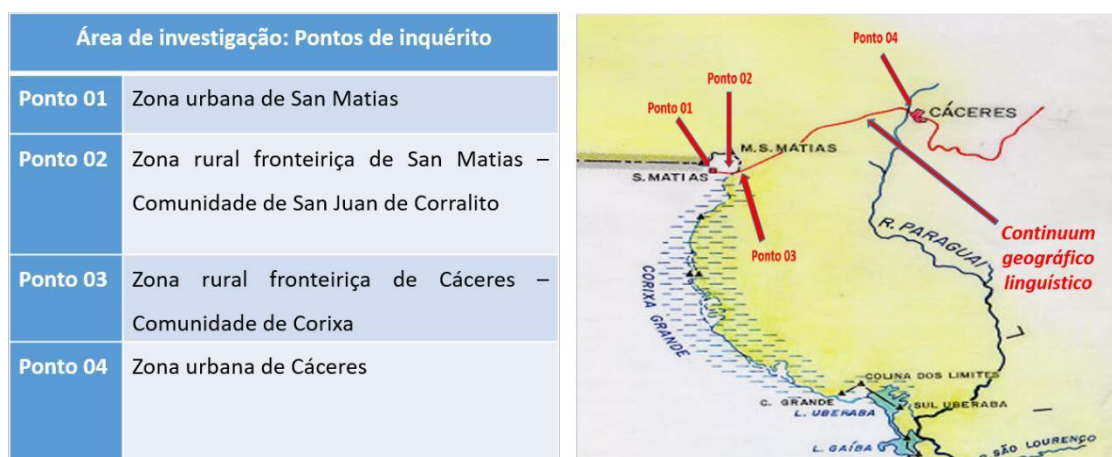
Para a constituição da rede de pontos de inquérito da pesquisa, consideramos o *continuum geográfico linguístico fronteiriço* (BR 070 e a estrada Hardeman Colonia-Pirai) que liga as cidades-gêmeas, pois, facilita o acesso geográfico dos sujeitos fronteiriços e a circulação de suas respectivas línguas tanto na zona rural quanto urbana.

Assim, selecionamos quatro pontos estratégicos para descrever e analisar o léxico de brasileiros e bolivianos para verificar se há interinfluência lexical em função do contato linguístico entre o português e o espanhol.

As duas comunidades rurais fronteiriças escolhidas foram: do lado boliviano, a comunidade de San Juan de Corralito e do lado brasileiro a comunidade de Corixa localizadas na divisa entre o Brasil e a Bolívia.

Além da questão geográfica, outro fator que motivou essa delimitação diz respeito as relações intercomunitárias entre bolivianos e brasileiros por laços familiares, religiosos, educacionais, de vizinhança e institucionais.

Figura 11: Pontos de inquérito da pesquisa



Fonte: <http://info.lncc.br/bolivia3.html> (Adaptado pelo autor).

Em termos geográficos, os pontos de inquérito estão distribuídos dentro desse *continuum* da seguinte maneira: o ponto 01 está 07 km de distância do ponto 02; o ponto 02 e 03 estão divididos pela linha imaginária da fronteira materializada por diferentes marcos ao longo do território brasileiro-boliviano; o ponto 03 está a 100 km de distância do ponto 04.

4.2.Descrição dos pontos de inquérito

4.2.1.Ponto 01 (Zona urbana de San Matias – centro e bairros adjacentes)

A zona urbana de San Matias está constituída por diferentes bairros, sendo o centro, o local onde estão localizados os principais comércios e instituições públicas e privadas.

Geralmente, é a zona mais visitada por brasileiros para realização de compras e busca de serviços.

Figura 12: Igreja de San Matias



Fonte: Arquivo pessoal do autor.

Em anos anteriores, o fluxo comercial era bem maior comparado ao atual devido ao câmbio do dólar favorecer a moeda real, razão pela qual dava maior poder de compra aos brasileiros. Com a desvalorização do real nos últimos anos, a situação de poder de compra inverteu-se, tornando Cáceres o polo de abastecimento de mercados e lojas de San Matias.

A zona urbana concentra a maior parte da população matienha, dividida em distintos bairros próximos ou distantes do centro. Nesta pesquisa, entrevistamos moradores dos seguintes bairros: Centro e San Pedro.

O centro é um dos espaços mais antigos de San Matias, de onde derivou outros bairros a partir do desenvolvimento do município. Portanto, temos uma relação temporal bastante interessante, constituindo uma interface entre o moderno e o tradicional. Para fins metodológicos, agrupamos os dois bairros como constituintes da zona urbana, por atenderem os objetivos explicitados anteriormente.

A zona urbana constitui o chamado *pueblo* que está circunscrito por diferentes comunidades, algumas rurais e outras rurais fronteiriças, ou seja, localizadas na divisa com o Brasil.

O desenvolvimento da zona urbana está relacionado a migração de chiquitanos vindos das Missões jesuíticas espanholas da grande Chiquitanía (século XIX). A medida que foi se organizando, o povoado recebeu imigrantes europeus e dos países vizinhos (Brasil e Paraguai) nas primeiras décadas do século XX, e em seguida um grande fluxo de bolivianos vindo de outras regiões do país, especialmente da zona andina, tornando-se um espaço multiétnico, e

plurilinguístico. Portanto, presume-se a influência de diferentes línguas na constituição do léxico urbano, incluindo o português brasileiro e sua variedade falada em território boliviano (PFB).

4.2.2.Ponto 02 (Zona rural fronteiriça de San Matias – Comunidade de San Juan de Corralito - Curicha)

A comunidade de San Juan de Corralito – mais conhecida como Curicha – está situada na divisa com a comunidade de Corixa (Cáceres) e a 7 km de distância da zona urbana pela estrada Hardeman Colonia-Pirai que corta a comunidade e que constitui o principal acesso a San Matias no limite da BR 070.

A delimitação final da linha-limite entre Brasil/Bolívia que corta as duas comunidades só foi concluída em 1979 com a construção de diversos marcos. Em 1990, novas revistas foram feitas nessa região pela Comissão Mista que decidiu reconstruí-los para uma melhor sinalização, como podemos observar na imagem abaixo, no limite entre San Matias e Cáceres, na divisa entre San Juan de Corralito (Curicha) e o Distrito de Corixa:

Figura 13:Marcos de Referência K-33.2(BR) e K-33.2(BO) – Ano de 1992



Fonte: <http://info.lncc.br/bsan5.html>.

Os dois marcos representam o ponto inicial e final de cada país, entretanto do ponto de vista social, cultural e linguístico não produzem nenhum efeito sobre as comunidades

lindeiras que cruzam a divisa como se estivessem indo visitar o vizinho. Não há um consciência territorial permanente, a não ser para quem é de fora. Nesse sentido, vemos que o limite significa muito mais para os Estados que para o sujeito fronteiriço.

San Juan de Corralito é composta por um número grande de famílias, que em sua maioria, possui algum vínculo com brasileiros – tanto familiar quanto de amizade- devido a sua localização na divisa e pela relação histórica construída no espaço rural tanto com a Corixa quanto com outras comunidades brasileiras do entorno, como assentamentos, fazendas, chácaras e sítios.

O contato que se estabeleceu entre as comunidades manteve o que designamos como *PFB*, conhecido pelos matienhos como uma “língua atravessada” ou “português falado na fronteira”, falado diariamente junto com o espanhol.

Sturza (2005) a atenção para o fato de que as línguas em contato não se separam das culturas em contato, portanto, a relação com o Brasil permanece e é sustentada pelo uso do português para além da divisa.

A maioria das crianças e jovens de San Juan de Corralito estudam na Escola Municipal Marechal Rondon e na Escola Estadual 12 de outubro do lado brasileiro. Há uma relação inter-comunitária muito forte entre brasileiros e bolivianos no comércio local, sobretudo no que diz respeito ao turismo, visto que em San Juan de Corralito estão localizadas as piscinas naturais que atraem turistas dos dois países.

Figura 14: Piscina da Curicha



Fonte: Arquivo pessoal do autor.

San Juan de Corralito assim como a zona urbana de San Matias é plurilíngue, com a diferença que as línguas mais usuais são o português e o espanhol. De acordo com o Informante BO_02_HGIE1 “(...) a maioria dos que moram aqui falam português, damos mais valor ao português que ao espanhol”.

Durante o processo de observação e entrevistas na zona urbana, constatamos que há uma imagem que os “curichanos” falam “errado” o espanhol, que falam “atravessado”, que “trocam as palavras”.

Essas atitudes negativas sobre o espanhol falado na Curicha nos faz presumir sobre a forte influência do português sobre o léxico rural fronteiriço boliviano, levando-nos a pensar o PFB como um *continuum dialetal* nesta zona.

4.2.3.Ponto 03 (Zona rural fronteiriça de Cáceres – Distrito de Corixa)

A comunidade de Corixa pertence ao município de Cáceres (Brasil) e está localizada na divisa com a comunidade boliviana de San Juan de Corralito. Trata-se de uma comunidade bastante aparelhada, com a presença de um destacamento do Exército Brasileiro – Destacamento de Corixa -, de um posto da Receita Federal e da Escola Municipal Marechal Rondon que recebe inúmeros alunos bolivianos.

Figura 15: Delimitação entre Corixa e San Juan de Corralito



Fonte: Arquivo pessoal do autor.

Possui uma relação histórica de convivência entre seus moradores com San Juan de Corralito, razão pela qual nos faz pressupor uma forte “interinfluência lexical” entre as duas comunidades.

A Corixa é o último ponto de transporte de passageiros, já que o ônibus ou van do Brasil não adentram território boliviano. É um espaço de bastante interação comunitária, principalmente em função das piscinas naturais, onde reúnem amigos, familiares e vizinhos da fronteira.

4.2.4.Ponto 04 (Zona urbana de Cáceres – centro e bairros adjacentes)

A zona urbana de Cáceres está constituída por diferentes bairros que se interconectam tendo como ponto principal de referência o centro da cidade. Assim como San Matias, o centro de Cáceres se caracteriza por ter sido o marco de formação e desenvolvimento do município.

Cáceres possui um número expressivo de imigrantes bolivianos, alguns tem comércio no centro, o conhecido “camelô”, que atualmente possui mais comerciantes brasileiros. Há também médicos e dentistas bolivianos que atuam no município, e outros que trabalham na informalidade, vendendo seus produtos na feira, em calçadas próximo a supermercados.

Pela localização estratégica, Cáceres sempre atuou como sentinela brasileira na proteção e defesa da fronteira no que diz respeito a contenção de crimes, como o contrabando de mercadorias, veículos, e sobretudo, ao narcotráfico.

Essa situação, produziu no tempo e no espaço, um imaginário local bastante negativo sobre a fronteira e sobre San Matias como um lugar perigoso, afetando diretamente as relações interpessoais e linguísticas.

Há um preconceito velado sobre o boliviano, que diariamente é, reforçado pelo modo como a mídia local noticia San Matias e a fronteira, refletindo em termos linguísticos, sobre o uso do espanhol, que dentro dessas condições de produção, tem ocupado apenas o lugar de “língua estrangeira” e não como “língua de fronteira” (SILVA, 2012).

4.3.Instrumentos de coleta de dados geolinguísticos

O questionário linguístico é um dos principais instrumentos de coleta de dados de pesquisas linguísticas, tanto na Sociolinguística Variacionista quanto na Dialetoлогия. Através dele, o pesquisador consegue obter as informações necessárias para compreender diferentes fenômenos linguísticos.

Não se trata de um instrumento rígido, pois, a depender da comunidade investigada, o pesquisador poderá – caso lhe pareça necessário- realizar alterações para poder adequar-se melhor aos objetivos propostos.

Selecionamos como instrumento de coleta de dados, os questionários do ALiB (COMITÊ NACIONAL DO PROJETO, 2001), contemplando a Ficha do informante, o Questionário fonético-fonológico (QFF), o Questionário semântico-lexical (QSL) e de discursos semidirigidos.

Em função da pandemia causada pelo coronavírus (COVID-19) e as restrições sanitárias decorrentes, por alguns meses a fronteira entre Cáceres e San Matias esteve fechada. Após algumas reflexões sobre os rumos da pesquisa, vimos que era necessário fazer um recorte e, que portanto, era importante centralizar em apenas um objeto, por isso, tomamos a decisão de focar apenas no QSL, por considerarmos o léxico um importante objeto para verificar interinfluências das línguas estudadas. Os dados obtidos da aplicação dos demais questionários e o aprofundamento de outros temas relevantes evidenciados na pesquisa de campo, como o PFB, ficarão reservados para trabalhos posteriores.

Durante a aplicação da primeira versão do QSL em inquéritos experimentais e após diálogos com pesquisadores que atuam na área de contato linguístico, verificamos que era necessário reformulá-lo para melhor atender os objetivos propostos da pesquisa, visto que a formulação das questões anteriores não permitia uma análise comparativa entre as línguas portuguesa e espanhola, já que a afirmação ou negação por parte do informante sobre o conhecimento de determinada lexia não levaria a constatação de interinfluências lexicais.

Nesse sentido, tivemos que reformular as questões, substituindo por outras sem afetar os objetivos da pesquisa, ao contrário, criamos condições para que pudéssemos desenvolver uma melhor descrição e análise dos dados. Desse modo, optamos por seguir algumas questões do QSL do ALiB, formulando novas questões e adaptando questões da primeira versão para a versão final do questionário.

Além do QSL, utilizamos o modelo de Ficha de informante do ALiB adaptada ao contexto da pesquisa, composta por questões que visam coletar aspectos sociais, culturais, econômicos, linguísticos, acrescido com algumas questões de atitudes linguísticas formuladas como complemento ao instrumento.

Com esses dois questionários, buscamos ter uma visão mais aprofundada sobre a relação dos informantes com as línguas que falam e dessa forma poder melhor interpretar os dados da pesquisa.

Os dois questionários foram produzidos tanto em português quanto em espanhol para contemplar as línguas oficiais do Brasil e da Bolívia. Nossa Ficha de informante está composta por 43 (quarenta e três) questões, algumas fechadas e outras abertas a fim de registrar o vernáculo dos informantes.

Já o QSL em sua versão corrigida está composto por 97 (noventa e sete) questões divididas conforme as seguintes áreas semânticas: Acidentes geográficos (01), fenômenos atmosféricos (02), atividades agropastoris (11), fauna (13), corpo humano (15), ciclo da vida (03), convívio e comportamento social (15), religião (01), jogos e diversões infantis (11), habitação (05), alimentação (05), vestuário e acessório (09), espaço urbano (06). Algumas questões foram feitas acompanhadas de mímicas ou de imagens para permitir uma maior compreensão da lexia de estudo.

4.4.A escolha das dimensões e parâmetros

Como vimos anteriormente, a Dialectologia pluridimensional e relacional se caracteriza por trabalhar o aspecto diatópico em consonância com o social, portanto, sua natureza é pluridimensional (THUN, 1998), tomando o falante como um indivíduo geograficamente situado e inscrito na comunidade conforme suas múltiplas dimensões. Nesse sentido, olhar para o contato linguístico na fronteira significa, em termos metodológicos, contemplar tanto o aspecto geográfico quanto social.

A perspectiva da dialectologia pluridimensional e relacional tem como ponto de partida, a concepção de que a variação linguística observada na fala de uma comunidade é dividida em “Dimensão” e “Parâmetros”, sendo a dimensão uma combinação de dois ou mais parâmetros de oposição (SOUZA, 2015, p.13). Nessa perspectiva, selecionamos as seguintes dimensões e parâmetros da pesquisa.

Quadro 04: Dimensões e parâmetros da pesquisa

Dimensões	Parâmetros
Diatópica	Ponto 01-Zona Urbana de San Matias (Centro e bairros adjacentes)
	Ponto 02-Zona Rural Fronteira de San Matias (Comunidade de San Juan de Corralito – Curicha)

	Ponto 03-Zona Urbana de Cáceres (Centro e bairros adjacentes)
	Ponto 04-Zona Rural Fronteiriça de Cáceres (Comunidade de Corixa)
Diageracional	Geração de 15 a 35 anos (Grupo GI)
	Geração de 45 a 65 anos (Grupo GII)
Diastrática	Falantes com ensino fundamental/médio completo ou incompleto (E1)
	Falantes com ensino superior completo ou incompleto (E2)
Diassexual/Diagenérico	Falantes do sexo masculino (M)
	Falantes do sexo feminino (F)

Fonte: Elaborado pelo autor.

4.5.Os informantes da pesquisa

Inicialmente, a proposta era trabalhar com 48 informantes, sendo 24 brasileiros e 24 bolivianos divididos em quatro grupos etários. Entretanto, devido ao contexto pandêmico à época, optamos por trabalhar com 24 colaboradores entre brasileiros e bolivianos, divididos em dois grupos etários a partir dos seguintes critérios:

- O informante deve ter nacionalidade brasileira/boliviana, residir em Cáceres/San Matias;
- Não foi exigido que o falante fosse bilíngue/plurilíngue, até porque buscamos verificar os efeitos do contato linguístico considerando a fronteira como um espaço poroso, de circulação de línguas;
- Ter idade que preencha a divisão etária proposta: Grupos GI (entre 15 a 35 anos), Grupo GII (de 40 a 65);
- Ser do sexo masculino ou feminino;
- Com grau de escolaridade que contemple o Grupo E1 (ensino fundamental/médio completo ou incompleto) ou Grupo E2 (ensino superior completo ou incompleto).

Dessa maneira, a escolha dos critérios acima contempla a perspectiva metodológica da Sociolinguística Variacionista bem como geolinguística, na qual o *corpus* deve estar constituído de:

(...) variáveis como idade, sexo, nível de instrução, ou mesmo situação socioeconômica, a fim de que se revelem ao máximo as particularidades do sistema dialetal focalizado e se possam melhor conhecer os condicionamentos socioculturais que presidem a distribuição geográfica dos fenômenos linguísticos (BRANDÃO, 1991, p,26).

A escolha dessas variáveis nos permitirá perceber se o léxico fronteiriço dos brasileiros ou bolivianos dessa fronteira tende a ser:

- (+/-) conservador;
- (+/-) inovador;
- Similar;
- Diferente;
- (+/-) interinfluído;

A escolaridade é uma importante variável para os estudos sociolinguísticos e dialetais, pois, há uma tendência de quanto maior o grau de instrução da pessoa, sua fala estará mais próxima da variedade padrão.

Infelizmente não conseguimos encontrar informantes da zona rural fronteiriça que se enquadrassem no Grupo E2 (ensino superior completo ou incompleto), devido a questões de ordem econômica, laboral e familiar. Diante da situação exposta, buscaremos situar durante as análises a comparação entre os grupos que compartilham de modo idêntico essa mesma variável.

A fim de preservar a identidade dos colaboradores da pesquisa, utilizamos um código de identificação com base no modelo de Reis (2013, p.151) que contempla as dimensões trabalhadas nesta tese: **H**: homem, **M**: mulher; **GI**: Grupo etário jovem, **GII**: Grupo etário mais velho; **E1**: Ensino fundamental/Médio completo ou incompleto, **E2**: Ensino Superior completo ou incompleto; **BO.01**: Zona urbana de San Matias, **BO.02**: San Juan de Corralito, **BR.03**: Corixa, **BR.04**: Zona urbana de Cáceres.

A seguir, apresentamos a tabela do perfil dos informantes:

Quadro 05: Perfil dos Informantes

Nº dos informantes	Localidade	Código de Identificação	Zona
01	BO.01	HGIE1	Urbana
02	BO.01	MGIE1	Urbana
03	BO.01	HGIE2	Urbana
04	BO.01	MGIE2	Urbana
05	BO.01	HGIE1	Urbana
06	BO.01	MGIE1	Urbana
07	BO.01	HGIE2	Urbana
08	BO.01	MGIE2	Urbana
09	BO.02	HGIE1	Rural Fronteira
10	BO.02	MGIE1	Rural fronteira
11	BO.02	HGIE1	Rural fronteira
12	BO.02	MGIE2	Rural fronteira
13	BR.03	HGIE1	Rural fronteira
14	BR.03	MGIE1	Rural fronteira
15	BR.03	HGIE1	Rural fronteira
16	BR.03	MGIE1	Rural fronteira
17	BR.04	HGIE1	Urbana
18	BR.04	MGIE1	Urbana
19	BR.04	HGIE2	Urbana
20	BR.04	MGIE2	Urbana
21	BR.04	HGIE1	Urbana
22	BR.04	MGIE1	Urbana
23	BR.04	HGIE2	Urbana
24	BR.04	MGIE2	Urbana

Fonte: Quadro adaptado pelo pesquisador (REIS, 2013, p.153).

4.6.As gravações

Para a gravação das entrevistas, utilizamos um aplicativo de gravador de voz/áudio para Android, que fornece gravações de alta qualidade, sem limite de tempo, com 04 formatos de áudio: MP3, PCM (wav), AAC (m4a/mp4) e AMR (3GP). Possui uma taxa de amostragem de 8 kHz, com taxa de bits variável de 32 até 320 kbps.

4.7.As entrevistas

A pesquisa em San Matias só foi possível graças à ajuda de diferentes colaboradores que deram apoio pessoal e material no transcurso investigativo pelas comunidades rurais fronteiriças, disponibilidade de tempo para acompanhar-nos durante as entrevistas, alojamento, alimentação, entre outras necessidades.

Primeiramente, realizamos uma pesquisa de campo para observar a relação de cacerenses e matienhos na fronteira. Participamos de diversos eventos familiares, como rezas, almoços, jantares, aniversários, casamentos, bem como religiosos como missas, cerimônias de primeira eucaristia, cultos evangélicos, eventos educativos, como formaturas, além de acompanhar reuniões políticas, conhecer os pontos turísticos, os diferentes bairros e comunidades rurais fronteiriças, enfim, buscamos ter uma grande imersão no cotidiano matienho e cacerense.

Essa etapa de imersão constituiu nossa fase de observação das comunidades, anterior à aplicação dos questionários no final do ano de 2019. Em 2020, a pandemia afetou diversos países, e com as fronteiras fechadas, ficamos impossibilitados de aplicar as entrevistas pessoalmente.

Com abertura das fronteiras, e tomando todas as medidas mitigadoras sanitárias, realizamos as entrevistas no final de 2020, após a aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da UNEMAT.

Após esse período de primeiros contatos, demos início as entrevistas, no período de novembro a dezembro de 2020³⁷ tanto na zona urbana quanto rural de Cáceres e San Matias.

As entrevistas ocorreram com a utilização de equipamentos digitais de gravação, tomando como base as orientações de Labov (2008 [1972]), Tarallo (2002) e Thun (1998),

³⁷ A pesquisa só teve início após a aprovação do projeto pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT) sob o parecer de nº 4.236.541.

sobre a importância de um ambiente em que o entrevistado se sinta confortável e desse modo demonstrar o vernáculo.

Procuramos tomar diversas medidas mitigadoras para evitar algum tipo de situação constrangedora durante a aplicação dos questionários, sempre com muito respeito e cordialidade frente aos informantes:

(...) a dialetologia metodológica, não pode ser algo rígido, pronto e acabado, é algo que se constrói no campo, adequando-se à realidade da pesquisa. A metodologia passa a ser um fio condutor do trabalho que admite, sem dúvida, reavaliação constante frente às mudanças socioeconômicas do meio (ROMANO, 2012, p.116).

Além disso, seguimos as bases do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP-UNEMAT), tornando as entrevistas seguras tanto para o entrevistador quanto para o entrevistado. Foram realizadas gravações de áudio, com o objetivo de criar um banco de dados com os materiais de fala coletados, e com isso, facilitar o trabalho analítico na hora de selecionar o *corpus*, ou mesmo fazer os recortes de interesse para a pesquisa.

Com relação a técnica das entrevistas, aplicamos o questionário tanto em português quanto em espanhol. No caso do QSL, recorremos não somente a formulação da questão, como também a imagens e gestos para facilitar a compreensão do informante de modo a obter como resposta lexias que fizessem parte de seu repertório lexical diário para identificar em sua fala possíveis influências do português ou do espanhol.

4.8.As transcrições

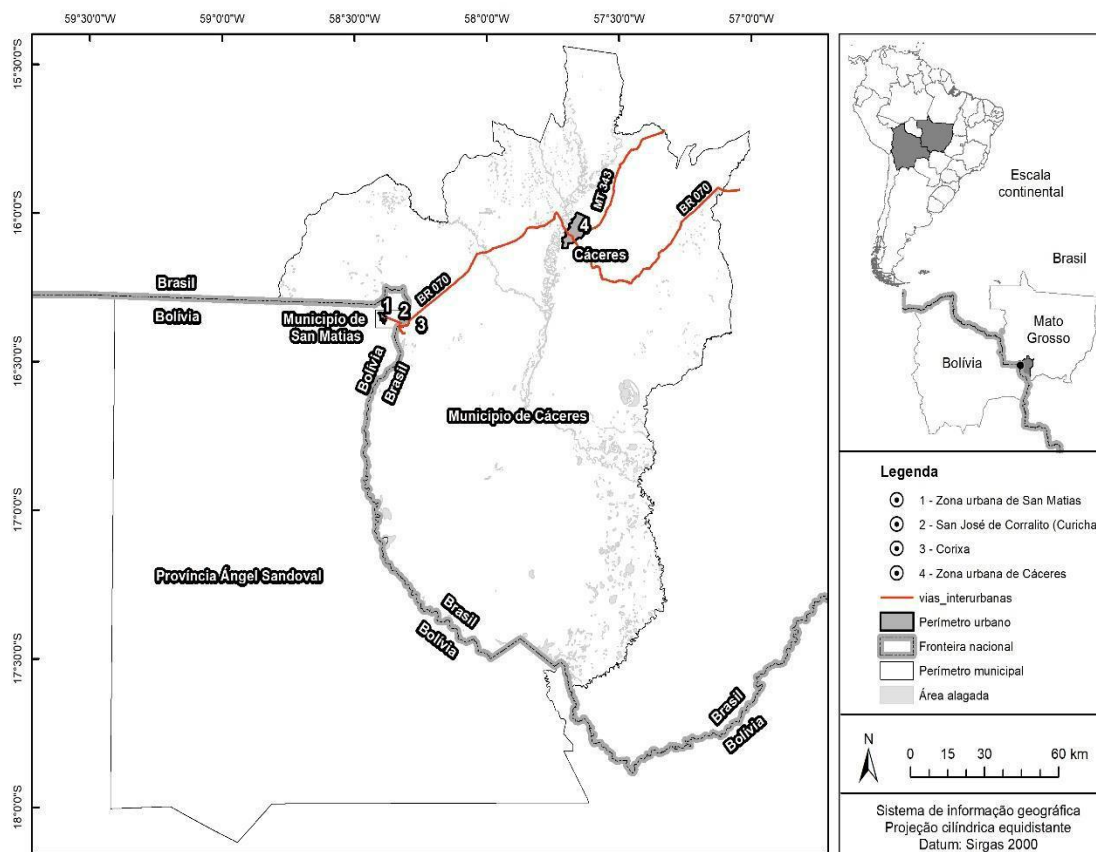
Após o trabalho de coleta de dados, passamos para a etapa de transcrição grafemática dos dados obtidos da Ficha de Informante e do QSL. Assim, criamos uma tabela no Excel com as respostas obtidas para facilitar a inserção dos dados no software *SGVCLIN*, para a confecção das cartas linguísticas e produção de relatórios.

4.9. O tratamento dos dados

As respostas obtidas da Ficha do Informante junto com o QSL foram digitalizadas, separadas e classificadas para a criação de um banco de dados numa planilha feita no *Excel*, constituindo o *corpus* da pesquisa. Finalizada essa etapa, procedemos para a elaboração dos mapas ou cartas linguísticas, aqui chamadas de Cartas Lexicais em função do objeto de estudo.

A carta base escolhida para as cartas lexicais foi elaborada por um geógrafo, de acordo com as características da pesquisa, contemplando os quatro pontos de inquérito interligados pelo o que chamamos de *Continuum geográfico linguístico fronteiriço* dentro do mesmo plano.

Figura 16: Modelo de carta-base



Fonte: DE LIMA, Thales E (elaborador).

Podemos visualizar do lado esquerdo do mapa o território da Província Angel Sandóval e no extremo leste San Matias, sendo o ponto 01 correspondente a zona urbana e o ponto 02 a comunidade rural fronteiriça de San Juan de Corralito.

A linha vermelha representa a via interurbana, ou seja a BR 070 que corta o município de Cáceres, atravessando a zona urbana, representada pelo ponto 04, seguindo até o Distrito de Corixa marcado como ponto 03. Notem que a BR 070 finaliza na Corixa que representa o fim do território brasileiro, estabelecendo divisa com San Juan de Corralito, ambas comunidades interfronteiriças rurais.

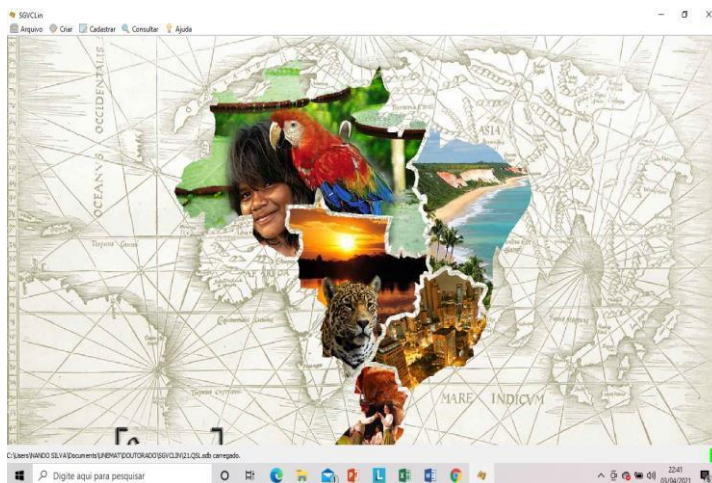
A linha vermelha segue ultrapassando os limites territoriais, dando início a estrada Hardeman Colonia-Piraí – conhecida também como estrada da Curicha – que liga a zona rural a zona urbana de San Matias.

Do lado direito do mapa, temos no plano superior a escala continental, a localização da Bolívia, do Brasil, do estado de Mato Grosso e da Província Angel Sandóval com o ponto de referência do espaço fronteiriço onde a pesquisa foi realizada. No plano inferior, apresentamos algumas informações adicionais para situar o leitor com relação ao perímetro urbano, limites, áreas alagadas, uma vez que o espaço de investigação está circunscrito ao pantanal brasileiro e boliviano.

Após definir a carta base, deu-se início ao processo de confecção das cartas lexicais, a partir do Software para Geração e Visualização de Cartas Linguísticas [SGVCLin]³⁸, ferramenta computacional que possibilita a criação de um banco de dados, manipular os arquivos da pesquisa, imprimir cartas, relatórios, criar categorias e subcategorias de questionários, edição de mapas, da rede de pontos, cadastro de fichas de resposta dos informantes, exportar dados, manipular gráficos, criar cartas bidimensionais, entre outras opções muito úteis³⁹ para o pesquisador.

Inicialmente, havíamos pensado em trabalhar com o *Goldvarb*, porém, nos pareceu mais interessante para a descrição e análise dos dados utilizar o SGVCLIN que relaciona tanto aspectos sociais quanto geográficos na produção dos relatórios quantitativos.

Figura 17: Interface do SGVCLIN



Fonte: <http://sgvclin.altervista.org>.

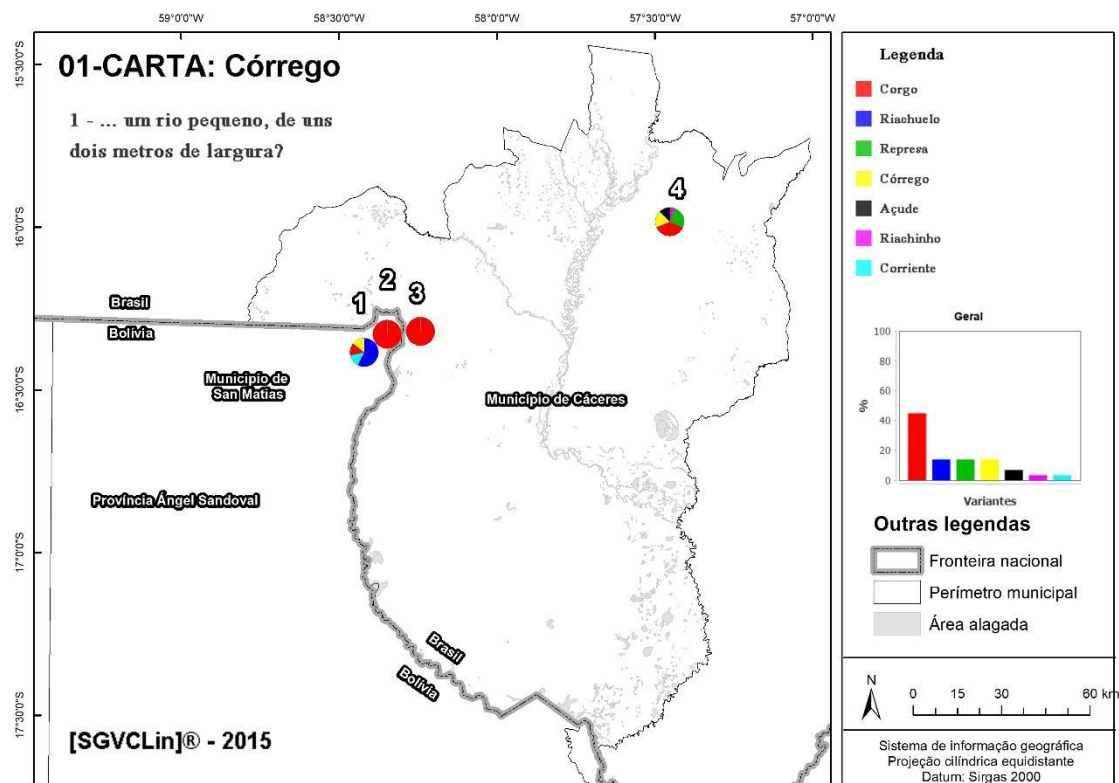
Para a versão final da carta linguística (padrão), optamos pelo modelo carta-pizza, utilizado tradicionalmente entre os geolinguistas para descrições diatópicas. No cruzamento de

³⁸ “O sistema consiste em uma ferramenta computacional inovadora projetada para fornecer uma interface simples que permita o armazenamento de dados geolinguísticos e posterior geração de cartas linguísticas por meio de consultas ao banco de dados” (ROMANO, SEABRA e OLIVEIRA, 2014, p.128).

³⁹ Para mais informações sobre o *software*, consultar: <http://sgvclin.altervista.org/>

dados dentro de uma perspectiva pluridimensional, recorreremos ao modelo carta-cruz proposto por Thun (1998).

Figura 18: Modelo de carta-pizza



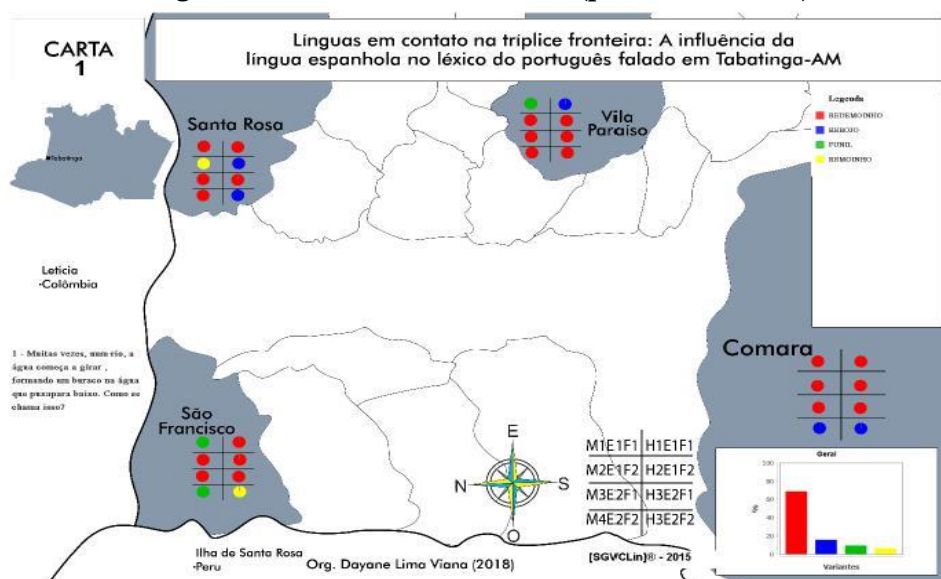
Fonte: Elaborado pelo autor.

No modelo carta-pizza (tradicional), o foco está voltado para a questão diatópica, ou seja, demonstrar a produtividade do fenômeno investigado em cada localidade, diferenciando, neste caso as variantes lexicais, através de distintas cores.

Neste modelo, a configuração a carta apresenta as variantes em formato *pizza* repartidas conforme o percentual de ocorrências que é informado em um pequeno gráfico disposto a direita abaixo e na parte superior a legenda com todas as variantes registradas.

Toda carta lexical terá algumas identificações importantes: 1) o número da carta e a lexia-base que corresponde; 2) a questão geradora das ocorrências; 3) a marca d'água de identificação do programa utilizado, neste caso *SGVCLIN*.

Figura 19: Modelo de Carta Cruz (pluridimensional)



Fonte: VIANA (2019).

No modelo cruz, o fato linguístico é demonstrado associando diferentes dimensões, por exemplo, a dimensão diassexual, diageracional e diastrática como condicionadores da variação lexical.

A configuração empregada neste modelo apresenta as variantes em concorrência através de símbolos que variam conforme o software, as preferências do pesquisador, enfim, com os objetivos de cada pesquisa.

Com o objetivo de não sobrecarregar a carta com muitas informações, optamos por retirar a escala continental e as legendas presentes na carta-base, criando no lugar um quadro informativo sobre as variantes encontradas e um gráfico representando o grau de produtividade de cada uma.

Nesse modelo, as variantes são identificadas com cores diferentes que, por sua vez, são representadas nas pizzas. Na parte superior, apresentamos a lexia principal, logo abaixo o número da questão referente que pode vir acompanhada logo abaixo de imagem com questões do tipo “(...) e isto (mostrar imagem)?”. Na parte inferior, deixamos registrado o nome do software empregado para a produção da carta [SGVCLin].

Finalizada a etapa de confecção das cartas lexicais, iniciamos o tratamento estatístico dos dados. Para cada questão, exportamos uma carta linguística e um relatório geral/específico do cruzamento das variáveis linguísticas e extralinguísticas previamente selecionadas com a produtividade lexical, portanto, a frequência relativa e absoluta de ocorrência.

Das 97 (noventa e sete) questões do QSL, analisaremos nesta tese apenas 04, em função do tamanho da amostra. Procuraremos em trabalhos futuros, analisar as demais lexias que compõem nosso banco de dados lexicais da fronteira Brasil/Bolívia.

Nossa análise consistirá no tratamento estatístico dos dados, considerando a frequência de ocorrência de lexias do português e do espanhol de acordo com as dimensões selecionadas. Essa frequência é traduzida em porcentagem, podendo ser demonstrada via gráfico ou tabela.

Para a análise qualitativa consideraremos os fatores linguísticos e extralinguísticos que podem estar condicionando a produtividade lexical de uma língua em relação a outra. Assim, para validar a interinfluência do português recorreremos a dicionários ou outros bancos de dados para verificar se há ou não registro da variante analisada.

É importante deixar claro que o dicionário é um instrumento limitado, que representa parcialmente a realidade lexical de uma língua, portanto, serve nesta tese apenas como referência para situar a lexia em relação a língua na qual está legitimada.

SEÇÃO V

DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

Analisar o léxico da fronteira entre Cáceres e San Matias, significa, reconhecer que as relações interfronteiriças são construídas com base na ideia de divisão territorial entre Estados que produz como efeito uma correlação entre fronteira linguística e fronteira política.

Os estudos sociolinguísticos de contato e dialetológicos contribuem para desconstruir essa perspectiva ao considerar que toda língua é heterogênea e que a variação é resultado de contatos linguísticos, culturais, sociais que nos leva a repensar a fronteira não como fim, muito menos a língua como objeto exclusivo de um povo na fronteira.

O plurilinguismo produzido na fronteira Brasil-Bolívia ressignifica a ideia de limite na medida em que embora as línguas possuam lugares determinados discursivamente, o modo como circulam pelo espaço fronteiriço decorrente do trânsito dos sujeitos fronteiriços no *continuum geográfico* as desloca desses lugares, reorganizando territórios a partir da convivência dos grupos de contato em interface as interdições do Estado.

Nessa perspectiva, o léxico serve como um “mirante” da fronteira e sua variação como uma paisagem a ser contemplada, em que as “palavras” recorrem caminhos em meio a tempestades (controles).

Nesta tese, buscamos demonstrar que o espaço fronteiriço brasileiro-boliviano pesquisado é marcado por paradoxos próprios dessa fronteira construídos em bases dicotômicas, ou seja, *nacional* versus *estrangeiro* que legitima os lugares das línguas ao mesmo tempo que evidencia o deslocamento pela porosidade produzida pelas relações entre as comunidades fronteiriças.

O léxico fronteiriço revela o plurilinguismo existente, revelando a diversidade linguística em meio a diferentes condicionadores que podem atuar como forças de homogeneização (monolinguismo) que influenciam na de produtividade lexical.

De modo distinto, também podemos dizer que a existência de um “monolinguismo fronteiriço” está sujeito aos contatos linguísticos diários que exercem forças plurilinguísticas que influenciam nas escolhas lexicais.

Diante das condições de produção devidamente explicadas ao longo das seções I e II que envolvem a relação entre língua e fronteira, queremos nesta seção caracterizar e analisar o léxico dos sujeitos fronteiriços e com isso verificar se há interinfluências do português e do espanhol em razão do contato linguístico.

Para a análise do léxico seguiremos os seguintes critérios:

- Verificação lexicográfica do item a ser analisado;
- Quantificação de ocorrência das variantes conforme as dimensões pré-selecionadas para fins de comparação;
- Interpretação dos dados obtidos a partir dos pressupostos teóricos da tese, das observações realizadas na fronteira e das respostas da Ficha de informante;

Diante da quantidade de material obtido na pesquisa, tomamos a decisão de selecionar 04 campos semânticos e 04 questões do total de 97 do QSL, que servirão de base para termos uma visão geral sobre o léxico fronteiriço brasileiro-boliviano quanto as variáveis sociais determinadas nesta tese.

Apresentamos abaixo o quadro com os campos semânticos e as 04 questões selecionadas para a nossa análise:

Quadro 06: Amostragem da análise

QUESTIONÁRIO SEMÂNTICO-LEXICAL		
Nº DAS QUESTÕES	AREAS SEMÂNTICAS/PERGUNTAS	ITENS LEXICAIS
ACIDENTES GEOGRÁFICOS		
01	<i>Como se chama um rio pequeno, de uns dois metros de largura?</i>	Córrego
ANIMAIS		
27	<i>(...) cachorro que não tem raça?</i>	Vira-lata
CICLO DA VIDA		
43	<i>(...) o filho que nasceu por último?</i>	Filho mais novo/caçula
CONVÍVIO E COMPORTAMENTO SOCIAL		
52	<i>...a pessoa que tem o mesmo nome da gente?</i>	Xará

Fonte: Quadro elaborado pelo autor.

Com os critérios definidos, bem como os campos semânticos, apresentamos o ordenamento das análises:

1. Apresentação da questão/campo semântico;
2. Informações lexicográficas do item lexical de referência;
3. Quadros de produtividades;
4. Análises quantitativas e qualitativas;

5.1. Campos semânticos

5.1.1. Acidentes geográficos - Questão 01

Para o campo semântico “Acidentes geográficos”, trabalharemos com a questão nº 01 do QSL que buscou identificar *como se chama um rio pequeno, de uns dois metros de largura* nos 04 pontos de inquérito.

Trata-se de um campo semântico bastante investigado dentro dos estudos dialetológicos no Brasil, pois permite conhecer o léxico rural, neste caso, o léxico rural fronteiriço.

Para a referida questão, obtivemos 07 variantes lexicais, sendo 02 registradas em dicionários⁴⁰ do português (corgo, córrego, açude, riachinho), 02 em espanhol (riachuelo e corriente) e 01 dicionarizada nas duas línguas (represa), distribuídas percentualmente da seguinte maneira:

Quadro 07: Ocorrência/percentual de variantes de córrego

Variantes lexicais	Nº de ocorrências	Percentual
Corgo	15	48.39%
Riachuelo	4	12.90%
Represa	4	12.90%
Córrego	4	12.90%
Açude	2	6.45%
Riachinho	2	6.45%
Corriente	1	3.23%
TOTAL	31	

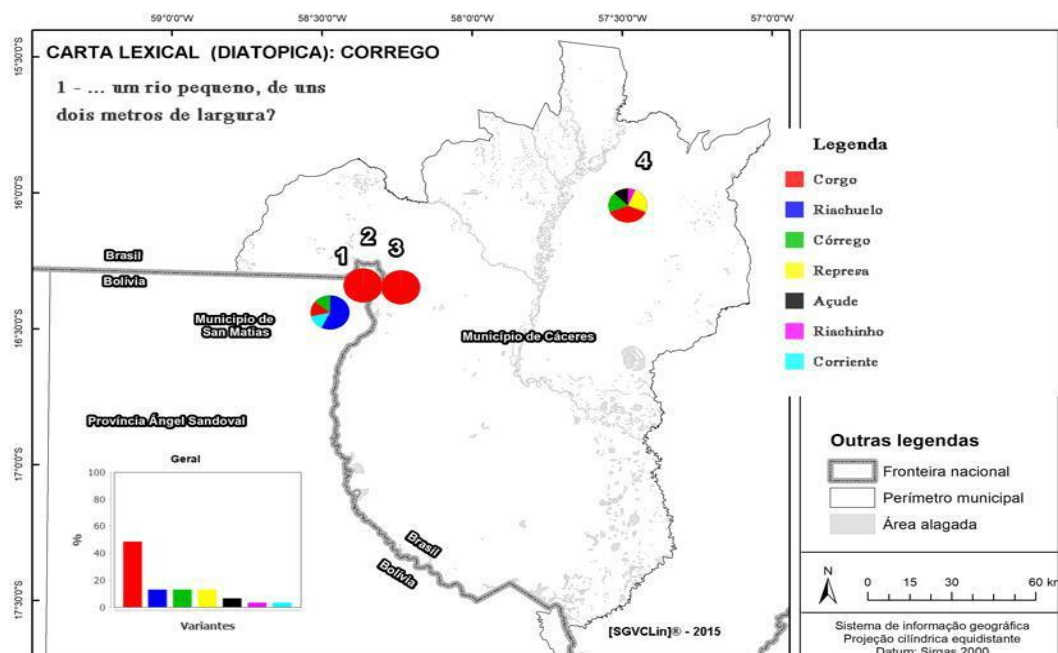
Fonte: Elaborado pelo autor.

A variante com maior produtividade foi *corgo*, com 48.39% das respostas registrada nos 04 pontos de inquérito. Constatamos que tem maior predominância na área rural fronteiriça

⁴⁰ Para a pesquisa lexicográfica, temos como base o *Diccionario de la lengua española* da Real Academia Española (DEL/RAE); *Diccionario de Americanismos* da Asociación de Academias de la Lengua Española (ASALE); *Dicionário virtual de português Michaelis*; *Base de dados do Tesouro do léxico patrimonial galego e português*.

que abarca as comunidades de San Juan de Corralito e Corixa (100%) em relação à zona urbana de San Matias (14%), como podemos observar na carta linguística abaixo:

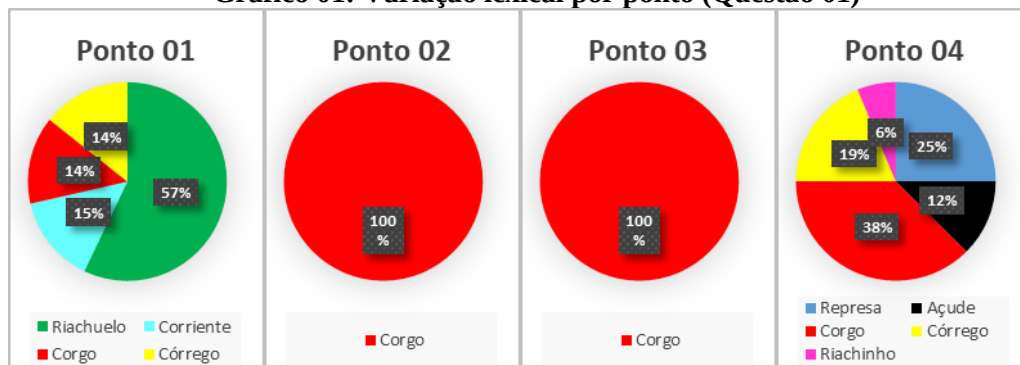
Figura 20: Carta diatópica da Questão nº 01 (QSL)



Fonte: Elaborado pelo autor.

A lexia *corgo* é proveniente da forma latina *currūgu* que significa “canal de água”. Trata-se de uma variante popular de *córrego*, presente em diversas variedades do português brasileiro, principalmente na zona rural. A variante *córrego*, ao contrário, é considerada uma forma mais prestigiosa, razão que justifica sua ausência no ponto 02 e 03.

Gráfico 01: Variação lexical por ponto (Questão 01)



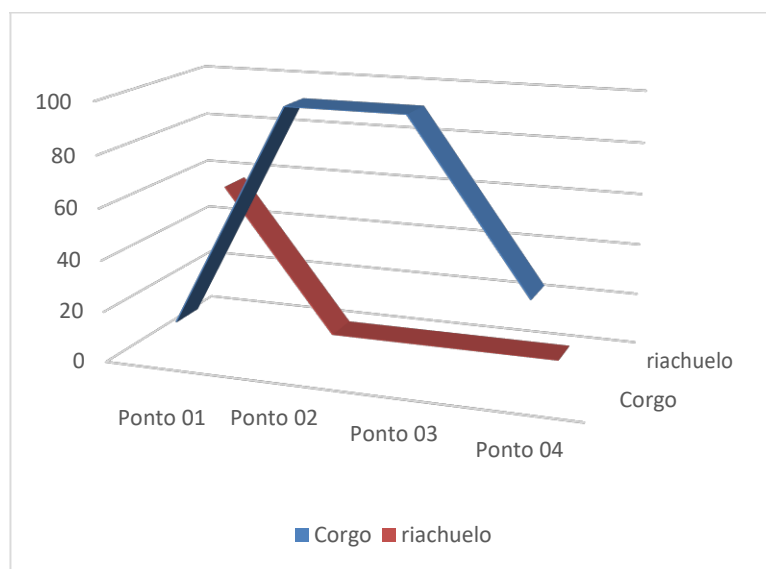
Fonte: Elaborado pelo autor.

Assim como *córrego* e *corgo*, a variante *riachuelo* é bastante comum no universo hispanofalante. Originada de forma diminutiva da palavra latina “rivichellus”, *riachuelo* (riacho + sufixo *uelo*) significa um “rio pequeno”.

Essa variante do espanhol é predominante na zona urbana de San Matias com 57% de produtividade comparado com a lexia *corriente* (15%). Já a forma *represa*, embora dicionarizada em português e espanhol, registramos o seu uso apenas na zona urbana de Cáceres com 25% de produtividade, superando para nossa surpresa, a forma de prestígio *córrego* (19%). As demais variantes *riachinho* e *açude* tiveram baixa produtividade, indicando que as lexias mais usuais na fronteira entre Cáceres e San Matias são *corgo* e *riachuelo*.

Ao compará-las, percebemos uma linha ascendente de frequência no uso da variante do português, apontando para uma possível reorganização do espaço lexical, que pode estar relacionada ao intercâmbio linguístico intercomunitário entre San Juan de Corralito e Corixa que pode ter se estendido até a zona urbana de San Matias.

Gráfico 02: Relação de concorrência (corgo x riachuelo)



Fonte: Elaborado pelo autor.

De acordo com Tarallo (2002), a variação linguística pressupõe um processo de disputa de variantes com o aumento de uso de uma delas, neste caso, da variante *corgo*.

O condicionamento interno (fonético-fonológico) pode ser verificado pela pronúncia diferenciada entre matienhos e cacerenses da variante *corgo*. Os matienhos tendem a pronunciar /koryo/ seguindo o padrão fonético-fonológico do espanhol, ao passo que os cacerenses /kɔɾgo/, com abertura vocálica acompanhado do “r” retroflexo. Trata-se de um caso de convergência

lexical, que em função do uso prolongado foi se adaptando ao sistema da língua receptora apresentando uma nova forma de realização.

Podemos deduzir que *corgo* já esteja incorporado ao léxico matienho. Conforme Labov (2008[1972]), a mudança linguística é processual, assim, se considerarmos a relação histórica de intercâmbio entre Cáceres e San Matias, podemos inferir que se trataria de uma variante pertencente ao espanhol matienho decorrente do contato linguístico.

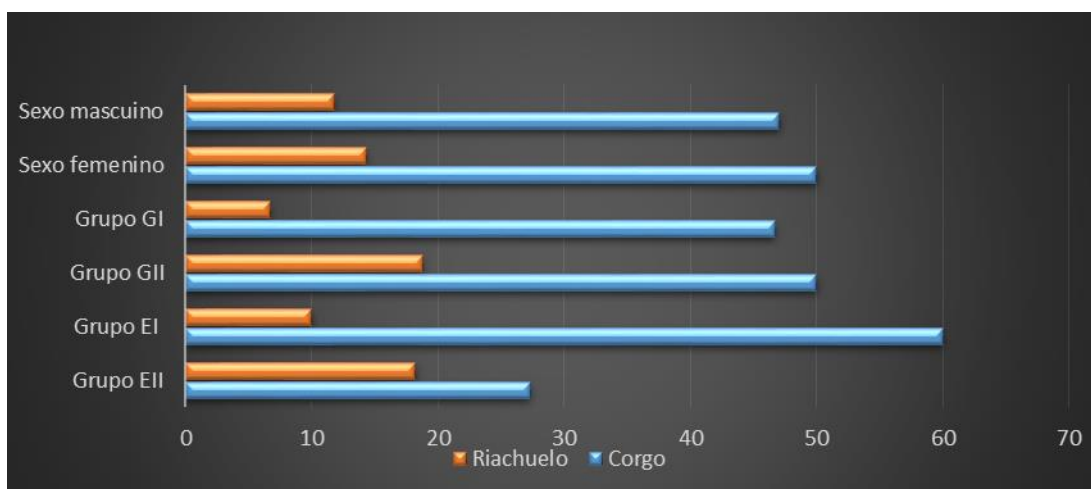
Com relação aos cruzamentos por variáveis sociais, verificamos que na dimensão diasssexual, tanto homens quanto mulheres do ponto 01 preferem o uso da variante *riachuelo*, enquanto que no ponto 02 e 03 predomina a variante *corgo* em ambos os sexos. No ponto 04, encontramos uma diferença interessante, os homens cacerenses preferem a forma *corgo* (44.44%) enquanto que as mulheres a variante *represa* (42.86%).

Na dimensão diageracional, constatamos que a variante *corgo* apresenta 100% de produtividade nas comunidades rurais fronteiriças tanto pelo grupo GI quanto GII, revelando que se trata de um item estável reforçando nossa hipótese quanto a sua incorporação ao léxico do espanhol matienho.

Do mesmo modo, na zona urbana de Cáceres os informantes mais jovens e mais velhos demonstraram uma preferência maior por *corgo* (37%) em relação as demais lexias. Já na zona urbana de San Matias, a variante *riachuelo* (75%) prevaleceu na fala dos informantes mais velhos, diferente dos informantes mais jovens que tendem a utilizar muito mais *corriente*. Nesse sentido, a variante *riachuelo* se apresenta como uma forma *conservadora* e *corriente* inovadora do lado boliviano.

Quanto a escolaridade, observamos que na zona rural fronteira brasileira e boliviana, prevaleceu o uso de *corgo* (100%) no grupo E1. Na zona urbana de Cáceres, *corgo* foi registrado tanto no grupo E1 quanto E2 superando as demais lexias. De modo diferente, na zona urbana de San Matias, se manteve o uso de *riachuelo* para as duas faixas etárias.

Gráfico 03: Distribuição percentual por variáveis extralinguísticas para as variantes *corgo* e *riachuelo* entre cacerenses e matienhos



Fonte: Elaborado pelo autor.

As análises extralinguísticas evidenciam que do ponto de vista diatópico, a variante *riachuelo* tem seu uso reduzido apenas na zona urbana de San Matias. Se consideramos as demais dimensões por ponto de inquérito, veremos que a variante *corgo* é a predominante no repertório lexical de brasileiros e bolivianos da fronteira pesquisada.

Há uma maior influência do português sobre o espanhol que o espanhol sobre o português. Portanto, não há uma interinfluência neste campo semântico, levando-nos a pensar sobre a importância que o português exerce nesse espaço fronteiriço, independente se a forma considerada é popular e não de prestígio.

5.1.2. Animais (Questão 27)

Para o campo-semântico “Animais”, focalizaremos na questão nº 27 do QSL que procurou saber *como se chama um cachorro que não tem raça*. Como respostas, registramos as seguintes variantes: *vira-lata*, *biralata*, *perro callejero* e *perro cunumi*.

Após consulta lexicográfica, verificamos que 01 registro em português (*vira-lata*), 01 em espanhol (*perro callejero*), 01 lexia específica do *espanhol camba* (*perro cunumi*) e 01 sem registro algum, ou seja, *biralata*.

Cunumi é uma palavra de origem guarani que significa “pequeno” e que na Bolívia – mais precisamente no oriente boliviano- é usado com conotação negativa, para produzir um efeito de menosprezo. Nesse sentido, *perro cunumi* é uma forma de adjetivar ao animal que não possui uma raça definida.

Do mesmo modo, no Brasil utiliza-se a forma *vira-lata* para produzir o mesmo efeito sobre o animal, diferenciando-o daqueles que possuem uma raça definida. Trata-se de uma lexia simples resultante da composição de duas lexias *vira* + *lata* (POTTIER, 1978). Em muitas variedades do espanhol, há o registro de *perro callejero*, ou seja, o cachorro da rua (*calle*).

No caso da variante *birlata*, supomos que seja um empréstimo da forma *vira-lata* do português. Assim como *corgo*, a lexia *biralata* sofreu interferências internas, adaptando-se ao sistema fonético-fonológico do espanhol matienho.

Quadro 08: Percentual de frequência das variantes de *Vira-lata*

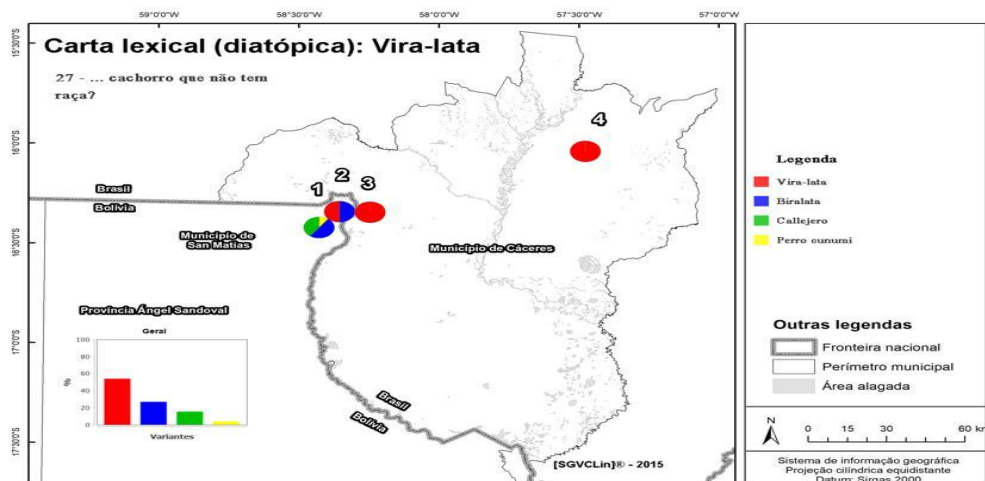
Variantes lexicais	Nº de ocorrências	Percentual
Vira-lata	14	53.85%
Biralata	7	26.92%
Perro callejero	4	15.38%
Perro cunumi	1	3.85%
TOTAL	26	

Fonte: Elaborado pelo autor.

Vira-lata se apresenta como a variante mais produtiva, com 53.85% junto com sua forma similar *Biralata* com 26.92%. A forma mais expandida no universo hispanofalante *perro callejero* alcançou 15.38%, fato que nos chamou bastante atenção quando comparado com *biralata*.

Por último, temos a variante *perro cunumi* que obteve apenas um registro, sinalizando que a influência regional do *espanhol camba* para designar *um cachorro que não tem raça* tende a ser ínfima em relação a influência da variante brasileira.

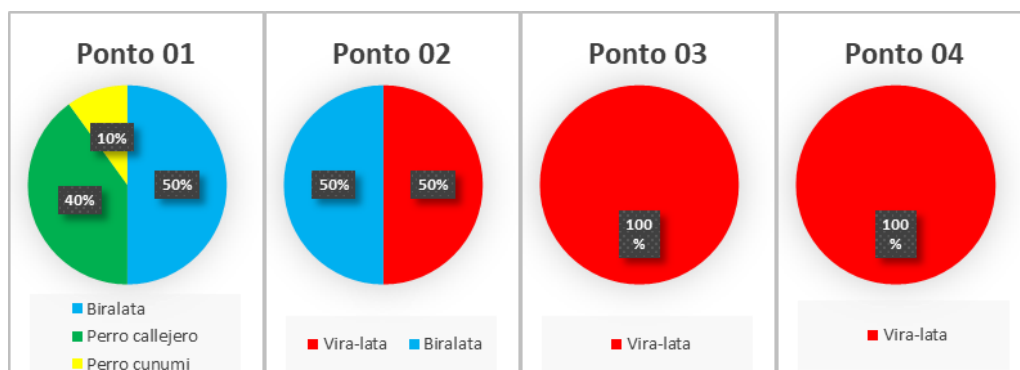
Figura 21: Carta diatópica do item “Vira-lata”



Fonte: Elaborado pelo autor.

Podemos observar na carta acima, que diferente de *corgo*, a variante *vira-lata* não alcançou todo o *continuum geográfico linguístico fronteiriço* estudado, apenas do ponto 04 ao 02. No ponto 01 prevaleceu a variante *biralata* que junto com o ponto 02 demonstram que se trata de uma lexia própria do repertório matienho.

Gráfico 04: Variação lexical por ponto (Vira-lata)



Fonte: Elaborado pelo autor.

Em termos de concorrência lexical vemos duas situações distintas: na zona urbana de San Matias concorrem a forma tradicional *perro callejero* e a forma inovadora *biralata*. Já em San Juan de Corralito, temos a forma inovadora do espanhol matienho junto com a variante do português.

Durante a seção II, explicamos que em termos sociolinguísticos, San Juan de Corralito se caracteriza por utilizar tanto a variedade do espanhol local quanto o PFB.

O uso das duas variantes corrobora para nossa hipótese da manutenção dessa variedade como resultado histórico de expansão do português em território boliviano, tanto pelo efeito da colonização, da imigração brasileira e formação de famílias na zona rural lindeira, quanto pelas políticas de *abrasileiramento* realizadas na região, através de aparelhos tanto coercitivos quanto ideológicos que elevam o status da língua e que a colocam muito mais significativa que o próprio espanhol.

As duas variantes também podem ser resultado do fenômeno de *altenância* ou *code mixing*, comum na fala de sujeitos bilíngues/plurilingues. Os sujeitos fronteiriços de San Juan de Corralito são interpelados a usar tanto o espanhol quanto o português por razões sociais, culturais e políticas, situação que fomenta o uso alternado das lexias.

Por outro lado, não encontramos traços do espanhol na fala dos brasileiros, reforçando o que LIPSKI (2017) tem demonstrado a respeito da resistência ao espanhol em diferentes

fronteiras brasileiras, mais principalmente pelo lugar histórico que a língua espanhola tem ocupado nessa região (SILVA, 2012).

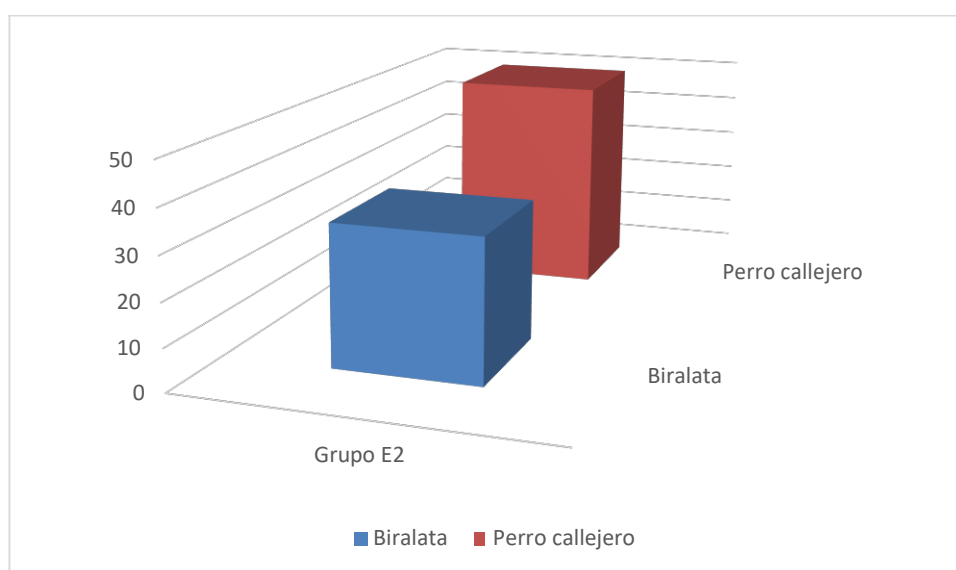
A respeito das variáveis sociais, observamos na dimensão diasssexual um dado interessante: os homens de San Juan de Corralito preferem a variante *biralata* ao passo que as mulheres *vira-lata*. Já na zona urbana de San Matias, homens e mulheres responderam *biralata*.

Na dimensão diageracional, averiguamos que no ponto 02 os informantes jovens e mais velhos apresentaram uma preferência maior por *biralata*, demonstrando que se trata de uma variante estável e também com largo uso na zona urbana pelos informantes do GII.

De modo diferente, os jovens matienhos da zona urbana preferem a variante *perro callejero* (60%), indicando que há um distanciamento da forma mais conservadora *biralata* com uma aproximação maior da variante padrão *perro callejero*.

Essa mudança de paradigma fica mais evidente quando analisamos a variável escolaridade, na qual revela que a preferência por *perro callejero* é dos informantes do grupo E2, ou seja, de quem possui ensino superior completo/incompleto.

Gráfico 05: Relação de concorrência (biralata x perro callejero)



Fonte: Elaborado pelo autor.

Podemos inferir que a escolaridade está condicionando o uso das duas variantes, significando um gesto de resistência a de presença lexis concebidas como “de fora”, “estrangeiras”.

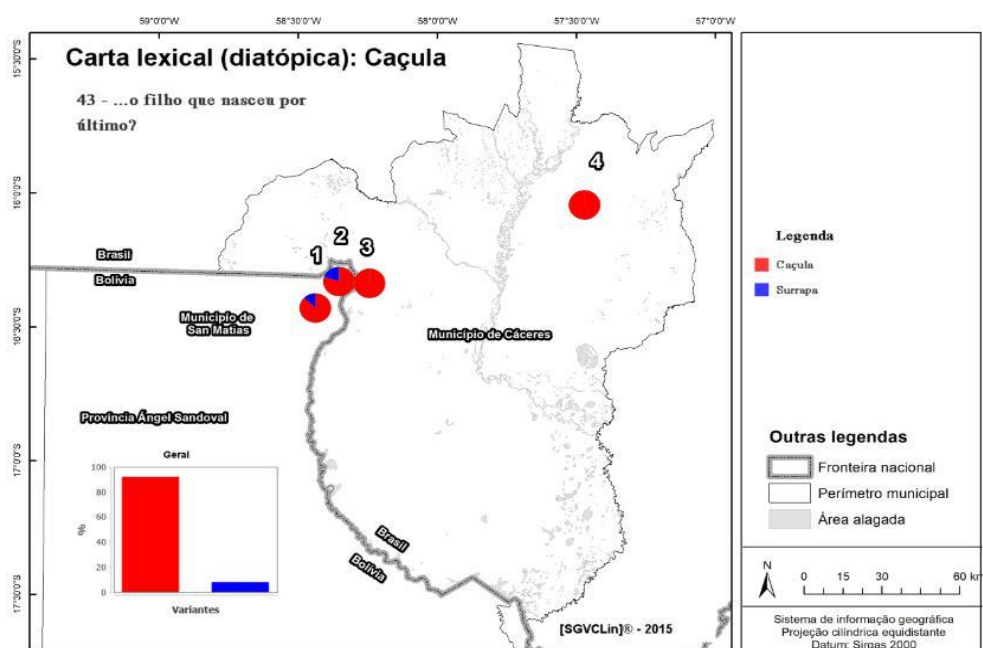
Mackey (1975), chama a atenção para o fato da migração de palavras de uma língua para outra se dá por meio de empréstimos ou de code-switching, logo, qualquer ação contrária

a heterogeneidade da língua se torna improdutiva, sobretudo quando falamos sobre línguas de fronteira.

5.1.3. Ciclo da vida (Questão 43)

Com relação ao campo semântico “Ciclo da vida”, analisaremos as respostas da questão nº 43 do QSL que buscar saber *como se chama o filho que nasceu por último*.

Figura 22: Carta diatópica do item “Caçula”



Fonte: Elaborado pelo autor.

Para a referida questão, obtivemos apenas 02 variantes lexicais, sendo 01 do português (caçula) e 01 do espanhol boliviano (surrapa), com a seguinte distribuição percentual:

Quadro 09: Ocorrência/percentual de variantes de Caçula

Variantes lexicais	Nº de ocorrências	Percentual
Caçula	23	92.00%
Surrapa	2	8.00%
TOTAL	25	

Fonte: Elaborado pelo autor.

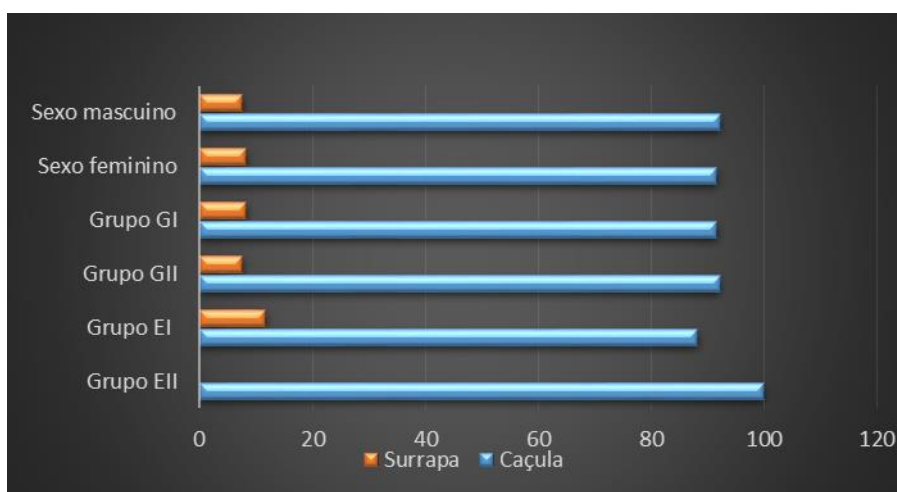
Das duas variantes documentadas, chama-nos a atenção pela alta produtividade de *caçula* (92%) em relação a *surrapa* (8%). A primeira se estende pelos 04 pontos de inquérito, enquanto que a segunda se restringe apenas a San Matias.

De acordo com Cascudo (1998, p. 210) a lexia *caçula* significa “o filho ou filha mais nova”. De origem africana, mais precisamente do dialeto quimbundo, *caçula* vem de *kasule*, com o significado de “último filho”. Trata-se de um exemplo de *brasileirismo* que retrata a formação cultural brasileira com a contribuição africana e indígena.

Em relação a variante *surrapa*, não encontramos registros em dicionários. Partimos do significado trazido pelos informantes como uma forma utilizada na Bolívia para designar o último filho da família.

Sobre as variáveis sociais, verificamos que a variante *caçula* é predominante em todas as dimensões estudadas:

Gráfico 06: Distribuição percentual por variáveis extralinguísticas para as variantes *caçula* e *surrapa* entre cacerenses e matienhos



Fonte: Elaborado pelo autor.

De acordo com o gráfico acima, a variante *surrapa* só não está presente na variável EII. Embora seja uma variante típica boliviana, em San Matias, a preferência dos informantes é por *caçula*.

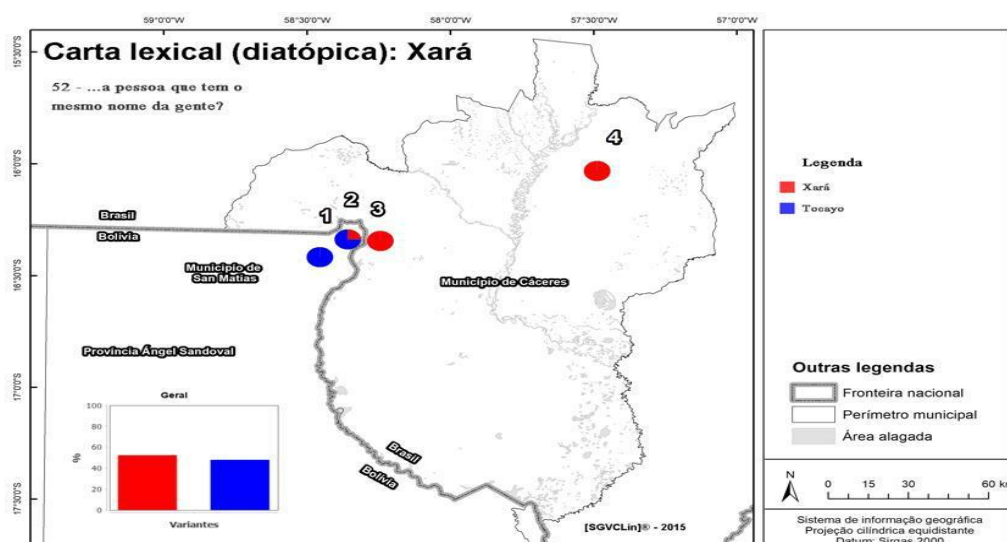
Um aspecto importante é que os informantes com grau maior de escolaridade, logo, com maior consciência linguística responderam *caçula*, o que denota que a escolarização pode ou não influenciar no uso linguístico, sobretudo, quando este se encontra incorporado como parte do *espanhol matienho*.

Um condicionador do uso *caçula* diz respeito aos casamentos entre brasileiros e bolivianos, que provavelmente dentro dos ambientes familiares a variante *caçula* tenha um significado maior que *surrapa*.

5.1.4. Convívio e comportamento social (Questão 52)

Para o campo semântico “Convívio e comportamento social”, focaremos na questão nº 52 do QSL que tratou de identificar *como se chama a pessoa que tem o mesmo nome da gente*. Ao todo, registramos 02 variantes, sendo 01 do espanhol (tocayo) e outra do português (xará).

Figura 23: Carta diatópica do item “Xará”



Fonte: Elaborado pelo autor.

A carta linguística acima demonstra que o uso da variante *xará* contempla tanto o lado brasileiro quanto o boliviano, com a diferença que apenas no ponto 02 foram registradas as duas formas.

Quadro 10: Ocorrência/percentual de variantes de Xará

Variantes lexicais	Nº de ocorrências	Percentual
Xará	12	52.17%
Tocayo	11	47.83%
TOTAL	23	

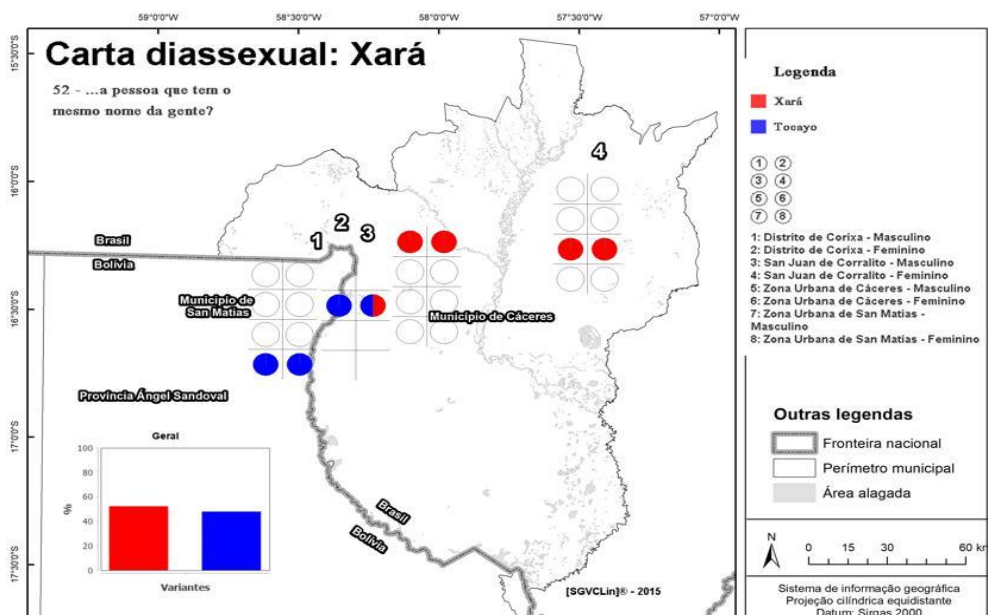
Fonte: Elaborado pelo autor.

As variantes analisadas se comparadas com as anteriores, apresentam um certo grau de equiparidade quanto a frequência de ocorrência causado pelo uso de *xará* no ponto 02. A forma *tocayo* é bastante utilizada em diversos países hispanofalantes, ao passo que *xará* constitui um exemplo de *brasileirismo*.

A lexia *xará*, conforme Cascudo (1998) significa homônimo. Sua possível origem estaria relacionada as palavras tupi-guarani “sa rara” que significa “o que tem meu nome”. Já *tocayo* pode estar vinculado etimologicamente a palavra *tocaitl* pertencente a língua *náhuatl* que significa “nome”.

Em termos sociais, apresentaremos 03 cartas para verificar se há muita diferença ou semelhança na escolha de *xará* ou *tocayo*.

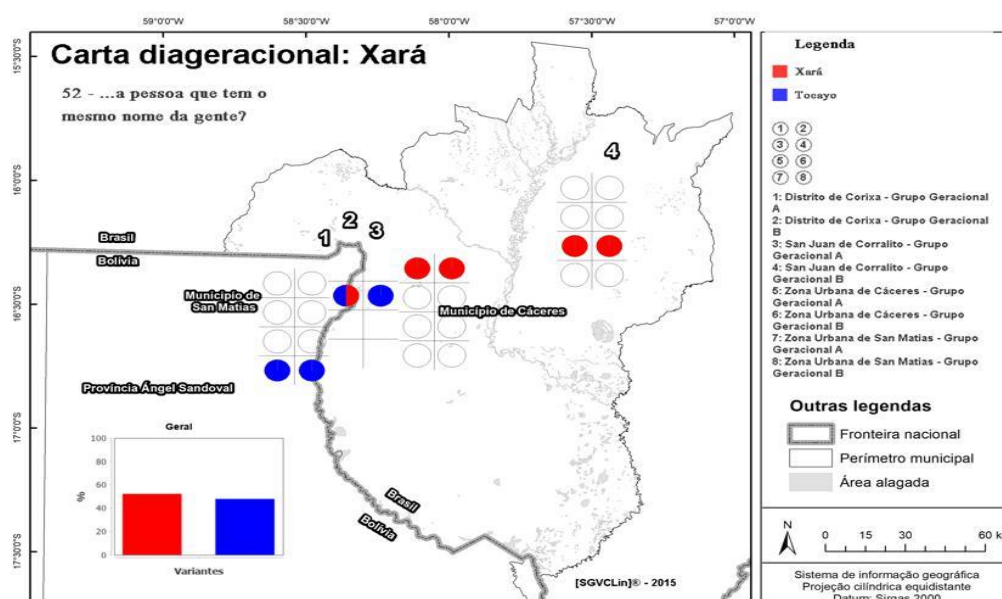
Figura 24: Carta diassexual do item “Xará”



Fonte: Elaborado pelo autor.

Podemos observar que, no ponto 01, homens e mulheres da zona urbana preferem o uso de *tocayo* (100%). Já no ponto 02, notamos que 50% das mulheres responderam *tocayo* e as outras *xará*. Já nos pontos 03 e 04 prevaleceu o uso de *xará* tanto na fala masculina quanto feminina.

Figura 25: Carta diageracional do item “Xará”

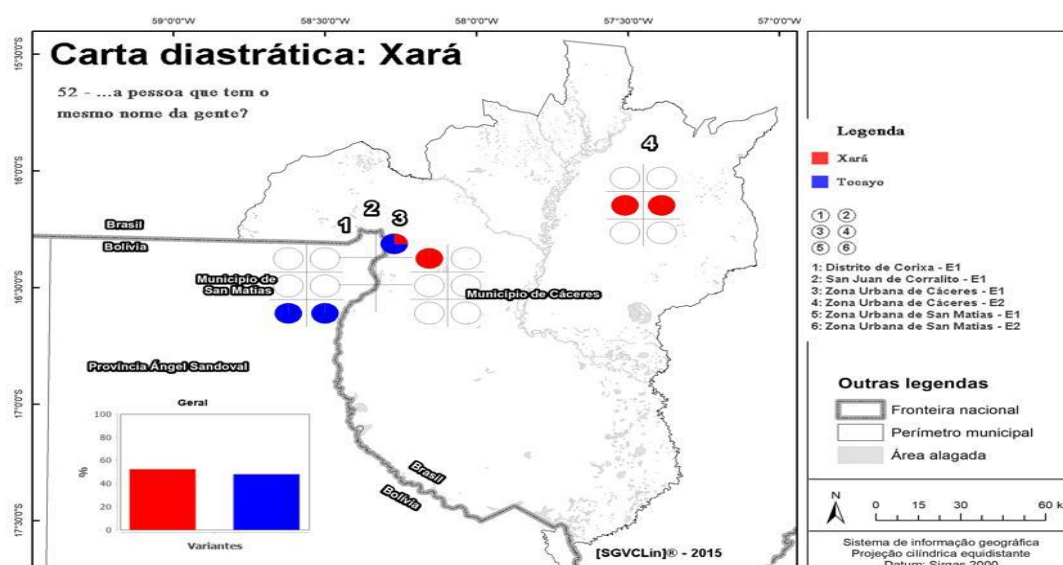


Fonte: Elaborado pelo autor.

Quanto a questão etária, constatamos que tanto no ponto 01 quanto 03 e 04, jovens e pessoas mais velhas responderam de forma equânime. Na zona urbana de San Matias, prevaleceu *tocayo* e em Cáceres, a *lexia xará*.

A diferença está nos dados obtidos no ponto 02 em que entre os jovens da comunidade de San Juan de Corralito, 50% preferem *xará* em vez de *tocayo* e vice-versa.

Figura 26: Carta diastrática do item “Xará”



Fonte: Elaborado pelo autor.

No que diz respeito a escolaridade, o grupo E2 do ponto 01 tem uma preferência maior por *tocayo*, enquanto que no ponto 02, composto exclusivamente pelo grupo E1, se divide entre as *lexias*, porém, com uma produtividade menor sobre *xará* (25%). Do lado brasileiro se mantém a seleção por *xará* e não por *tocayo*.

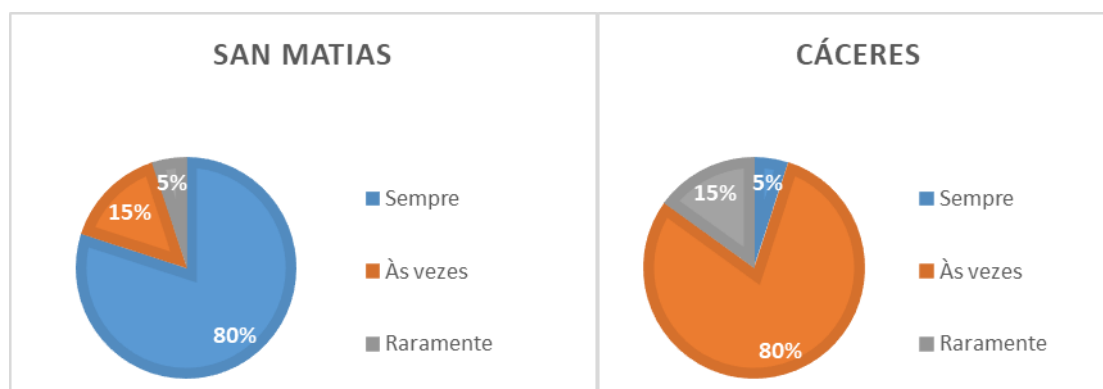
5.2.Efeitos do contato linguístico

Como pudemos verificar na análise das 04 cartas linguísticas – e nas demais, que podem ser consultadas em anexo- ocorreu uma maior produtividade de variantes do português ou tomadas de empréstimos do português que sinalizam estar incorporadas ao léxico do espanhol matienho.

Além da convivência social, o empréstimo, conforme Castillo Fadic (2002) se realiza em função de contatos indiretos como TV, rádio e internet. Em Cáceres, não há sinais de transmissão de emissoras de rádio e tv da Bolívia, como acontece em San Matias, situação que colabora para que os matienhos estejam mais expostos ao português.

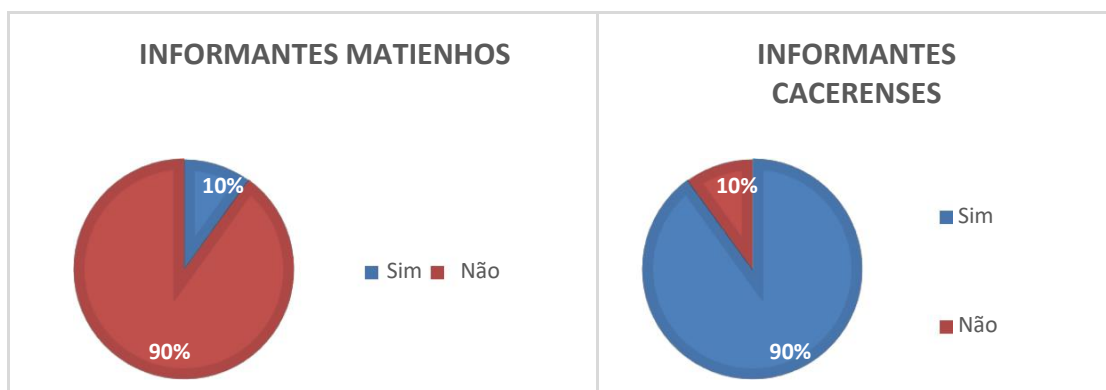
Durante a pesquisa, aplicamos uma Ficha para obter dados dos informantes e questões voltadas para saber a relação entre os entrevistados com as línguas em contato. Com base nessa ficha, chamamos a atenção para algumas questões que nos ajudam a pensar as condições de contato entre o português e o espanhol, a partir das respostas dos informantes no espaço fronteiriço pesquisado:

**Gráfico 07: Questão 29: Para os matienhos: Com que frequência você conversa com brasileiros?
Para os cacerenses: Com que frequência você conversa com bolivianos?**



Fonte: Elaborado pelo autor.

Gráfico 08: Questão 32: Para os matienhos: a maioria dos cacerenses que chegam a San Matias sabem espanhol? Para os cacerenses: A maioria dos matienhos que chegam a Cáceres sabem português?



Fonte: Elaborado pelo autor.

Com base nos gráficos acima, podemos observar que os matienhos possuem mais contato com a língua portuguesa que os cacerenses em relação a língua espanhola, o que contribui para que o léxico boliviano seja mais interinfluído que o léxico brasileiro.

As lexias analisadas refletem essa situação de exposição maior ou menor a língua, bem como refletir uma situação de *code switching* ou *code mixing* do lado boliviano, ou seja, um efeito de contato entre o PFB com o espanhol matienho, já que conforme Grosjean (1982), esse fenômeno de contato ocorre para manter a conversação e marcar a identidade do locutor em relação ao interlocutor.

Nesse sentido, quando os moradores de San Juan de Corralito estão na zona urbana tendem a evidenciar sua identidade linguística pelo uso indiscriminado e inconsciente de um léxico que é próprio da comunidade, por influência do PFB, materializado nas 97 cartas.

Esse gesto de marcar na fala o português em espaço de enunciação boliviano – de predominância da língua oficial, ou seja, do espanhol-, produz como efeito atitudes, na maioria negativas, por parte dos moradores da zona urbana, que significam o português como uma “língua estrangeira” e não como “uma língua também” de San Matias, que como vimos é um município multicultural e plurilinguístico, pois, de acordo com o INE (2012) são falados o guaraní, o bésiru, o quéchua, o aimará, o castelhano e “idiomas estrangeiros” e “sem especificar” que, inferimos tratar-se do PFB.

O plurilinguismo urbano, em termos políticos e sociais tende a ser muito mais reconhecido que o plurilinguismo rural fronteiriço, pois o fato, de San Juan de Corralito utilizar o espanhol junto com português diariamente, faz com que “essa variedade de português fronteiriça” ocupe para os moradores da zona urbana um lugar “inferior” comparado com o

imaginário que se tem sobre o que seria de fato “português”, sendo designado pelos moradores como *portunhol* (HGIE1, MGIE1) e *atravesado* (HGIIE1, MGIIIE2).

Com base em Matesanz (2019), podemos dizer que essas designações partem de uma consciência linguística dos moradores da zona urbana em saber diferenciar, dentro do imaginário linguístico que possuem sobre as línguas, o que seria de fato “espanhol” e o que seria “português”.

Essa consciência para além de uma perspectiva metalinguística, está relacionada a questões de ordem política, pois partem da premissa que a fronteira boliviana está correlacionada com a fronteira territorial, portanto, o português que é falado em San Juan de Corralito não seria “um português de fato”, pois este seria falado em Cáceres, ou seja, em território brasileiro. Do mesmo modo, o espanhol que falam não é o mesmo falado na zona urbana, pois está “cheio de erros”. De acordo com Sturza (2019, p.96):

Nomear e/ou designar uma língua são processos que, embora pareçam semelhantes e sinônimos, implicam um funcionamento semântico distinto. Cada ato desses é um ato constituído de uma função de identificação, portanto, constitui-se de uma especificidade na língua, significando ainda o modo como particularizamos algo no mundo. A enganosa sinonímia entre nomear e designar decorre de que há uma relação semântica distinta entre esses gestos e o modo como eles significam ou ressignificam na língua a sua relação com a exterioridade (STURZA, 2019, p.96).

Nesse sentido, a autora esclarece que, a designação *portunhol* está determinado por “quem são os sujeitos que o nomeiam como língua”. Matesanz (2019) esclarece que o *portunhol* pode designar realidades linguísticas diferenciadas.

Sturza (2019) esclarece que a escolha pelo *portunhol* passa pela realidade linguística e pelas condições sócio-históricas dos sujeitos. Dessa maneira, se consideramos a histórica expansão do português na fronteira entre Cáceres e San Matias em função da colonização e das políticas de *abrasileiramento* do espaço fronteiriço junto com a influência econômica e dos meios de comunicação do Brasil, podemos interpretar que o *portunhol* reflete um gesto de resistência a esse *contínuum* que além de geográfico é político, razão que poderia, por exemplo, justificar o silenciamento dessa realidade pelo INE (2012).

Sturza (2019) deixa claro que fenômenos linguísticos como *portunhol* são estudados e identificados em diferentes perspectivas teórico-analíticas. Desse modo, nesta tese, a diferença de outros estudos linguísticos, consideramos que o *portunhol* para além de um fenômeno linguístico, é também um fenômeno social, político.

Interpretamos como um fenômeno linguístico, quando consideramos, em termos lexicais, a presença de lexias do português funcionando no espanhol matienho, porém não ao contrário, ou seja, do espanhol no português.

Com base em Matesanz (2019), podemos pensar o *portunhol* como um gesto de *intercompreensão* que, dentro das condições sócio-históricas, geográficas e políticas da fronteira que estudamos, tende a se realizar mais por parte dos cacerenses que dos matienhos, visto que a produção de discursos multilíngues em Cáceres é baixa comparado com San Matias, pois do lado brasileiro, predomina o monolinguismo e do lado boliviano, o plurilinguismo individual/coletivo, por terem mais consciência linguística do uso de cada língua em contextos diferenciados de comunicação.

Do ponto de vista político, o português se apresenta como uma língua de prestígio, quando significada como “língua estrangeira”, do Brasil, porém estigmatizada, quando significada como “língua materna”, “língua local”, falada por comunidades lindeiras de San Matias (PFB), categorias estas que não correspondem a paisagem linguística local, ou seja, há um reconhecimento do espanhol e de outras línguas “próprias” da Bolívia, mas não o português, embora se traduza como uma “língua de fronteira”.

Para os moradores entrevistados de San Juan de Corralito, a comunidade fala tanto “castelhano” quanto “português”. Já, para os moradores da zona urbana de San Matias, “lá se fala atravessado”.

A designação *atravessado* implica um gesto aglutinador das duas línguas em interface com a distinção que a comunidade rural fronteiriça faz das línguas que utiliza. O léxico de San Juan de Corralito demonstra que o *code mixing* produzido na fala é interpretado como *portunhol* ou *atravessado*, para além de um fenômeno linguístico de contato, demonstra em termos extralinguísticos, traços de uma sociedade rural fronteiriça marcada pelo uso das duas línguas dentro de um espaço dividido por uma linha imaginária, mas unido por relações de amizade, parentesco, que fluem diariamente por conta de um histórico processo de expansionismo do português nesse espaço.

Considerando a fronteira entre Cáceres e San Matias, cujas condições de produção fazem com que seja distinta da realidade da fronteira entre o Brasil-Uruguai, a designação *portunhol*, para além do sentido de fenômeno de contato ou resultado deste, se apresenta como um gesto de estigmatização do PFB, falado principalmente nas comunidades lindeiras.

Como dissemos anteriormente, é necessário fazer um estudo mais aprofundado para caracterizar essa variedade de português falada em San Matias. O que podemos afirmar, a partir

do presente estudo, é que se trata de uma variedade de português que se manteve em San Matias a partir de diversos fatores explicados na seção II.

O PFB não deve ser associado com o português padrão do Brasil, mas a variedade rural fronteiriça falada em Cáceres. Também não consideramos que seja equiparado ao *portunhol inestável* identificado mais na fala de cacerenses monolíngues que recorrem a *intercomprensão* como um modelo de interação comunicativa para comunicar-se com os matienhos, como pudemos constatar durante cultos evangélicos, quando pastores brasileiros utilizavam deste modelo, em situações políticas na Câmara dos vereadores ao receber autoridades de San Matias, entre outros contextos formais ou informais.

O PFB é uma língua nativa, resultado da expansão do português e de casamentos entre brasileiros e bolivianos na fronteira, cujos filhos vivem em Cáceres ou mesmo em San Matias, mantendo o uso do português em casa e na comunidade, assim como o espanhol quando a comunicação se faz necessária com um boliviano que não saiba português, geralmente não nativo de San Matias.

Dessa maneira, com base em Lipski (2017), podemos dizer que se trata de um *continuum dialetal*, uma extensão da variedade cacerense produzida principalmente por casamentos e por processos de imigração.

Nesta tese, verificamos que o léxico de San Juan de Corralito se caracteriza por uma grande produtividade de lexias do português, mais precisamente do PFB, e no espanhol matienho representam empréstimos lexicais, visto que o sua base é o espanhol cruceño ou espanhol camba, e é justamente o seu léxico que o diferencia de outras variedades de espanhol faladas no oriente boliviano, o que pode ser explicado pelo modo como a fala dos matienhos é avaliada em Santa Cruz de la Sierra:

MGIE1: “(...) los de Santa Cruz dicen que hablamos atravesao”

MGIIE2: “(...) los cruceño son camba, hablan lo correcto. En cambio los matieño hablan cruzao, con palabras del portugués y del castellano”.

HGIE2: “(...) a vece se rien de la forma como hablamos, pero si somo fronterizo, asi que hablamos puej”

Como podemos observar, é o léxico que marca a *identidade fronteiriça* do matienho, pois, os cruceños reconhecem que o uso de determinadas palavras não corresponde aquilo que consideram como sendo espanhol.

Chama-nos a atenção, que esses discursos partiram de informantes da zona urbana, ou seja, o modo como interpretam o PFB como “atravessado” é a mesma maneira como os cruceños significam o espanhol matienho. Isso fica evidenciado em grande parte das 97 cartas lexicais, em que se pode observar a presença de empréstimos do português no repertório urbano de San Matias.

Mais uma vez, vemos que o jogo de imagens produzido em território boliviano, parte do linguístico para referendar o político. A maneira como as línguas estão distribuídas no espaço boliviano não são significadas dentro de uma “unidade linguística” esperada para o espanhol camba, mais precisamente para o seu léxico, porém a circulação do português na fronteira rompe com esse ideal.

Consideramos que os fenômenos linguísticos de contato, como o empréstimo lexical, evidenciam nas variantes lexicais embates linguísticos, ou seja, “(...) as línguas da fronteira, ao se enunciarem, significam uma política que as organiza e as distribuiu (STURZA, 2006, p.19).

Possenti (2001) esclarece que o empréstimo linguístico não modifica a natureza da língua, ao contrário contribui para o seu enriquecimento, uma vez que todas as línguas são dinâmicas e estão em constante transformação.

Quando pensamos o léxico enquanto fruto de experiências compartilhadas dentro de um espaço multicultural, ressignificamos os lugares das palavras na fronteira em interface com os lugares que ocupam nos dicionários, ou seja, seu pertencimento ao português ou ao espanhol.

Do ponto de vista teórico-metodológico desta tese, tomamos o dicionário como um instrumento que se inscreve na relação entre sociedade e história, que produz o imaginário dos sujeitos na sua relação com a língua (ORLANDI, 2002).

Isso significa dizer, que independente do dicionário, será impossível registrar todos os usos de uma língua a heterogeneidade linguística que se manifesta através da variação.

Nesse sentido, quando estabelecemos a comparação lexical nas análises, buscamos evidenciar que as lexis são fluídas, ou seja, que podem ocupar distintos lugares de funcionamento para além do lexicográfico, e que essa ocupação depende das condições sócio-históricas contato entre brasileiros e bolivianos e de suas línguas na fronteira.

Desse modo, para o matienho a variante do espanhol *tocayo* faz muito mais sentido que *xará* na hora de significar “uma pessoa com o mesmo nome”. Porém, na hora de designar o “filho mais novo”, *caçula* é mais significativo que *surrapa*. Para os cacerenses entrevistados, apenas as variantes do português fazem sentido.

Não se trata de usos aleatórios, mas condicionados pelo contexto sociocultural no qual matienhos e cacerenses estão envolvidos. O estudo do léxico deve ser pensado para além do

linguístico pois reflete relações complexas sobre o ato de designar ou de tomar de empréstimo. Muitas lexias que estão legitimadas como sendo parte do português, figuram já estar integradas ao repertório lexical do espanhol matienho pela alta produtividade das variantes documentadas, fazendo na maioria das vezes que não haja uma consciência linguística.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A especificidade do espaço fronteiriço estudado nos leva a diferenciá-lo de outras realidades fronteiriças brasileiras pelas condições de produção de sua formação e desenvolvimento, que nos permitiram refletir sobre a circulação do português e do espanhol, os lugares que ocupam socialmente e os efeitos que produzem sobre cacerenses e matienhos.

Essa reflexão foi construída a partir das seções apresentadas ao longo desta tese, um caminho de leituras que direcionou a produção das análises e de nossas considerações finais. Em cada seção, procuramos compreender o contato linguístico na fronteira Brasil-Bolívia a partir de um olhar que vai além do linguístico, ou seja, inclui fundamentalmente o social, o cultural e o político, a fim de responder à questão-problema central da pesquisa: *como se caracteriza o léxico dos sujeitos fronteiriços cacerenses e matienhos em função do contato entre o português e o espanhol?*

Para responder a essa questão e a outras decorrentes desta, dividimos nossa tese em cinco seções. Na primeira seção, produzimos uma breve descrição da nossa proposta investigativa de modo a situar o leitor ao caminho que seguiríamos para descrever e analisar o léxico da fronteira pesquisada.

Na segunda seção, passamos por um percurso histórico de diversos acontecimentos que descrevem a formação da fronteira entre Cáceres-San Matias, os embates coloniais e pós-coloniais produzidos, a caracterização sociolinguística desse espaço, de modo a contribuir para a compreensão da situação de contato linguístico atual entre os dois municípios.

Na terceira seção, apresentamos a fundamentação teórica da pesquisa que nos possibilitou interpretar não somente o léxico fronteiriço, como também, explicar os condicionantes linguísticos e extralinguísticos que estariam determinando as diferenças lexicais entre brasileiros e bolivianos.

Na quarta seção, explicamos todo o processo metodológico da pesquisa que nos levou a comparar a produção lexical do lado brasileiro e boliviano, ou seja, construímos as ferramentas de trabalho que nos forneceriam os dados necessários para compreender o léxico pesquisado.

Durante as análises produzidas na quinta seção, pudemos constatar que o léxico fronteiriço brasileiro-boliviano se caracteriza por ser bastante diversificado, pela ocorrência de muitas lexias para um mesmo referente, e ao mesmo tempo diferenciado, ou seja, em San Matias

notamos uma maior influência do português, ao passo que em Cáceres uma menor influência do espanhol.

Essa distinção é resultado do modo como se deu a formação desse espaço fronteiriço, seu povoamento, as relações comerciais, os casamentos interétnicos, os intercâmbios culturais, as políticas de integração e segurança nacional dos governos, a maneira como tem circulado as línguas portuguesa e espanhola tanto na zona urbana quanto rural.

É importante esclarecer que descrevemos um recorte da extensa fronteira entre Brasil e Bolívia, podendo haver outras realidades linguísticas diferentes, uma vez que, a cartografia lexical apresentada buscou revelar um panorama lexical resultante de práticas sociais que transcendem os limites políticos e fronteiriços das línguas faladas nas cidades-gêmeas pesquisadas, já que se trata de um espaço multilinguístico.

Ao longo desta tese, procuramos demonstrar que a fronteira é dinâmica, pois, constitui relações complexas entre *fixos* e *fluxos*, porque a variação lexical documentada, revela que as fronteiras dos Estados tendem a não coincidir com as fronteiras linguísticas. A ideia de unidade linguística em torno da língua é desconstruída por sua natureza, ou seja, heterogênea, bem como pelo conhecimento do *soft power* produzido pelos Estados (MOREAU, 2004; OLIVEIRA, 2016).

Essa heterogeneidade se manifesta através da variação linguística causada pelo contato linguístico entre o português e o espanhol, condicionada por questões linguísticas – ou seja, o fato de serem línguas cognatas-, mas principalmente por questões sócio históricas, culturais e políticas que favoreceram a expansão da primeira e o silenciamento da segunda.

Constatamos que o português não é apenas a língua dos brasileiros, mas também dos bolivianos, e que essa separação só faz sentido para os Estados e não para os sujeitos que utilizam a língua, visto que o desconhecimento da realidade plurilíngue dos espaços fronteiriços contribui a separação entre povos e línguas.

Por essa razão, nos pareceu fundamental trazer à tona o PFB, enquanto resultado da expansão e manutenção do português em território boliviano, a estabelecer um paralelo sobre a posição e importância que a língua espanhola assume na fronteira entre San Matias e Cáceres.

O léxico fronteiriço documentado é fruto de experiências compartilhadas de um espaço multilinguístico que todavia está distante de ser plurilinguístico, pela falta de reconhecimento do PFB em San Matias e do espanhol em Cáceres, além das outras línguas que circulam nesse espaço.

Para os cacerenses da zona rural fronteiriça, o espanhol ocupa o lugar de língua “vizinha”, geralmente utilizada em contextos informais, embora a língua predominante seja o

português tanto do lado brasileiro quanto boliviano (MACEDO KARIM e SILVA, 2019). No caso dos cacerenses da zona urbana, a distância geográfica fez com que o espanhol ocupasse o lugar de “língua estrangeira”, portanto, restringindo sua importância a certos espaços, principalmente educacionais.

Além disso, verificamos durante as entrevistas com os informantes brasileiros, que a semelhança entre o português e o espanhol contribui para uma conversa inteligível, logo, recorrem, enquanto falantes nativos monolíngues a discursos multilíngues quando interagem com os bolivianos, em função do desconhecimento da segunda língua (MATESANZ, 2019).

Esse recurso pode sinalizar para além do aspecto linguístico, um preconceito social ao boliviano e a língua que fala pelo modo como historicamente essa fronteira tem sido discursivizada pelos cacerenses e pelos meios de comunicação (SILVA, 2012)

Já para os matienhos, observamos que os moradores da zona urbana reconhecem a importância do português na região, porém, não aceitam que seu uso sobressaia ao do espanhol, como acontece em algumas comunidades lindeiras, cujo falar é interpretado como “portunhol” ou “atravessado” por não ser idêntico a variedade urbana, prestigiosa, conservadora no nível morfosintático, porém inovadora no nível lexical, devido a quantidade de empréstimos do português como se pode verificar nas 97 cartas lexicais em anexo.

Assim, entendemos as designações *portunhol* e/ou *atravessado* nesta tese, como uma designação de caráter pejorativo, muito mais social que linguístico para explicar uma “instabilidade linguística” resultante de processos de monolingualização do lado brasileiro e de resistência ao PFB do lado boliviano.

Nesse sentido, concluímos que a alternância entre o português e o espanhol junto com o empréstimo lexical constituem dois fenômenos de contato recorrentes do lado boliviano que em termos linguísticos justificam um léxico mais diversificado e influído pelo multilinguismo presente em San Matias, e pela manutenção do PFB, sua estabilidade linguística comunitária na zona rural fronteiriça, o prestígio do português brasileiro na região, além da educação intergeracional de matienhos em escolas brasileiras, a influência dos meios de comunicação, os intercâmbios culturais e a dependência econômica e política em relação a Cáceres que contribuíram para que elementos brasileiros entrassem para o repertório lexical matienho (SILVA-CORVALÁN, 1994; APPEL e MUYSKEN, 1996; SAVEDRA, 2021).

Já do lado brasileiro, verificamos que em função da predominância do monolingüismo em Cáceres e da falta de prestígio do espanhol observado em diferentes contextos, os cacerenses tendem a recorrer a *intercomprensão*, enquanto modelo de interação pelo fato de não dominarem o espanhol, resultando neste caso, na produção de um *portunhol*, pensado aqui no contexto

fronteiriço brasileiro como um discurso multilíngue do ponto de vista linguístico e discriminador do ponto de vista social (MATESANZ, 2019; SILVA, 2012).

A respeito das questões e hipóteses levantadas na pesquisa, concluímos que o fato de Cáceres e San Matias serem cidades-gêmeas, não significa que do ponto de vista linguístico sejam parecidas. Nossa pesquisa mostrou por meio da variação lexical, que o português é mais significativo para os matienhos que o espanhol em relação aos cacerenses, razão que explica, por exemplo, a grande quantidade de empréstimos lexicais do português utilizados em San Matias, tanto na zona urbana quanto na zona rural.

Nesse sentido, podemos dizer que o léxico fronteiriço não é híbrido totalmente, segundo a hipótese que havíamos levantado, visto que do lado brasileiro, o monolinguismo é preponderante comparado ao plurilinguismo boliviano. Essa situação confirma a segunda hipótese da influência do Brasil sobre a região, consequentemente do português.

Com relação as hipóteses levantadas sobre a variação lexical nas dimensões diatópica, diasssexual, diageracional e diastrática, chegamos as seguintes conclusões:

- i) Dimensão diatópica: há um *continuum geográfico fronteiriço linguístico* resultante da influência do português brasileiro que atinge os quatro pontos investigados. A novidade que trazemos diz respeito a uma influência interna, isto é, do PFB que coaduna com a influência externa do português brasileiro, padrão, de prestígio. Nas cartas lexicais é possível ver uma *linearidade de usos lexicais do português* que vai do ponto quatro ao ponto dois, ou seja, da zona urbana de Cáceres até San Juan de Corralito. Devido a processos migratórios internos e maior presença de instituições do Estado em San Matias, o espanhol ganhou bastante prestígio em relação as demais línguas faladas na zona urbana, razão que justifica dentro das concorrências lexicais nesse ponto estudado, uma produtividade maior de lexias do espanhol (LABOV, 2008 [1972]; TARALLO, 2002). Portanto, em termos diatópico, o português se apresenta como língua predominante nos quatro pontos de inquérito em termos de influência lexical no contato produzido com o espanhol no espaço fronteiriço entre Cáceres-San Matias. Assim, a hipótese levantada de que o léxico urbano estaria mais inclinado para variação por pressupor relações mais dinâmicas, ao passo que a zona rural seria mais conservadora pelo distanciamento da zona urbana está confirmado porém com ressalvas: consideramos que o espaço urbano se caracteriza por uma grande produtividade de variantes. O espaço rural cacerense é conservador quando posto em relação apenas a Cáceres. Já o espaço

rural matienho é paradoxalmente conservador no sentido de manter o uso do PFB em relação a Cáceres e inovador em relação a San Matias, pelo fato de o português ser mais predominante que o espanhol.

- ii) Dimensão diassexual: nas 04 cartas analisadas, verificamos que não há muita diferença no léxico masculino ou feminino do lado brasileiro. Do lado boliviano, observamos que o repertório das mulheres de San Juan de Corralito tende a sofrer mais influência do português que o repertório dos homens. Uma hipótese para essa diferença está relacionado ao “lugar materno” que poderia ocupar o português nas relações familiares, criação dos filhos etc. Com relação à zona urbana, verificamos uma tendência maior por lexias do espanhol nas respostas das mulheres e de empréstimos do português na fala dos homens. Uma hipótese para esse resultado seria que os homens tendem a participar de contextos nos quais o português é mais utilizado no espaço urbano, tais como, comércio, torneios de futebol, rodeio, entre outros. Nesse sentido, nossa hipótese de que homens e mulheres teriam um léxico parecido está rechaçada, porque constatamos que se diferencia condicionado por razões diatópicas.
- iii) Dimensão diageracional: não observamos muita diferença nas respostas entre jovens e pessoas mais velhas em Cáceres. Entretanto, do lado boliviano, os jovens matienhos tendem a utilizar mais lexias tomadas de empréstimo do português e os mais velhos, uma atitude mais conservadora frente a língua espanhola. É importante destacar, que o que chamamos de empréstimo pode configurar uma lexia incorporada. Como nossa pesquisa segue uma perspectiva sincrônica, caberia um estudo de caráter diacrônico para compreender como se deu a incorporação de muitas lexias do português no repertório matienho. Com relação a hipótese levantada de que o léxico dos cacerenses e matienhos jovens tende a ser mais inovador, ou seja, mais interinfluído – com presença de elementos das duas línguas - em relação aos mais velhos, que pressupõem um repertório lexical mais conservador, ou seja, com menor grau de influência, verificamos que foi rechaçada, porque a inovação está mais presente na fala dos jovens matienhos que utilizam palavras do português enquanto que os de Cáceres não utilizam do espanhol. O mesmo ocorre em relação as pessoas mais velhas, que embora conservadoras, observamos que muitos em San Matias usam empréstimos, ou mesmo, palavras que já foram incorporadas ao léxico local, distinguindo-se do repertório cacerense, sem traços de uso do espanhol.

- iv) Dimensão diastrática: nesta dimensão, verificamos do lado brasileiro que algumas variantes não-padrão, como *corgo*, estão presentes na fala de pessoas mais escolarizadas. Já do lado boliviano, especialmente na zona urbana, onde foi possível comparar os dois grupos E1 e E2, constatamos que os mais escolarizados possuem uma consciência linguística sobre o que consideram “parte do espanhol matienho” e “estrangeirismo”. Entretanto, muitas variantes tomadas de empréstimo do português estão presentes no repertório do grupo E2, o que nos faz pensar que, apesar de tentarem produzir um efeito de distanciamento sobre o português, acabam, paradoxalmente incluindo inconscientemente as lexias em função do plurilinguismo presente na zona, pois muitas formas já estão naturalizadas no discurso local, sendo impossível, muitas vezes discernir o que é do espanhol ou do português. Portanto, nossa hipótese que os mais escolarizados tenham um léxico mais conservador foi confirmada, porém, quando consideramos a realidade matienha.

Quanto aos efeitos do contato linguístico entre o português e o espanhol, constatamos que há um embate muito forte entre a zona urbana e a zona rural fronteira de San Matias sobre a aceitação de determinados usos linguísticos, considerados “errados”, “fora” do vocabulário do espanhol padrão e da variedade regional, isto é, do espanhol *camba*.

Através da análise das atitudes linguísticas dos informantes, levantamos alguns dados que demonstram o posicionamento dos matienhos em relação ao PFB e dos brasileiros em relação ao espanhol. As atitudes negativas estão relacionadas ao uso do PFB para além do espaço rural fronteiro, embora seja falado também na zona urbana. Há um imaginário social que recai sobre a ideia de uma unidade linguística local produzida pelo uso do espanhol, embora, circulem também outras línguas.

Pudemos constatar que a situação fronteira corresponde a Cáceres e San Matias, considerando todos os aspectos históricos, geográficos, culturais, econômicos e políticos tende a promover o uso plurilíngue mais do lado boliviano e monolíngue do lado brasileiro.

Nesse sentido, a descrição e análise das quatro cartas lexicais revelam a presença de traços de contato do português com o espanhol no espaço boliviano, rechaçando a hipótese de um léxico híbrido, mais influenciado pelo português e menos pelo espanhol.

Assim, as análises realizadas mostram que a dinamicidade do contato linguístico não é recíproca nos quatro pontos investigados, sendo muito mais intenso nas comunidades rurais fronteiras.

Os dados mapeados confirmam esse contexto diatópico pela produtividade de ocorrências de lexias do português em San Matias, apesar do baixo prestígio social que possui nas relações diazonais, embora em totalidade o prestígio seja maior quando a língua é relacionada ao português falado no Brasil, ainda que, dentro do imaginário que essa língua é significada pelos matienhos.

Nesse sentido, a fronteira não significa o “fim” mas a “continuidade” de práticas sociais que contribuem para um léxico diversificado em função de um *continuum geográfico fronteiriço linguístico* que interliga cacerenses e matienhos, mas também as línguas portuguesa e espanhola.

Esse contexto plurilíngue/monolíngue nos convida a produzir outras reflexões em torno do lugar que ocupam as línguas na fronteira entre San Matias e Cáceres, e desse modo, contribuir para uma sociedade fronteiriça mais consciente sobre a diversidade linguística da região.

Portanto, estamos seguros que atingimos o nosso objetivo geral, ou seja, de caracterizar, descrever e analisar o léxico fronteiriço brasileiro-boliviano através de uma cartografia linguística que retrata de modo sincrônico a diversidade lexical da região, as semelhanças e diferenças no repertório entre homens, mulheres, jovens, pessoas mais velhas, mais escolarizados, menos escolarizados, e os efeitos dos usos linguísticos sobre as comunidades estudadas.

Com relação aos objetivos específicos alcançados, conseguimos elaborar uma base de dados semântico-lexicais através de cartas lexicais que documentam as variantes lexicais do português e do espanhol usadas na fronteira e que poderão ser consultadas para fins de pesquisas futuras (Ver Apêndice).

Além disso, verificamos que dentre os fenômenos linguísticos apresentados nesta tese, a alternância de línguas e o empréstimo lexical predominam no contexto boliviano, pelo fato de ser pluricultural e plurilinguístico.

A pesquisa seguiu rigorosamente os procedimentos metodológicos propostos, o tratamento quantitativo dos dados por meio do *SGVCLIN*, no qual trabalhamos com quatro cartas linguísticas, analisando as variantes lexicais nas dimensões diatópica, diassexual, diageracional e diastrática, por meio de comparações, nas quais verificamos características mais inovadoras, conservadoras, similares, mescladas, determinando os condicionantes internos e externos dessa variação.

Os fatos linguísticos discutidos nesta tese só podem ser entendidos dentro de um contexto de plurilinguismo *versus* monolingüismo. A pesquisa realizada dá a conhecer a

realidade sociolinguística da fronteira entre Cáceres e San Matias, e que as características lexicais e de contato linguístico produzidas nesse espaço imprimem a fala de brasileiros e bolivianos graus de diferenças complexas que só podem ser compreendidas considerando as especificidades das cidades-gêmeas estudadas.

Esperamos que esta tese possa contribuir para futuros estudos sociolinguísticos e dialetológicos sobre línguas em contato na fronteira Brasil-Bolívia, a partir das discussões realizadas, bem como, através de sugestões de pesquisa mencionadas ao longo das seções.

REFERÊNCIAS

- ALKIMIM, T. M. Sociolinguística In: MUSSALIM; BENTES (org). **Introdução à Linguística - Domínios e Fronteiras**. Vol. 1. São Paulo, Cortez Editora: 2001.
- ALTENHOFEN, C. V. O conceito de língua materna e suas implicações para o bilinguismo (em alemão e português). *Martius-Staden-Jahrbuch*, São Paulo, n. 49, p. 141-161, 2002.
- ALTENHOFEN, C.V. Interfaces entre Dialectologia e História. In: Documentos 2. **Projeto Atlas linguístico do Brasil**. Salvador, Quarteto, 2006.
- ALTHUSSER, L. **Aparelhos Ideológicos de Estado: notas sobre os aparelhos ideológicos de Estado**. Trad. Walter José Evangelista e Maria Laura Viveiros de Castro. Rio de Janeiro, RJ: Edições Graal, 1985.
- APAZA CALLISAYA, G. M. **El español de Bolivia. Contribución a la dialectología y a la lexicografía hispanoamericanas**. Tese (doutorado) Facultad de Traducción y Documentación. Departamento de Traducción e interpretación. Universidad de Salamanca, Salamanca, Espanha, 2012.
- APPEL, R; MYSKEN, P. **Bilinguismo y contacto de lenguas**. Barcelona: Ariel, 1996.
- APONTES, S. A. Acomodação de palavras bantu em português: algumas consequências morfofonológicas. **Revista Philologus**, a. 16, nº 4, p.41-58, jan./abr. 2010. Disponível em: <<http://www.filologia.org.br>>. Acesso em: 13 de novembro de 2021.
- ARAÚJO, M. S.; PUHL, J. I. **Cáceres e San Matías na perspectiva de cidades gêmeas: um estudo de possibilidades**. Cáceres: Unemat, 2016.
- BAGNO, M. **Preconceito linguístico: o que é, como se faz**. 38. ed. São Paulo: Loyola, 1999.
- BAGNO, M. **Dicionário de Sociolinguística**. 1.ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2017.
- BISINOTO, L. S. J. **Migrações internas, norma e ensino da língua portuguesa**. Campinas: Editora RG, 2009.
- BRASIL. Ministério da Integração Nacional. **Faixa de Fronteira: Programa de Promoção de Desenvolvimento da Faixa de Fronteira**. Brasília: Ministério da Integração Nacional, 2009.
- BRASIL. Portaria nº 213, de 19 de julho de 2016. Estabelece o conceito de “cidades gêmeas” nacionais, os critérios adotados para essa definição e lista todas as cidades brasileiras por estado que se enquadram nesta condição. Diário Oficial da União, Brasília, 20 jul. 2016.
- BRANDÃO, S. F. **A geografia linguística no Brasil**. São Paulo: Ática, 1991.
- CASCUDO, L. C. **Dicionário do Folclore Brasileiro**. 10. ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005.

- CASTILLO FADIC, M. N. El préstamo léxico y su adaptación: un problema lingüístico y cultural. In: **Onomázein**, núm. 7, pp. 469-496 Pontificia Universidad Católica de Chile Santiago, Chile, 2002.
- CÂMARA JUNIOR, J.M. **História da Linguística**. Rio de Janeiro: Vozes, 1975.
- CHAMBERS, J.K; TRUDGILL, P. **La Dialectología**. Tradução de Carmen Morán González, Madrid: Visor libros, 1994.
- COMITÊ NACIONAL DO PROJETO, ALiB. **Atlas Linguístico do Brasil. Questionários 2001.2.ed.** Londrina: Eduel, 2001.
- COSERIU, E. **Sentidos y tareas de la Dialectología**. Instituto de Investigaciones Filológicas. Centro de Lingüística Hispánica, UNAM, México, 1982.
- COUTO, H.H. **Linguística, ecologia e Ecolinguística**. São Paulo: Contexto, 2009.
- CUÉLLAR, F.P & YAVARÍ, F.R. **San Matías, la esperanza de la libertad**. Santa Cruz de La Sierra, Bolívia: Sirena, 2008.
- DAY, K. C. N. **Fronteiras linguísticas e fronteiras políticas: relações linguísticas e sociohistóricas na fronteira do Brasil com a Guiana Francesa**. Cadernos de Letras da UFF - Dossiê: Dossiê: Língua em uso no 47, p. 163-182, 2013.
- DUNCK-CINTRA, E. M. **Possíveis influências da língua bororo no falar do povo da baixada cuiabana: o caso das africadas**. Monografia, Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2002.
- FARACO, C. A. **Linguística histórica**. São Paulo: Ática, 1991.
- FASOLD, R. **The Sociolinguistics of society**. Basil Blackwell, New York: 1984.
- FERNANDES, L. A. **Dicionário Pantanerês Sociolinguístico do Pantanal/** Leandro A. Fernandes, Colaboradores Viviane Vilanova Rodrigues, Rosenil dos Santos Gomes. Corumbá, 2014.
- FERREIRA, E. **A relação entre cidades-irmãs na faixa de fronteira: o caso de Cáceres – Mato Grosso/Brasil e San Matias – Bolívia**. Caminhos de Geografia. v. 18, n. 62, Uberlândia, p. 87–103, 2017.
- FISHMAN, J. A. “Who Speaks What Language to Whom and When?” **La Linguistique** 1, no. 2, p.67-88, 1965.
- GOMES, W. **Dicionário cuiabanês**, Sem editora, 2000.
- GUIMARÃES, E. Enunciação e política de línguas no Brasil. **Revista Letras – Espaços de Circulação da Linguagem**, n. 27, jul./dez., p. 47-53, 2006.
- GROSJEAN, F. The bilingual individual. In: **Interpreting**, Volume 2, 1997.

- GROSJEAN, F. **Life with two languages: in introduction to bilingualism**. Harvard University Press: 1982.
- HAUGEN, E. **The Norwegian Language in America in Bilingual Behavior**. University of Pennsylvania Press, 1953.
- ISQUERDO, A. N; ROMANO, V.P. Discutindo a dimensão sociolinguística do projeto ALiB: uma reflexão a partir do perfil dos informantes. **Alfa**, São Paulo, 56 (3): 891-916, 2012.
- LABOV, W. **The Social Stratification of English in New York city**, Whashington, D.C, Center for Applied Linguistics, 1966.
- LABOV, W. (1972). O quadro social da mudança linguística. IN: **Padrões sociolinguísticos**. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline R. Cardoso. São Paulo, SP: Parábola, 2008. p. 301-373.
- LABOV, W. (1972). O reflexo dos processos sociais nas estruturas linguísticas. IN: **Padrões sociolinguísticos**. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline R. Cardoso. São Paulo, SP: Parábola, 2008. p.139-150.
- LABOV, W. (1972). A motivação social de uma mudança sonora. IN: **Padrões sociolinguísticos**. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline R. Cardoso. São Paulo, SP: Parábola, 2008. p.19-62.
- LABOV, W. (1972). O estudo da língua em seu contexto social. IN: **Padrões sociolinguísticos**. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline R. Cardoso. São Paulo, SP: Parábola, 2008. p.215-300.
- LAFIN, G. C. **O contato linguístico português-espanhol na fronteira entre Brasil e Uruguai: estado da pesquisa e perspectivas futuras**. Trabalho de Conclusão de Curso, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2011.
- LEITE, M.S. **A Cidade de Cáceres/MT e o seu Patrimônio Cultural: Produção de um guia didático-histórico**. Dissertação de Mestrado, Universidade do Estado de Mato Grosso, Cáceres-MT, 2018.
- LIPSKI, J. M. Encontros fronteiriços espanhol-português. **Revista do Centro de Educação e Letras da UNIOESTE**. v.13, nº 02, Foz do Iguaçu, p.83-100, 2011.
- LIPSKI, J. M. La interfaz portugués-castellano en Misiones, Argentina: zona de prueba para la alternancia de lenguas. **Estud. filol.**, Valdivia, n. 60, p. 169-190, 2017.
- LOPEZ, J. M. **Lenguas en contacto**. Cuadernos de Lengua Española, Arco Libros, 1997.
- MACEDO-KARIM, J. **A comunidade São Lourenço em Cáceres-MT: aspectos linguísticos e culturais**. Tese (doutorado), Universidade Estadual de Campinas, Campinas-SP: 2012.

- MACEDO-KARIM, J; SILVA, F.J. D. Atitudes sociolinguísticas de moradores da comunidade de corixa (cáceres-mt): um estudo sobre a fronteira Brasil/Bolívia. **CLARABOIA**, Jacarezinho/PR, v.12, p. 28-47, jul./dez, 2019.
- MACKEY, W. F. **Langue, Dialecte et Diglossie litteraire**. Trent University Library, 1975.
- MAIA, I; MÉNDEZ, S. C. Falantes de português missioneiro de fronteiras em posadas pmf: o caso do bairro san lorenzo. **Web Revista SOCIODIALETO**, [S.l.], v. 7, n. 21 SER. 1, p. 152 - 162, mar. 2018.
- MARCELINO CARDOSO, S. A; ANDRADE MOTA, J. Percursos da Geolinguística no Brasil. **Linguística**, Montevideo, v. 29, n. 1, p. 115-142, 2013. Disponível em: <http://www.scielo.edu.uy/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2079312X20130001000006&lng=es&nrm=iso>. Acesso em 12/11/2021.
- MARGOTTI, F. W. **Difusão sócio-geográfica do português em contato com o italiano no sul do Brasil**. Tese de Doutorado, Porto Alegre: 2004.
- MARTIN, A. R. **Fronteiras e nações**. 4.ed. São Paulo: Contexto, 1998.
- MOLLICA, M. C; BRAGA, M. L. **Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação**. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2004.
- MOUTÓN, P. G. Dialectologia y geografía lingüística. In. ALVAR, M (Dir). **Manual de dialectología hispánica: el español de España**. Barcelona, Ariel, p.63-77, 1996.
- MORENO FERNÁNDEZ, F. **Principios de sociolinguística y sociología del lenguaje**. Barcelona: Ariel, 1998.
- MORAES, M. F. M. L. **Vila Maria do Paraguai: um espaço planejado na fronteira 1778-1801**. Dissertação (Mestrado), Universidade Federal de Mato Grosso, 2003.
- MOREAU, M. Langue de frontières et frontières de langues. **Revue de Sociolinguistique en ligne**. nº 4. Julho, 2004.
- MOSQUEIRA, G. P. **Pueblo, nación y nacionalismo cambia**. 1ª ed. Fundación Nova, Santa Cruz de la Sierra: 2008.
- NIKULIN, A. Contacto de Lenguas en la Chiquitanía. **Revista Brasileira de Línguas Indígenas – RBLI**. Macapá, v. 2, n. 2, p. 05-30, jul./dez. 2019.
- OLIVEIRA, G.M. Línguas de fronteira, fronteiras de línguas: do multilinguismo ao plurilinguismo nas fronteiras do Brasil. **Revista GeoPantanal**. UFMS/AGB, Corumbá/MS, n. 21, p. 59-72, Jul./Dez. 2016.
- OLIVEIRA, G.M. Plurilinguismo no Brasil: repressão e resistência linguística. **Synergies Brésil**, v. 7, p. 19-26, 2008. Disponível em: <<http://gerflint.fr/Base/Bresil7/bresil7.html>>. Acesso em: 10/11/2021.

- ORLANDI, E. P. **Língua e conhecimento linguístico: para uma história das ideias no Brasil**. São Paulo, SP: Cortez, 2002.
- PALACIOS, A. El factor «adquisición incompleta» en el contacto de lenguas. En Gómez Seibane, Sara; Sánchez Paraíso, María; Palacios, Azucena (en prensa). **Traspasando lo lingüístico: factores esenciales en el contacto de lenguas**. Madrid/Fráncfort: Iberoamericana/Vervuert. 46 Lengua y Sociedad, 2021.
- PAYER, O. Trabalho com a Língua como Lugar de Memória. In: **Revista Synergies-Brésil**. Le Brésil et ses langues: perspectives en français. Coord. Véronique Braun Dahlet. Revue du GERFLINT. No.7 São Paulo, 2009.
- PAIXÃO DE SOUZA, M. C. **Linguística Histórica**. Introdução as ciências da linguagem: linguagem, história e conhecimento, USP, 2006.
- PARIS, Marcela C. N. **As perspectivas da legalidade na fronteira Cáceres/Brasil e San Matias/Bolívia sob a ótica da geografia**. Dissertação (Mestrado), Universidade Federal de Mato Grosso, UFMT, Cuiabá-MT. 2013.
- POSSENTI, S. A questão dos estrangeirismos. In: FARACO, Carlos Alberto. (org.) **Estrangeirismos — guerras em torno da língua**. São Paulo: Parábola, 2001. pp. 163-176.
- POTTIER, B. **Linguística geral: teoria geral e descrição**. Trad. de Walmírio Macedo. Rio de Janeiro: Presença, 1978.
- RAMÍREZ LUENGO, J. L. El léxico del oriente boliviano en el siglo XVIII: una aproximación. **Lexis** Vol. XXXVI (1) 2012: 107-128.
- REIS, R. C. P. **Variação linguística do português em contato com o espanhol e o guarani na perspectiva do atlas linguístico-contatual da fronteira entre Brasil/Paraguai (ALF-BR PY)**. Tese (Doutorado), Londrina, UEL, 2013.
- ROCHA, P. G. **O português de contato com o espanhol no sul do Brasil: empréstimos lexicais**. Dissertação (Mestrado), Florianópolis, 2008.
- ROMANO, V. P.; SEABRA, R. D.; OLIVEIRA, N. [SGVCLin] - Software para geração e visualização de cartas linguísticas. **Revista de Estudos da Linguagem**, v. 22, n.1, p.119-151, 2014.
- ROMANO, V. P. **Atlas Geossociolinguístico de Londrina: um estudo em tempo real e tempo aparente**. Dissertação (Mestrado), UEL, 2012.
- ROMAINE, S. **El lenguaje en la sociedad: una introducción a la sociolingüística**. Tradução de Julio Borrego Nieto. Editorial Ariel, S.A, Barcelona, 1996.

- RONA, J. P. **El dialecto "fronterizo" del norte del Uruguay**. Montevideo: Universidad de la República, Facultad de Humanidades y Ciencias, Publicaciones del Departamento de Lingüística, 1959.
- RONA, J. P. **La frontera lingüística entre el portugués y el español en el norte del Uruguay**. Veritas - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1963. Suplemento.
- RONA, J. P. [1966]. **The social and cultural status of Guarani in Paraguay**. In Bright , 277-98, 1966.
- SALA, M. **Lenguas en contacto**. Ed. Gredos, 2.ed. México, 1986.
- SANABRIA FERNÁNDEZ, H. **El habla popular de Santa Cruz**. Santa Cruz de la Sierra. Editora, La Juventud, 1998.
- SANTOS, M. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção** / Milton Santos. - 4. ed. 2. reimpr. - São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006. - (Coleção Milton Santos).
- SANTOS, M. **O espaço dividido: Os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos**. São Paulo: Edusp, 2008.
- SANTIAGO-ALMEIDA, M. M. **Vogais do falar ribeirinho cuiabano**. Tese de Doutorado, USP, 2009.
- SAVEDRA, M. M. G.; PEREZ, G. M. H. Plurilinguismo: práticas linguísticas de imigrantes brasileiros no Suriname. **Revista Organon**, v.32, n.62, 2017.
- SAVEDRA, M. M. G., & SPINASSÉ, K. P. Estudos de contato no GT de Sociolinguística. **Revista Da Anpoll**, 52 (esp), 103–117, 2021.
- SAVEDRA, M. M. G.; CHRISTINO, B.; SPINASSÉ, K. P.; ARAUJO, S. S. DE F. Estudos em Sociolinguística de Contato no Brasil: a diversidade etnolinguística em debate. **Cadernos de Linguística**, v. 2, n. 1, p. 01-28, 2021.
- SEMINO, M. J. I. La experiencia metodológica del atlas lingüístico diatópico y diastrático del Uruguay (ADDU). **Revista Philologus**, v. 15, n. 45, p. 71-91, 2009. Disponível em: <<http://www.filologia.org.br/revista/45/05.pdf>>. Acesso em: 10/10/2021.
- SENA, E. C. El defensor de la frontera: Sebastián Ramos e as disputas fronteiriças (Brasil-Bolívia 1825-1862). **Tempo**. Vol. 26, n.1. Jan/Abr. Niterói: 2020.
- SILVA, F. J. D. **Língua, escola e fronteira: entre aprender a e aprender sobre língua nacional**. Dissertação (Mestrado), UNEMAT, 2012.
- SILVA-CORVALÁN, C. **Language Contact and Change**. Spanish in Los Angeles. Oxford, Oxford University Press, 1994.

- SOUZA, A. C. S. **Africanidade e contemporaneidade do português de comunidades afro-brasileiras no Rio Grande do Sul**. Tese (Doutorado), UFRGS, 2015.
- STURZA, E. R.; TATSCH, J. A fronteira e as línguas em contato: uma perspectiva de abordagem. **Cadernos de Letras da UFF**, v. 26, n. 53, 15 jan. 2017.
- STURZA, E.R. Portunhol: língua, história e política. **Gragoatá**, Niterói, v.24, n. 48, p. 95-116, jan.-abr. 2019.
- STURZA, E. R. Línguas de fronteira: o desconhecido território das práticas lingüísticas nas fronteiras brasileiras. **Cienc. Cult.**, São Paulo , v. 57, n. 2, p. 47-50, June 2005. Disponível em<http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S00096725200500020&nr=iso>. Acesso em: 11/11/2021.
- TAKANO, Y. **Esboço do atlas do falar dos nipo-brasileiros do distrito federal: aspecto semântico-lexical**. Tese (Doutorado), USP, 2013.
- TARALLO, F. **A pesquisa sociolinguística**. São Paulo: Ática, 2002.
- THOMASON, S. G. **Language Contact**. Edinburgh University press, 2001.
- TONELLI JUSTINIANO, O. **Riseña Histórica social y económica de la Chiquitania**. Santa Cruz de la Sierra: Editorial El País, 2004.
- THUN, H. La Geolinguística como linguística variacional general (con ejemplos del Atlas lingüístico Diatópico y Diastrático del Uruguay. In: **Actes du XXII Congrès International de Linguistique et Philologie Romanes**. Volume III, Bruxelles, 1998.
- THUN, H.; FORTE, C. E.; ELIZAINCÍN, A. El atlas lingüístico Diatópico y Diastrático del Uruguay (ADDU): presentación de un proyecto. In: **Iberoromania**, Tübingen, n. 30, p. 26-62, 1989.
- VIANA, D. L. **Línguas em contato na tríplice fronteira: a influência da língua espanhola no léxico do português falado em tabatinga – AM**. Dissertação (Mestrado), 2019.
- VIAUT, A. La frontière linguistique de la ligne à l'espace : éléments pour une schématisation. In: *Langue de frontières et frontières de langues*. **Revue de Sociolinguistique en ligne**. N° 4. Julho, 2004.
- WINFORD, D. **An introduction to contact linguistics**. Oxford: Blackwell, 2003.
- WEINREICH, U. [1968]. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**/Uriel Weinreich, William Labov, Marvin I. Herzog; tradução Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.
- WEINREICH, U. [1953]. **Languages in contact. Findings and Problems**. The Hauge, Paris, New York, Mouton, 1986.

SITES CONSULTADOS

<https://www.ine.gob.bo/> Acesso em: 10/04/2020

<http://sgvclin.altervista.org/> Acesso em: 11/06/2020

<https://piib.socioambiental.org/pt/Povo:Chiquitano> Acesso em: 08/04/2021.

<http://www.zakinews.com.br/noticia.php?codigo=3641> Acesso em: 16/06/2021

http://jornalcorreiocacerense.com.br/ver_noticia.php?noticia=13161_fexpomatias Acesso em: 20/08/2021.

<https://mapas.mt.gov.br/agente/245/>. Acesso 27/03/2021.

<https://bdpi.cultura.gob.pe/index.php/pueblos/aimara>. Acesso em 27/03/2021.

http://www.proel.org/index.php?pagina=mundo/amerindia/ge_pano/ge_bororo/bororo Acesso em 02/05/2020

<https://www.facebook.com/soymatieño> Acesso em 20/04/2020

<https://www.definiciones-de.com/Definicion/de/tapeque.php>. Acesso em 04/11/2021.

<http://info.lncc.br/bolivia3.html> Acesso em 14/10/2020.

ANEXO I

FICHA DO INFORMANTE



DADOS DOS INFORMANTES
 QUESTÕES DE ATITUDES LINGÜÍSTICAS
 NO MUNICÍPIO DE SAN MATIAS - BOLÍVIA
 Nº DO PONTO: Nº DO INFORMANTE:
 () ZONA URBANA () ZONA RURAL:

01) Nome completo:		
02) Sexo:	03) Data de Nasc:	04) Idade atual:
05) Você nasceu em San Matias? () Sim () Não		
06) Quanto tempo mora em San Matias?		
07) Qual a nacionalidade dos seus pais?		
a) Mãe () Boliviana () Brasileira		b) Pai () Boliviano () Brasileiro
08) Em que língua você aprendeu a falar? () Castelhana/Espanhol () Português () Outra: _____		09) Qual é a sua formação? () E1: Ensino Fundamental/Médio completo () E2: Ensino Superior incompleto/completo
10) Em que trabalha atualmente?		
11) Quando está em casa, prefere ver canais de TV brasileiro, boliviano, os dois ou nenhum? () Canais brasileiros () Canais bolivianos () Ambos () Nenhum		12) Prefere ouvir rádio do Brasil, da Bolívia, os dois, ou não gosta de ouvir rádio? () Rádio do Brasil () Rádio da Bolívia () Ambos () Não gosta de ouvir rádio
13) Em qual idioma tem o hábito de ler? () Castelhana/Espanhol () Português () Ambos		14) Nas redes sociais (Facebook, Whatssap, Instagram), você costuma se comunicar em qual idioma? () Castelhana/Espanhol () Português () Ambos
15) Você tem muitos amigos brasileiros? () Sim () Não	16) Você escuta mais música brasileira ou boliviana? () Brasileira () Boliviana	17) Na sua opinião, San Matias recebe muita influência brasileira? Explique, por favor. () Sim () Não

Comentário da Questão 17:		
18) Na sua opinião, quem fala mais parecido com os brasileiros em San Matias? Resposta:	19) Na sua opinião, quem fala melhor espanhol em San Matias? Resposta:	
20) Na sua opinião, quem fala melhor português em San Matias?	21) Você sabe falar português? ☐ Sim ☐ Não	22) AFIRMATIVO: Como você aprendeu?
23) NEGATIVO: Você gostaria de aprender português?	24) Para você, é fundamental saber português em San Matias? ☐ Sim ☐ Não	25) A maioria dos teus amigos sabem português? ☐ Sim ☐ Não
26-A) Você conversa/conversava com seus pais em qual língua? ☐ Castelhana/Espanhol ☐ Português ☐ Ambos ☐ Outra: _____	26-B) E com seus avós? ☐ Castelhana/Espanhol ☐ Português ☐ Ambos ☐ Outra: _____	
Comentário sobre as Questões 26 e 27:		
27) Você tem parentes brasileiros? ☐ Sim ☐ Não	28) Qual seria o grau de parentesco?	29) Com que frequência você conversa com brasileiros? ☐ Sempre ☐ As vezes ☐ Raramente ☐ Nunca
30) O que você acha do jeito de falar dos moradores da Curicha? OU O que você acha do jeito de falar dos moradores de San Matias?	31) Em que situações geralmente você precisa falar português?	32) Na sua opinião, a maioria dos cacerenses que chegam a San Matias sabem espanhol? ☐ Sim ☐ Não

33) Os brasileiros que moram em San Matias falam bem espanhol?	34) Quando você viaja para Santa Cruz de la Sierra, o que geralmente os cruceños falam sobre seu modo de falar?	35) Você tem orgulho ou vergonha da forma como você fala espanhol? () Vergonha () Orgulho
36) Alguma vez, já te confundiram com brasileiro? () Sim () Não	37) Na sua opinião, quem tem mais contato com brasileiro: quem vive na parte urbana ou rural, como a Curicha?	38) Que palavras identificam um matienho?
39) Na sua opinião, San Matias depende muito de Cáceres? () Sim () Não	40) Com que frequência vai a Cáceres () Sempre () As vezes () Raramente () Nunca	41) O que você gosta de fazer durante o fim de semana?
42) Você prefere San Matias como está agora ou como era antes? Por que?		

ANEXO II
QUESTIONÁRIO SEMÂNTICO-LEXICAL ADAPTADO (QSL)

Informante:			
Sexo: () Masculino () Feminino		Idade: _____	
Escolaridade: () Ensino Fundamental/Médio Completo () Ensino Superior incompleto/completo			
() Zona Rural (Curicha) () Zona Urbana (Centro)		() Idade 1 – Entre 15 a 35 () Idade 2 – Entre 40 a 65	
QUESTIONÁRIO SEMÂNTICO-LEXICAL			
Nº DAS QUESTÕES	ÁREAS SEMÂNTICAS/PERGUNTAS	ITENS LEXICAIS	RESPOSTAS
	Acidentes Geográficos		
01	...um rio pequeno, de uns dois metros de largura?	Córrego	
	Fenômenos Atmosféricos		
02	...o vento que vai virando em roda e levanta poeira, folhas e outras coisas leves?	Redemoinho	
03	... uma chuva bem fininha?	Garoa	
	Atividades agropastoris		
04	... as frutas menores que a laranja, que se descascam com a mão e, normalmente, deixam cheiro na mão?	Tangerina/Mexerica	
05	Quando se tira da espiga todos os grãos do milho, o que sobra?	Sabugo	
06	...aquela raiz branca por dentro, coberta por uma casca, marrom, que se cozinha para comer?	Mandioca	
07	... um veículo de uma roda, empurrado por uma pessoa, para pequenas cargas em trechos curtos?	Carrinho de mão	
08	...lugar onde ficam as galinhas?	Galinheiro	
09	...lugar onde ficam os porcos?	Chiqueiro	
10	...isto? <i>Mostrar imagem</i>	Enxada	
11	...isto? <i>Mostrar imagem</i>	Pá	

12	...galinha criada no terreiro?	Galinha caipira	
13	...isto? <i>Mostrar imagem</i>	Fogão de lenha	
14	...pessoa que trabalha com gado nas fazendas e nos rodeios?	Peão	
	Fauna		
15	... a ave preta que come animal morto, podre?	Urubu	
16	... o passarinho bem pequeno, que bate muito rápido as asas, tem o bico comprido e fica parado no ar?	Beija-flor	
17	... a ave que faz a casa com terra, nos postes, nas árvores e até nos cantos da casa?	João-de-barro	
18	... aquele bichinho branco, enrugadinho, que dá em goiaba, em coco?	Coró	
19	... isto? <i>Mostrar imagem</i>	Capivara	
20	... ave símbolo do pantanal, branca, com o papo vermelho e bico comprido?	Tuiuiú	
21	... réptil com dentes afiados que come aves e peixes?	Jacaré	
22	... cobra que mede mais de dois metros de comprimento e que está no pantanal?	Sucuri	
23	... isto? <i>Mostrar imagem</i>	Onça	
24	... isto? <i>Mostrar imagem</i>	Pacu	
25	... isto? <i>Mostrar imagem</i>	Pintado	
26	... isto? <i>Mostrar imagem</i>	Tatu	
27	... cachorro que não tem raça?	Vira-lata	

Corpo Humano			
28	...alguma coisinha que cai no olho e fica incomodando?	Cisco	
29	...a pessoa que tem os olhos voltados para direções diferentes? <i>Completar com um gesto dos dedos.</i>	Vesgo	
30	...a bolinha que nasce na _____(cf. item _____),fica vermelha incha? Terço/viúva	Terçol	
31	...a pessoa que parece falar pelo nariz? <i>Imitar</i>	Fanhoso/fanho	
32	...a sujeirinha dura que se tira do nariz com o dedo?	Meleca/tatu	
33	... isto? <i>Mostrar imagem</i>	Pomo de Adão/gogó	
34	...a pessoa que tem um calombo nas costas e fica assim (mímica)?	Corcunda	
35	...esta parte aqui? <i>Apontar</i>	Axilas	
36	...o mau cheiro em baixo dos braços?	Cecê	
37	...a pessoa que come com a mão esquerda, faz tudo com essa mão? <i>Completar com o gesto.</i>	Canhoto	
38	...a pessoa de pernas curvas? Mímica.	Pessoa de pernas arqueadas	
39	... aquela lágrima seca que aparece no olho ao acordar?	Remela	
40	...Isto? <i>Apontar</i>	Queixo	
41	...Isto? <i>Apontar</i>	Bochecha	
42	o que se tira do ouvido quando se limpa?	Cera	
Ciclo da vida			

43	...o filho que nasceu por último?	Filho mais novo/caçula	
44	Criança pequeninha, a gente diz que é bebê. E quando ela tem de 5 a 10 anos, do sexo masculino?	Menino	
45	E se for do sexo feminino, como se chama?	Menina	
Convívio e comportamento social			
46	... a pessoa que fala demais?	Tagarela	
47	... a pessoa que tem dificuldade de aprender as coisas?	Pessoa pouco inteligente	
48	... a pessoa que não gosta de gastar seu dinheiro e, às vezes, até passa dificuldades para não gastar?	Pessoa sovina	
49	...a pessoa que deixa suas contas penduradas?	Mau pagador	
50	...o marido que a mulher passa para trás com outro homem?	Marido enganado	
51	...a mulher que se vende para qualquer homem?	Prostituta	
52	...a pessoa que tem o mesmo nome da gente?	Xará	
53	Que nomes dão a uma pessoa que bebeu demais?	Bêbado	
54	...a pessoa que trabalha com curas, ervas, espiritualidade?	Curandeiro	
55	...pessoa que na frente te elogia e por detrás fala mal de você?	Duas caras/falsa	
56	...pessoa que não gosta de trabalhar?	Vagabundo	
57	...pessoa que fica elogiando demais pra ganhar alguma coisa?	Puxa-saco	
58	...uma pessoa que tem muita coragem é uma pessoa...?	Corajosa	

59	... pessoa que gosta de falar da vida dos outros?	Fofoqueiro	
60	... homem com jeito afeminado?	Gay	
61	... mulher com jeito masculinizado?	Lésbica	
	Jogos e diversões infantis		
62	...a brincadeira em que se gira o corpo sobre a cabeça e acaba sentado? <i>Mímica</i>	Cambalhota	
63	...bolinha de vidro com que os meninos gostam de brincar?	Bolinha de gude	
64	...o brinquedo feito de uma forquilha e duas tiras de borracha (mímica), que os meninos usam para matar passarinho?	Estilingue	
65	...o brinquedo feito de varetas cobertas de papel que empina no vento por meio de uma linha?	Pipa	
66	...a brincadeira em que uma criança fecha os olhos, enquanto as outras correm para um lugar onde não são vistas e depois essa criança que fechou os olhos vai procurar as outras?	Esconde-esconde	
67	...a brincadeira em que uma criança, com os olhos vendados, tenta pegar as outras?	Cabra-cega	
68	...uma brincadeira em que uma criança corre atrás das outras para tocar numa delas, antes que alcance um ponto combinado?	Pega-pegas	
69	... uma tábua apoiada no meio, em cujas pontas sentam duas crianças e quando uma sobe, a outra desce? <i>Mostrar imagem.</i>	Gangorra	
70	...uma tábua, pendurada por meio de cordas, onde uma criança se senta e se move para frente e para trás? <i>Mostrar imagem</i>	Balanço	
71	...a brincadeira em que as crianças riscam uma figura no chão, formado por quadrados numerados, jogam uma pedrinha (mímica) e vão pulando com uma perna só?	Amarelinha	

72	...isto? <i>Mostrar imagem</i>	Pula-pula	
Habitação			
73	Quando se vai ao banheiro, onde é que a pessoa senta para fazer as necessidades?	Vaso sanitário	
74	...aparelho doméstico para cozinhar?	Fogão	
75	...vasilhame usado para armazenar gás?	Botijão de gás	
76	...lugar para pendurar as roupas para secar?	Varal	
77	...isto? <i>Mostrar imagem</i>	Cômoda	
Alimentação e cozinha			
78	... coca-cola é que tipo de bebida?	Refrigerante	
79	... isto? <i>Mostrar imagem</i>	Pirulito	
80	... isto? <i>Mostrar imagem</i>	Picolé	
81	Depois que chupa a manga, o que sobra?	Caroço	
82	O que as pessoas comem geralmente quando assistem filmes, que tem como base o milho?	Pipoca	
Vestuário e acessórios			
83	...a peça do vestuário que serve para segurar os seios?	Sutiã	
84	...roupa que o homem usa debaixo da calça?	Cueca	
85	...a roupa que a mulher usa debaixo da saia?	Calcinha	
86	...Isto? <i>Mostrar</i>	Arco de cabelo	

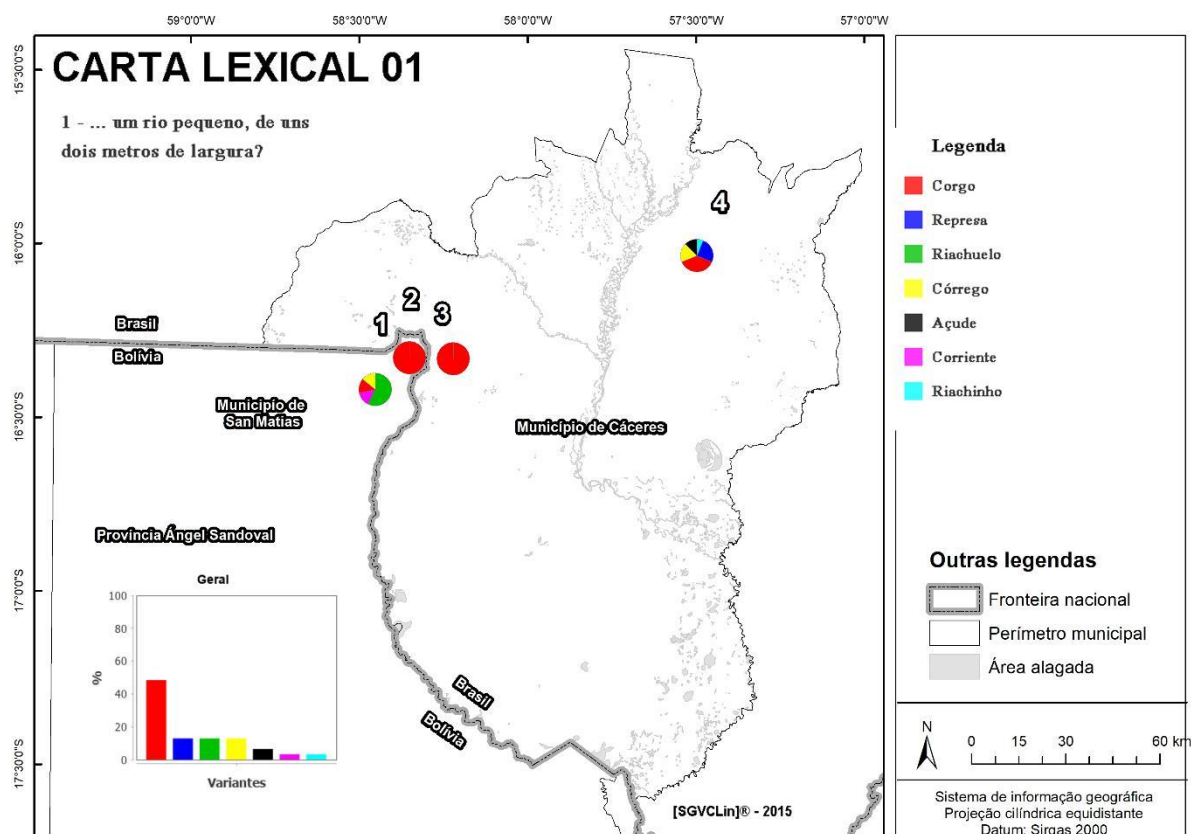
87	... Isto? <i>Mostrar</i>	Chinelo	
88	... camiseta sem manga?	Camiseta regata	
89	... Isto? <i>Mostrar</i>	Boné	
90	... isto? <i>Mostrar imagem</i>	Zíper	
91	... laço para fechar o tênis ou sapato?	Cadarço	
Vida Urbana			
92	Na cidade, o que costume ter em cruzamento com movimento, com luz vermelha, verde e amarela?	Semáforo	
93	...aquele morrinho atravessado no asfalto para os carros diminuírem a velocidade?	Lombada/quebra-molas	
94	Na cidade, os automóveis andam no meio da rua e as pessoas nos dois lados, num caminho revestido de lajes ou ladrilhos. Como se chama este caminho?	Calçada	
95	... pessoa que fica pedindo dinheiro na rua?	Mendigo	
96	Quando a luz vai embora na cidade é porque houve...?	Apagão	
97	...isto? <i>Mostra imagem</i>	Garupa da bicicleta	

APÊNDICE I

CARTAS LINGUÍSTICAS DO LÉXICO DA FRONTEIRA BRASIL-BOLÍVIA

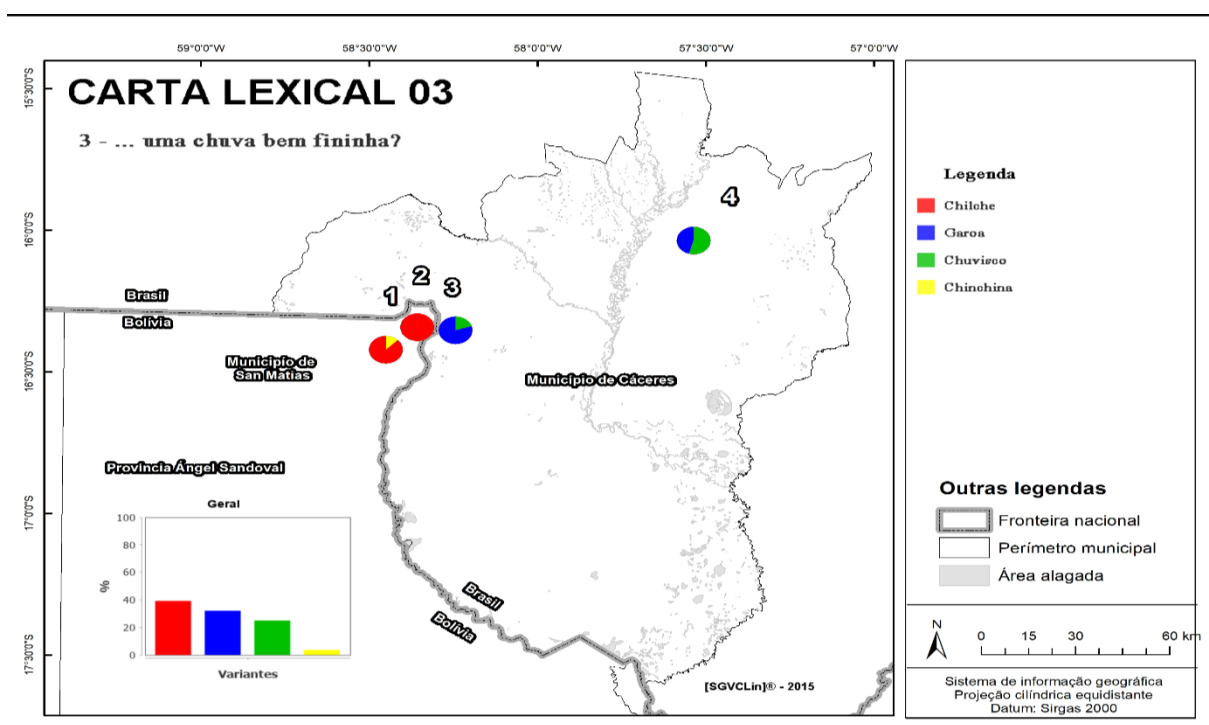
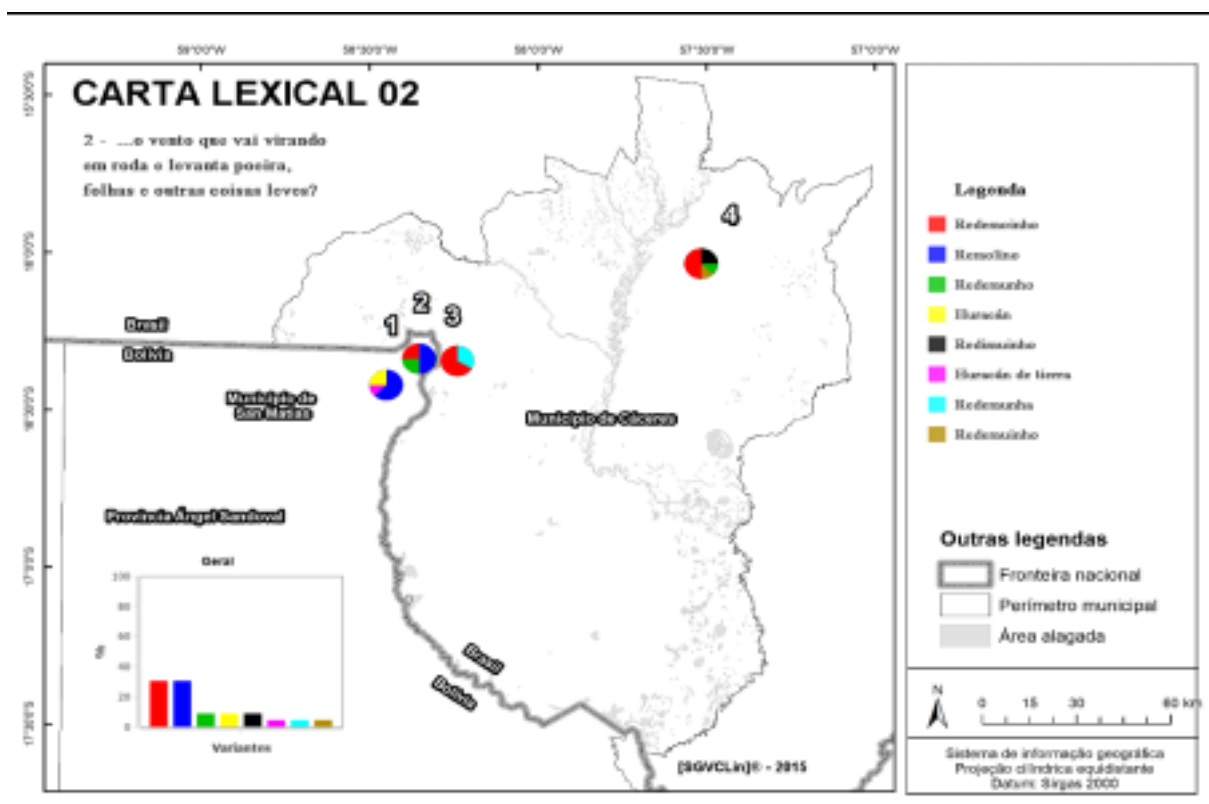
CAMPO SEMÂNTICO

ACIDENTES GEOGRÁFICOS



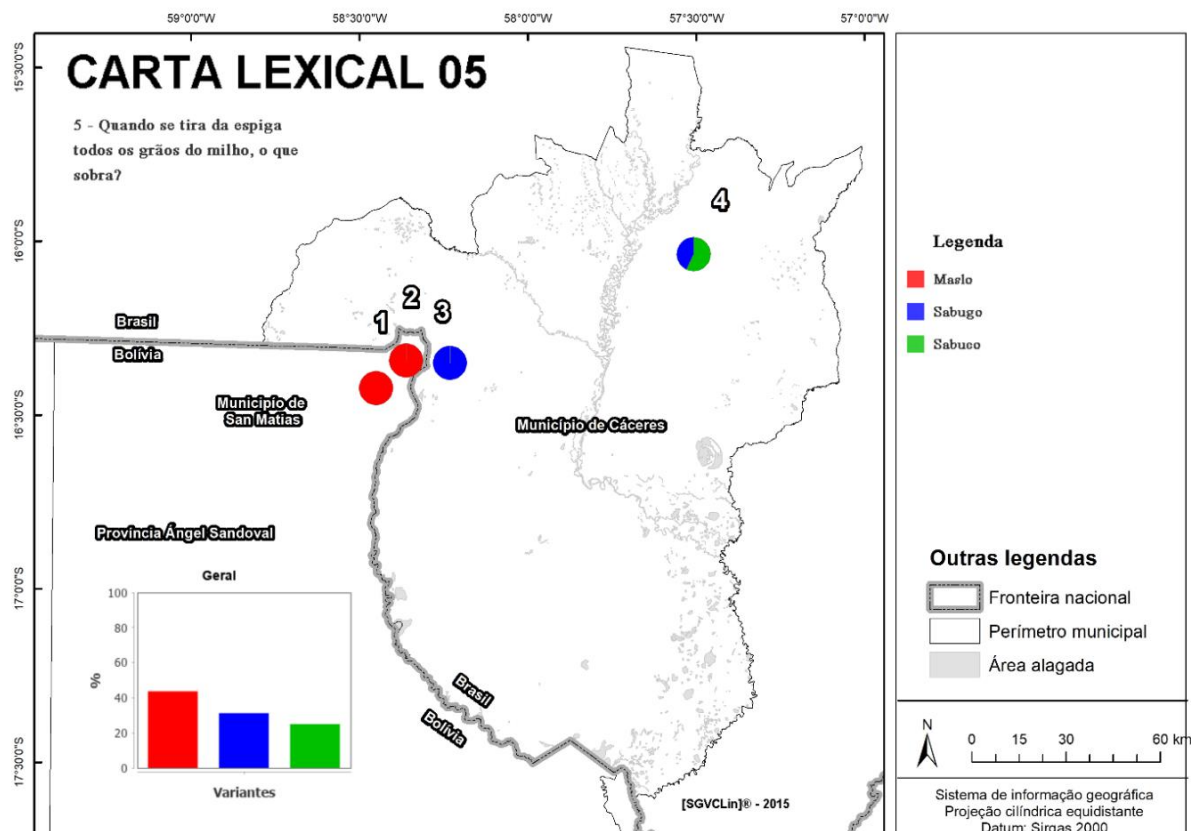
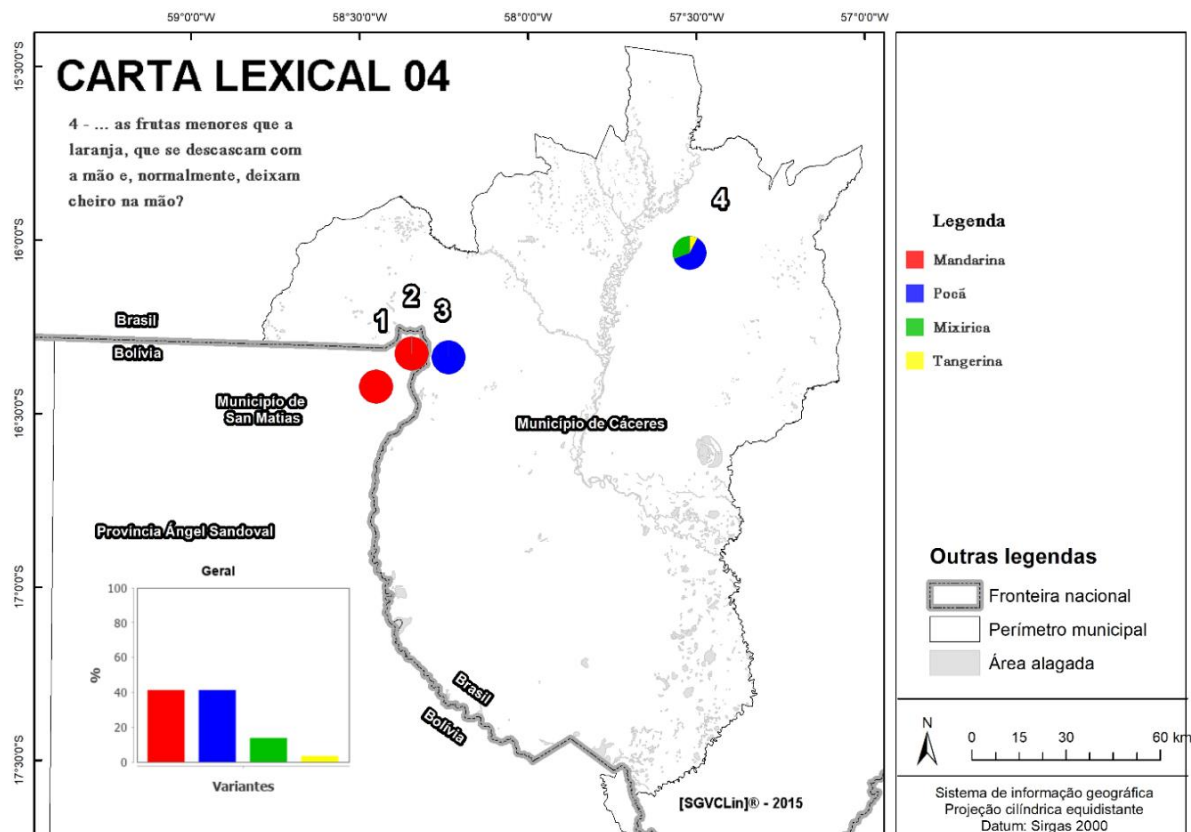
CAMPO SEMÂNTICO

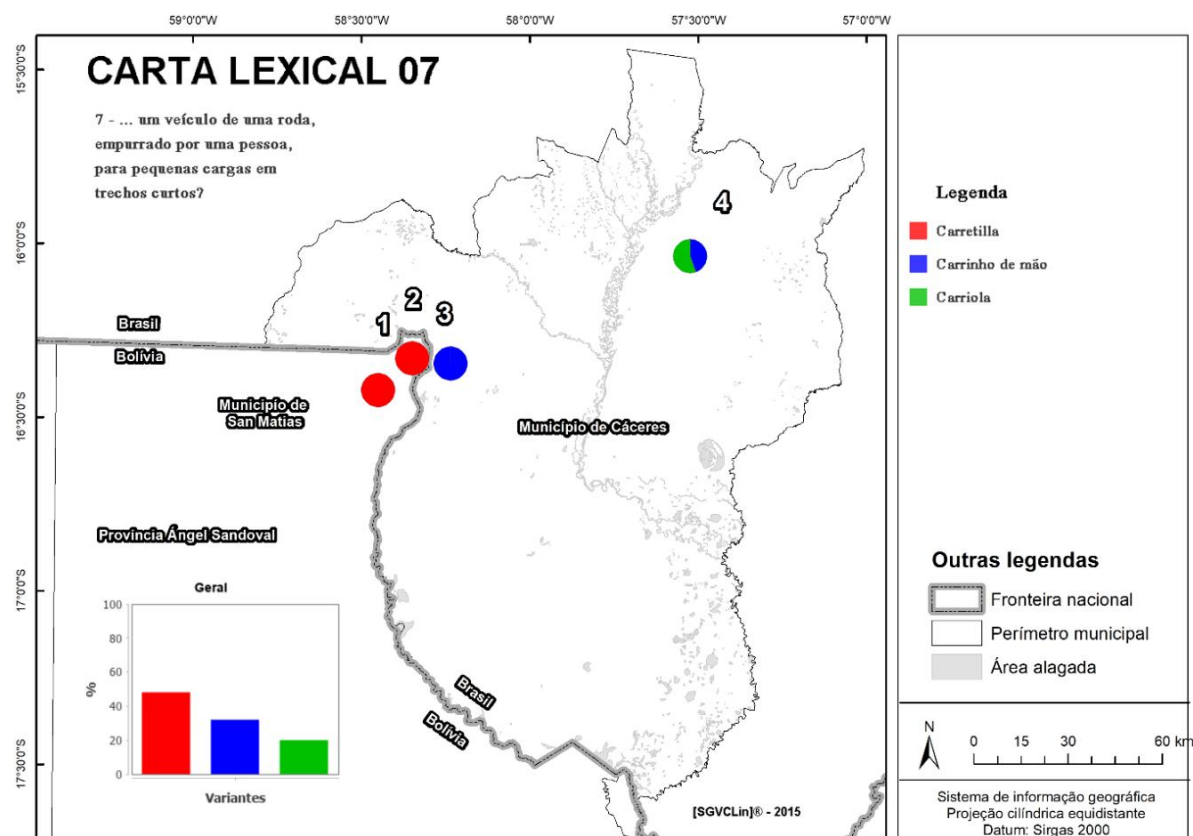
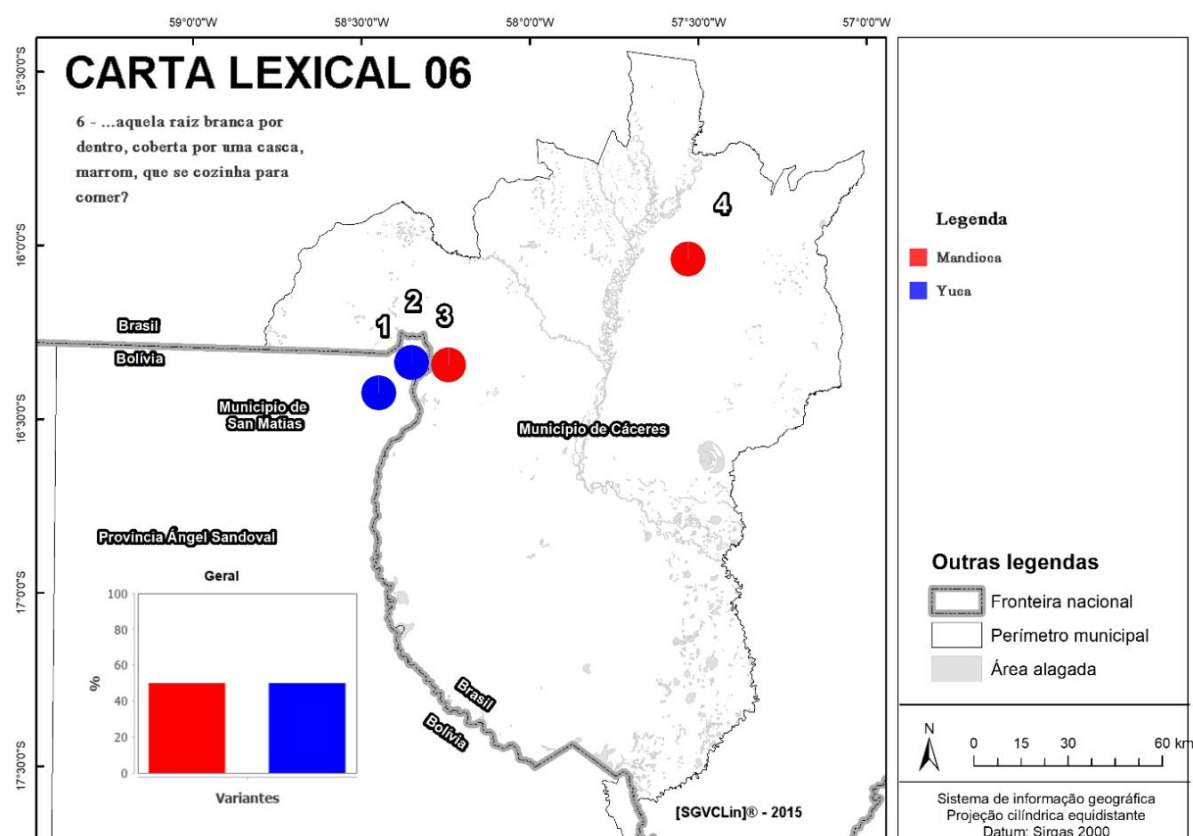
FENÔMENOS ATMOSFÉRICOS

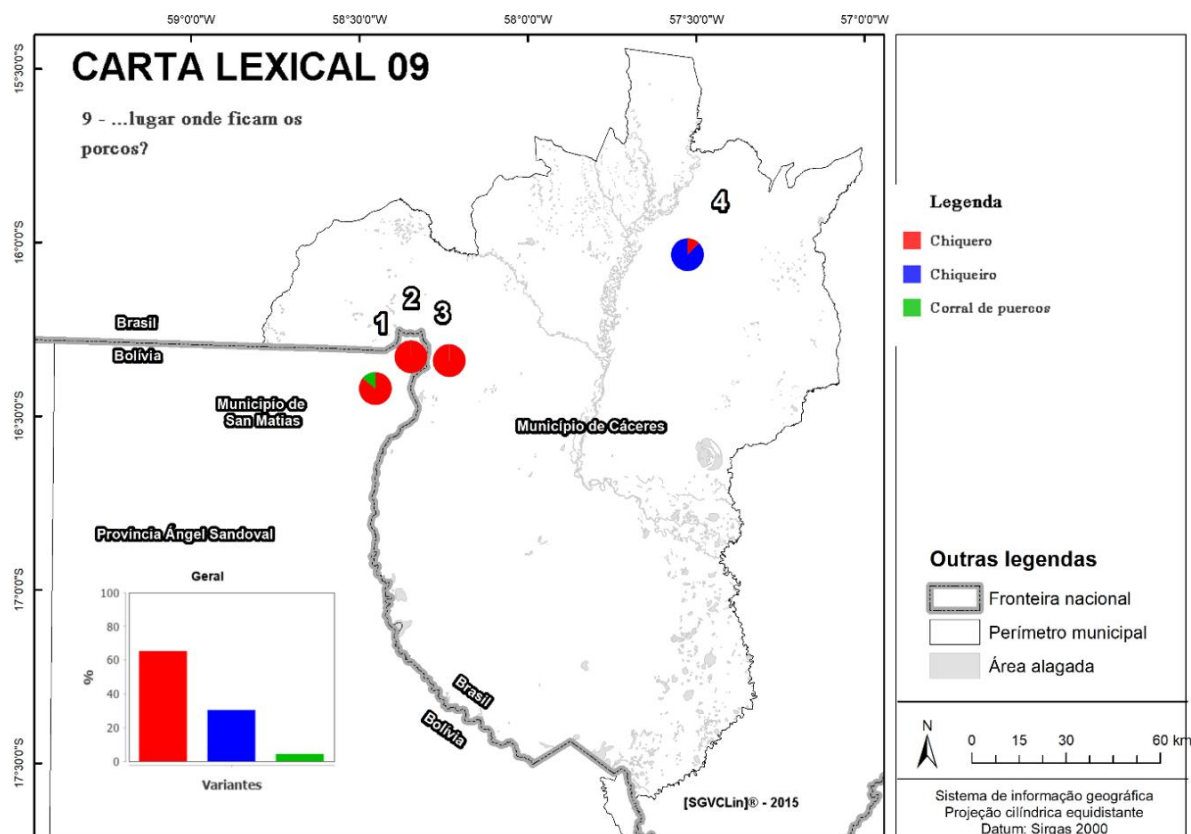
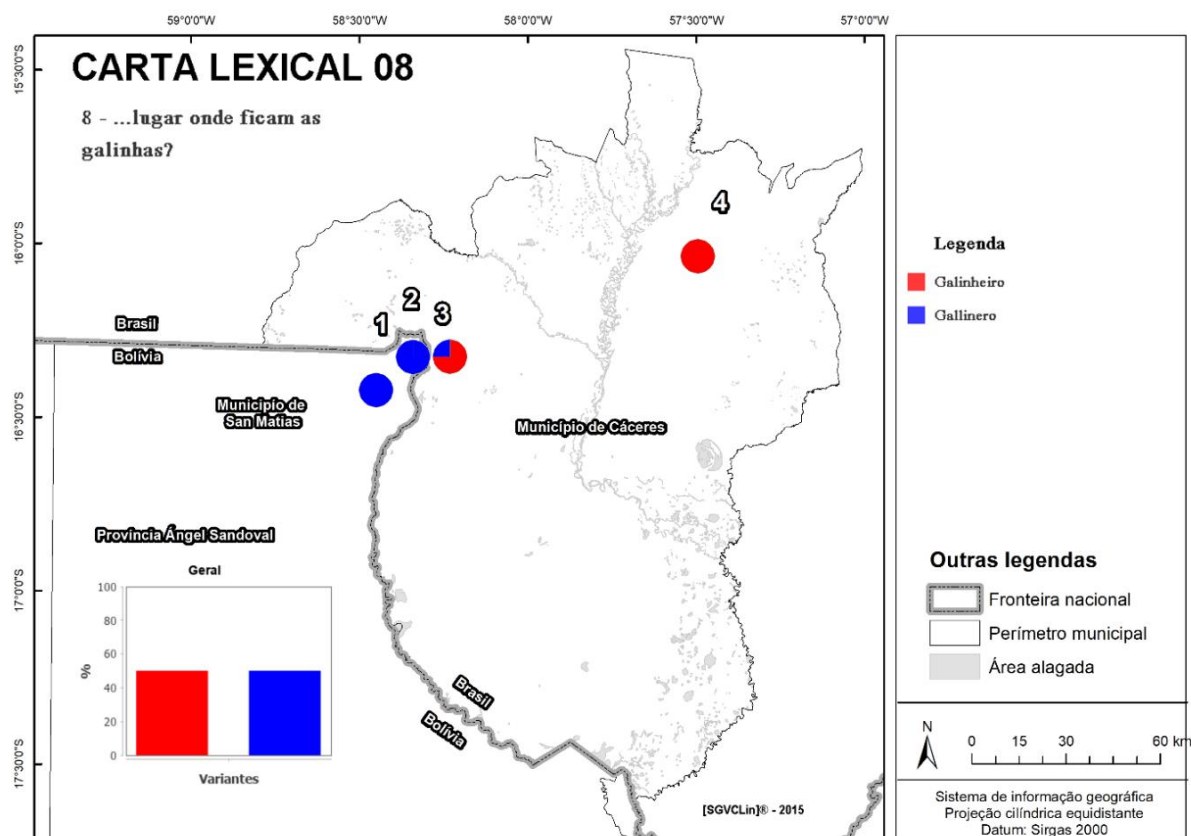


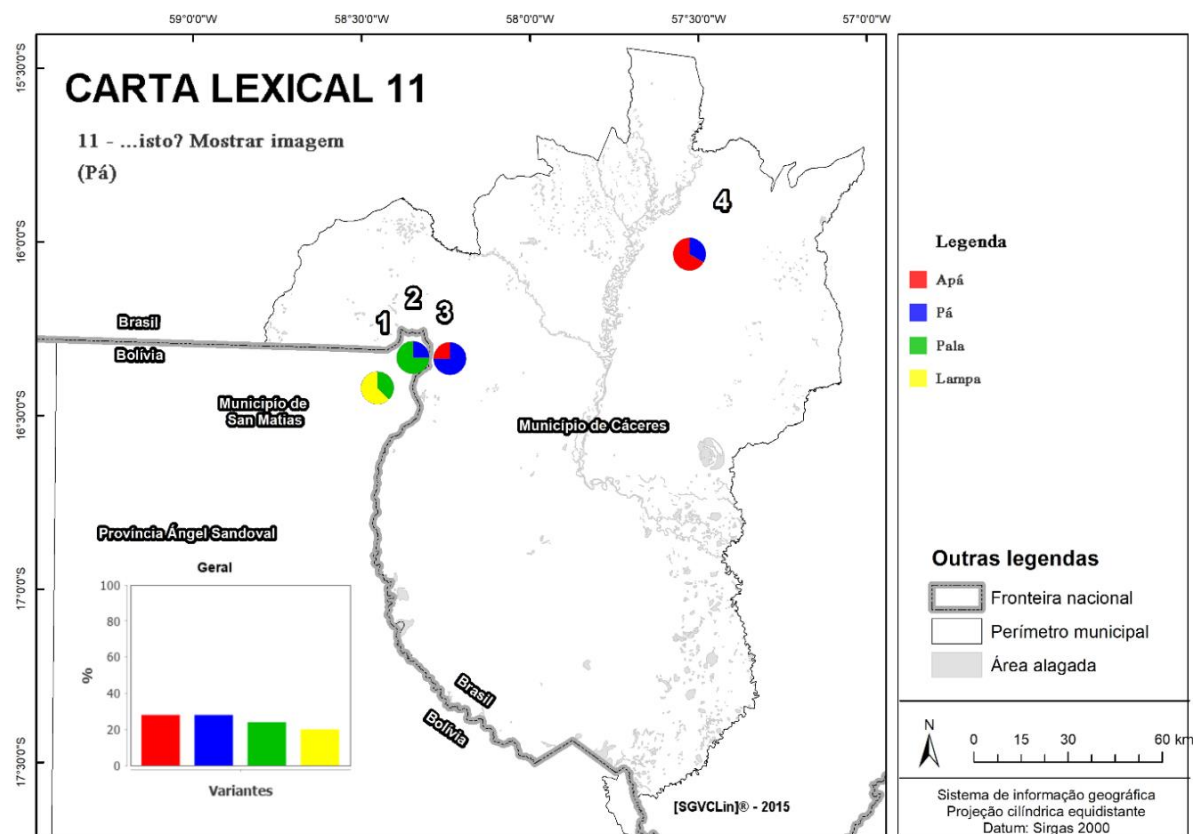
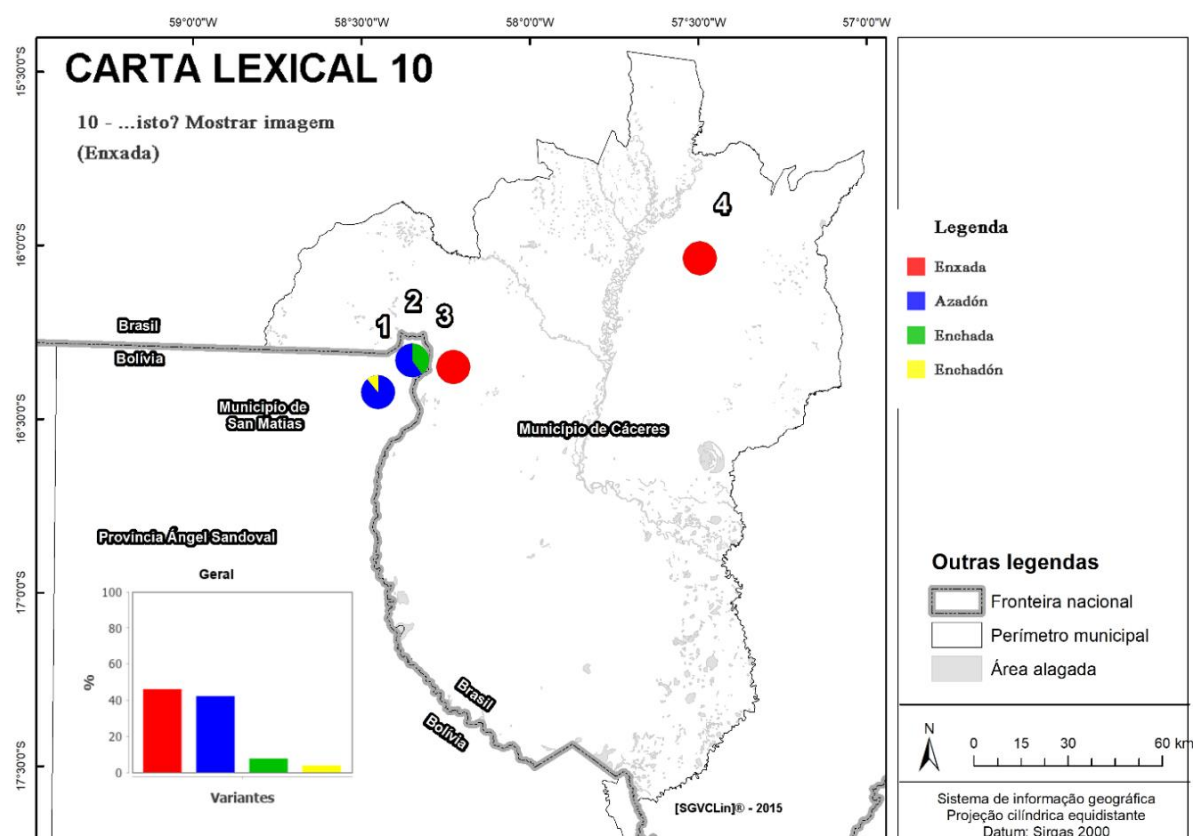
CAMPO SEMÂNTICO

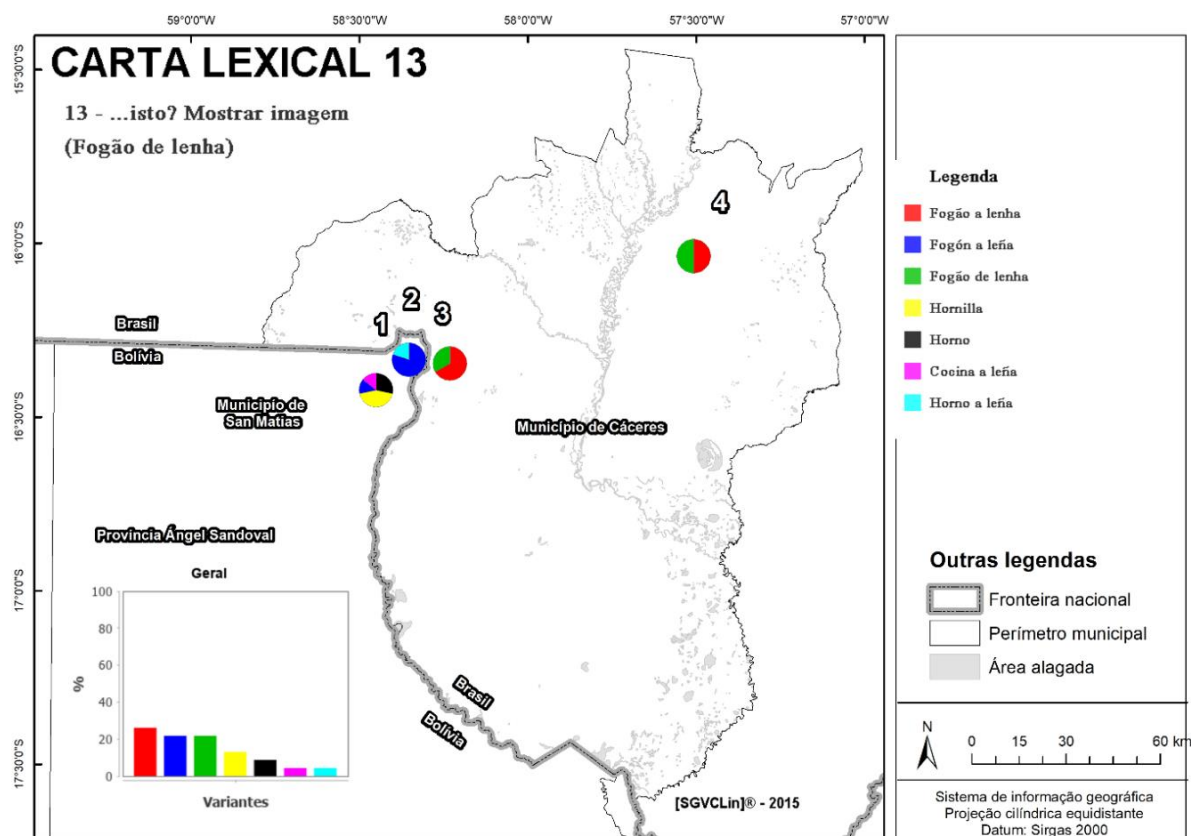
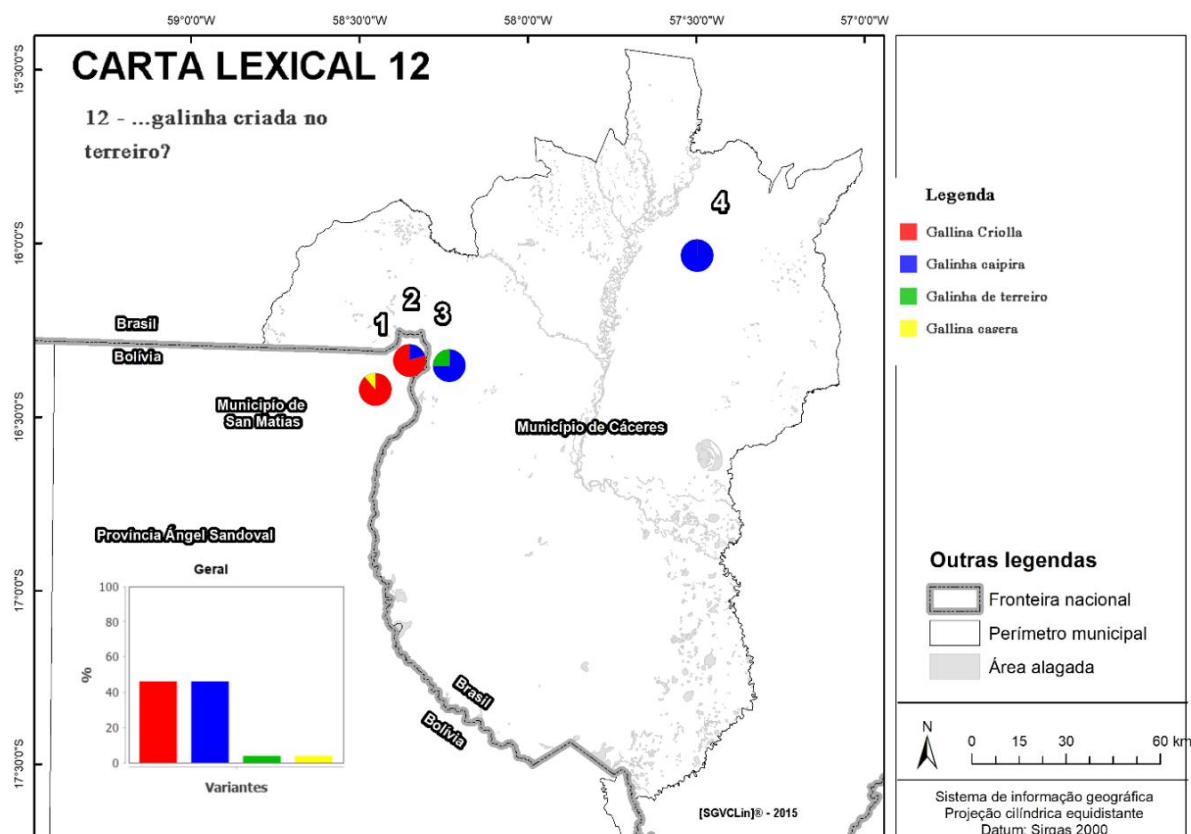
ATIVIDADES AGROPASTORIS

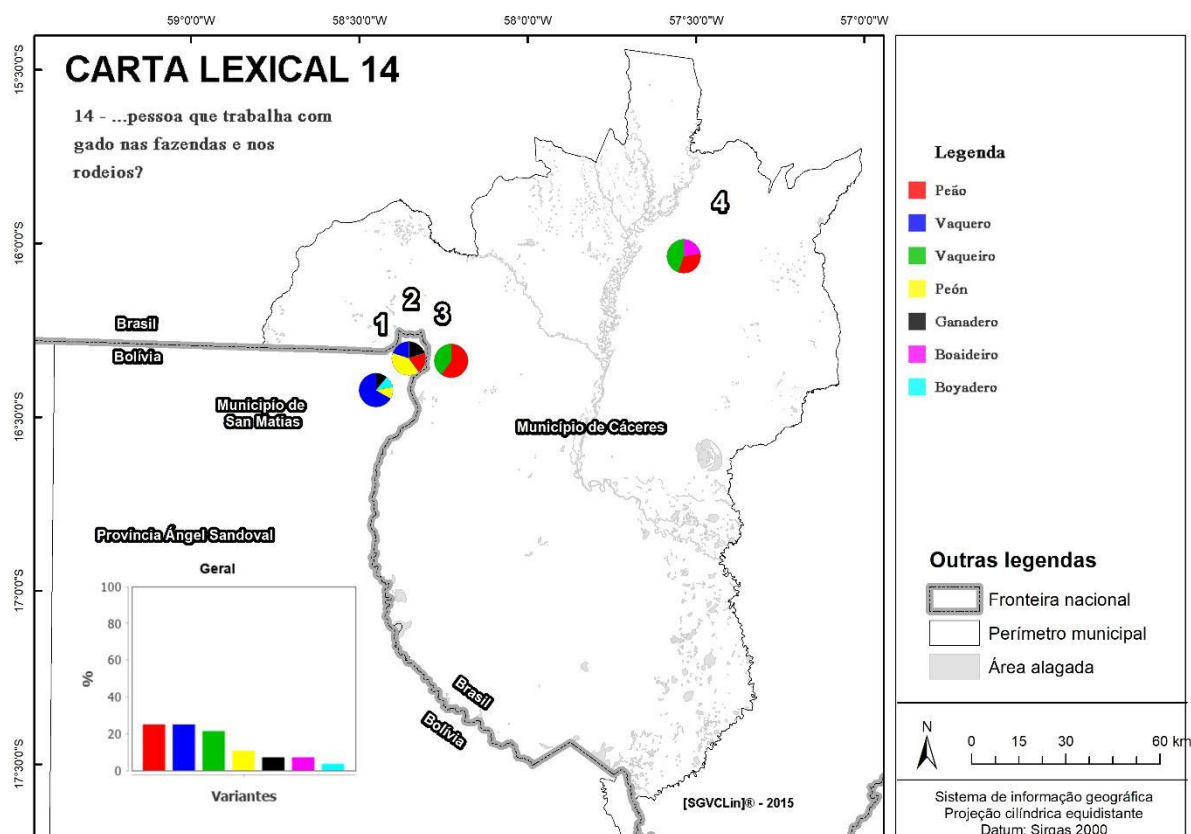






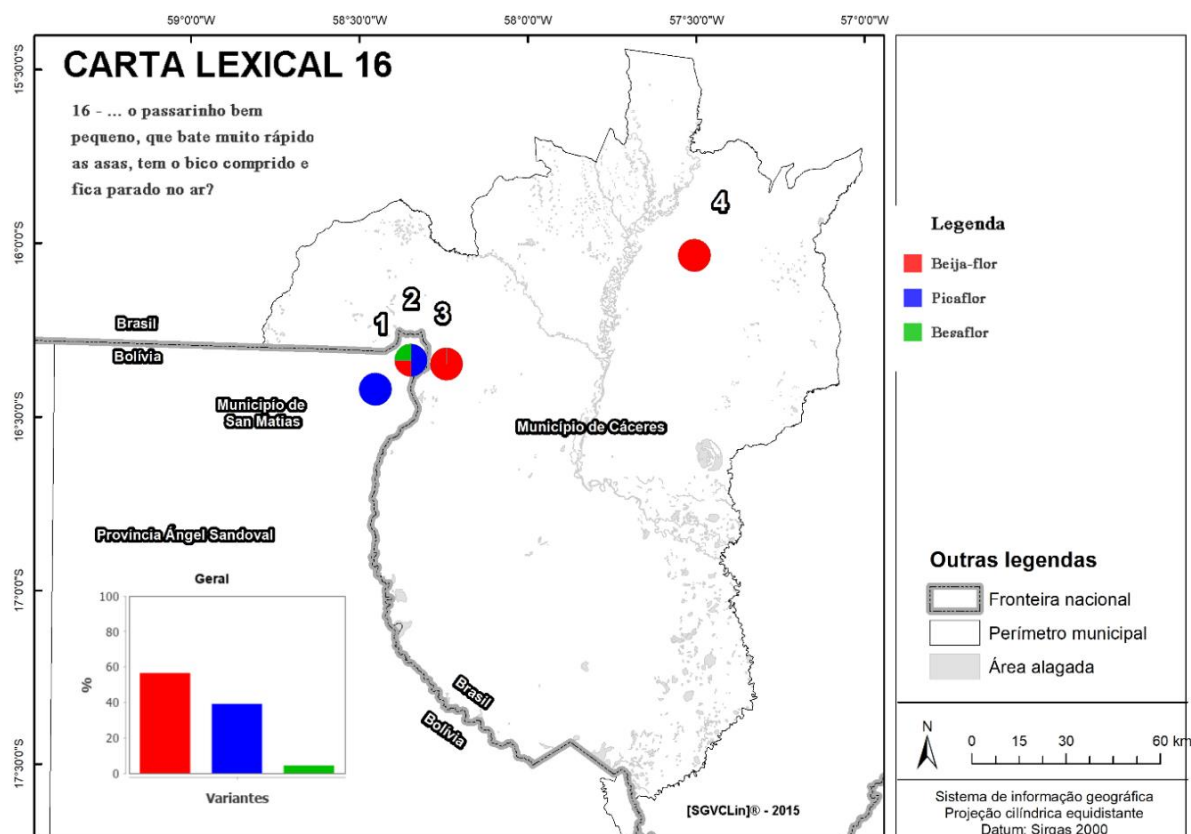
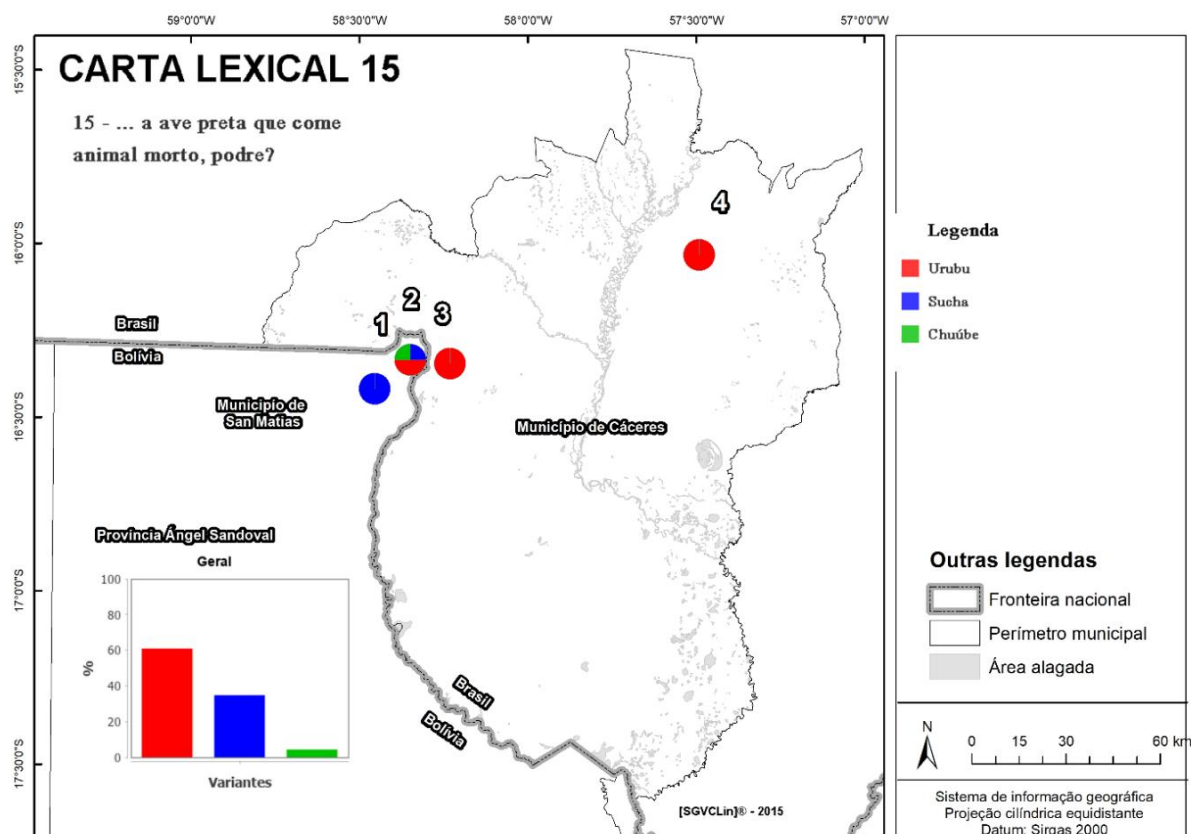


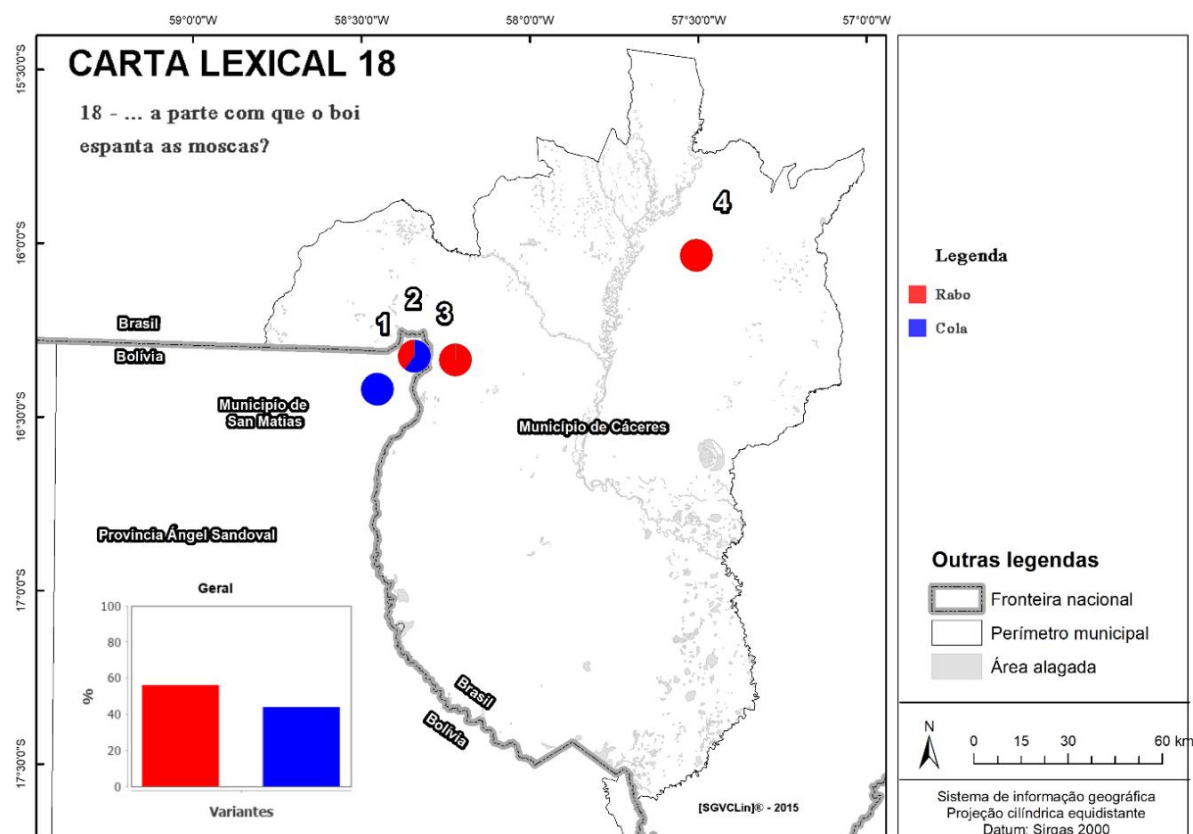
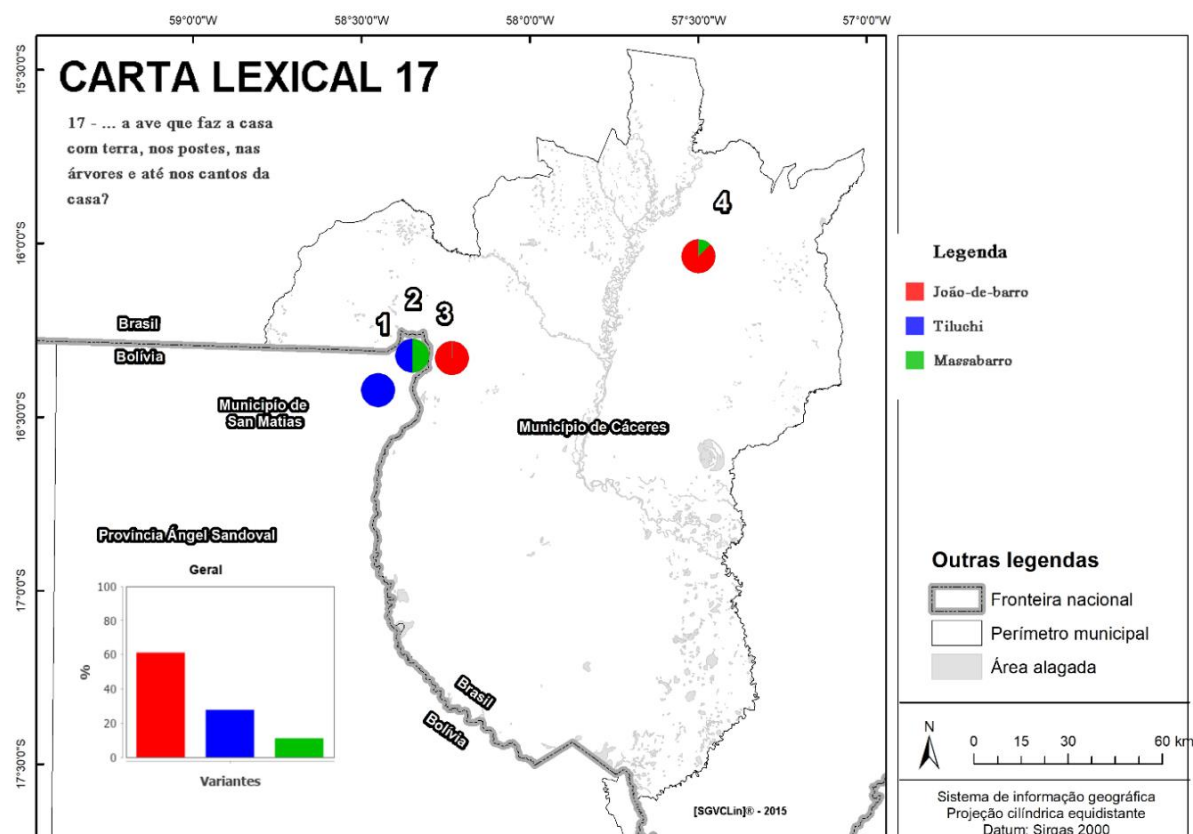


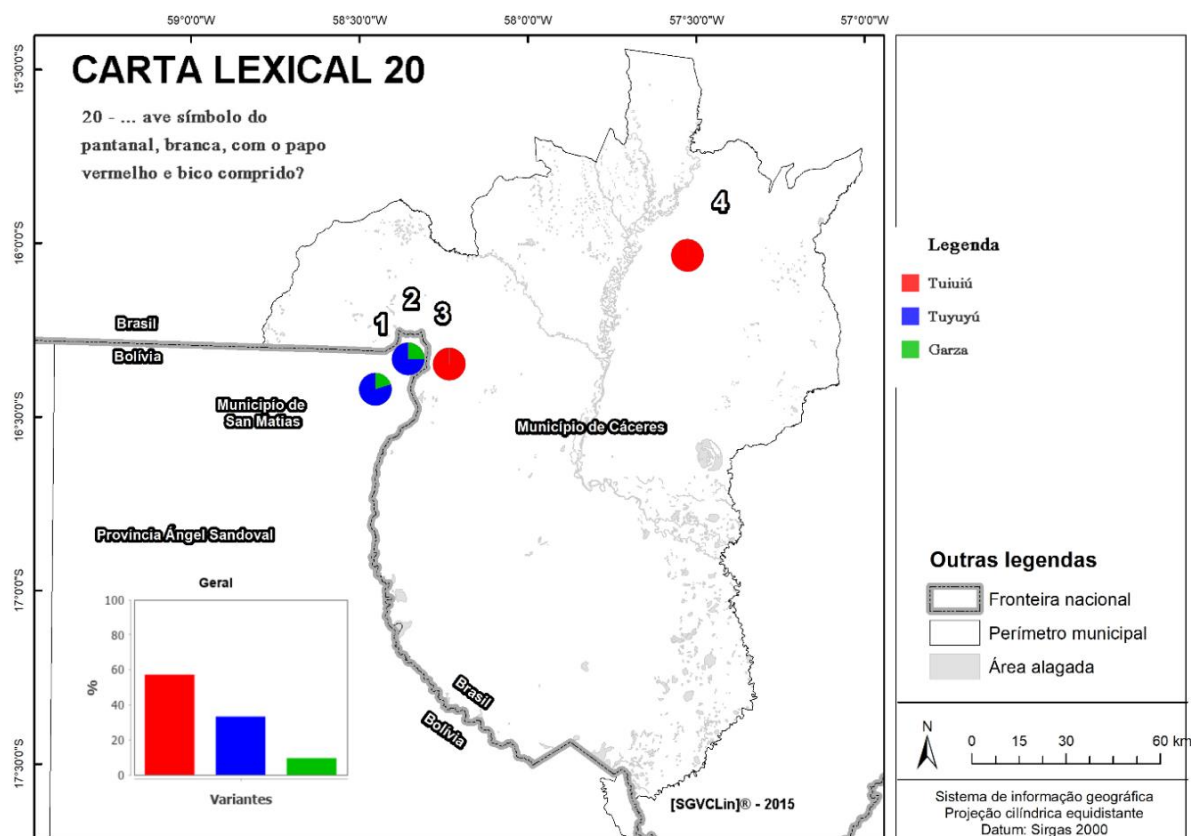
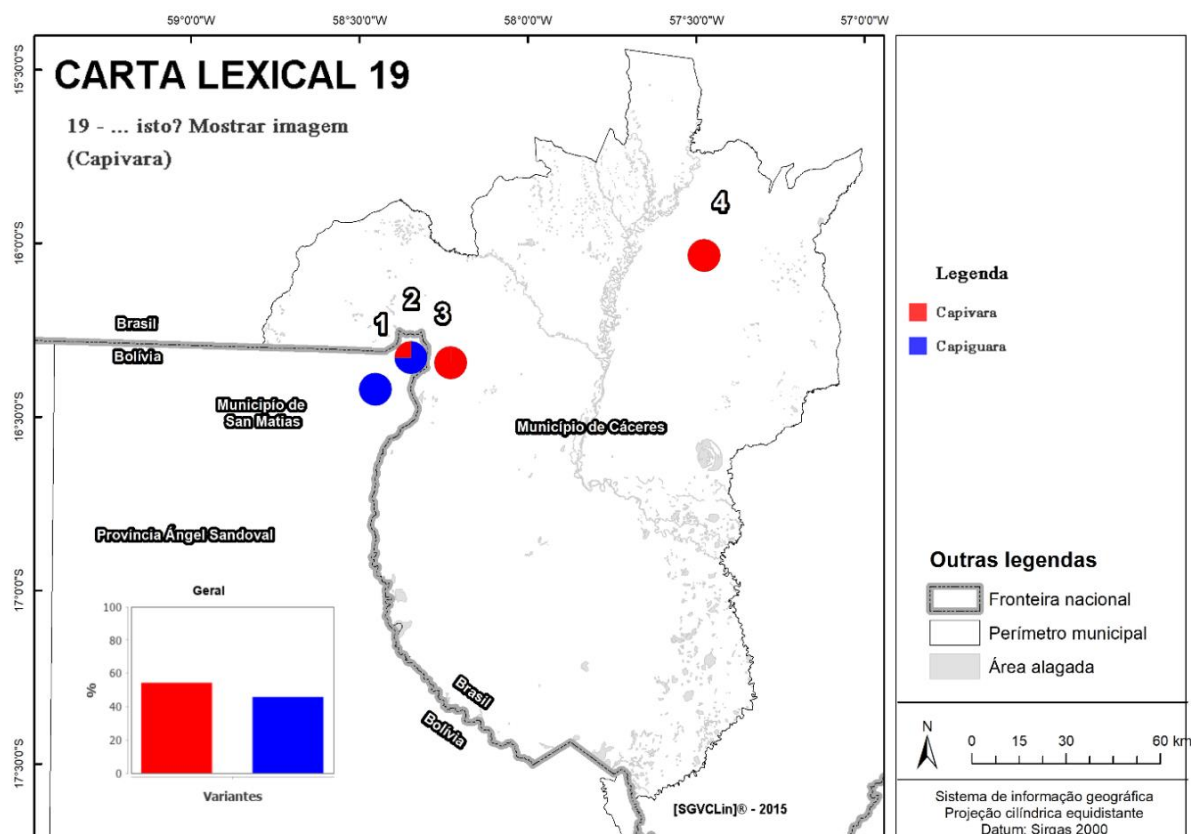


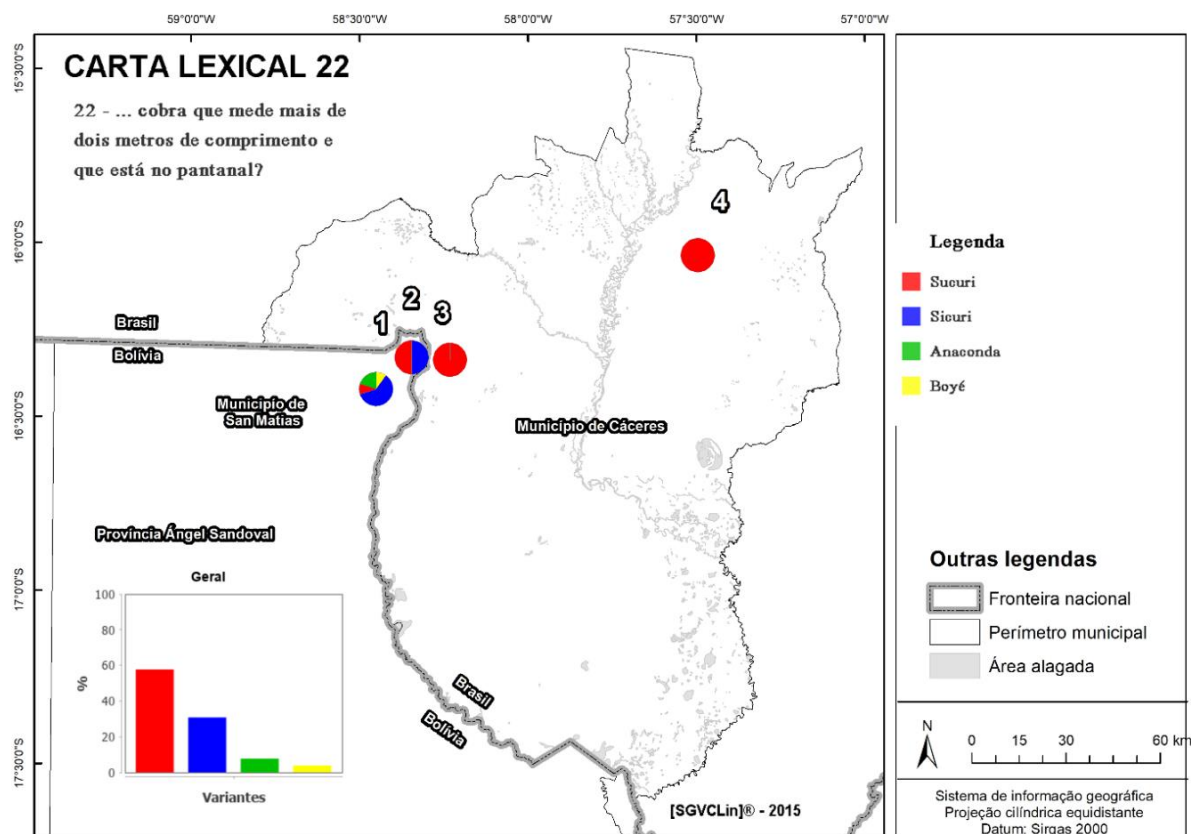
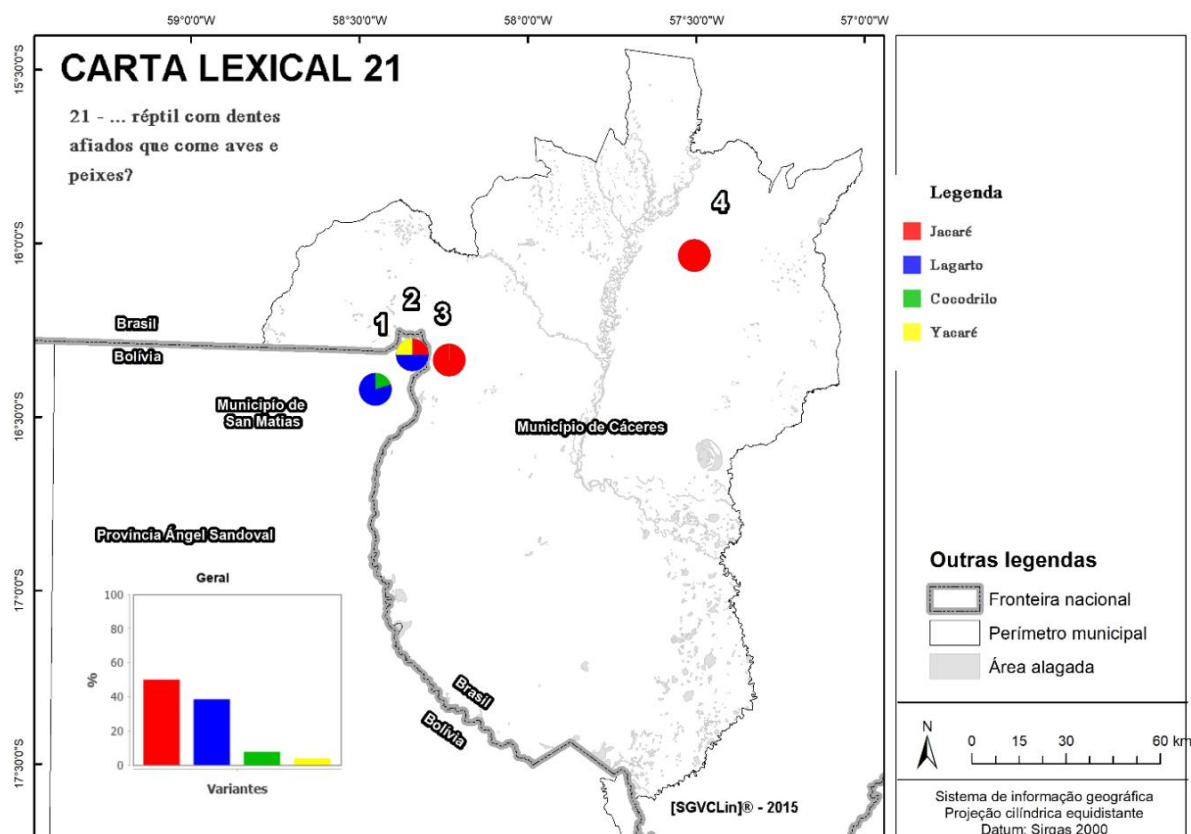
CAMPO SEMÂNTICO

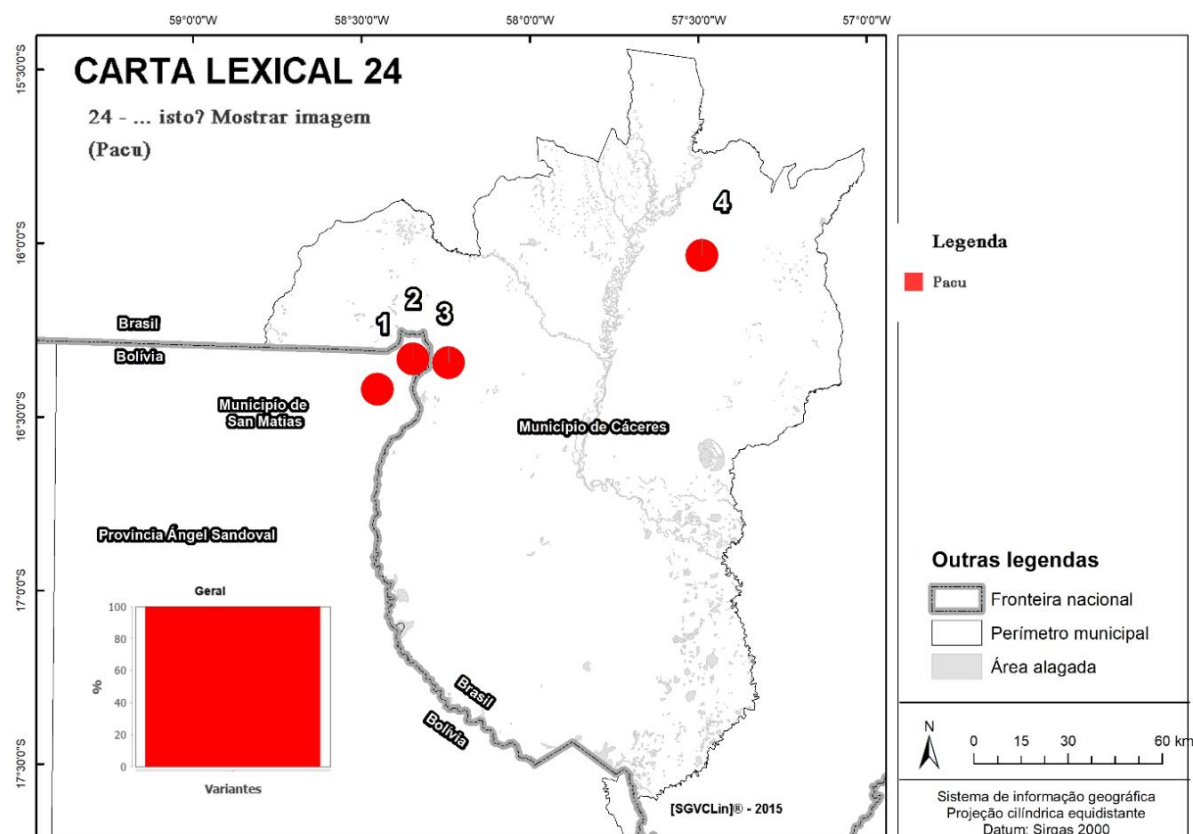
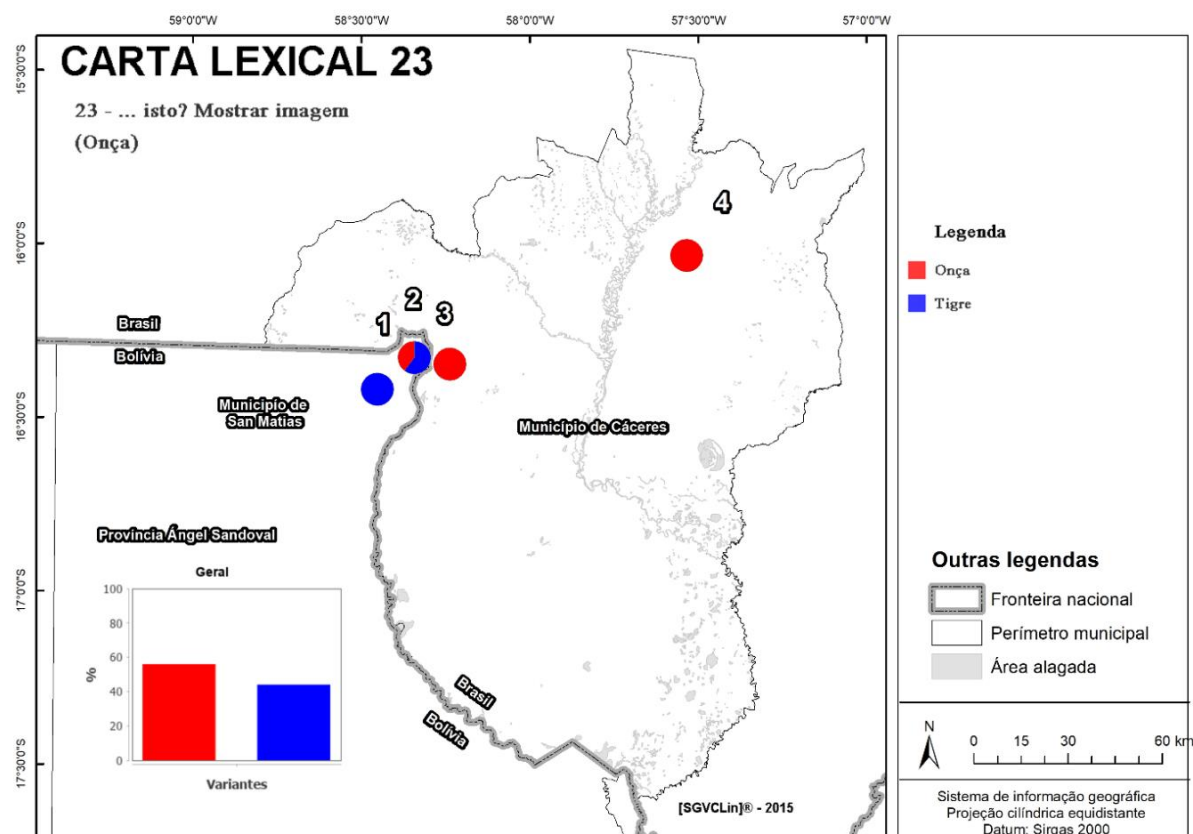
ANIMAIS

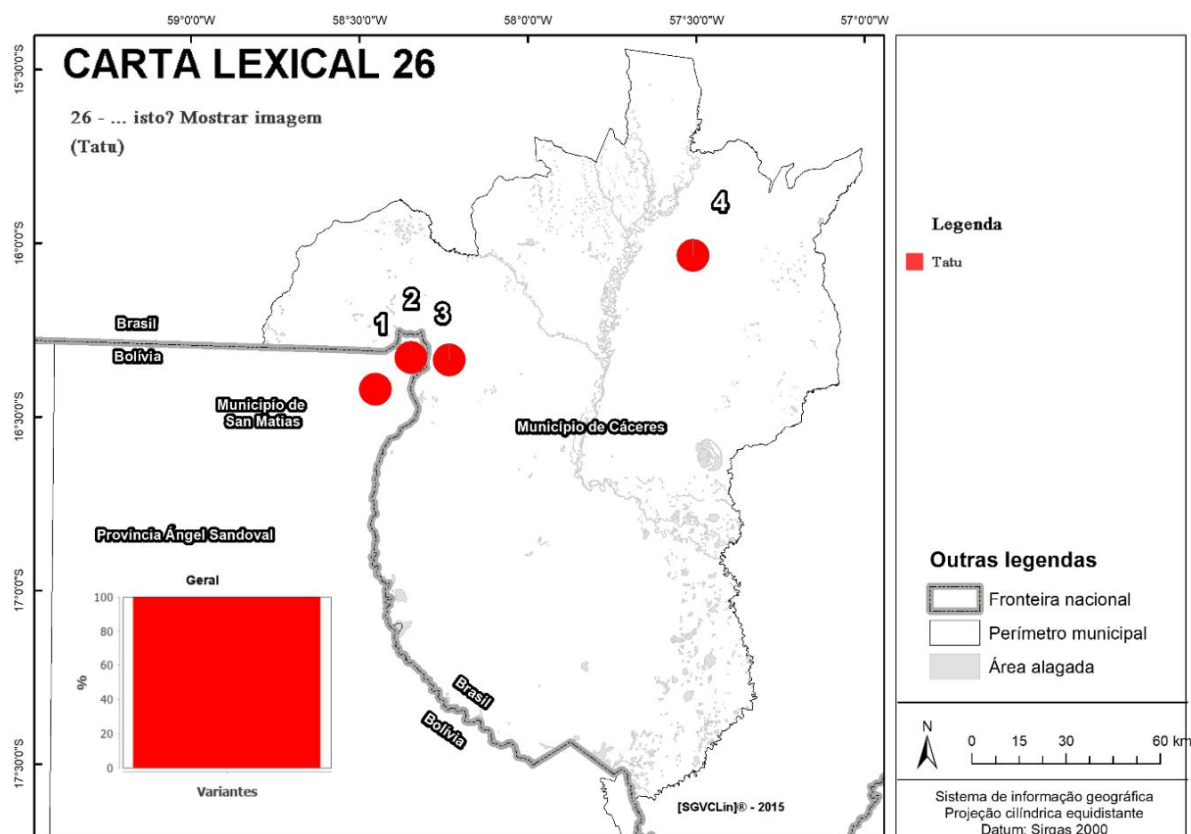
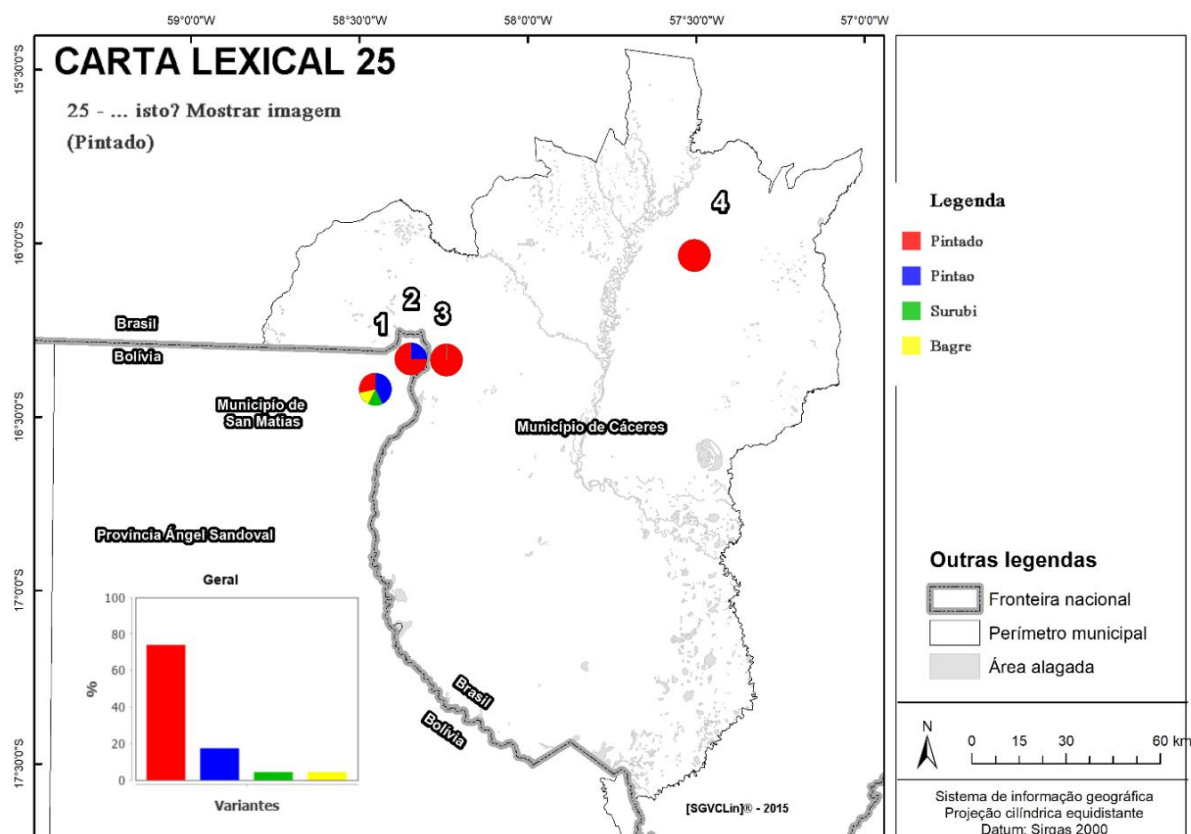


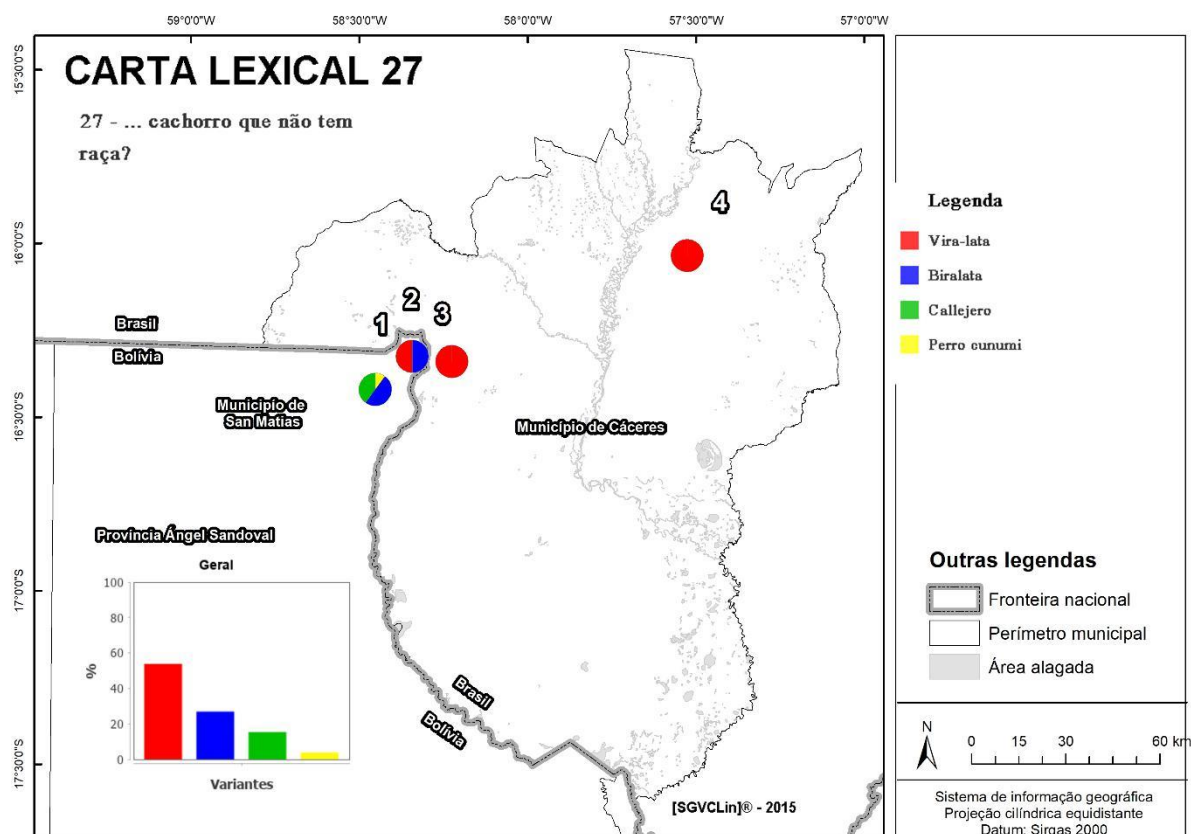






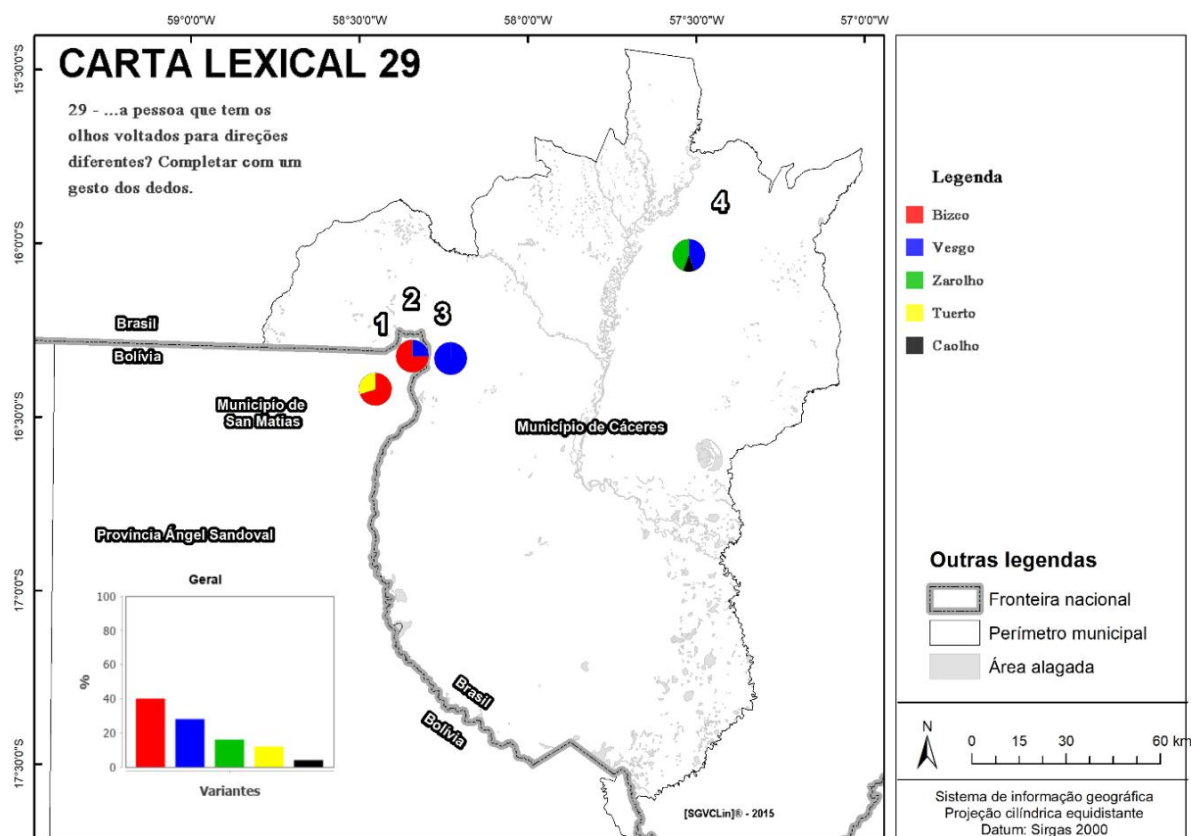
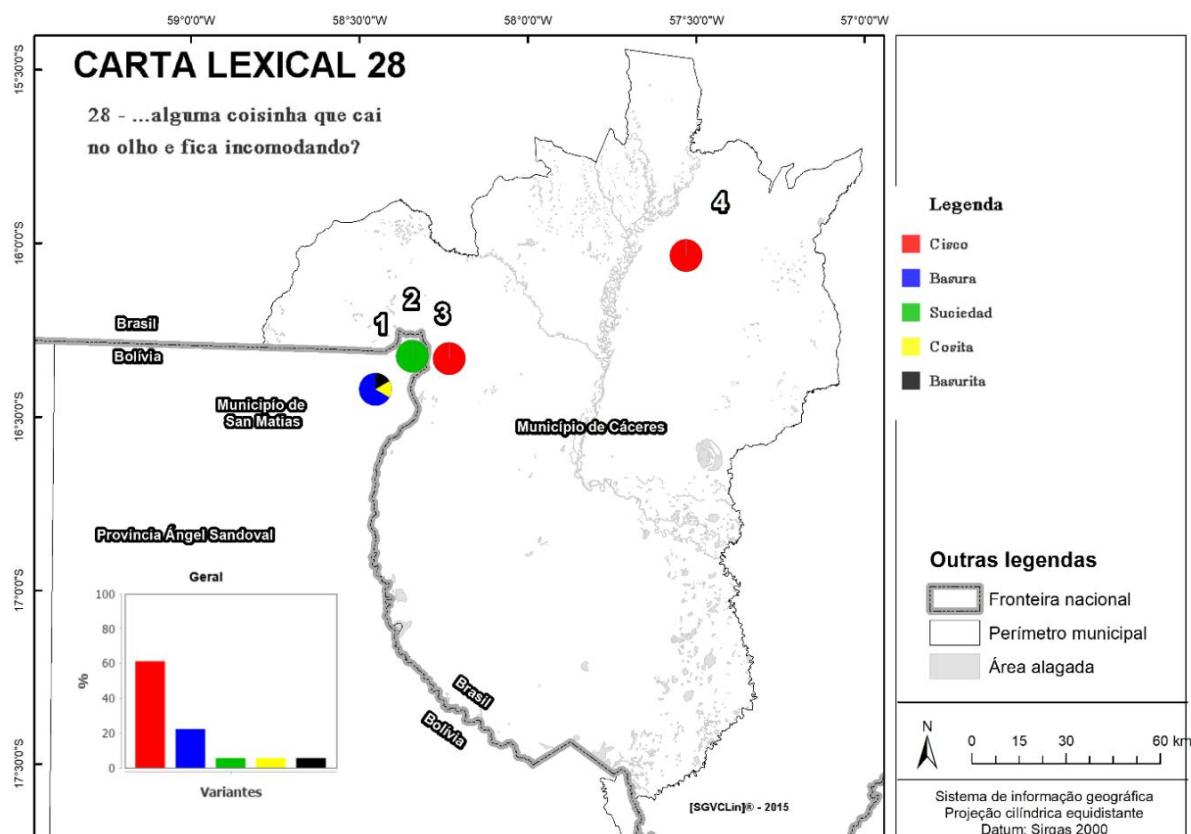


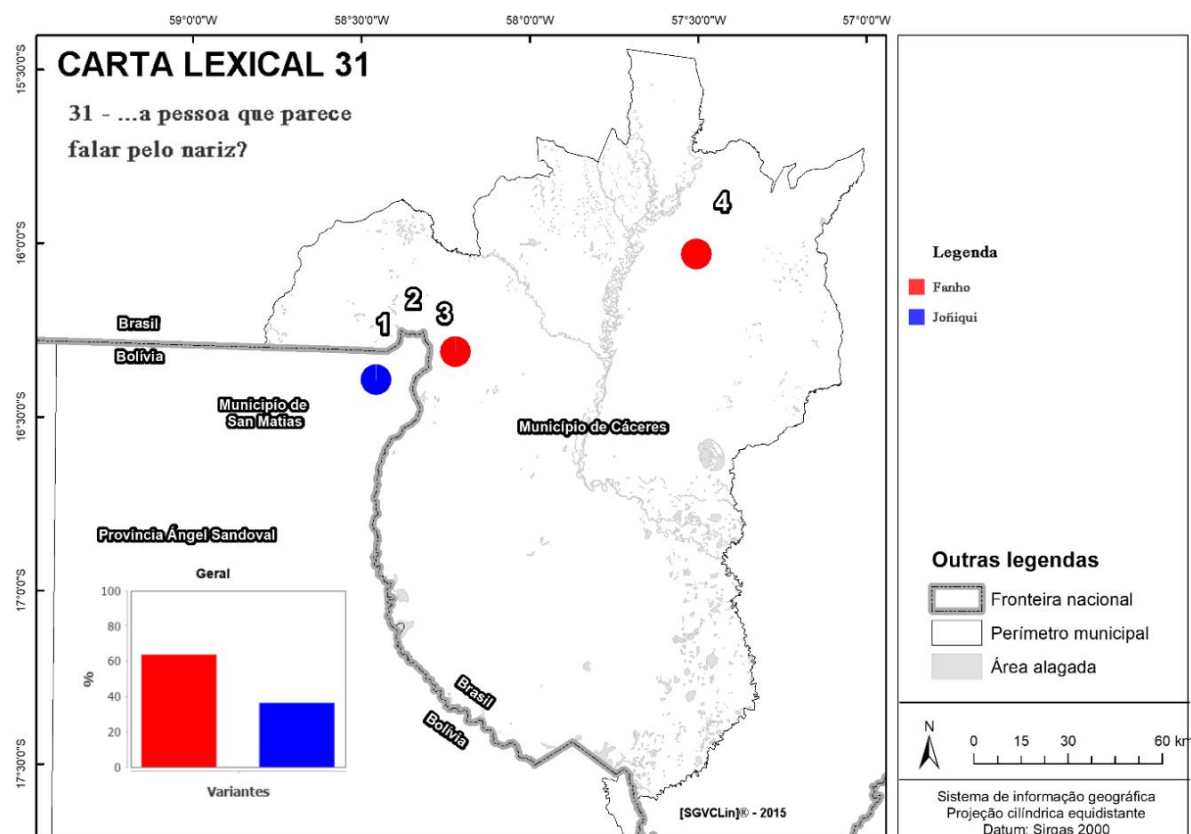
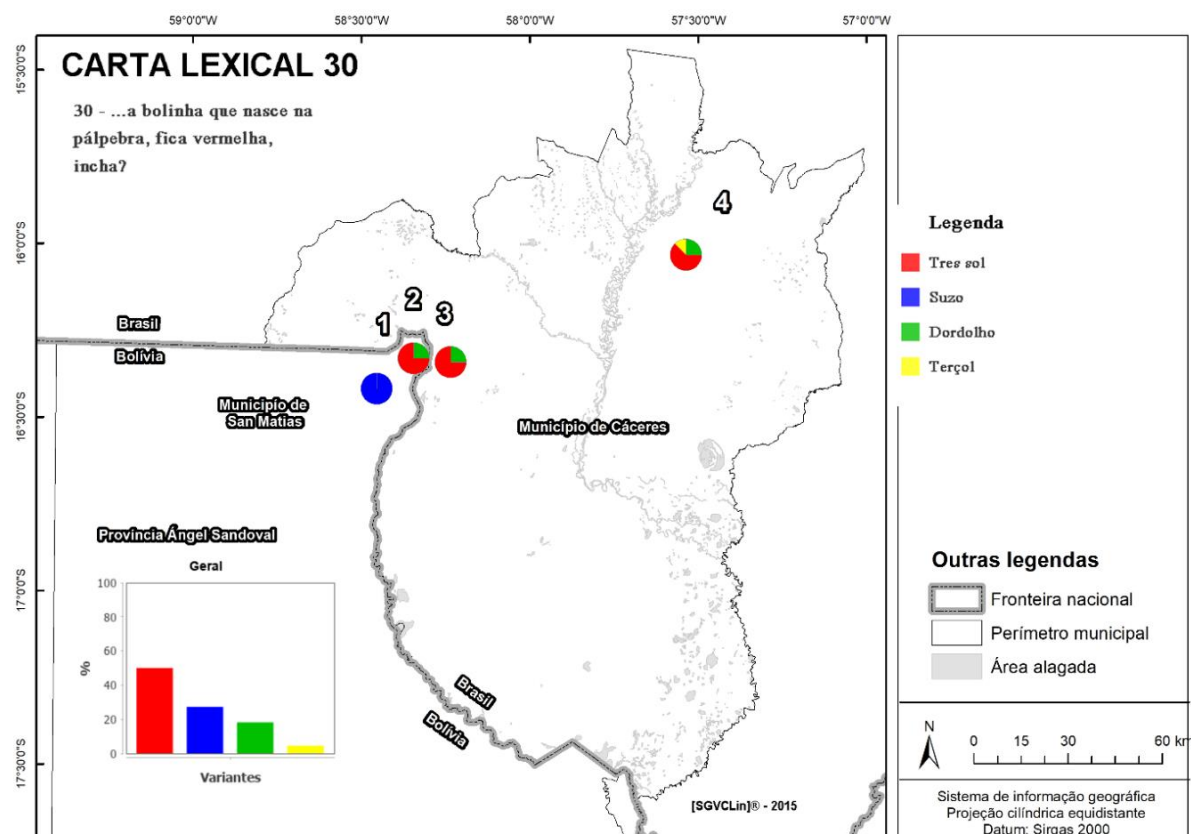


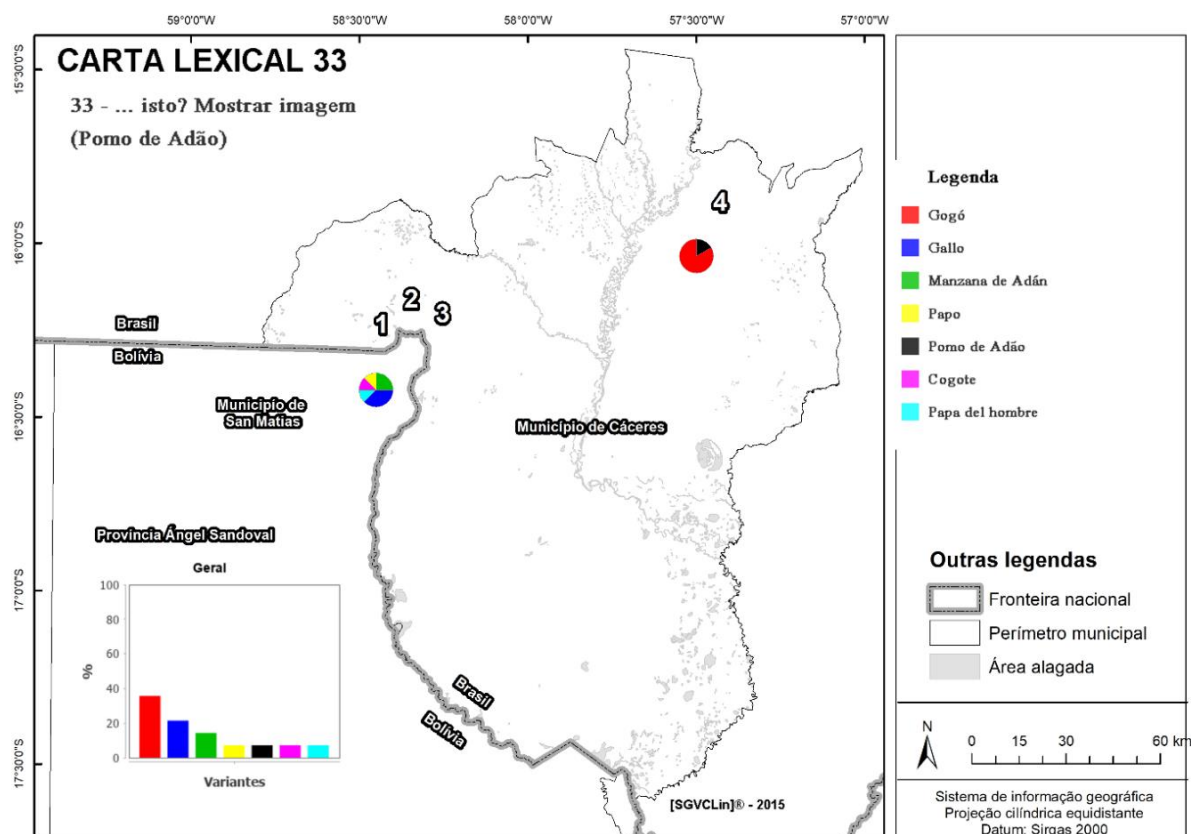
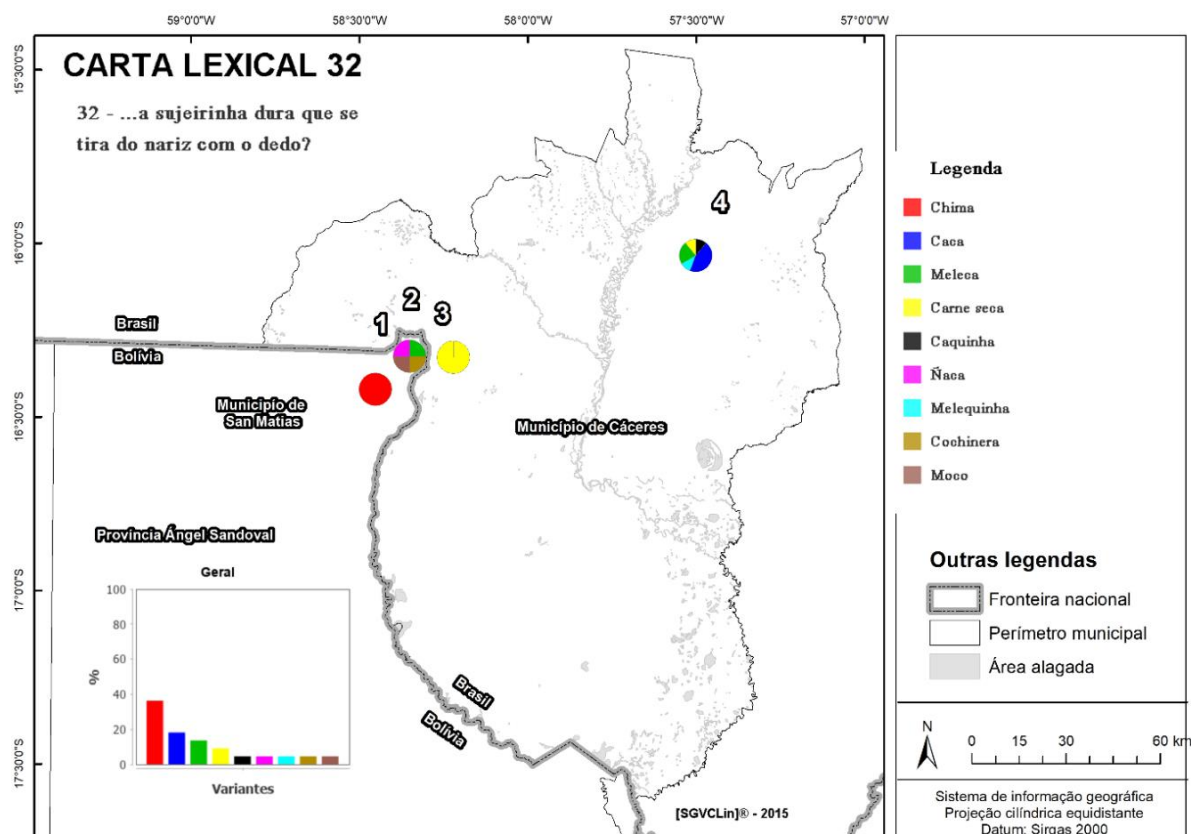


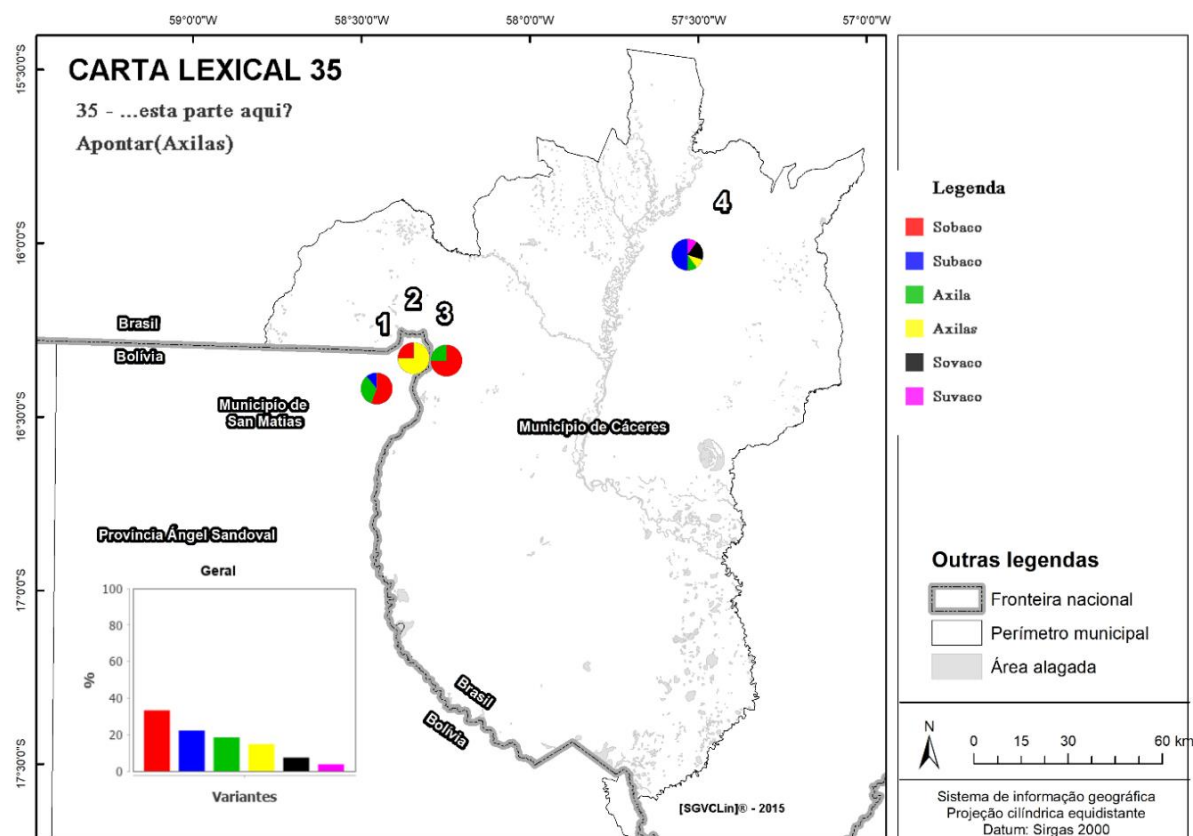
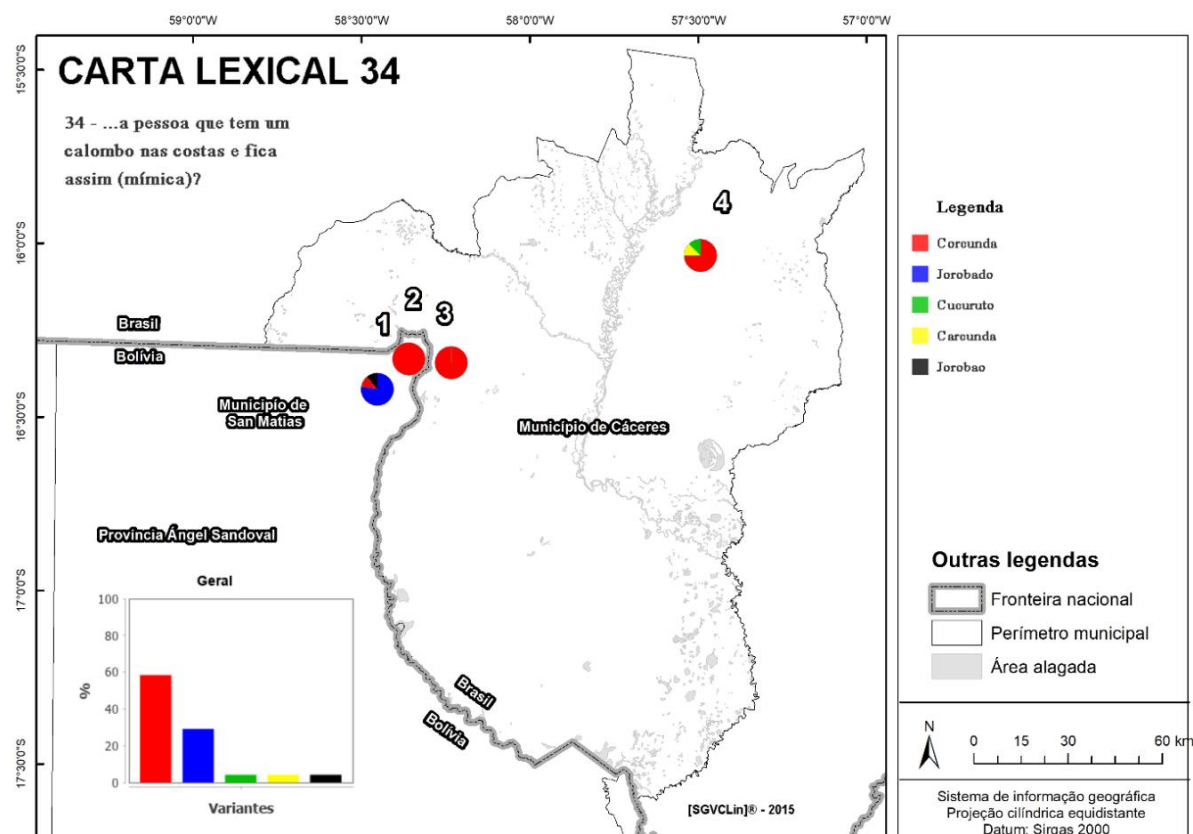
CAMPO SEMÂNTICO

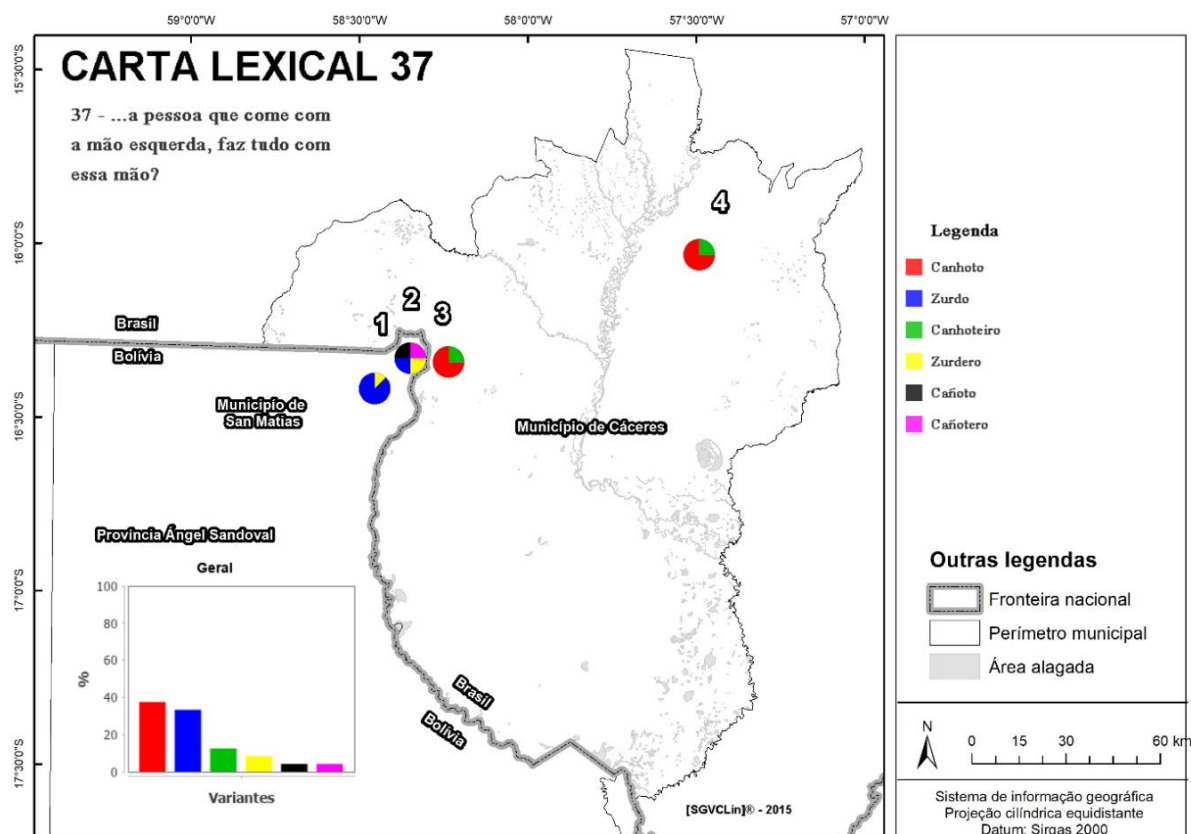
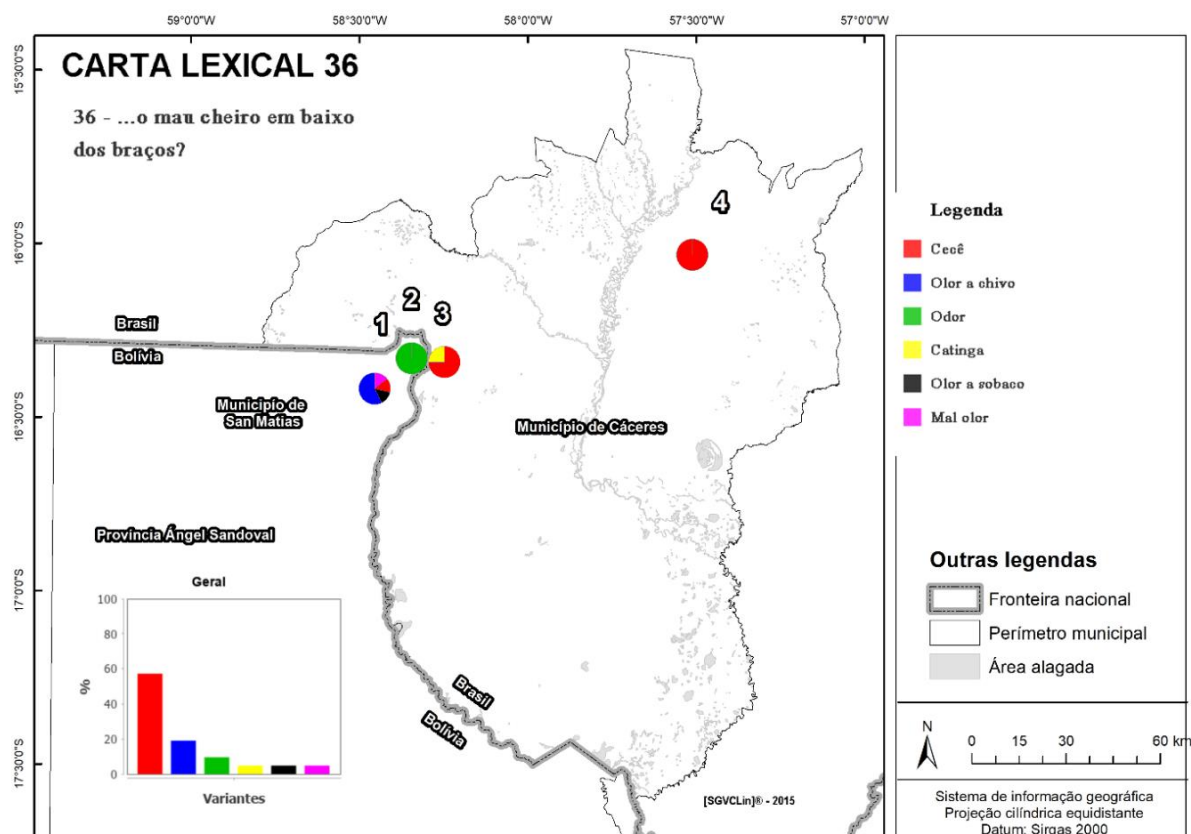
CORPO HUMANO

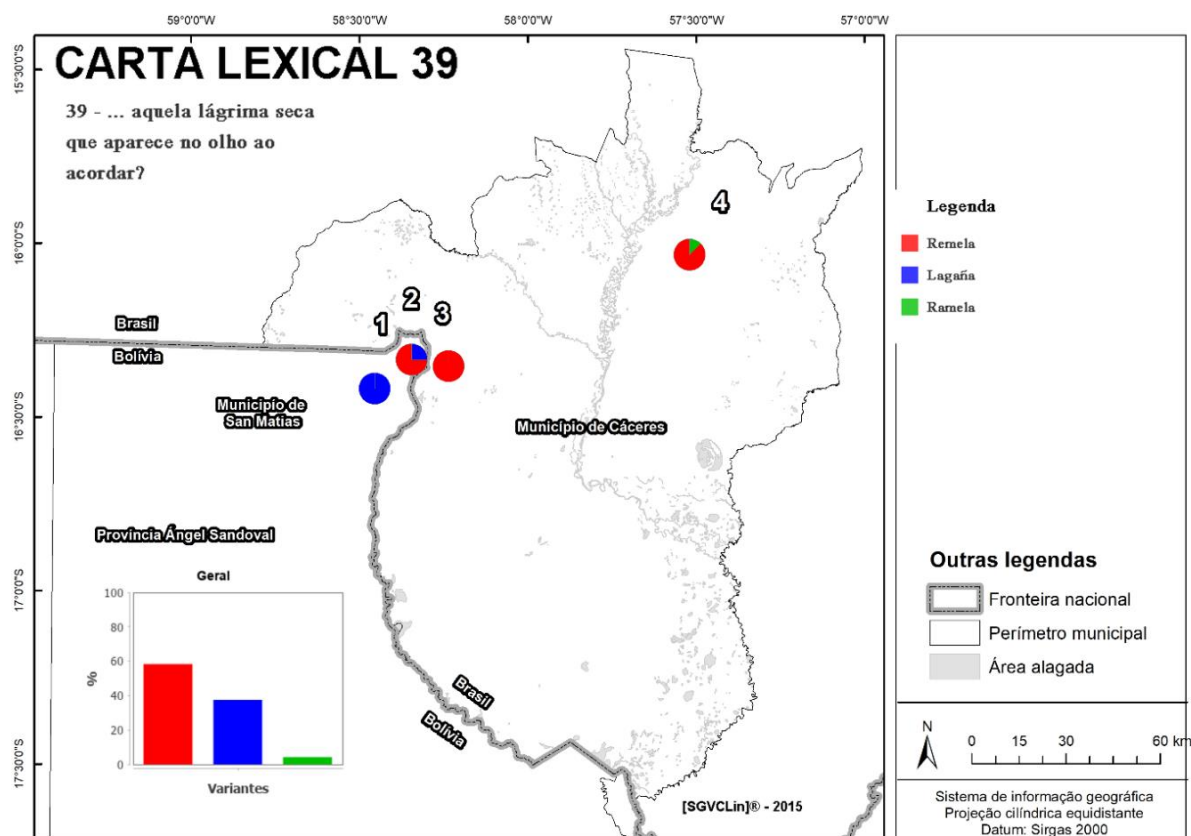
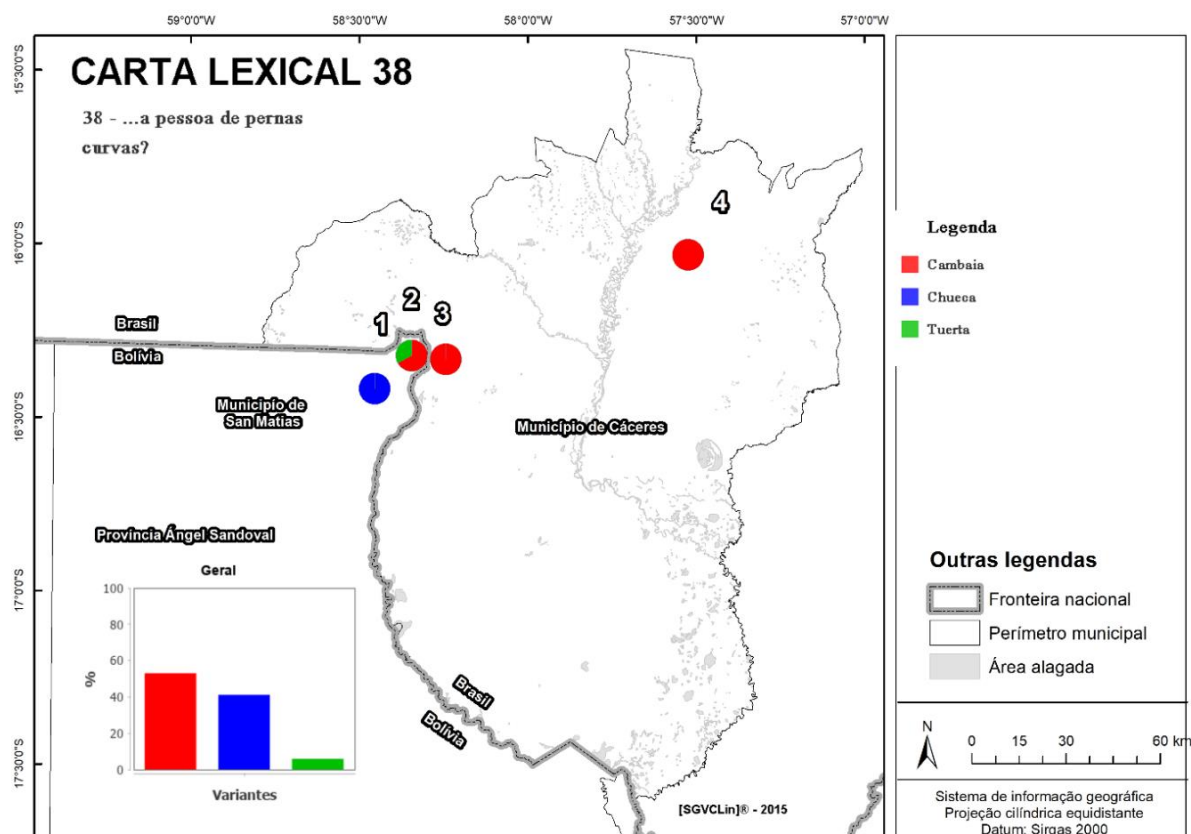


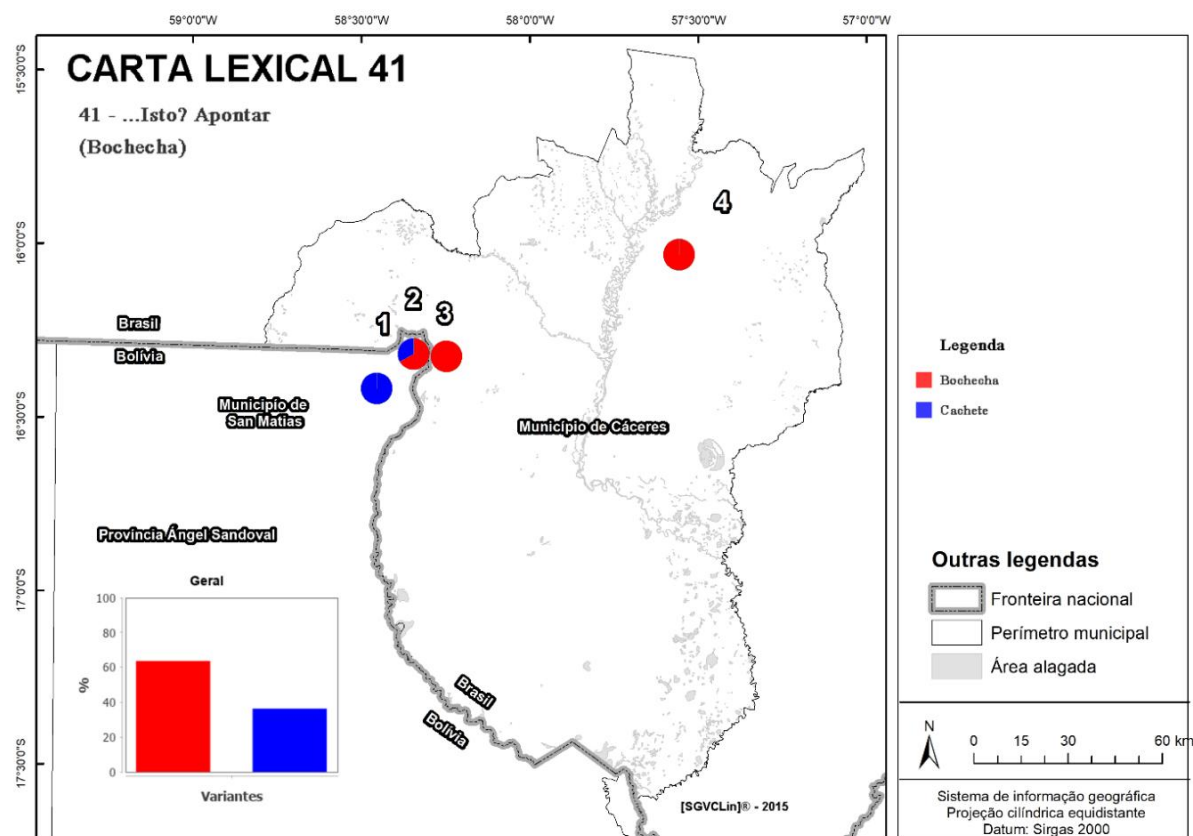
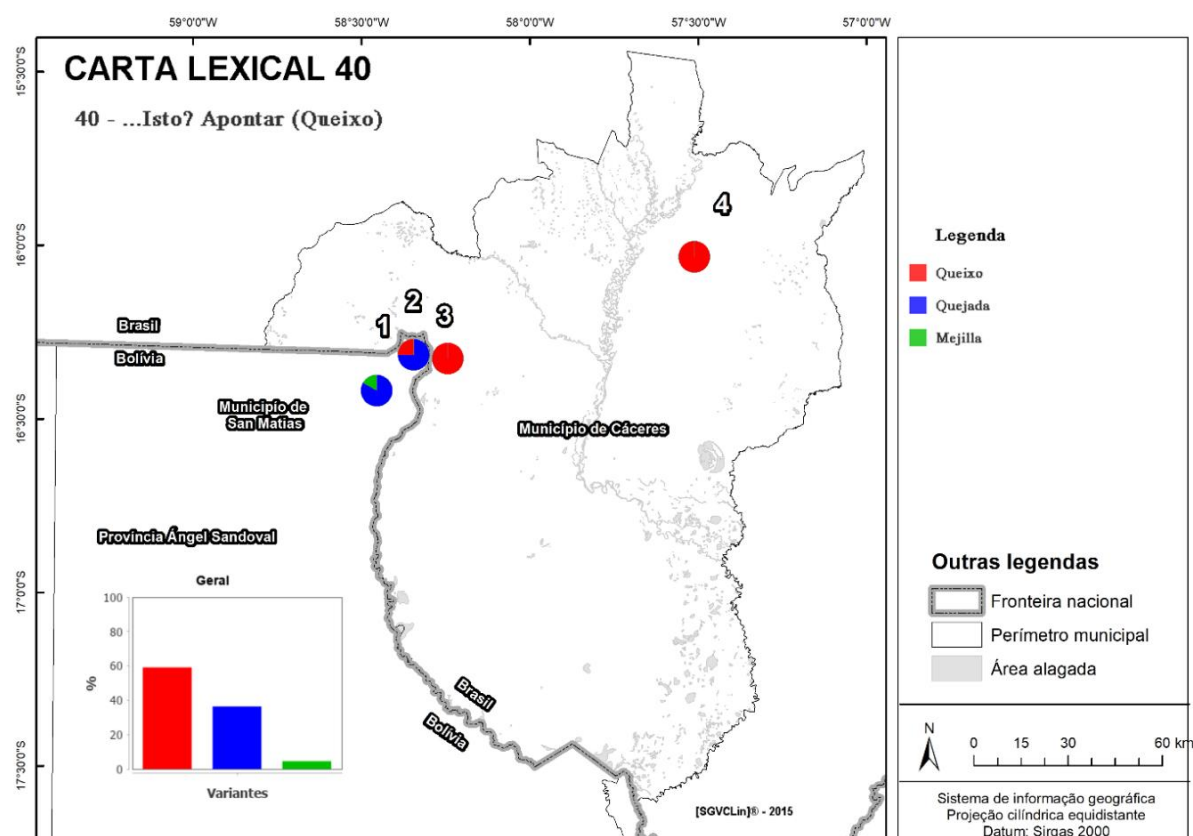


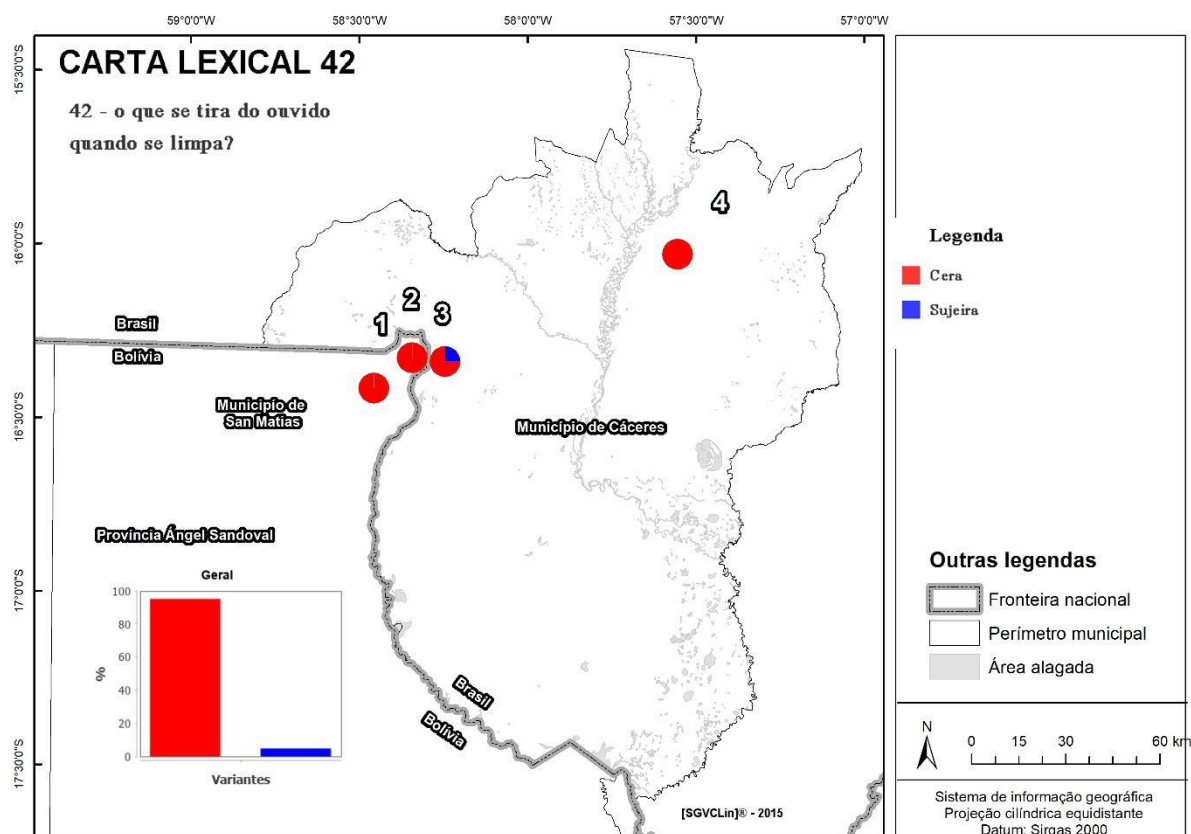






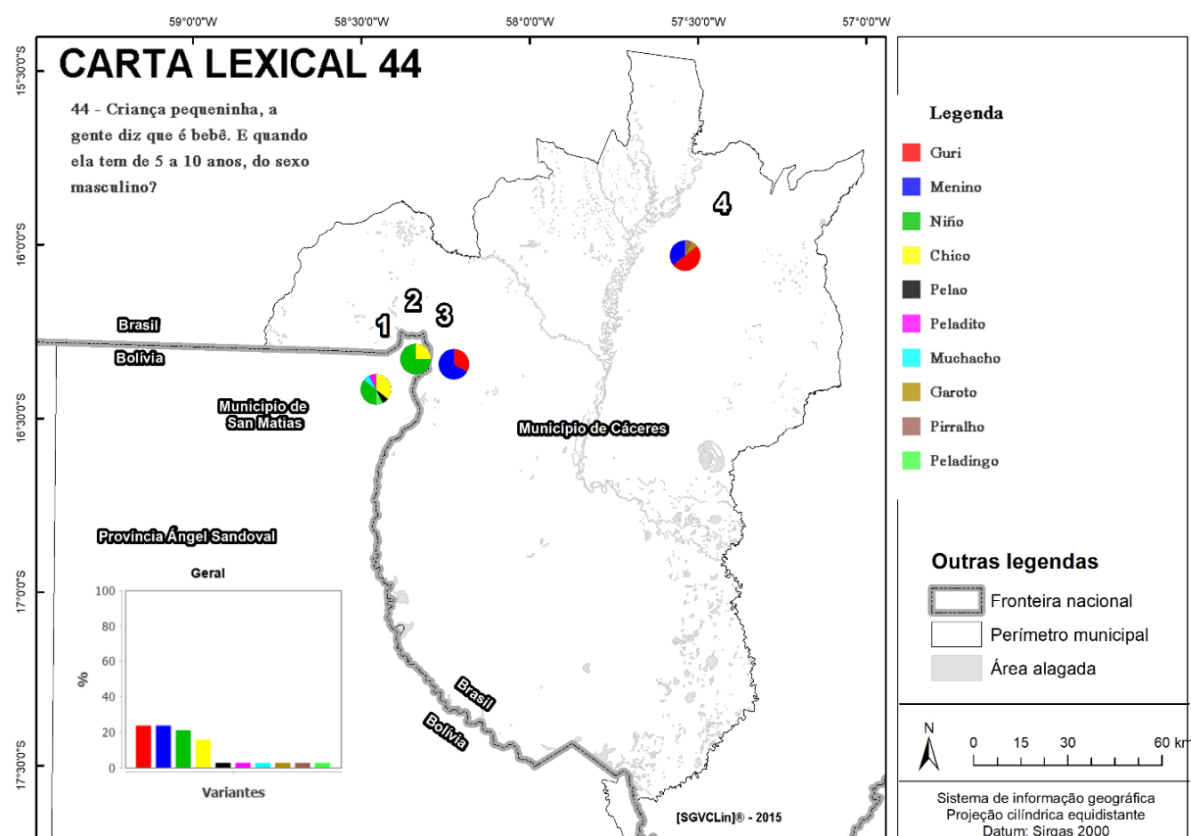
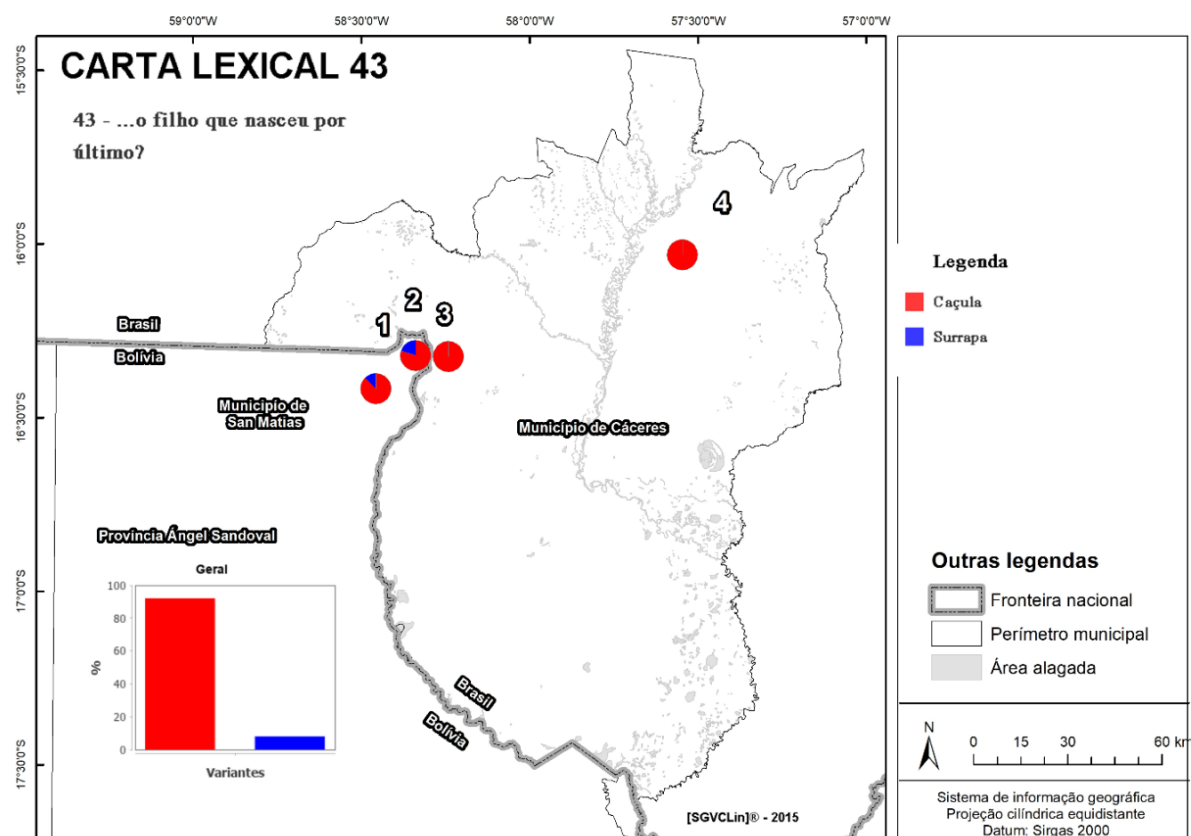


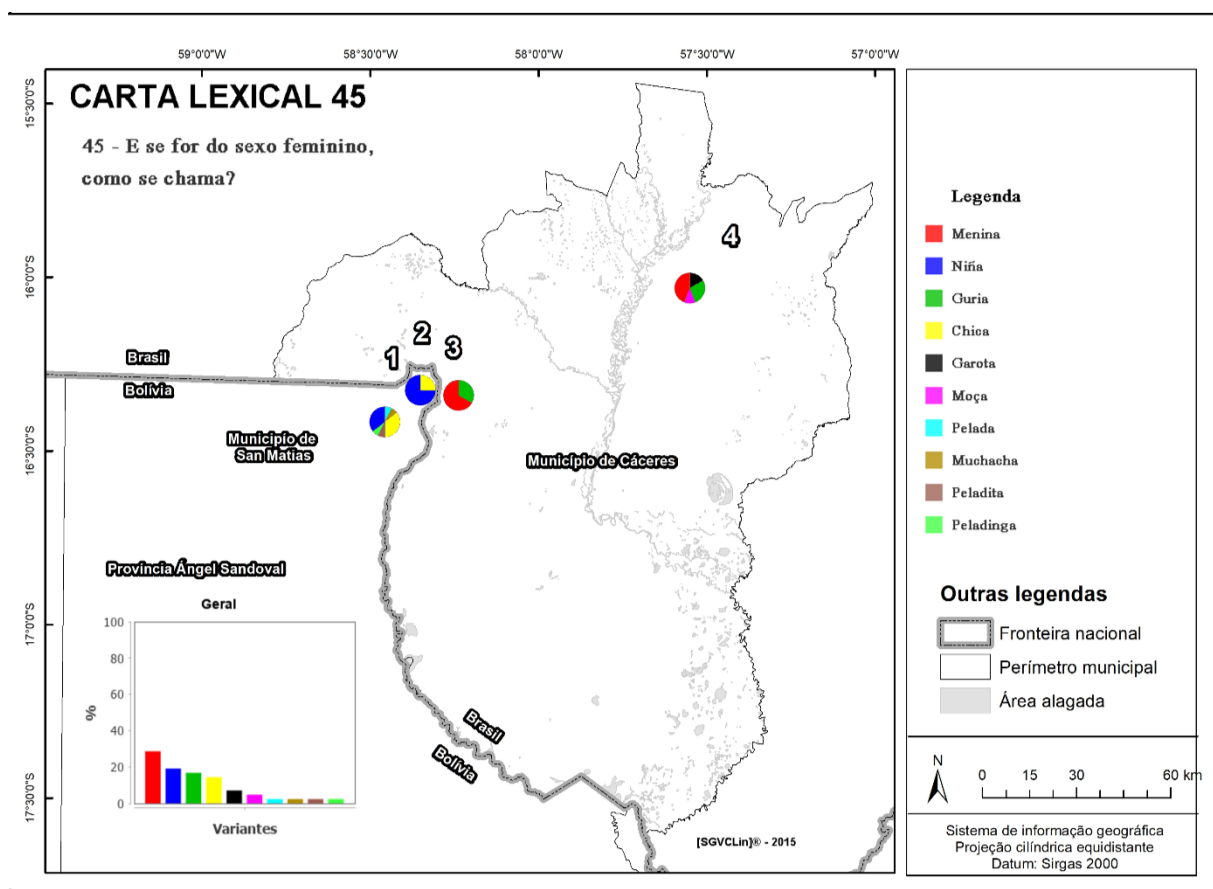




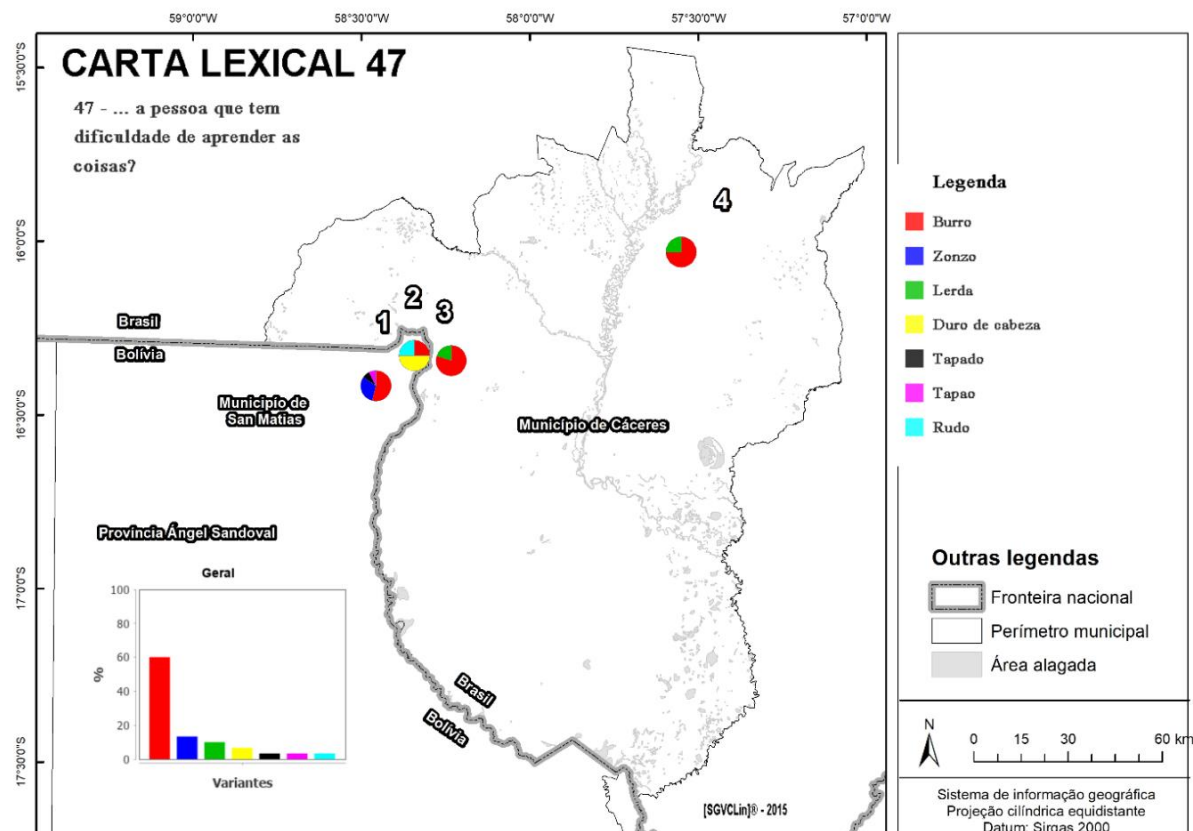
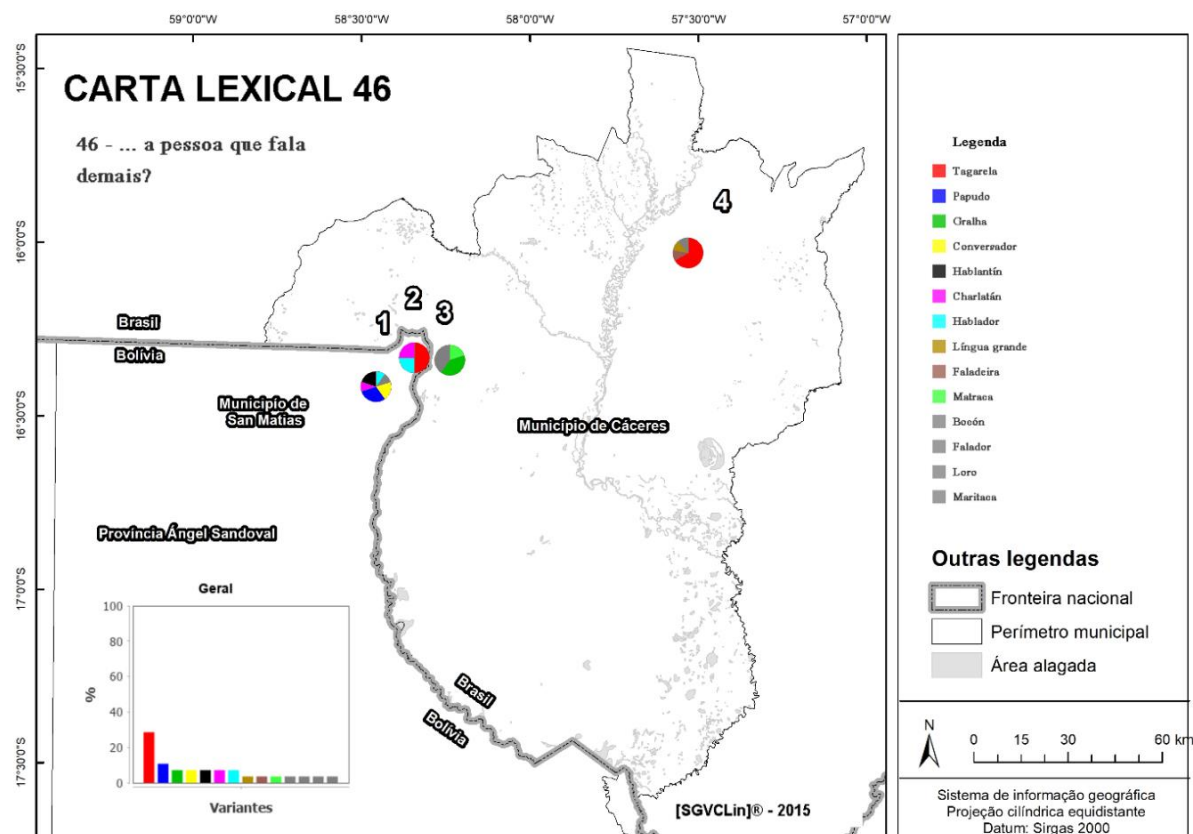
CAMPO SEMÂNTICO

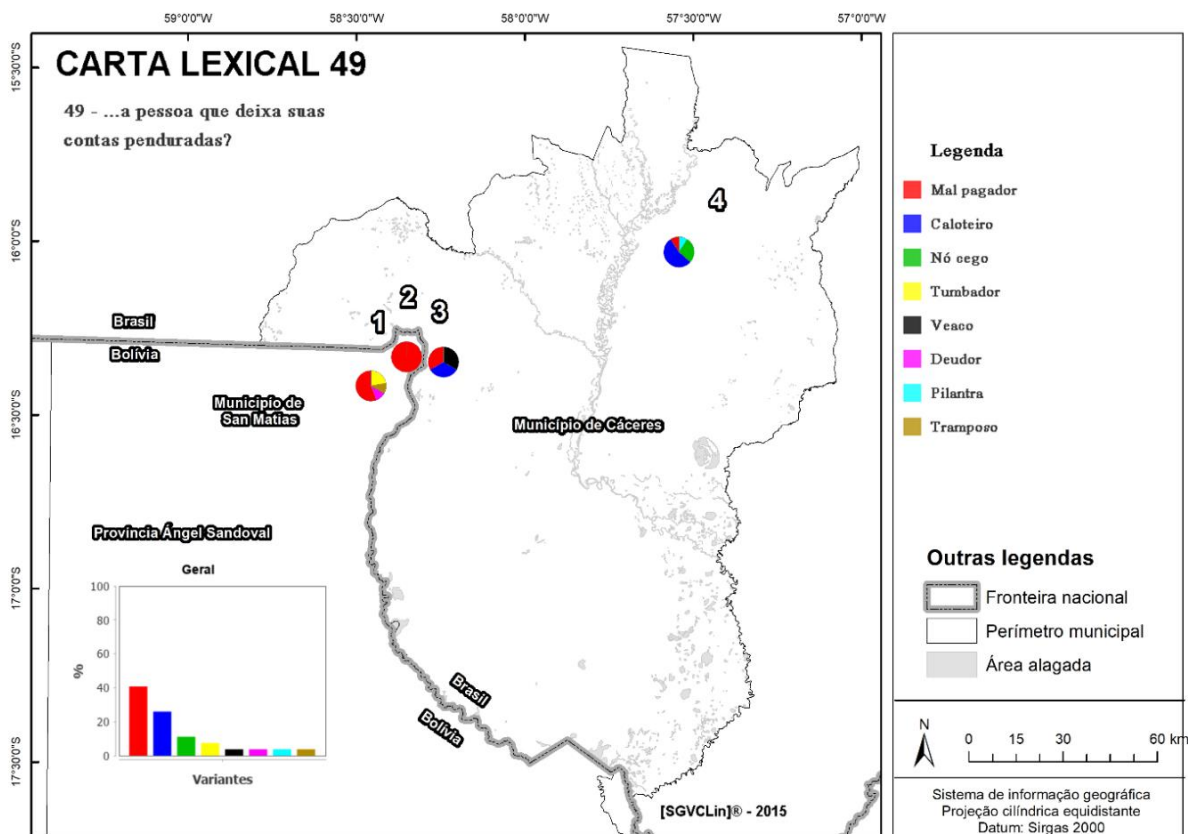
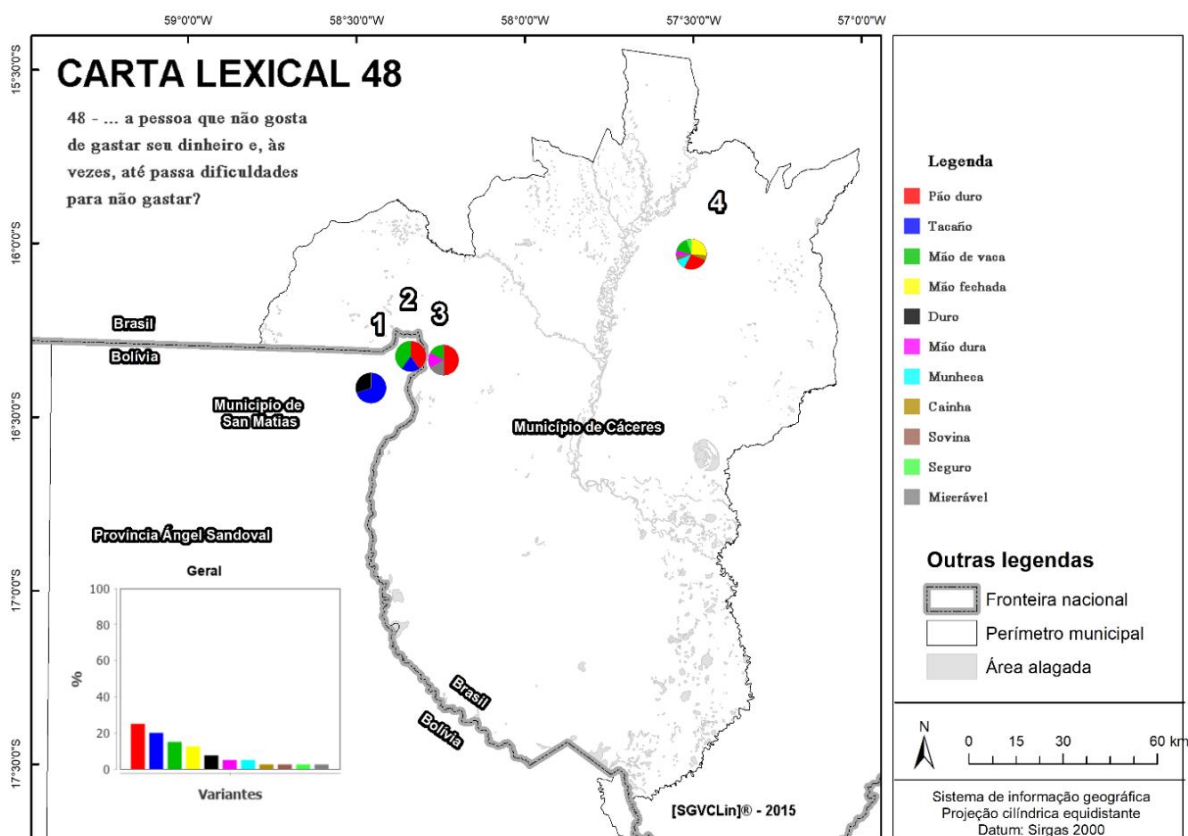
CICLO DA VIDA

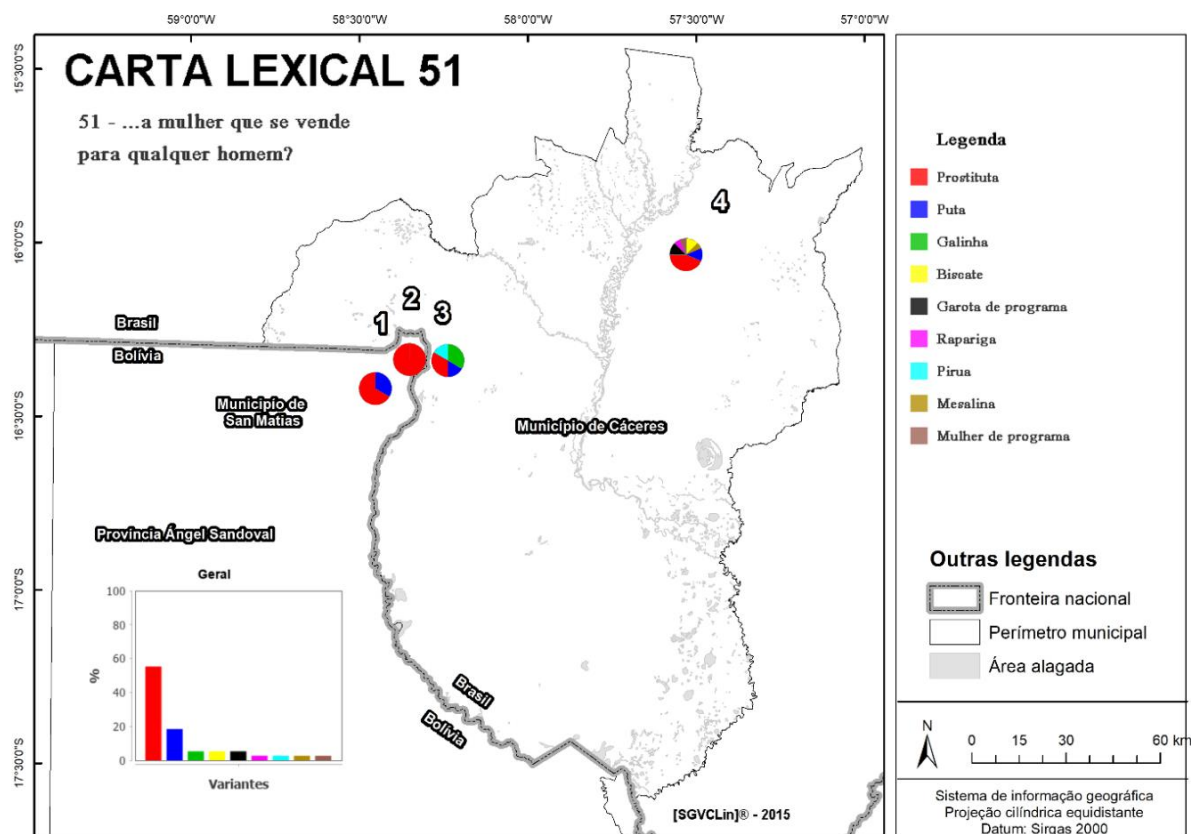
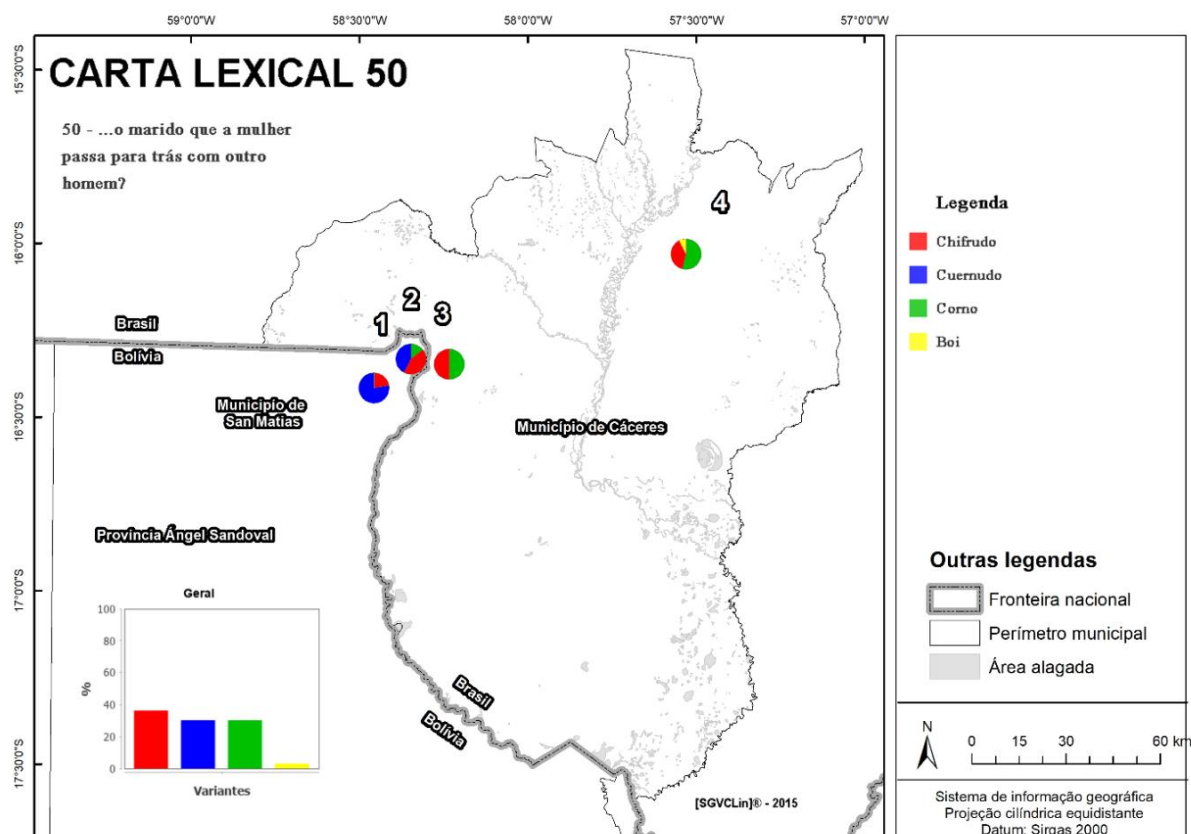


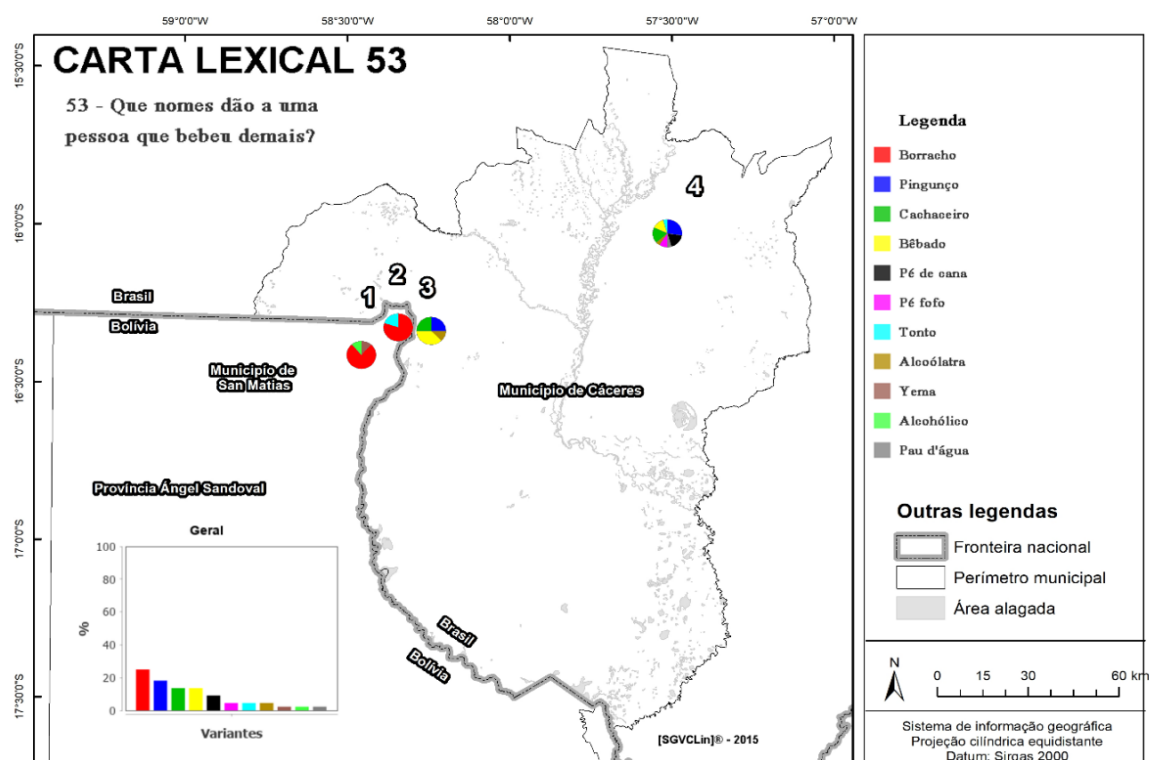
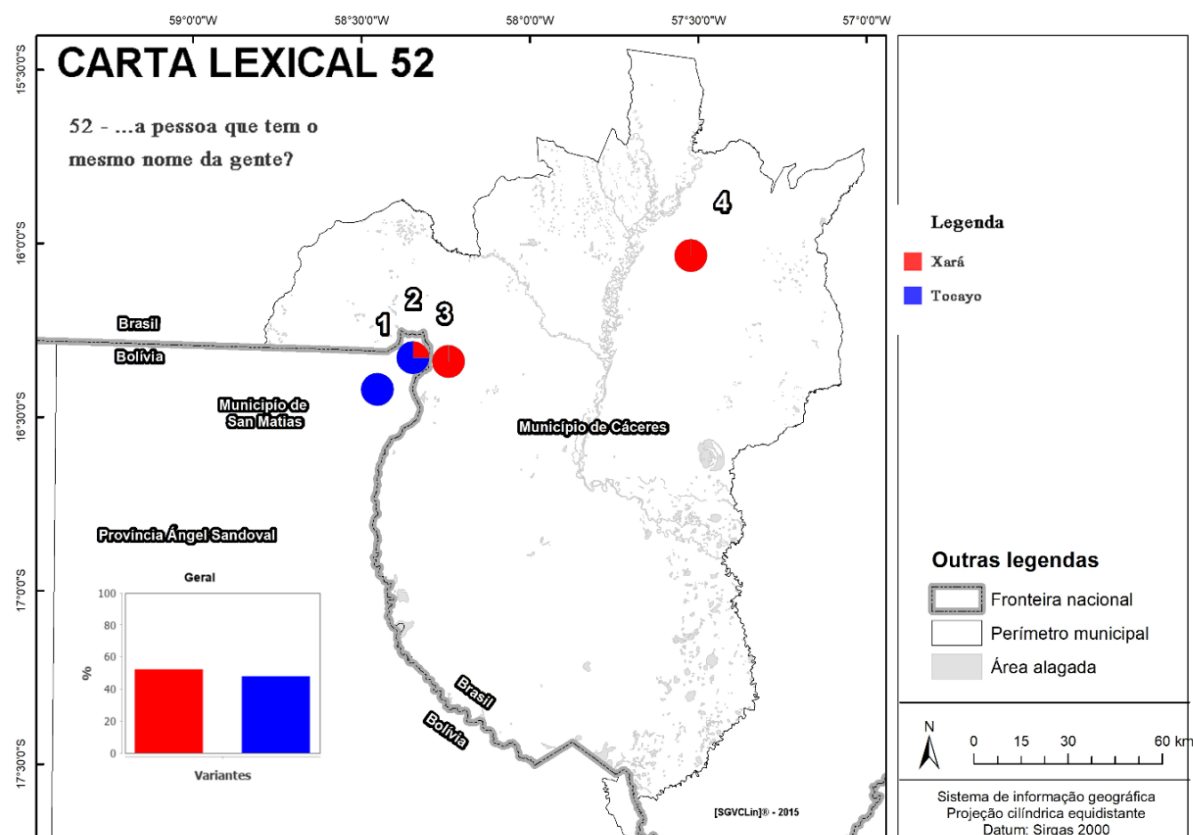


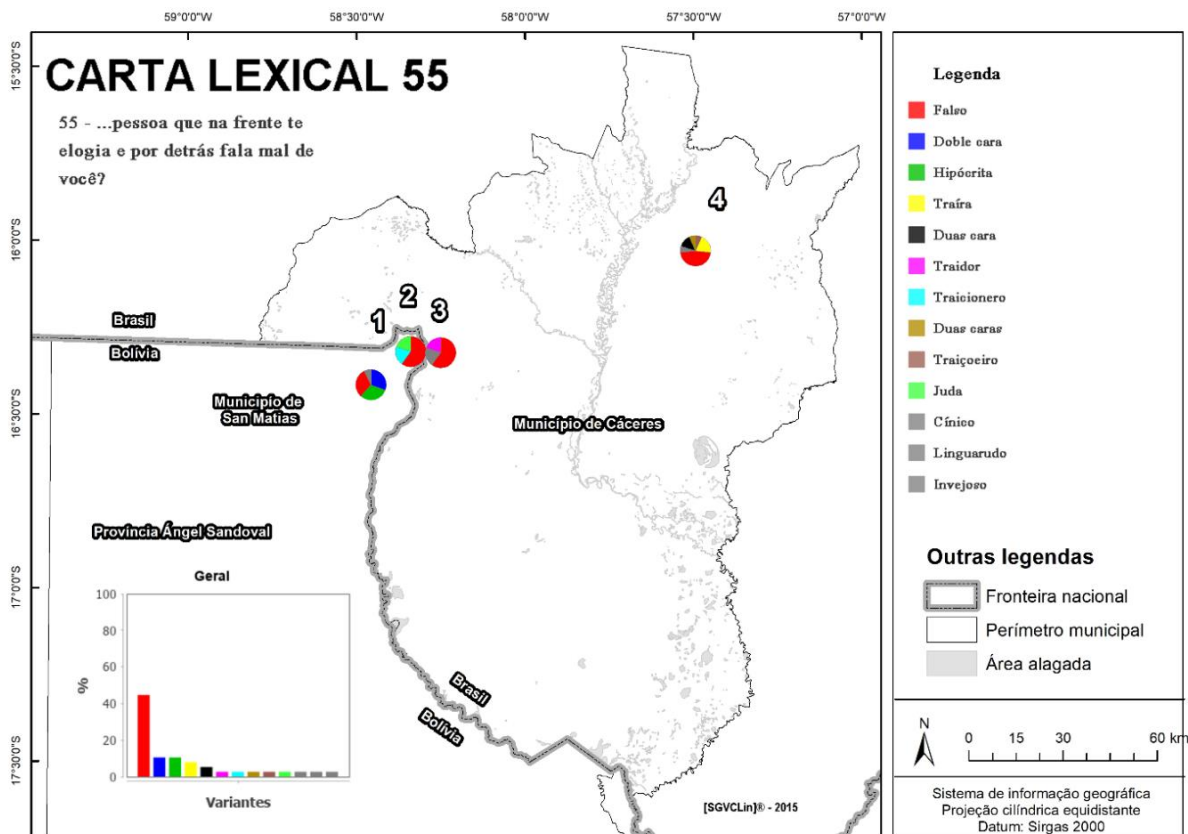
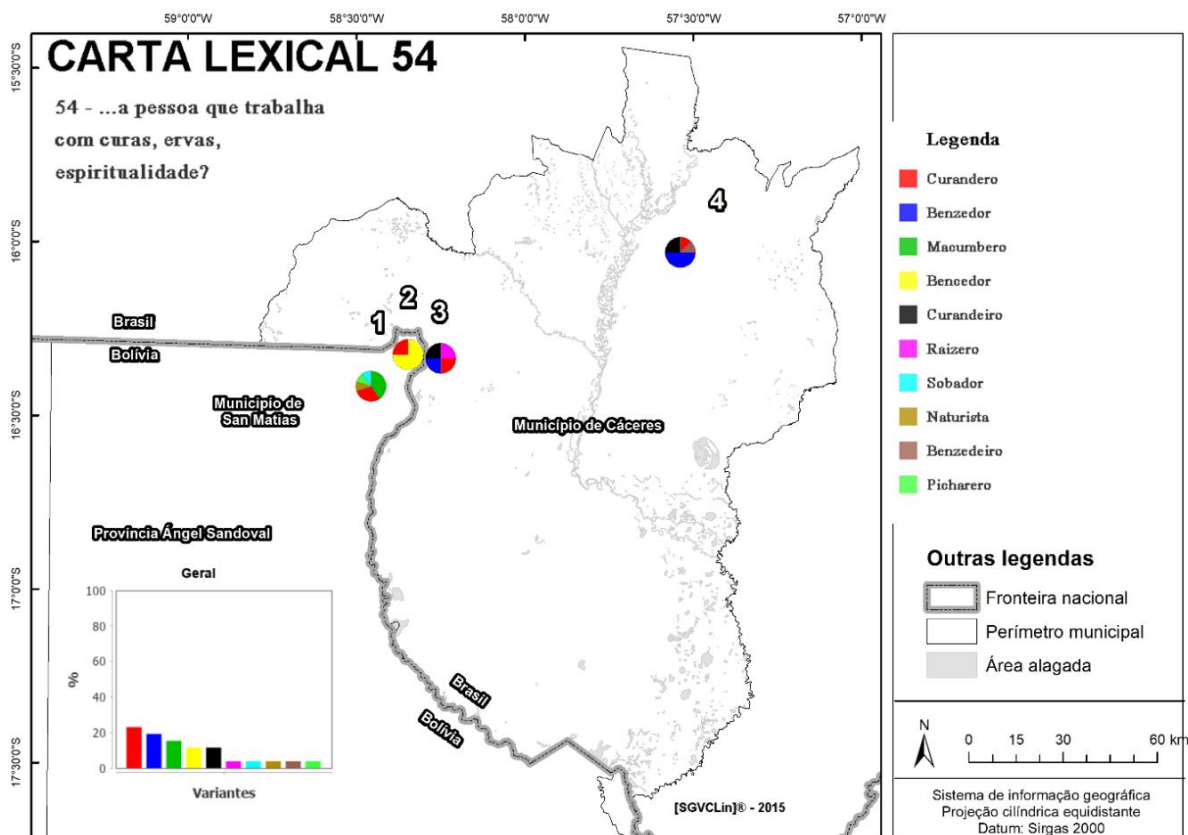
CAMPO SEMÂNTICO**CONVÍVIO E COMPORTAMENTO SOCIAL**

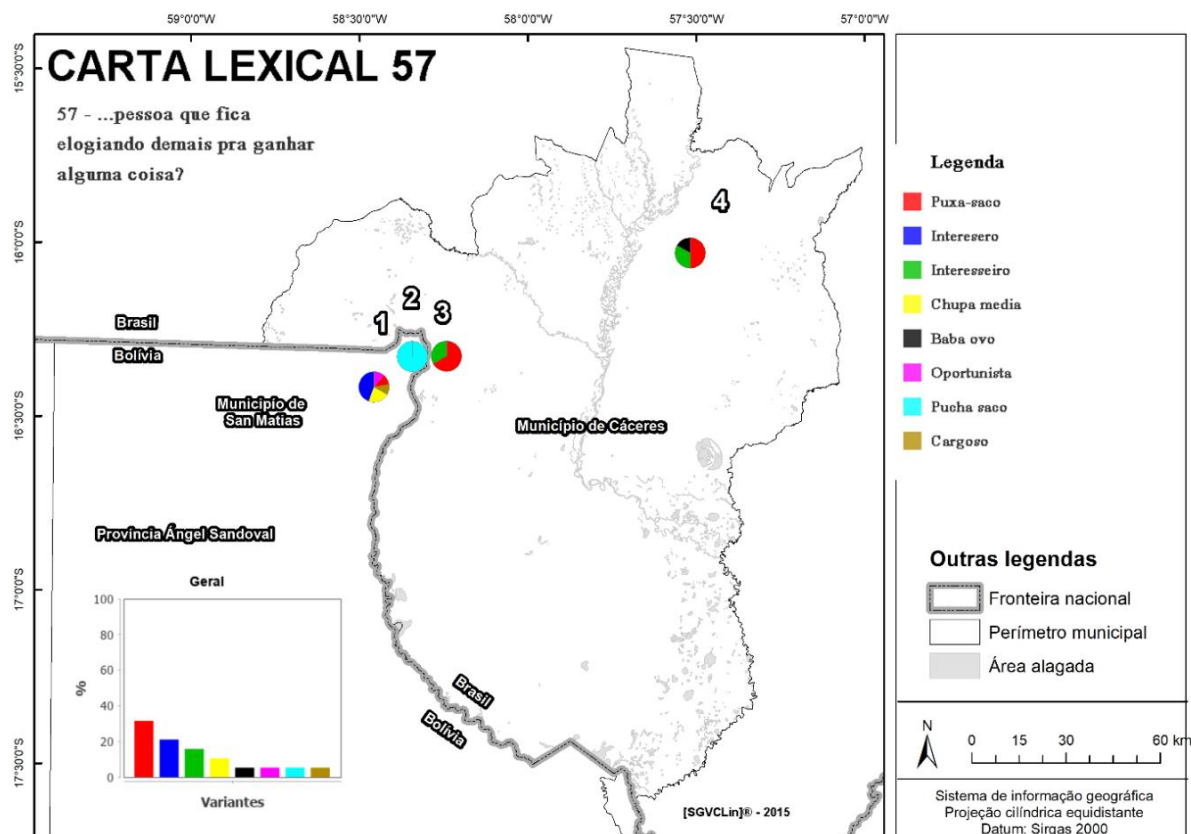
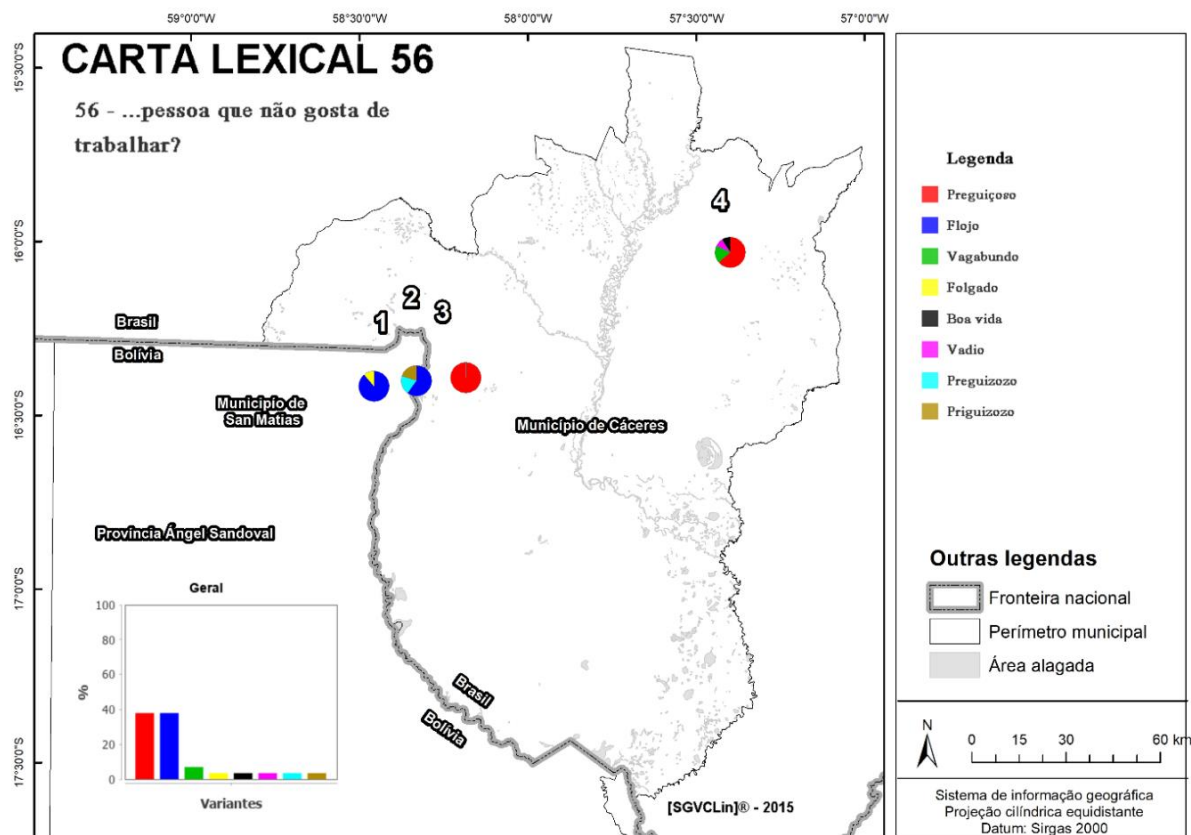


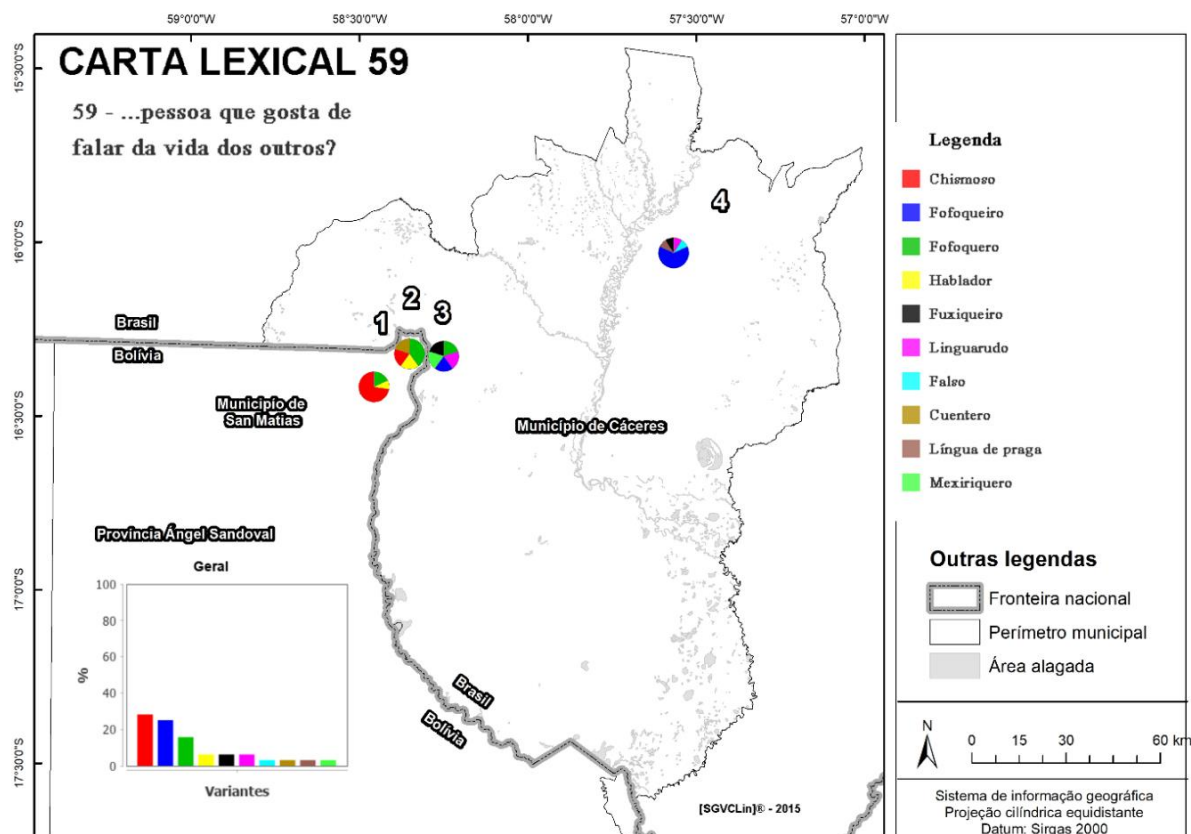
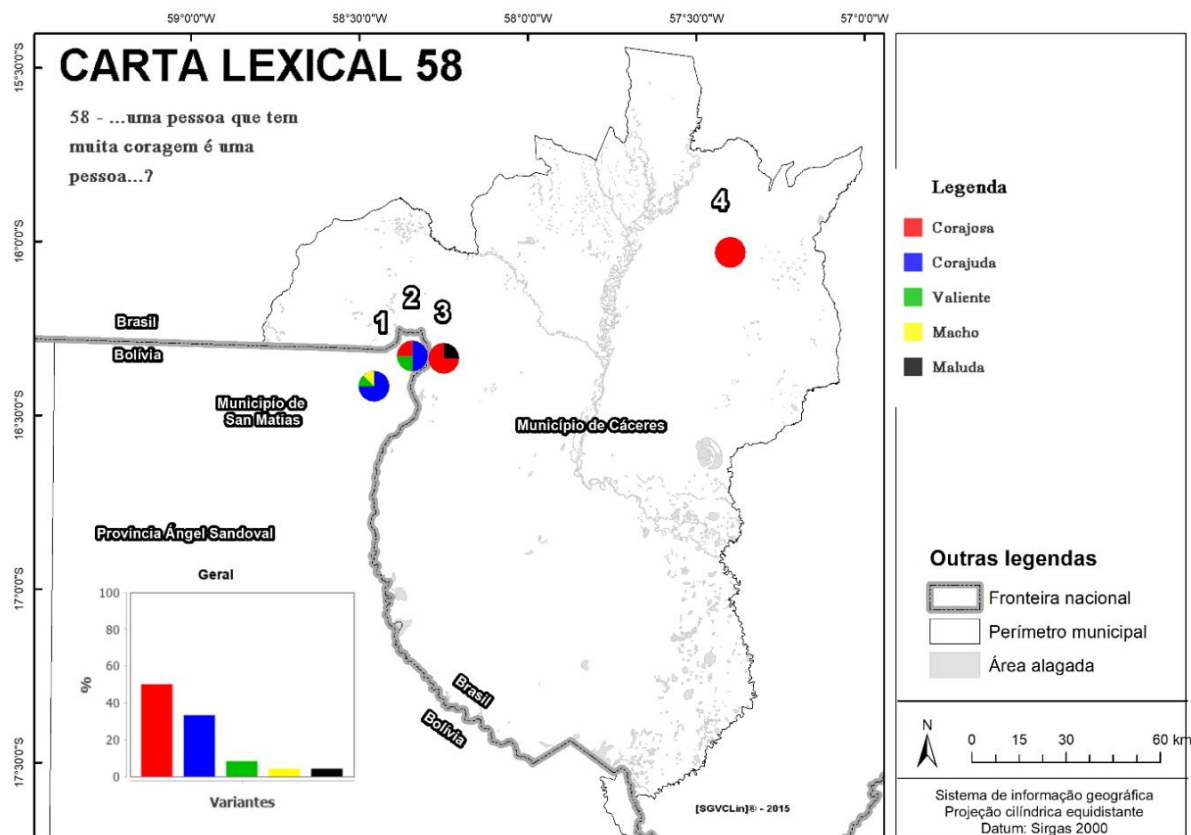


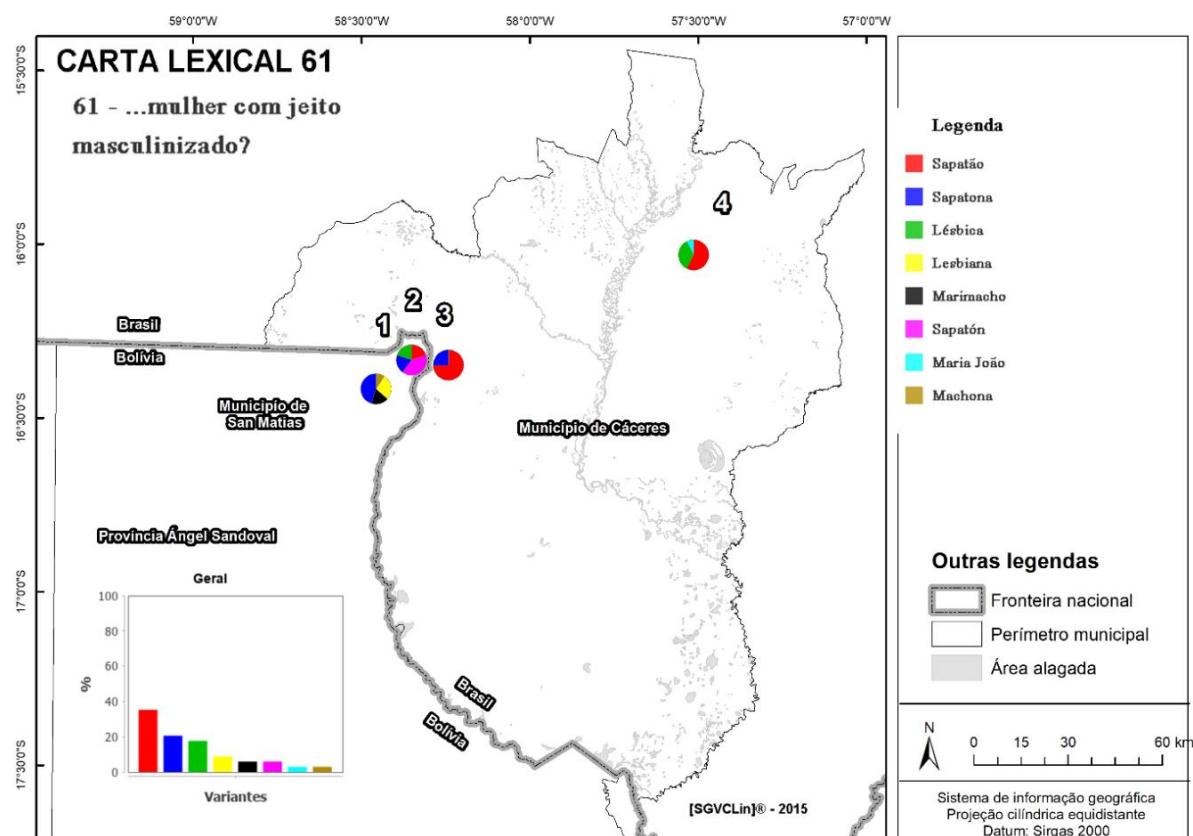
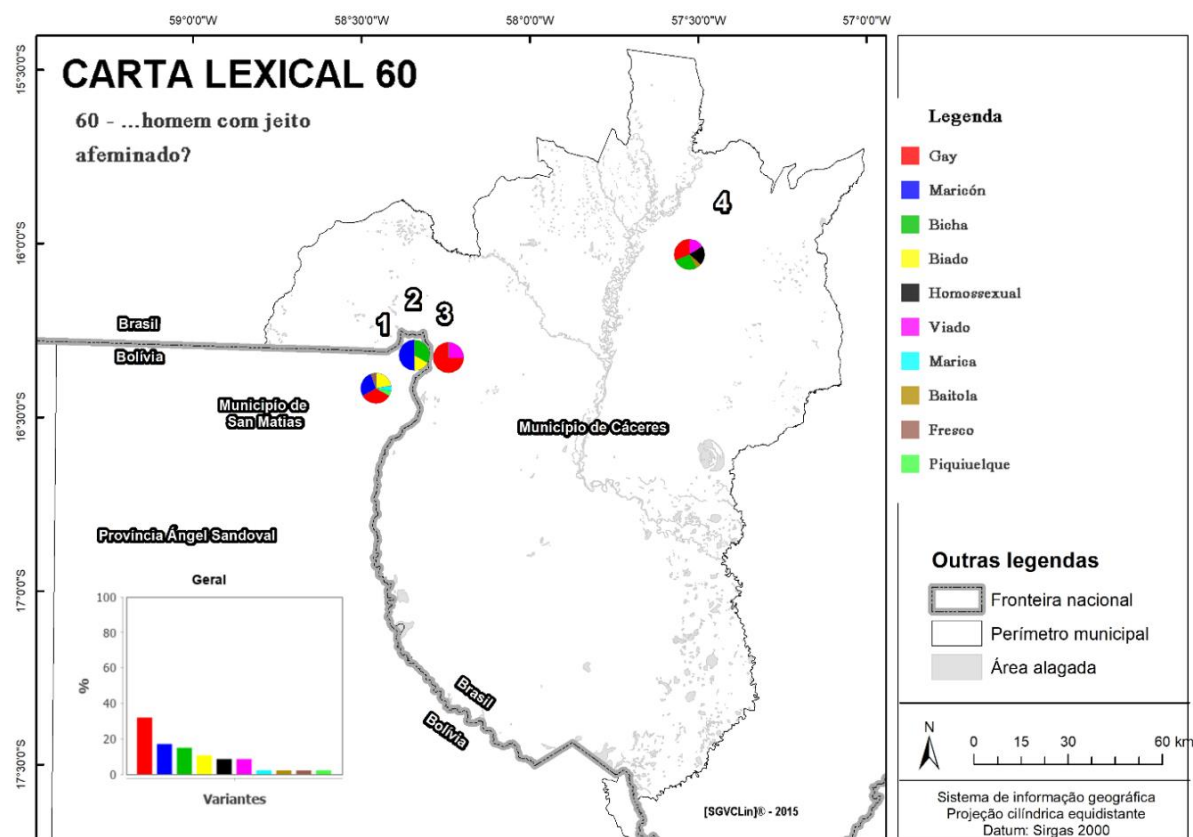




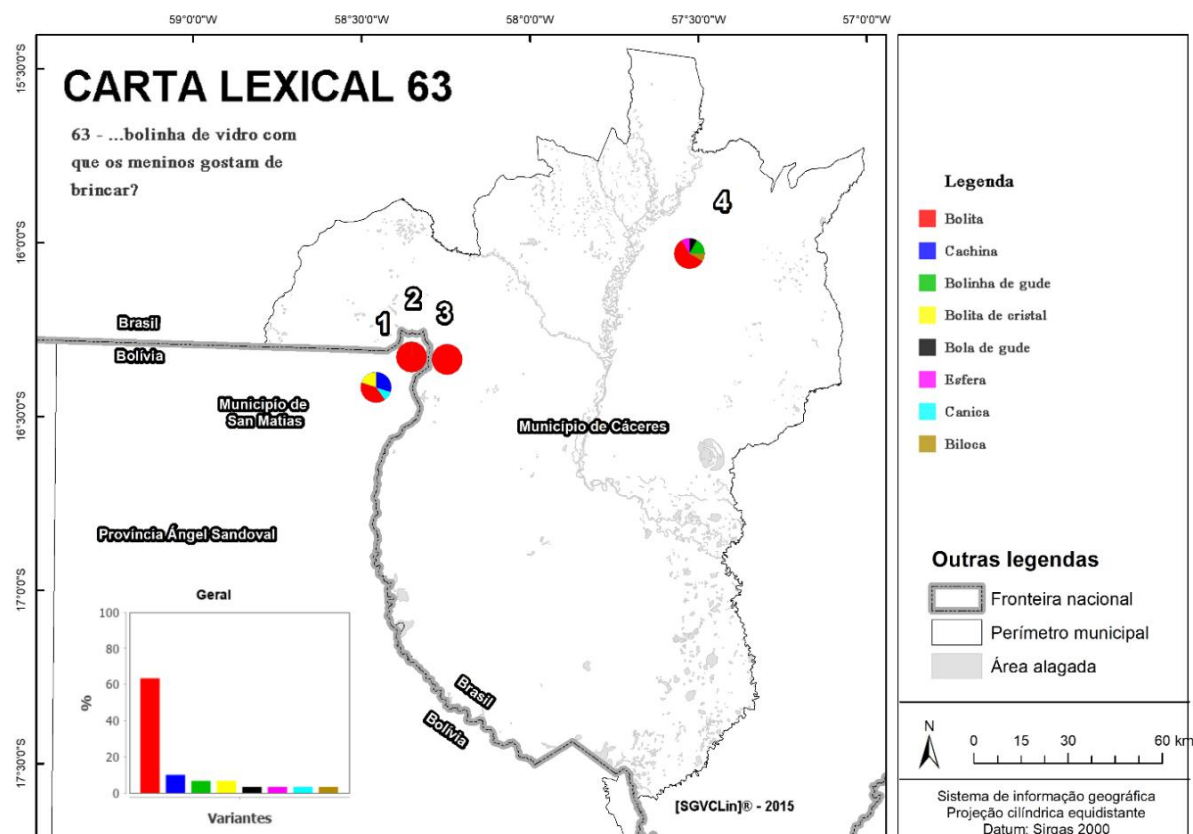
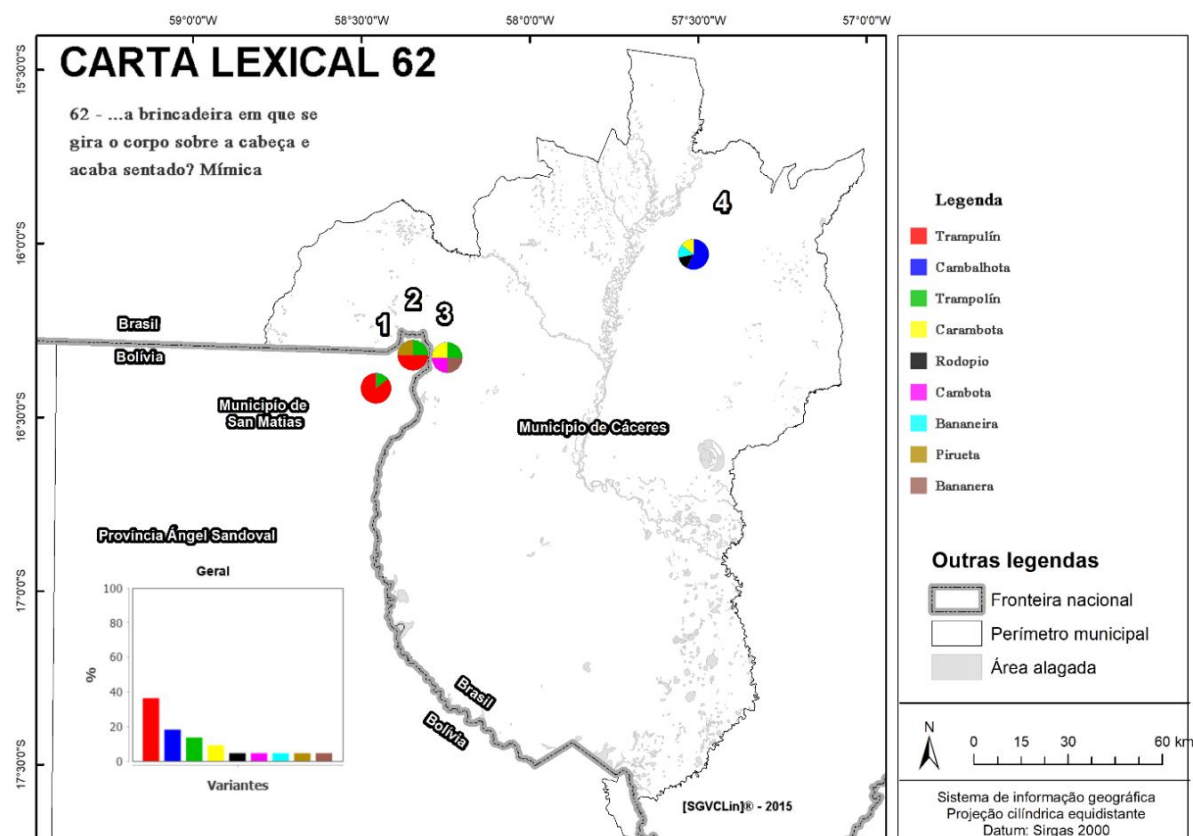


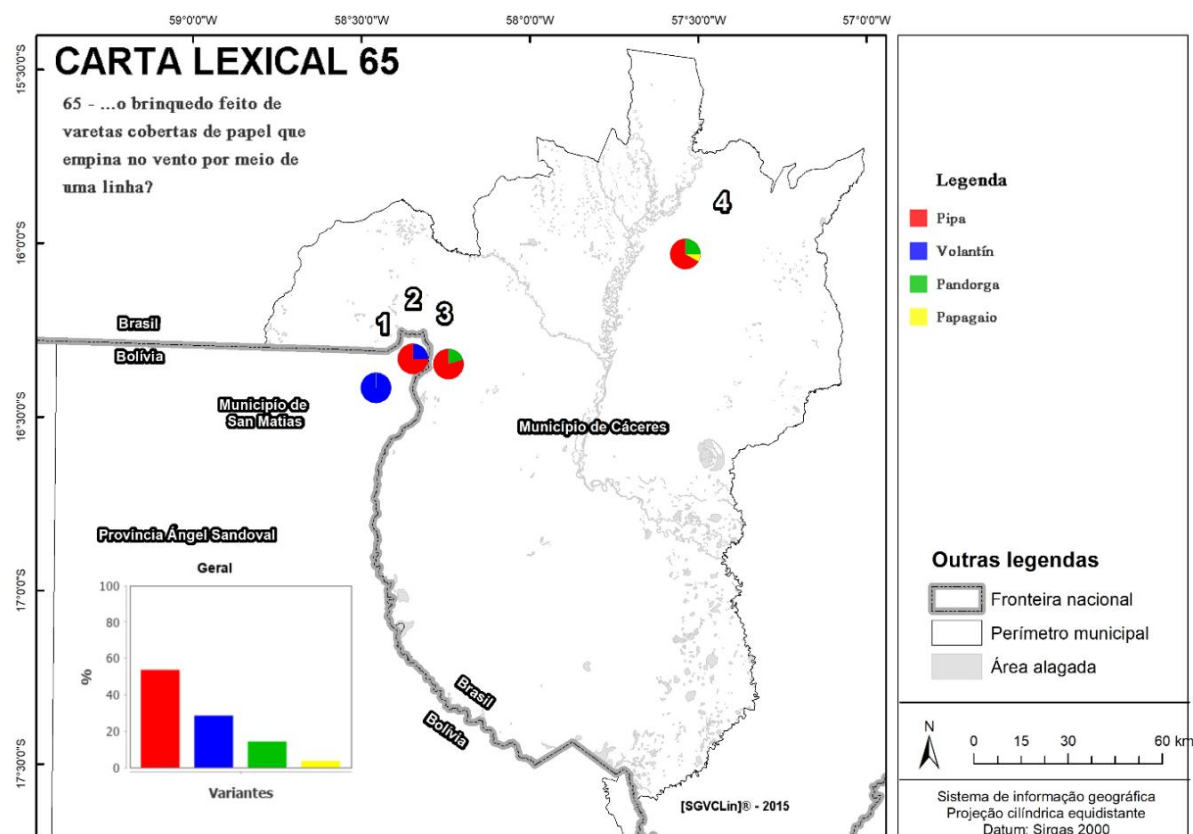
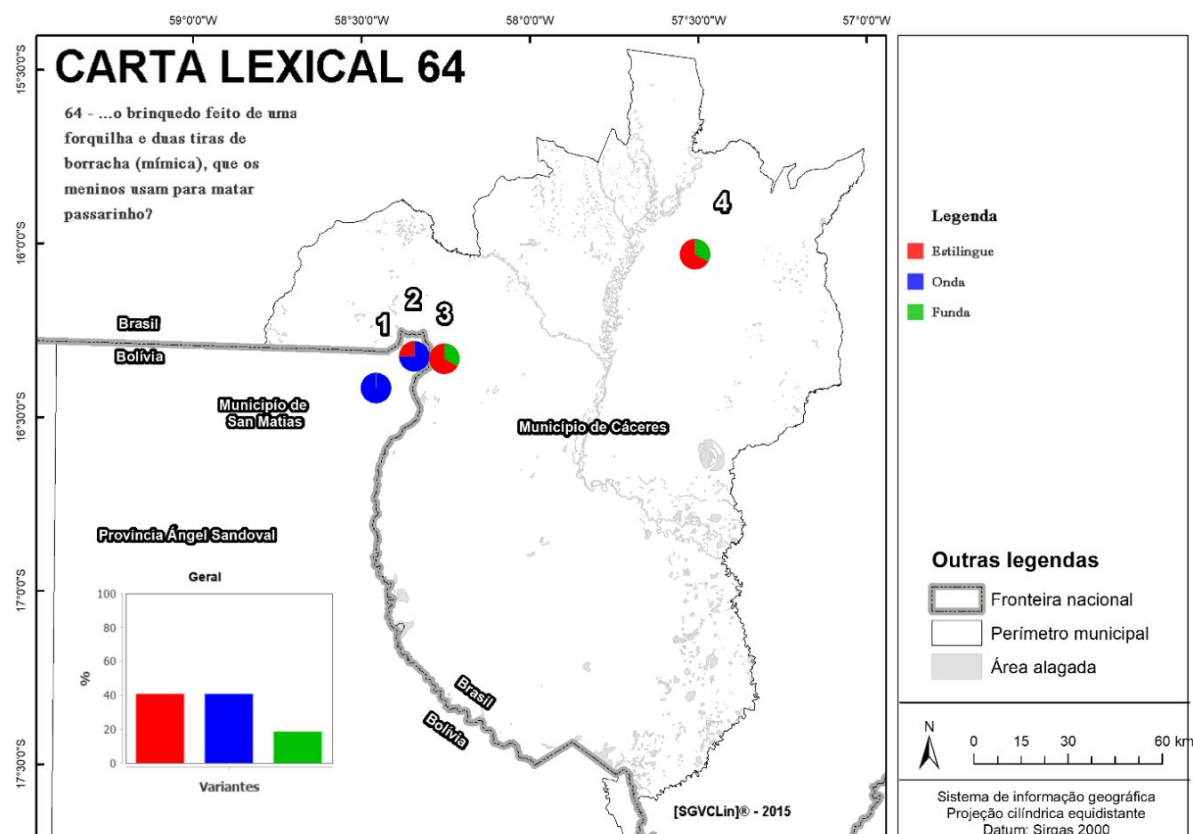


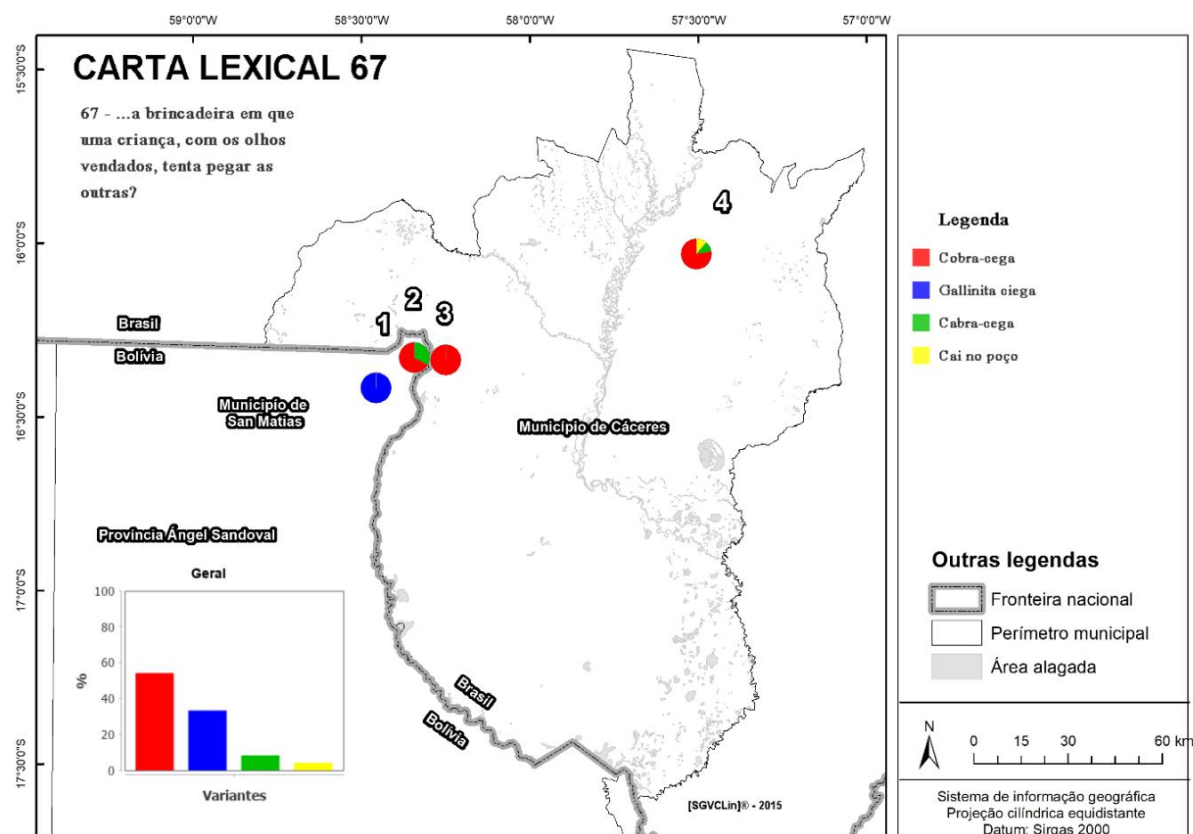
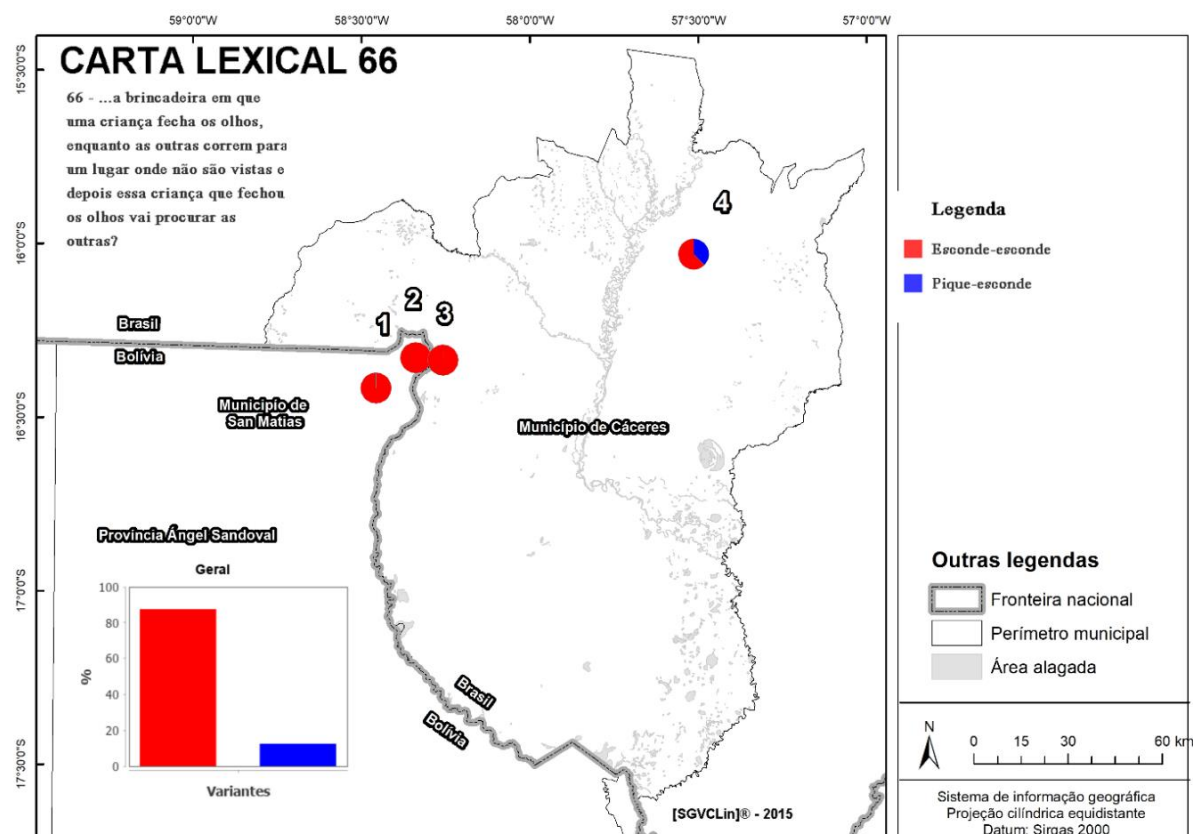


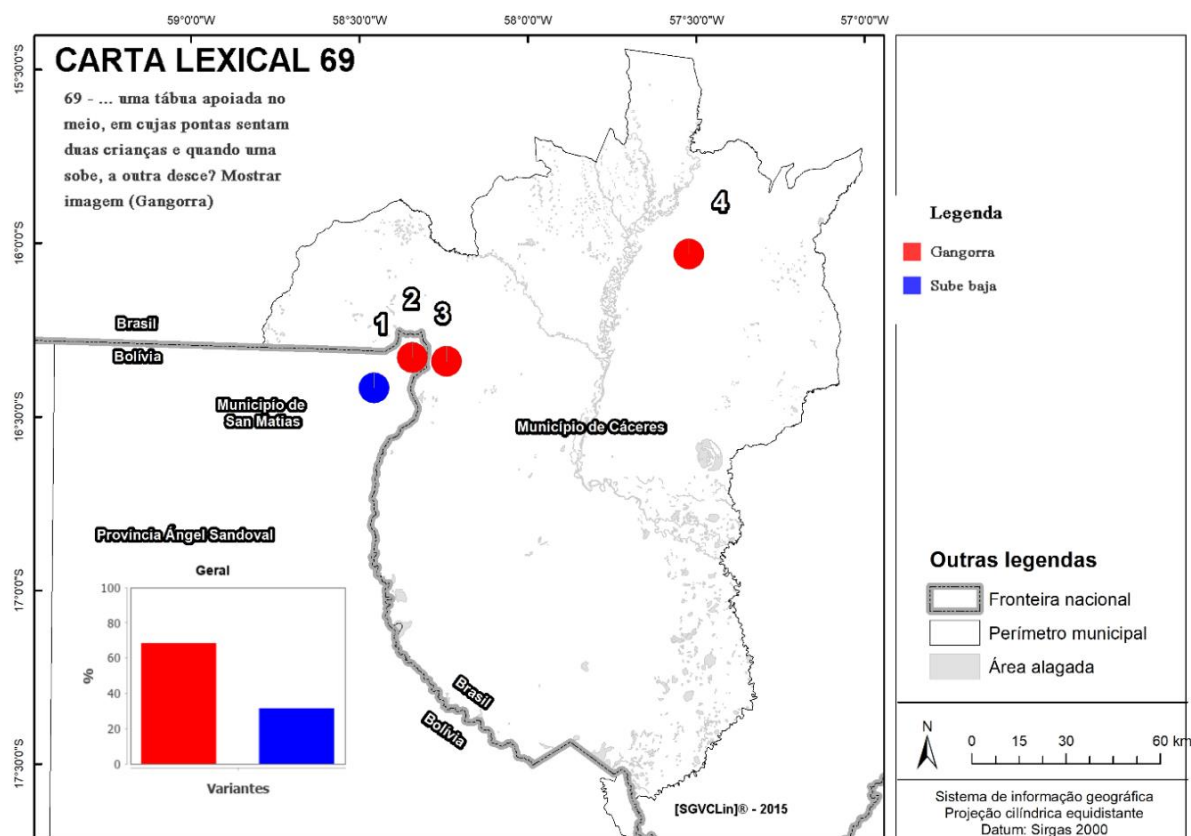
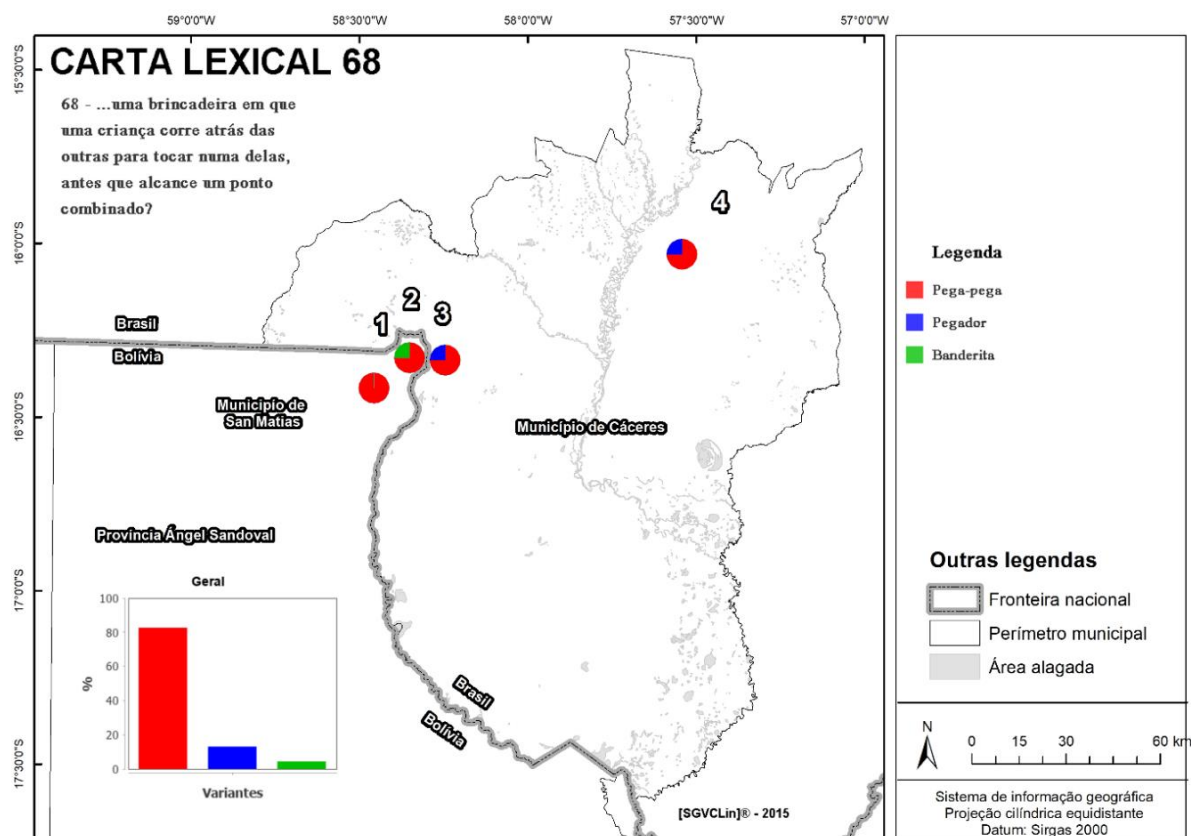


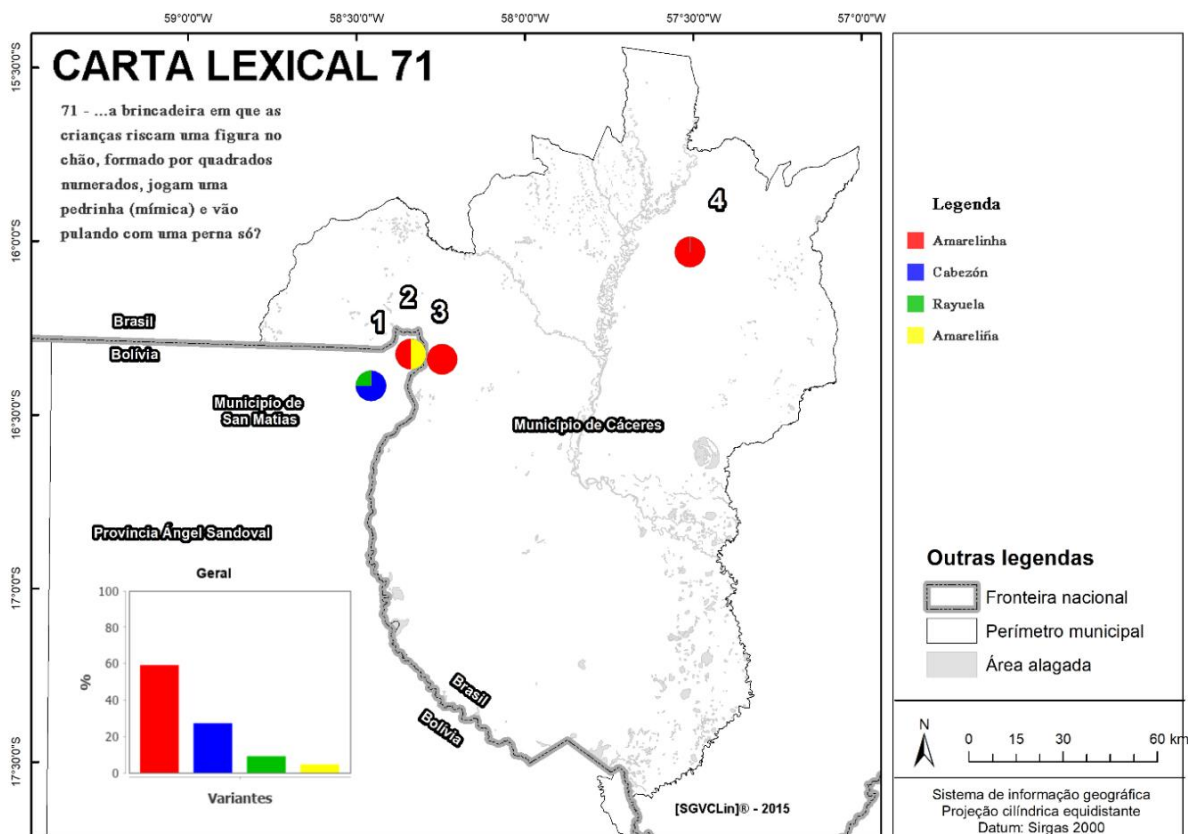
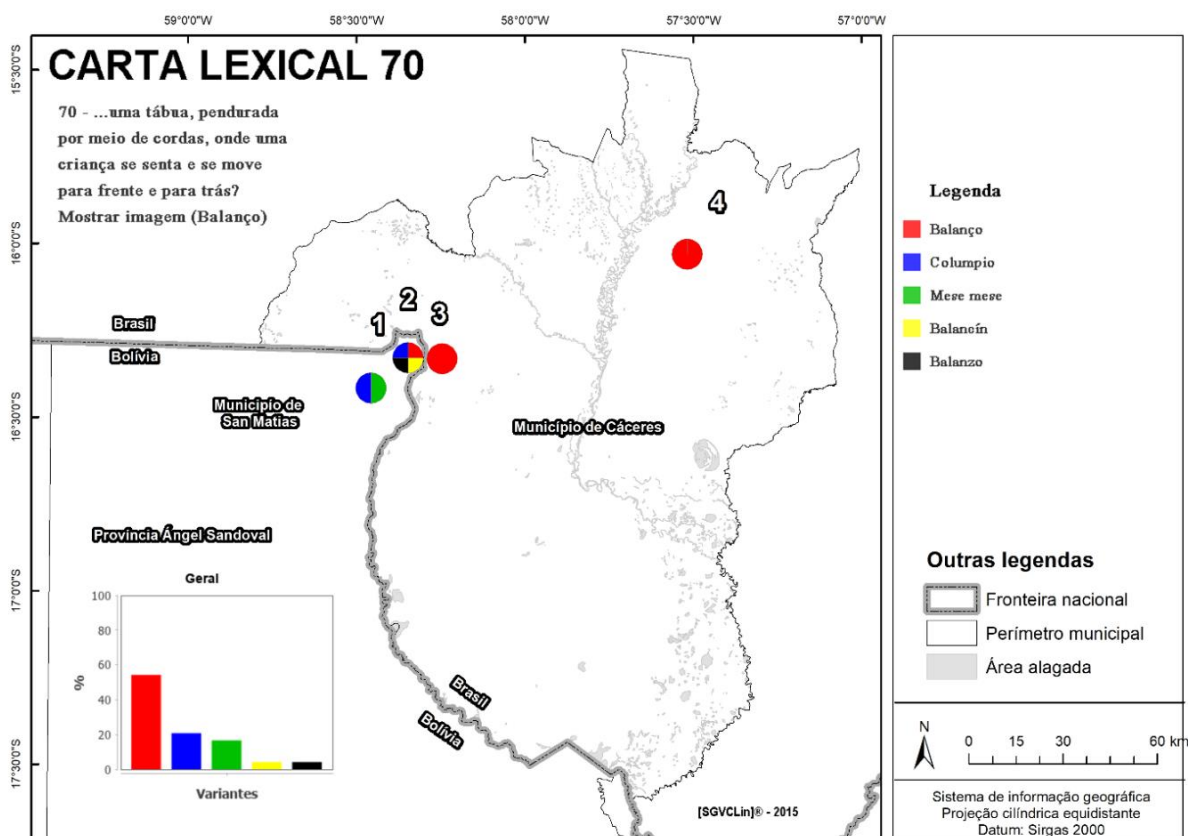
CAMPO SEMÂNTICO**JOGOS E DIVERSÕES INFANTIS**

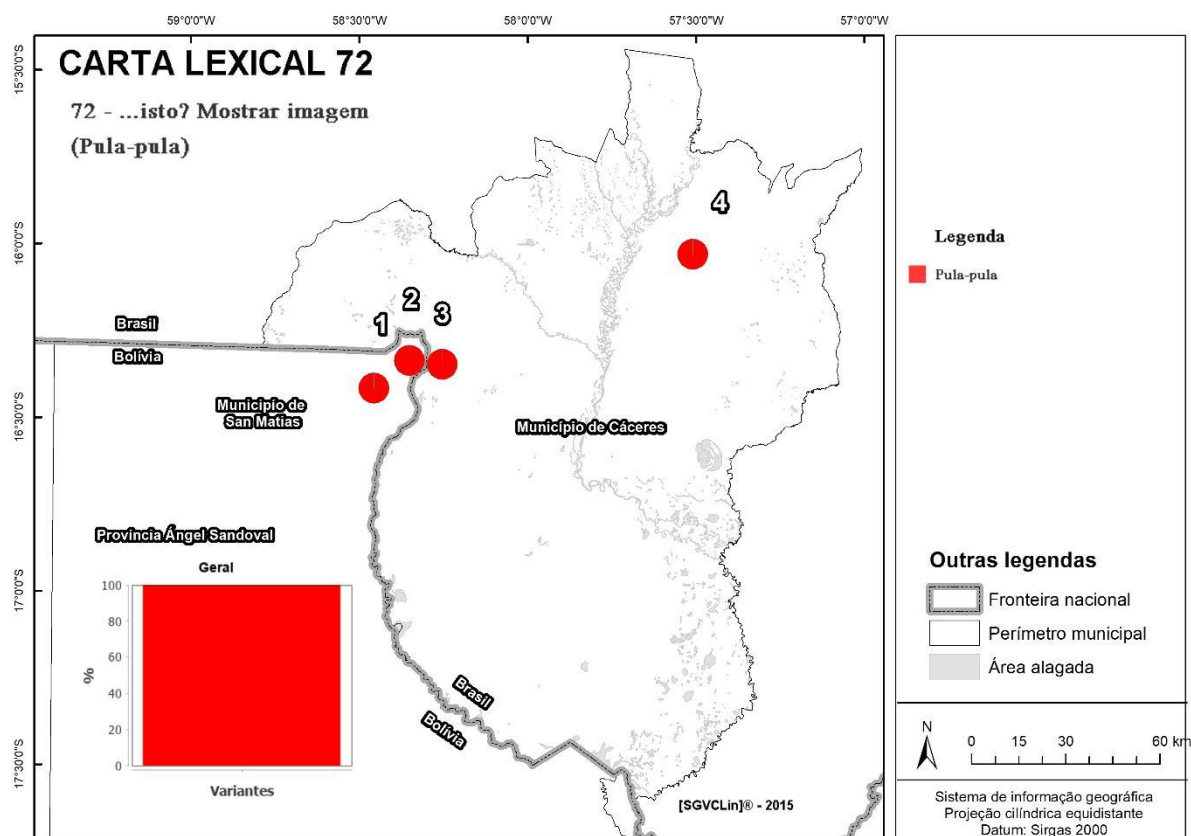




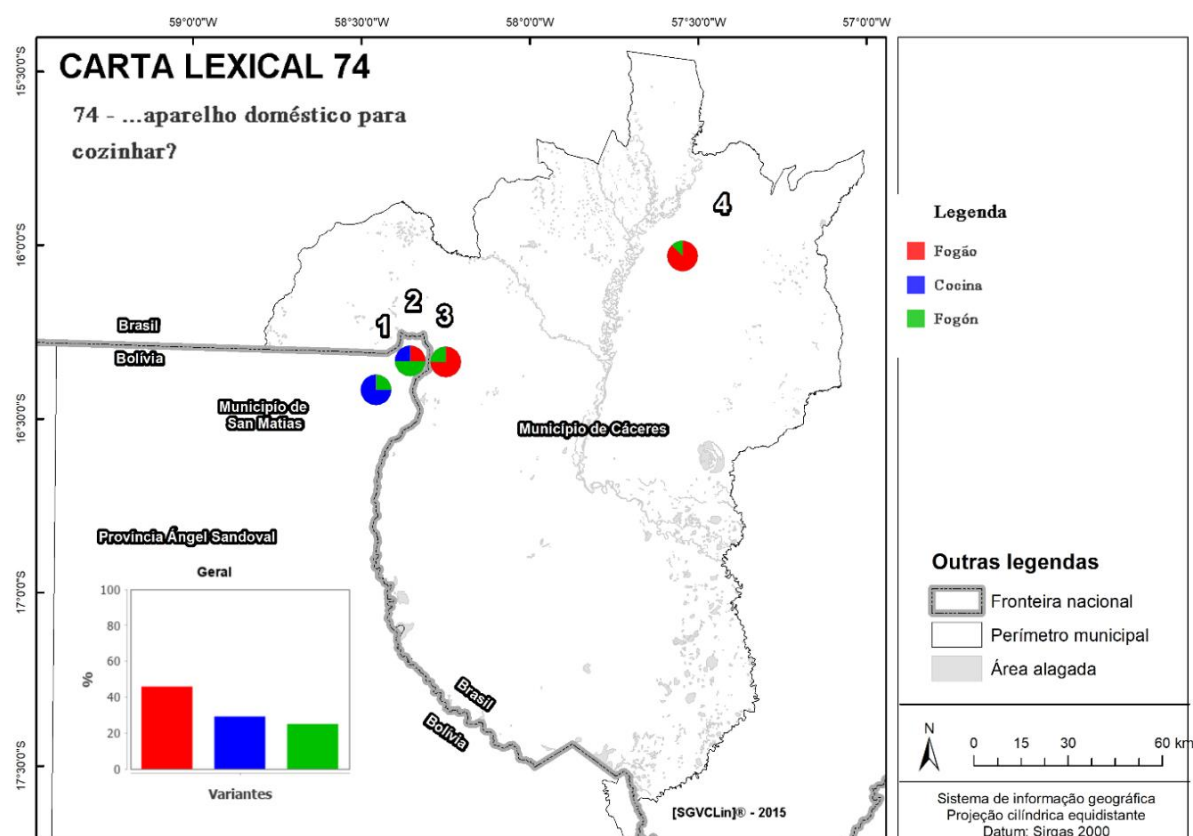
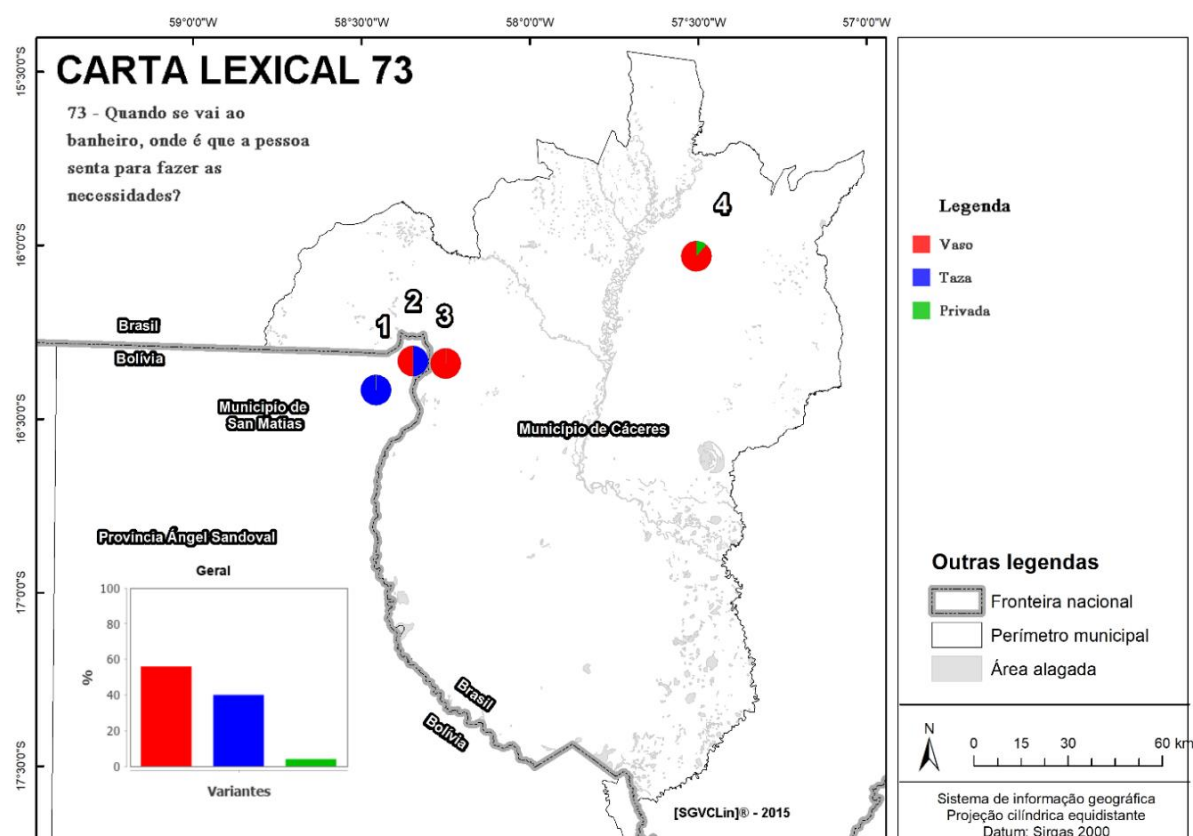


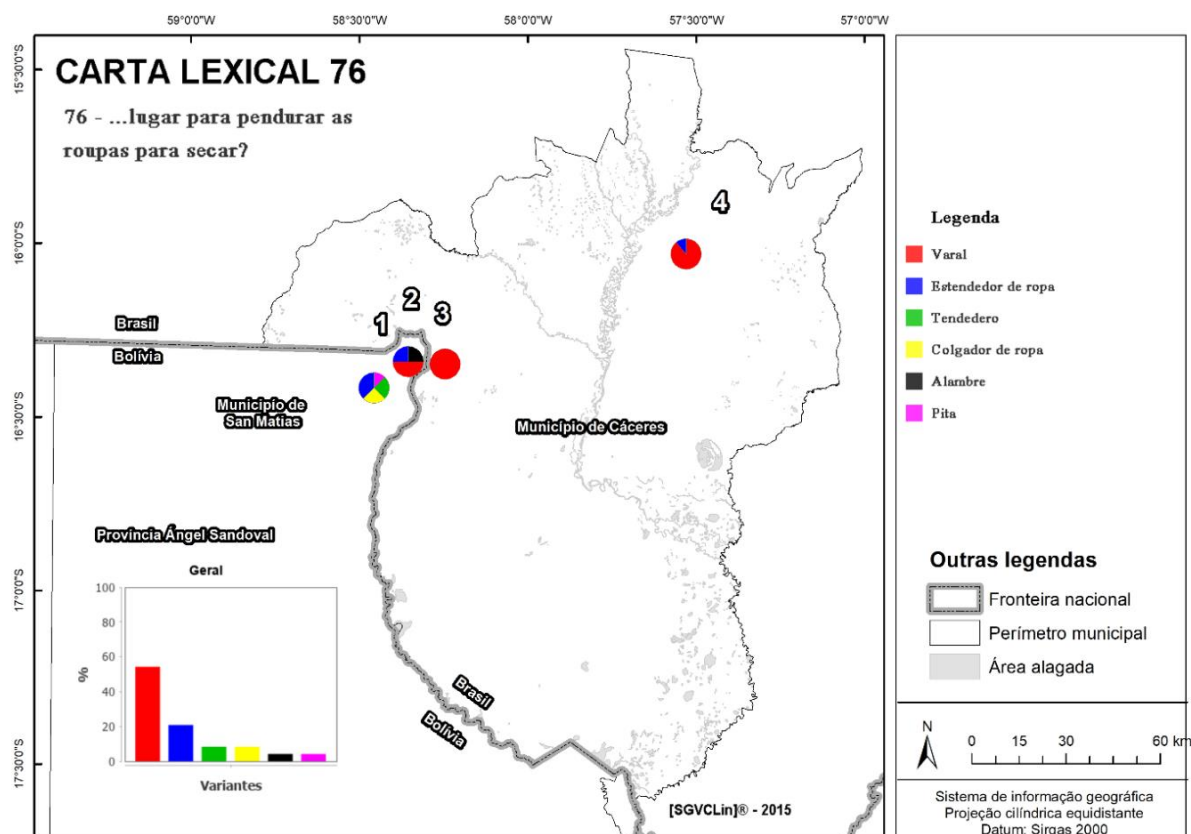
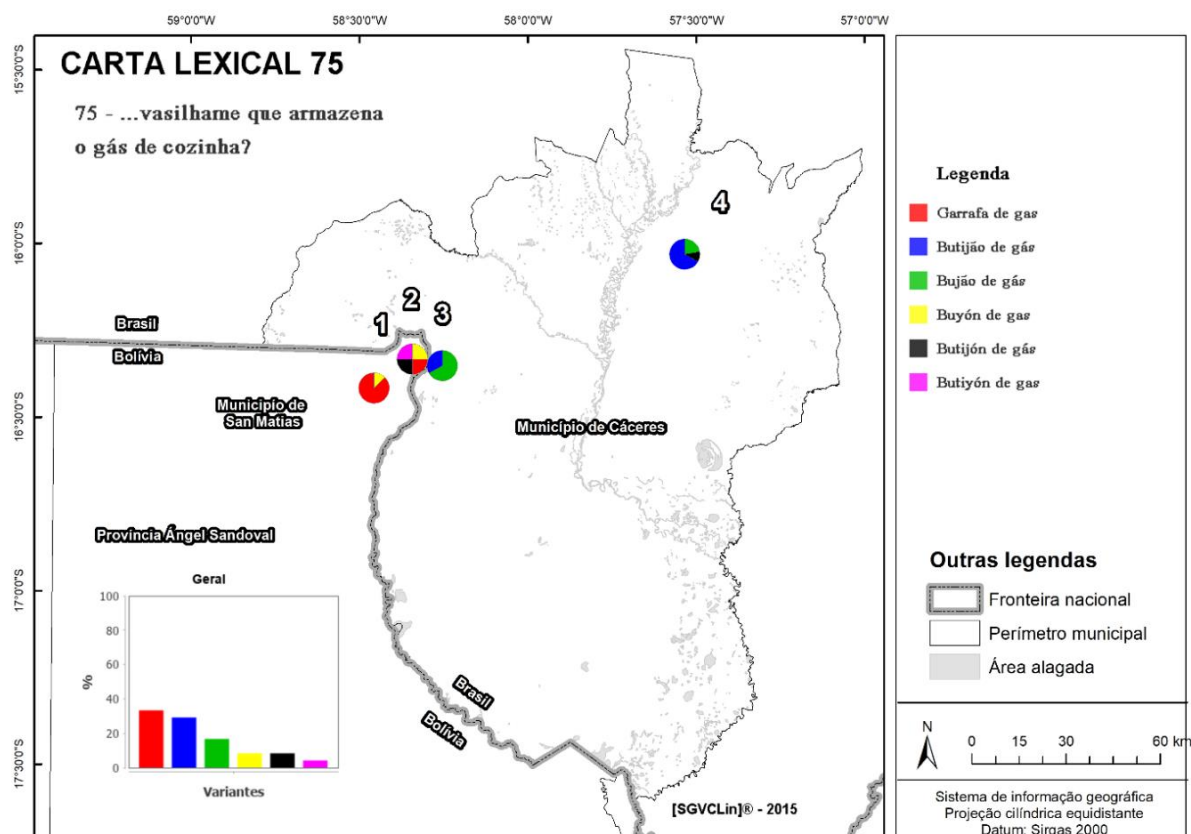


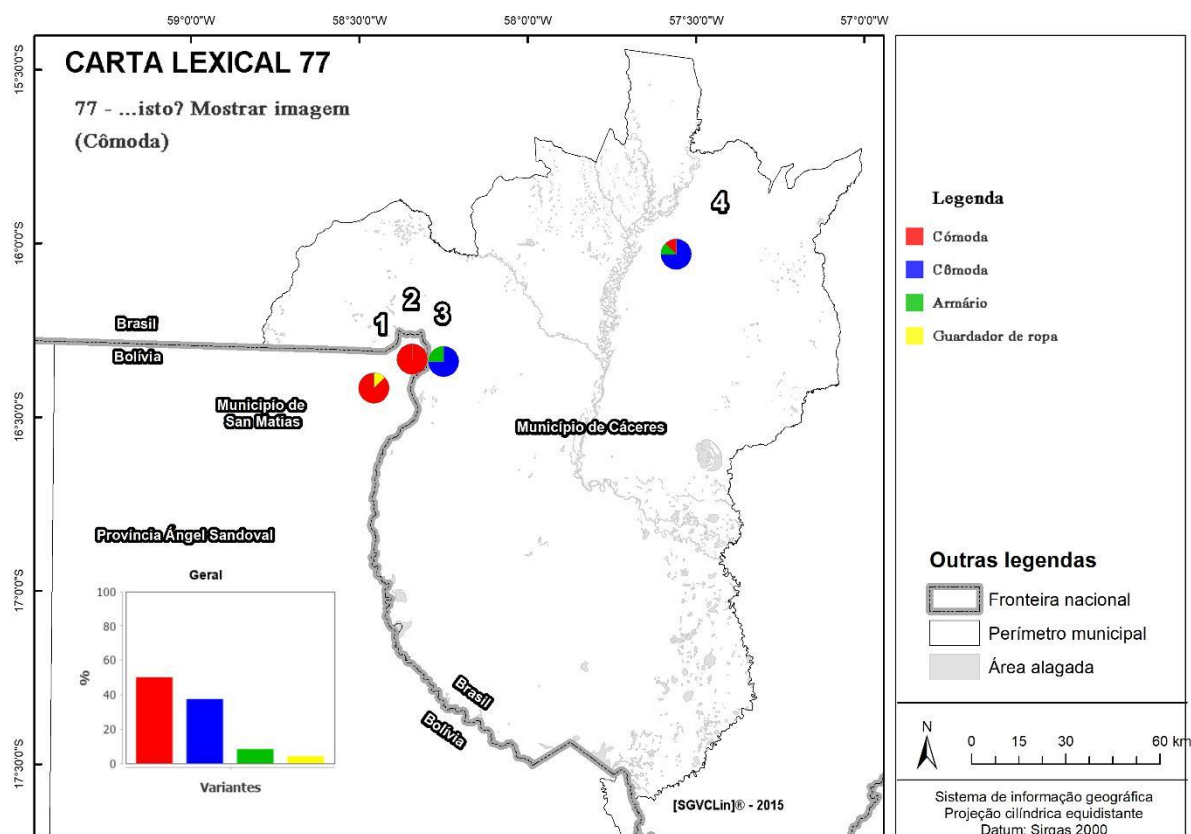




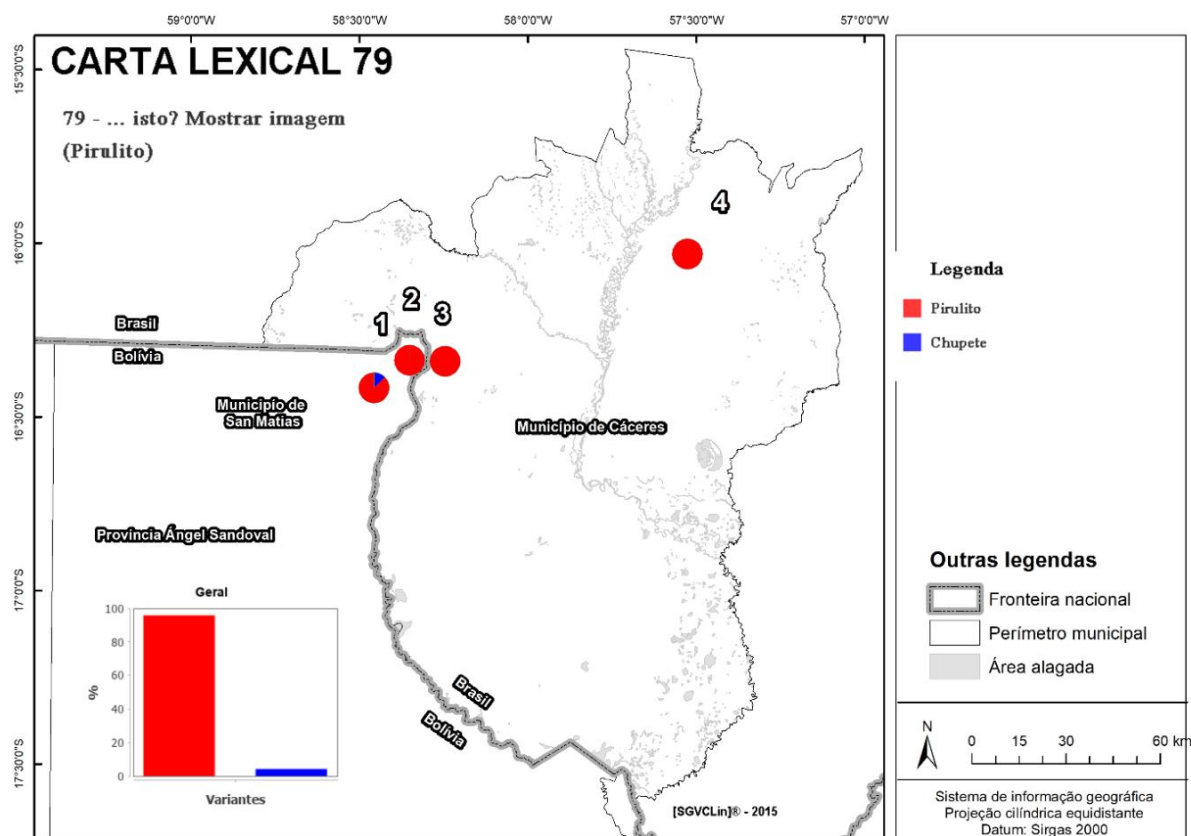
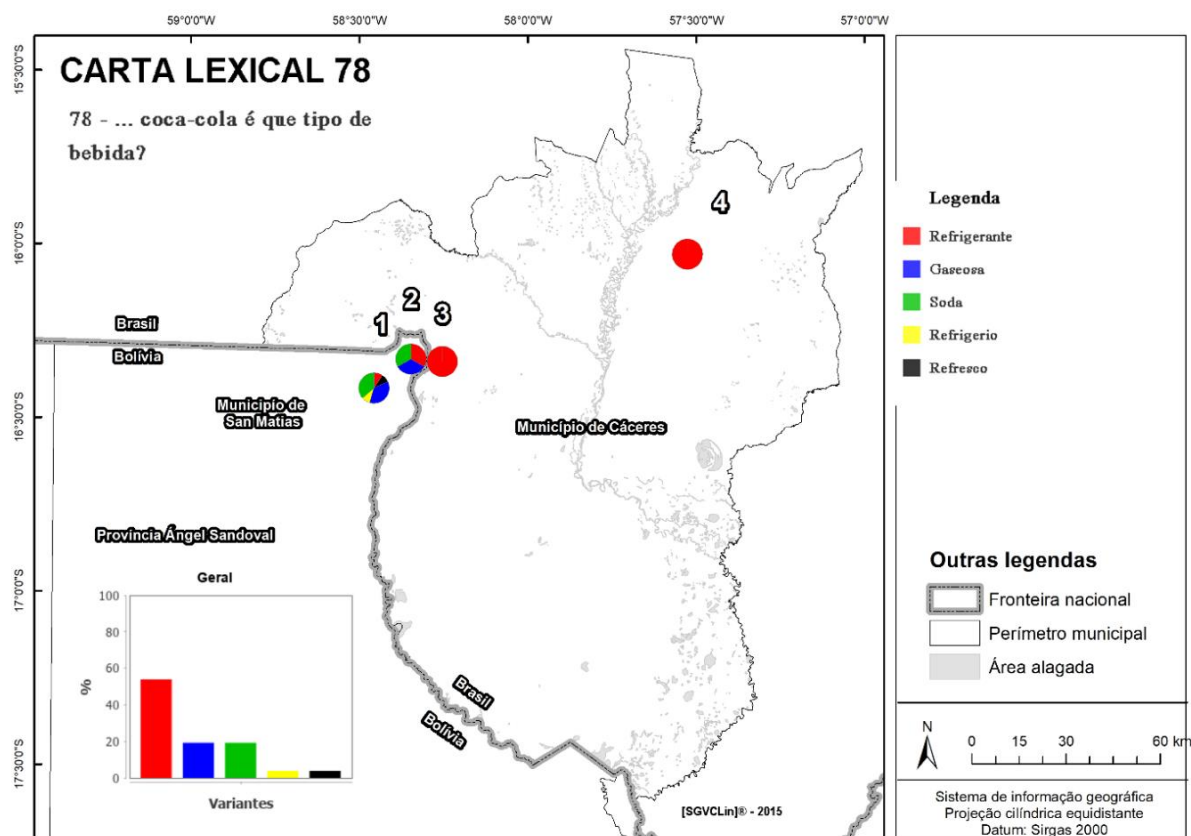
CAMPO SEMÂNTICO**HABITAÇÃO**

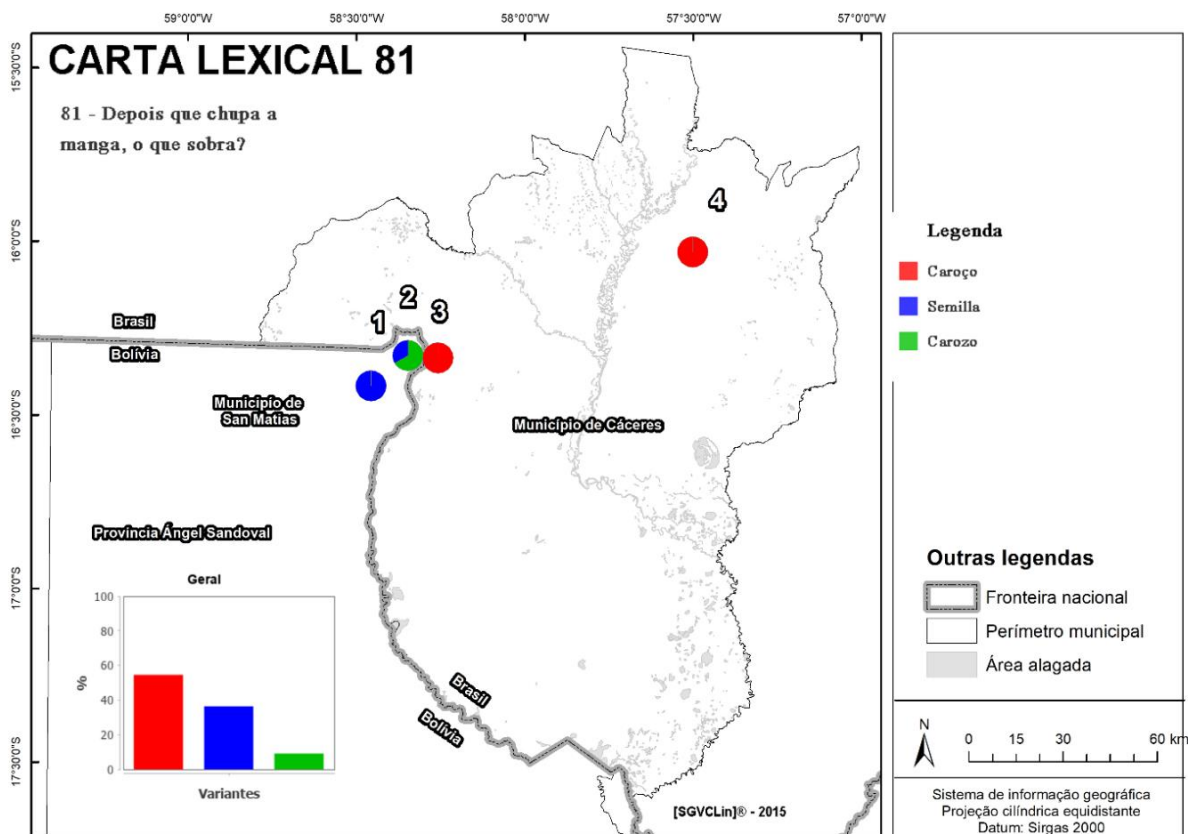
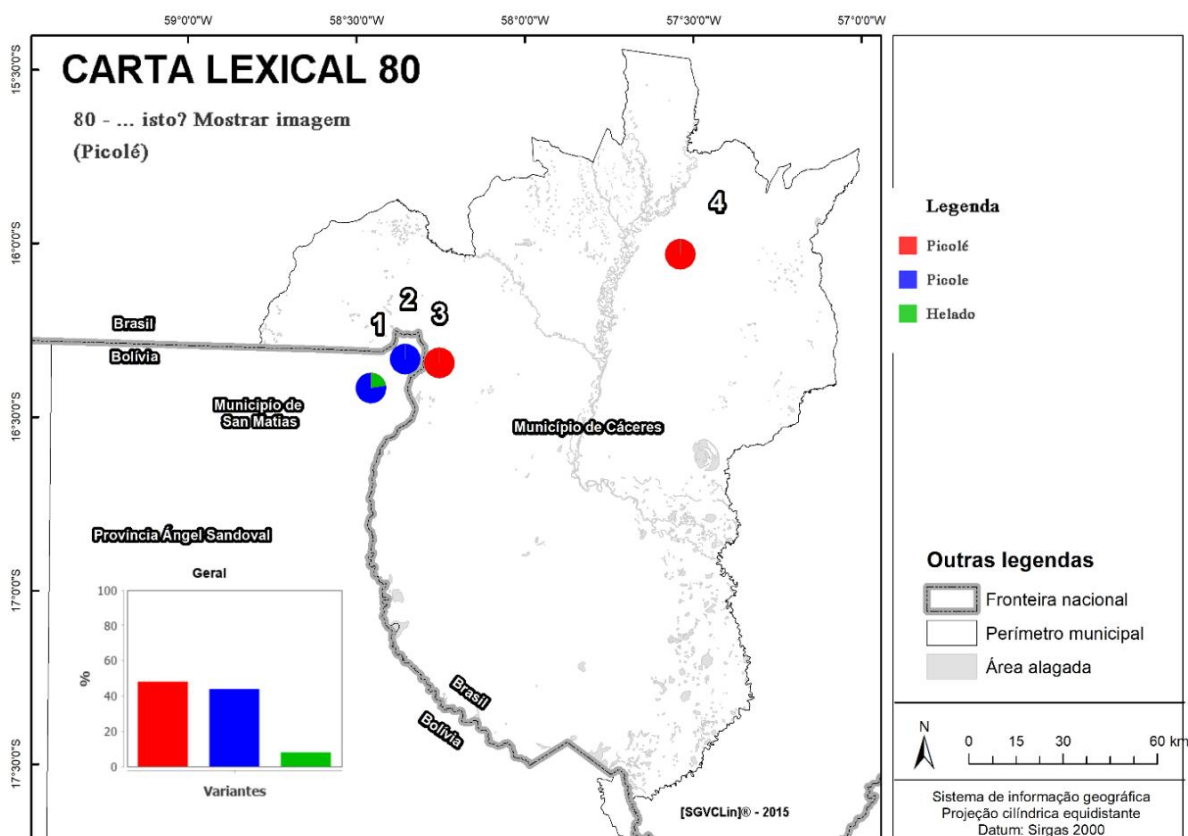


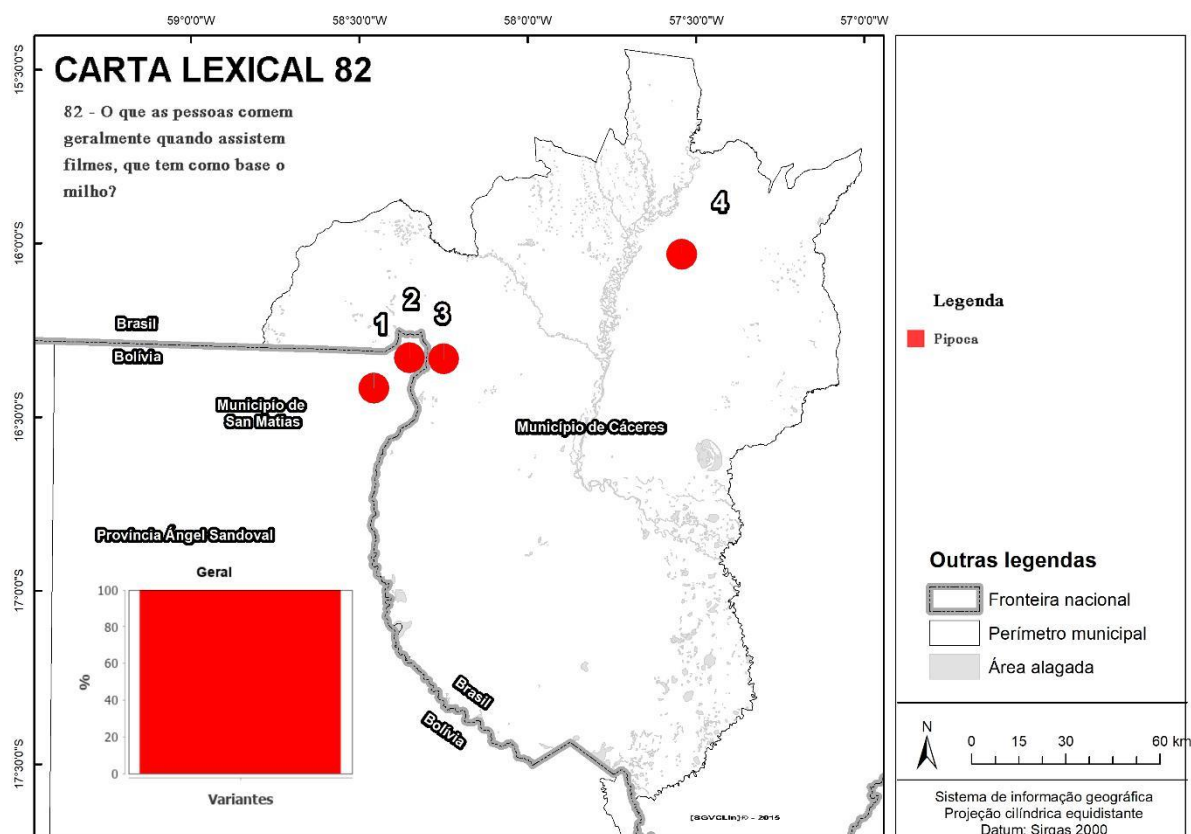




CAMPO SEMÂNTICO**ALIMENTAÇÃO E COZINHA**

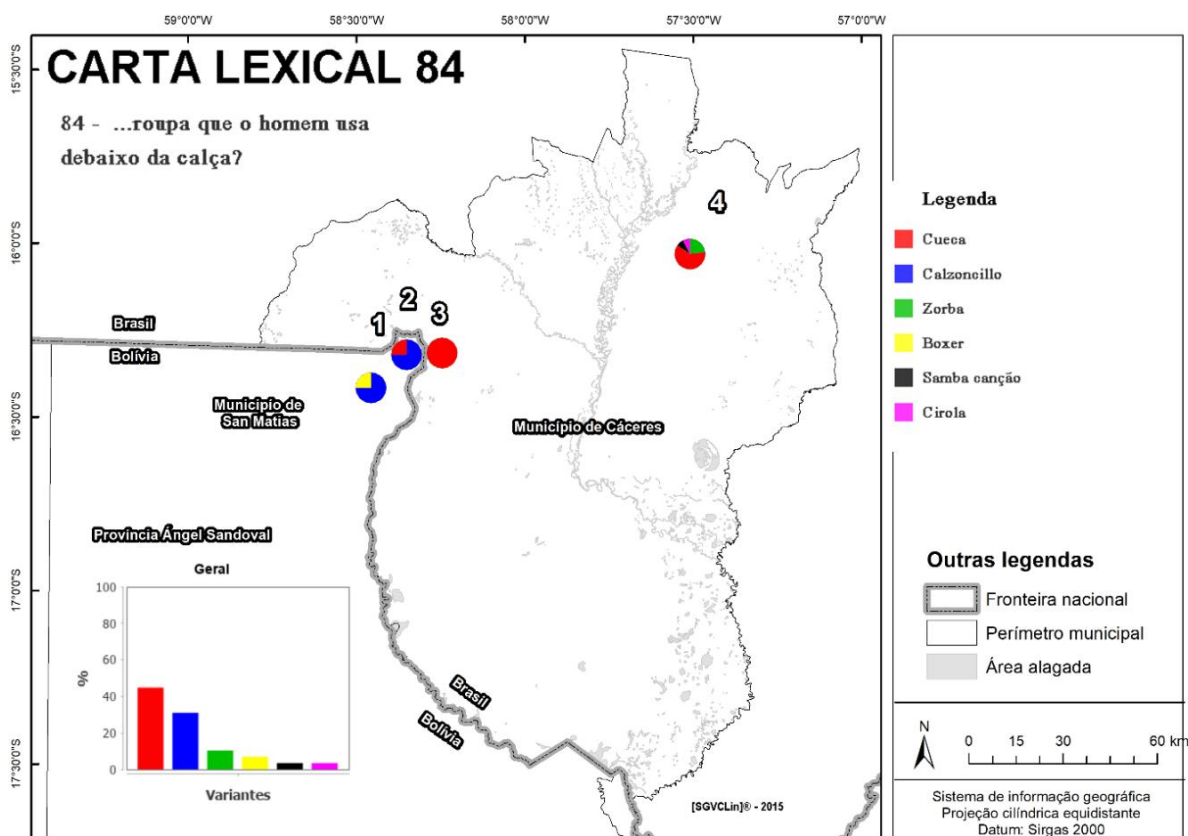
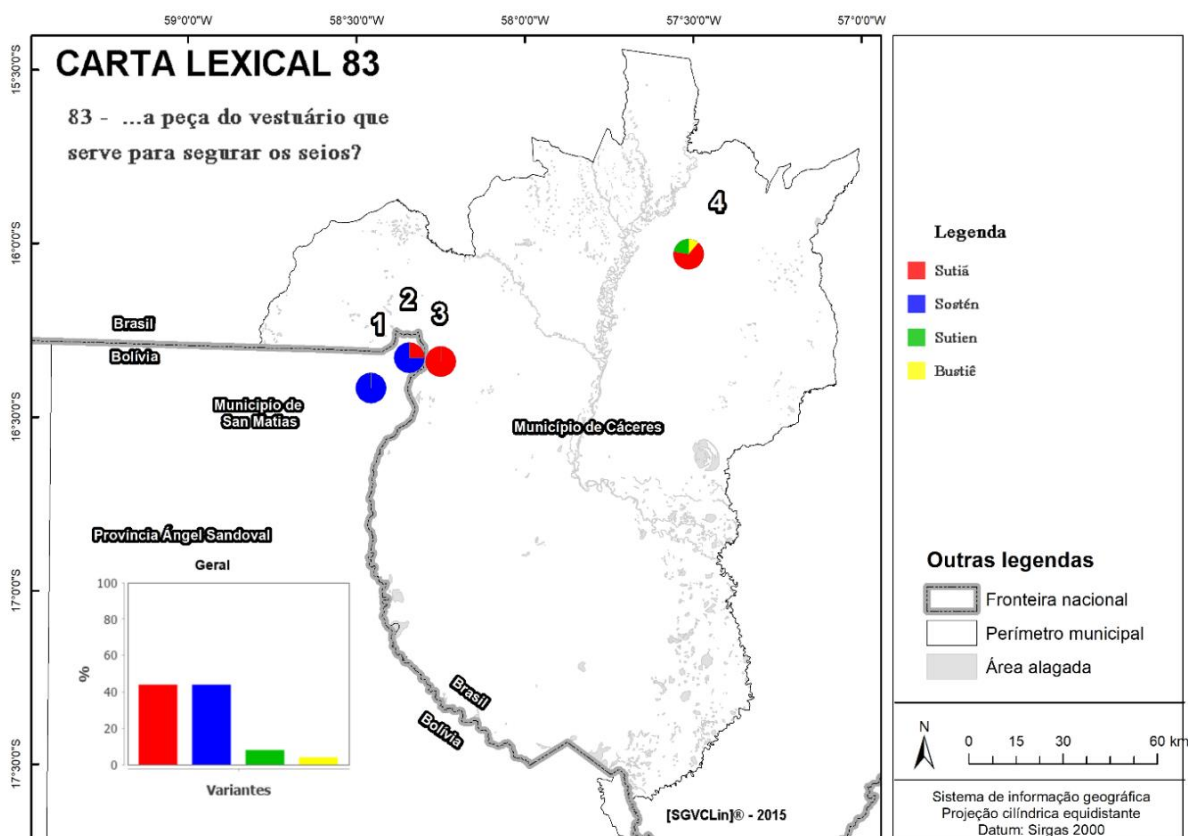


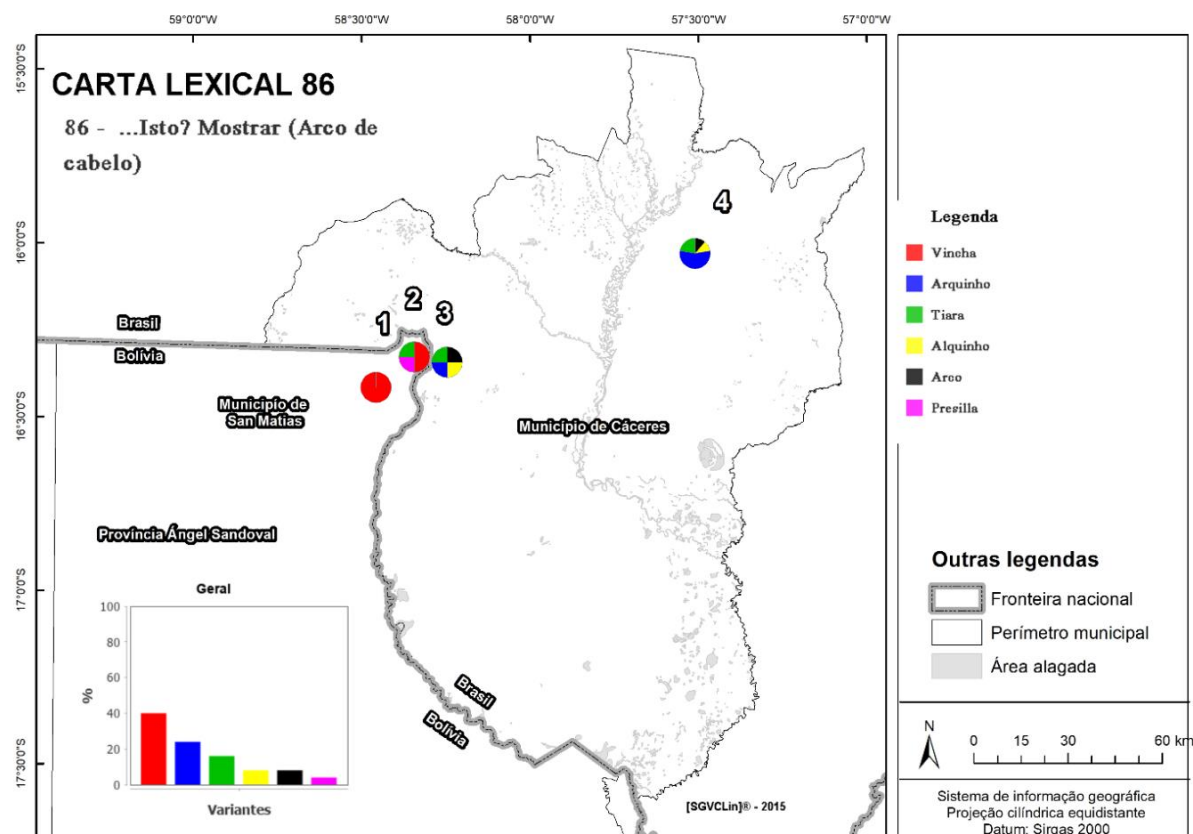
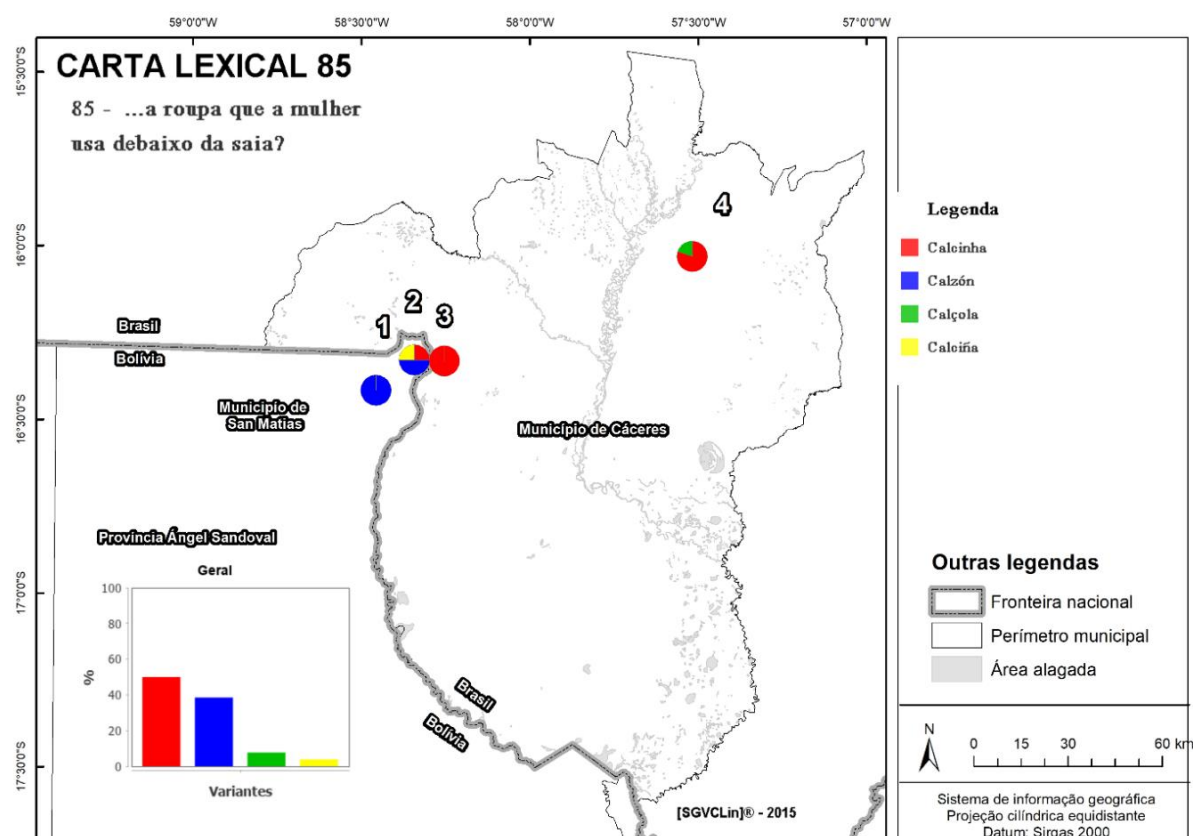


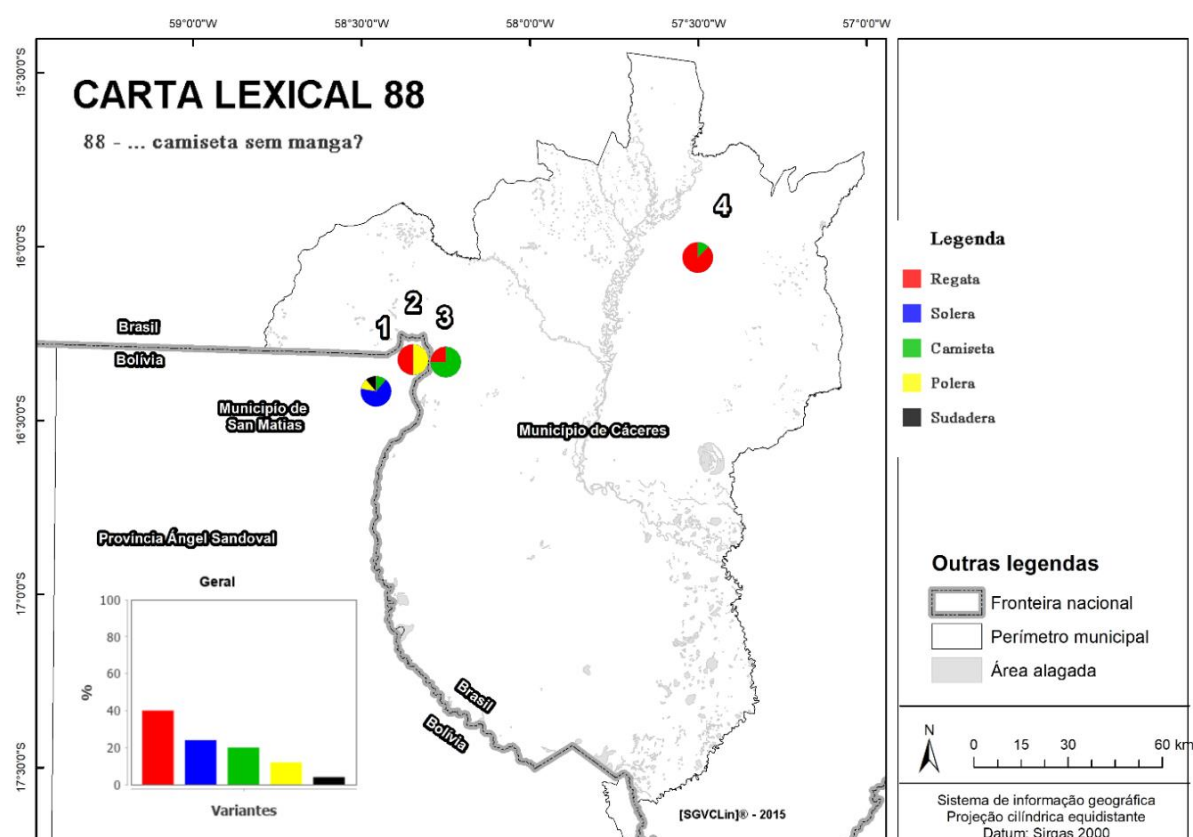
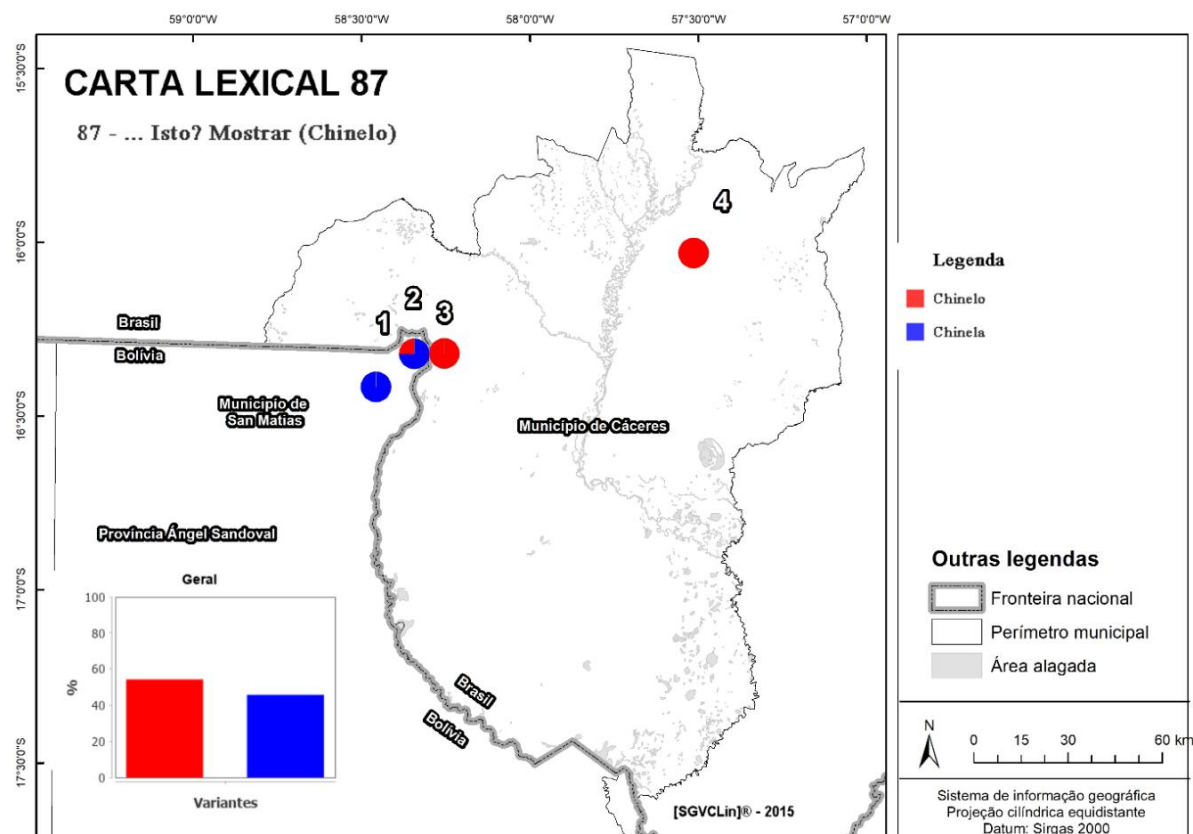


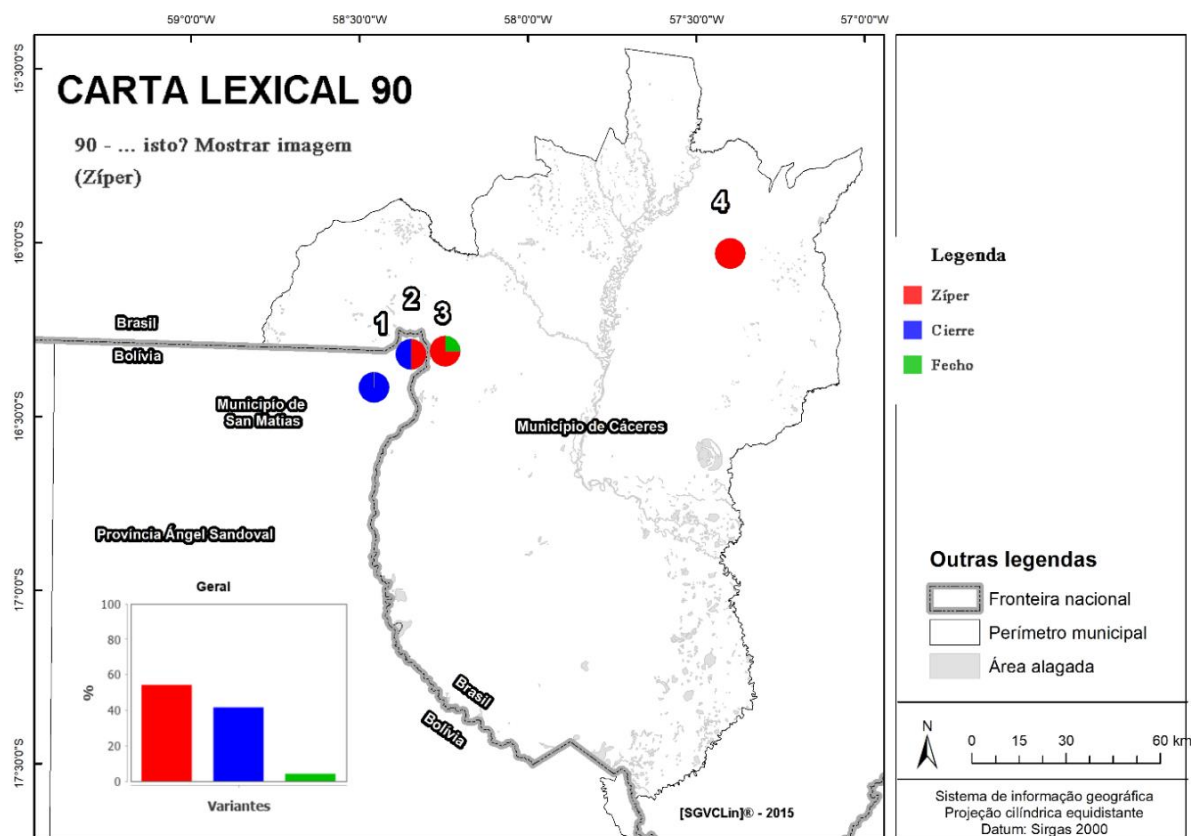
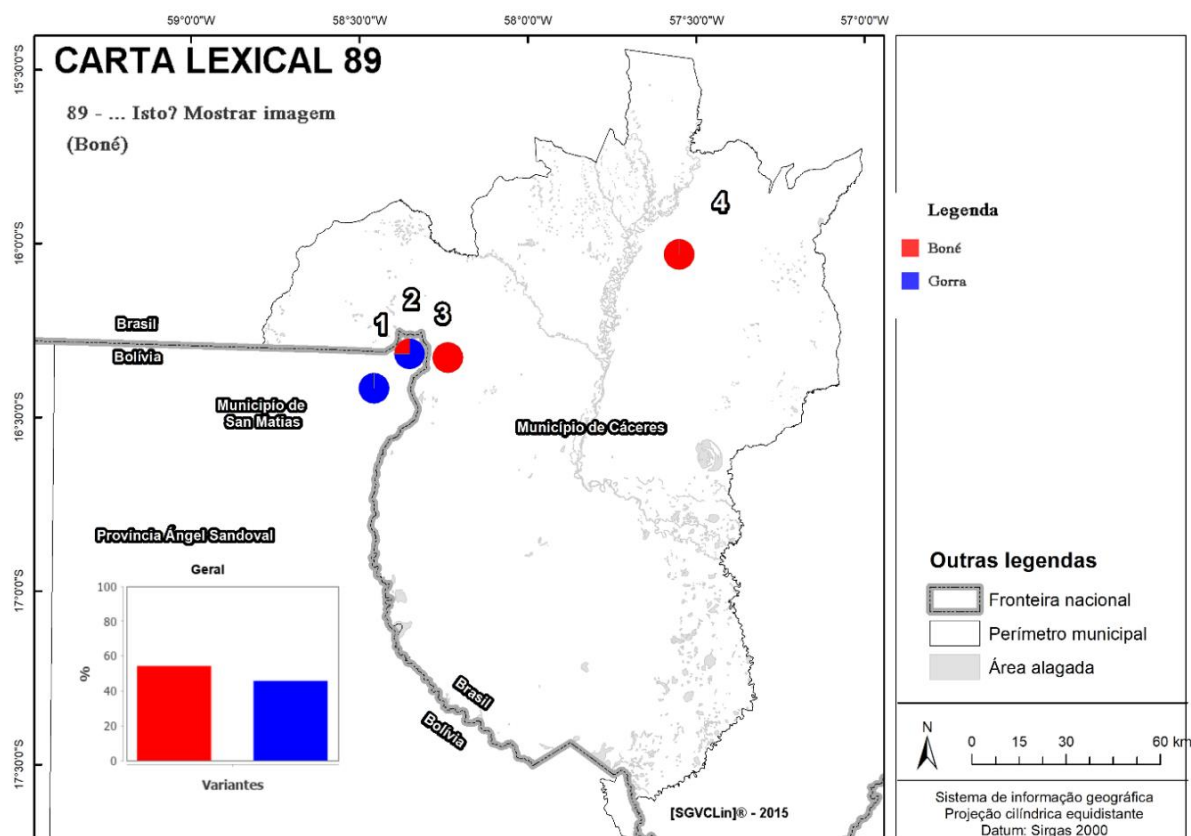
CAMPO SEMÂNTICO

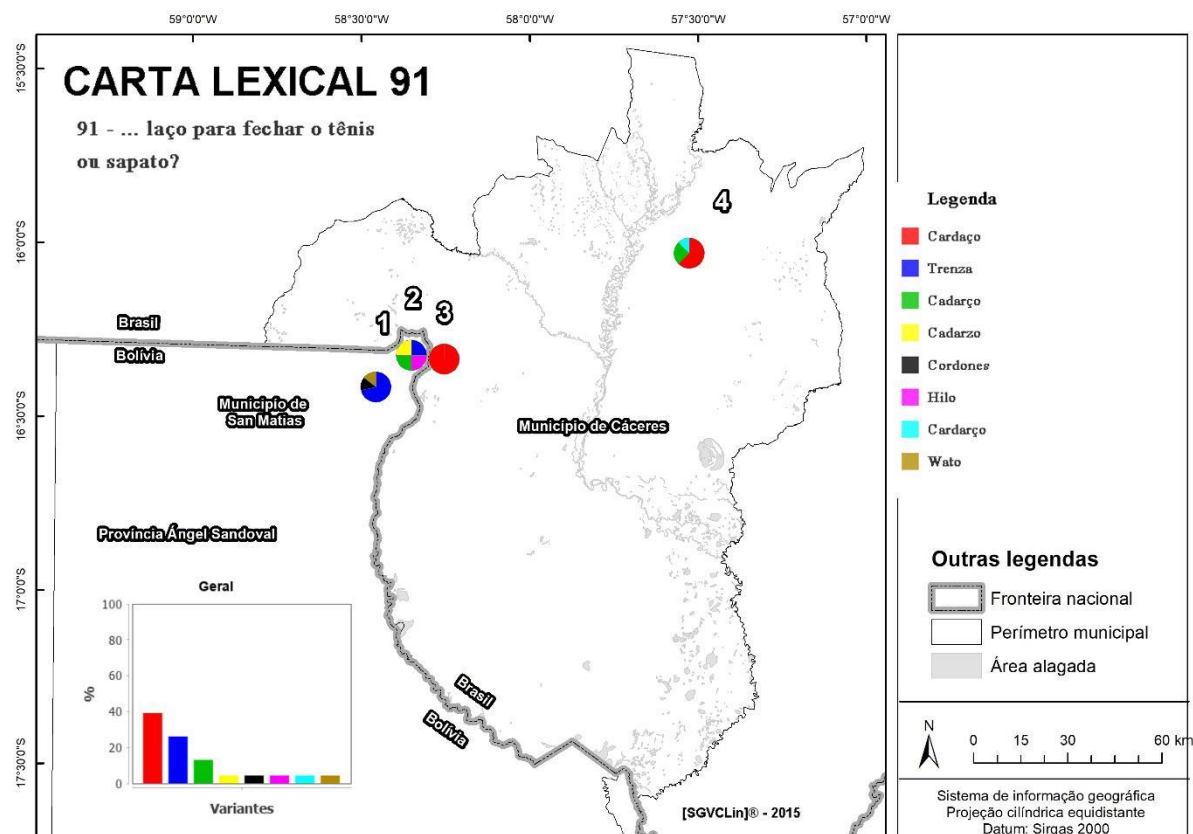
VESTUÁRIO E ACESSÓRIOS











CAMPO SEMÂNTICO

VIDA URBANA

